

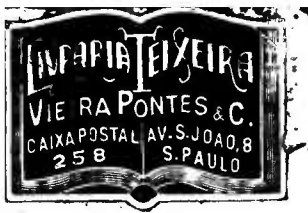
COLLEÇÃO DOS AUTORES CELEBRES  
DA  
LITTERATURA BRASILEIRA

ALUIZIO AZEVEDO

A CONDESSA VESPER



LIVRARIA GARNIER  
RIO DE JANEIRO



Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
**José Mindlin**





COLLECÇÃO DOS AUTORES CELEBRES  
DA  
LITTERATURA BRASILEIRA

---

A  
CONDESSA VESPER

PUBLICADO EM 1882 COM O TITULO

MEMORIAS DE UM CONDEMNADO

FOR

ALUIZIO AZEVEDO



LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR  
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES  
PARIS



**Ao MEU ILLUSTRÉ EDITOR, o SR'**

**HIPPOLYTE GARNIER**

*em pequeno signal de grande estima  
e muito apreço.*

**ALUIZIO AZEVEDO**





# A CONDESSA VESPER

---

## CAPITULO O

### AS MEMORIAS DE UM CONDEMNADO

Uma noite, trabalhava eu no silencio do meu gabinete, quando fui procurado por uma velhinha, toda engelhada e tremula, que me disse em voz mysteriosa ter uma carta para mim.

— De quem? pèrguntei.

— De um moço que está na casa de Detenção.

— De um preso?! Como se chama elle?

— V. S. vae ficar sabendo pelo que vem nesso papel. Tenha a bondade de ler.

Abri a carta e li o seguinte :

« Presado Romancista.

« Apesar de nunca ter tido a honra de trocar uma palavra com o Sr., já o conheço perfeitamente por suas obras, e por ellas lhe aprecio o coração e o character. Pode ser que me engane, mas a um rapaz, sem bens de fortuna e sem influencia de familia, que teve a coragem de reagir contra velhos preconceitos do nosso paiz, abrindo caminho com a sua penna de escriptor transformada em picareta, e posta só ao serviço dos fracos e desprotegidos, não

pode ser indifferente a desgraça de quem se vê encerrado entre as negras paredes de uma prisão, sem outro companheiro além da propria consciencia que o tortura.

« Sei que sou criminoso e mereço castigo—matei e não me arrependo de haver matado; matei, porque amava loucamente, porque sacrifiquei alma, coração e riqueza, a uma mulher indigna e má. Entretanto, se incorri na punição da Lei, não fiz por merecer o anathema dos homens justos e generosos; minha vida deve inspirar mais compaixão do que desprezo por mim, e deve aproveitar como licção aos infelizes nascidos nas desastrosas circumstancias em que vim ao mundo.

« Juro que ninguem foi mais leal, nem mais compassivo do que eu, juro que nunca sequer me passou pela mente a mais ligeira idéa de traição ou de fraude; quando, porém, cheguei a comprehender até a que ponto de aviltamento e de degradação me arrastára o meu fatidico amor, quando toquei com a fronte no fundo do inferno da perfidia, da ingratição e de toda a infamia de que é capaz uma mulher, succumbi de compaixão por mim proprio, e friamente arranquei a vida daquella por quem houvera eu sacrificado mil vidas que tivesse.

Ao senhor, que conta apenas vinte e tres annos de idade, e já conhece tão profundamente o coração dos seus semelhantes, não será com certeza indifferente a historia do meu amor, nem lhe repugnarão as confidencias enviadas deste carcere, onde um desgraçado chora e padece, menos pelos remorsos do seu crime do que pelas saudades da sua victima.

O manuscripto que a esta carta acompanha, feito ao correr da penna sob a immediata impressão dos acon-

tecimentos relatados, é flagrante cópia da verdade, e só aspira servir de medonho espelho a outros infelizes, que se deixem como eu cegar par um amor irreflectido.

Desse triste montão de gemidos esmagados em lodo, pode o seu engenho de romancista tirar uma obra que interesse ao publico, substituindo, está claro, os nomes nelle apontados por outros suppostos. E quem sabe se o seu livro, uma vez pôsto em circulação, não irá ainda acordar nos corações singellos um impulso de condolencia para com o pobre assassino por todos agora amaldiçoado?

-No meu manuscripto verá o senhor que sou eu o menos responsavel pelo grande mal que fiz. O verdadeiro culpado foram os elementos em que se formou e desenvolveu o meu ser, foi o ardente romantismo em que palpitaram aquelles a quem coube a formação do meu temperamento e do meu character, foi a ausencia de trabalho, foi a má educação sentimental, e foi o excesso de dinheiro.

Hoje, que afinal me acho varrido para sempre da communhão social e arredado daquellas fataes perturbações, reconheço que passei pelo meu tempo sem o comprehender, nem distinguir a feição do meio em que existi. Não vivi, apenas vinguei para o egoistico repasto do meu deploravel amor. Fui nada mais que o tardio producto de uma geração moribunda, atropelado pelo choque de uma geração nascente e forte. Todavia, se eu não tivéra sido tão negligenciadamente rico e tão erradamente amado pelo misero sonhador que se encarregou da minha educação, é possivel que não houvesse succumbido ao choque das duas épocas, ou pelo menos não houvesse resvalado tão sinistramente na lobrega valla dos presidiarios.

Não estava preparado para receber o embate da onda, e cahi. A onda passou adiante, e eu fiquei de rastros, para nunca mais me erguer.

Emquanto nesta penitenciaria lamento a inutilidade da minha vinda ao mundo, outros, que nasceram commigo, mas que, no esforço de cada dia e na lucta pela conquista do idéal, aprenderam a ser fortes e vencedores, levantam além, nos arraiaes revolucionarios, os seus victoriosos estandantes.

Mães! que concentraes vossa esperanza no futuro de vossos filhos; paes! que pretendeis deixar um rico testamento — olhae para a minha vida, e considerae o perigo do dinheiro em excesso aos vinte annos, e o perigo, ainda maior, da educação romantica! »

Assim que a velhinha me vio terminar a leitura da carta, tirou de debaixo do chale um rôlo de papeis, volumoso e sujo de tinta, que me entregou discretamente, sahindo logo depois, a mastigar palavras de despedida.

Fechei de novo a porta do meu gabinete de trabalho, puz de parte o serviço dessa noite, e atirei-me de corpo e alma ao manuscrito.

Li-o todo.

Ao devorar a ultima pagina, o sol das seis horas da manhã invadia-me a casa pela ampla janella que eu acabava de abrir, emquanto uma funda melancolia e uma piedosa amargura me assaltavam o coração.

Tenteei os olhos, e os meus dedos voltaram reletados de pranto.

As confidencias do pobre assassino deixaram-me em

extremo commovido. Eram uma torrente vertiginosa de episodios dramaticos e originaes, em que toda a miseria humana se extorcia convulsionada, ora pela dôr, ora pelo prazer, mas sempre de rojo na mesma lameira de lagrimas ensanguentadas.

■ Não hesitei, tomei da penna e escrevi o livro que se segue, para mostrar ao meu leitor quanto é perigosa a belleza de uma mulher do jaez da Condessa Vesper, posta ao máo serviço do egoismo e da vaidade.

## O NAMORADO DA NOIVA

Nos fins de um verão que já vae longe, uma carruagem, de cupula erguida e pharoes apagados, seguia a todo o trote pela pittoresca estrada da Gávea.

Seriam onze horas da noite.

A certa altura, no lugar mais sombreado do caminho, a carruagem parou, e della se apearam dous sujeitos vestidos de casaca. O mais velho destes, que teria o duplo dos vinte annos do outro, pagou ao cocheiro, e logo que o carro tornou por onde viéra, puzeram-se os dous apeados a caminhar silenciosamente pela estrada acima.

Ao cabo de alguns minutos, o mais velho, percebendo que o companheiro chorava, estacou, sacudindo-lhe o braço :

— Então, Gabriel! não tencionas acabar com isso por uma vez? Olha, que sempre me sahiste um romantico ainda mais doido do que eu!

E batendo-lhe no hombro : — Ora vamos, meu rapaz! não te deixes agora dominar tão estupidamente por uma paixão quasi ridicula! O que por ahi

não falta são mulheres tão lindas ou mais do que a filha do commendador Moscoso, e tu, por bem dizer, ainda nem principiaste a gosar a tua mocidade. Para mim é que todas ellas já não existem... Vamos! se continuas desse modo, acabarei por te não tomar a serio!

O mais moço não respondeu, e continuaram os dous a caminhar em silencio.

No fim de nova pausa, accrescentou o mais velho, sem interromper o passo:

— Que diabo! quizeste a todo o transe assistir ao casamento de Ambrosina... não te contrariei, apesar de me parecer isso disparada loucura; exigiste que eu te acompanhasse... eu cá estou ao teu lado; declaraste que entraríamos mysteriosamente na casa dos noivos á meia noite, como dous gatunos... eu não respingui palavra!... (E sacando do relógio) São doze menos um quarto... A chácara do commendador ficamos a poucas braças... e o cocheiro que nos trouxe roda a estas horas longe d'aqui, sem saber quem conduzio no seu carro... Parece-me pois que annui a todos os teus caprichos; entretanto, tu, o heróe desta complicada aventura, tu, que me prometteste te portares como homem, que juraste não soltares um gemido de dôr ou de queixa, desatas agora a chorar como uma mulher! Ah! deste modo, meu caro, não contes commigo!... Prefiro até desistir da viagem que combinamos fazer a Europa, sob condicção de acompanhar-te eu nesta romantica empreza; desisto de tudo!

— Gaspar!

— Pois não! retrucou este, estacando de novo no meio da estrada. Se continuas assim, está cláro que não obterás de mim um passo adiante!

— Irei só! declarou o outro, enxugando os olhos.

— Para fazer-te a vontade, proseguio aquelle; tive que reagir contra os meus habitos e até contra o meu character: não te é nada estranho o mortal e velho odio que mantinha, contra meu pae, o pae de Ambrosina, esse infame commendador Moscoso, a quem eu, como toda a gente honrada, desprezo e detesto... Pois bem; não me arrependo do que fiz, e estou por tudo que quizeres, mas, com a breca! exijo por minha vez que, ou tu te has de portar como homem, ou agora mesmo desistas da tal idéa de ir hoje á casa da noiva! Lá para lamurias e pieguices de namorado infeliz, é que absolutamente não vim disposto! Vamos! É decidires!

Gabriel passou-lhe o braço em volta do presçoço, exclamando:

— Não me recrimines, meu bom amigo! Sei quanto te devo, e sei melhor que o teu coração é o unico de que ainda não descri inteiramente; mas, por isso mesmo, não me abandones, não me deixes a sós com este desespero, que só espera pela tua ausencia para me devorar. Fica ao meu lado... eu me farei forte, eu terei coragem! Hei de vel-a apparecer, enlevada no seu veu nupcial, branca e fugitiva como a nuvem que se some para sempre; hei de vel-a, coroadada de flores amorosas, as faces enrubecidas de sensual enleio, os olhos fulgurantes de desejo por outro homem!... e não soltarei um lamento, e não proferrerei uma blasphemia! Inveja, decepções, mortiferos ciumes, tudo me ficará cá dentro, premido e recalcado com os escombros do meu pobre amor! Tudo soffrerei, vencido e humilhado, com tanto que m'a deixem ver hoje, com tanto que me deixem penetrar-me, pela ultima vez, da suprema luz daquelles



olhos ainda de virgem, e aperceber minha alma com a imagem della, antes que ella se despoje eternamente da sua castidade! Depois, farei o que quizeres... fugiremos para longe do Brasil... tomaremos o primeiro paquete para a Europa... percorreremos o mundo inteiro, abriremos uma ruidosa vida de prazeres e de perigos! teremos amantes em todas as cidades orgias e duellos em todas as paragens; mas, por piedade! deixem-me ver Ambrosina, antes que ella resvale nos braços do miseravel que m'a roubou! E tu, meu bom Gaspar, não me abandonarás, não é verdade?... tu continuarás a ser para mim o mesmo amigo fiel, o mesmo inseparavel irmão, o mesmo extremo pae!

O outro apertou-o contra o peito.

— Sim, sim... respondeu commovido; bem sabes que sim! Serei sempre o mesmo, não para te deixar correr á solta, como um bohemio, aventuras por esse munda afóra, mas para despertar em ti o gosto pela vida real e pelo trabalho fecundo... Olha! já d'aqui se avista a chácara do grande velhaco. Deitam fogos! Deve ir animado o brodio! Mas vê se me compões um pouco esse teu ar, homem! Nem sei que parecerás aos folgasões com essa cara de carpi-deira de velorio!

E, á proporção que se adiantavan, iam já sentindo com effeito avultar-se no ar um quente rumor de festa que ferve ao longe; ao passo que em torno delles vinha, do fundo negrume daquella noite sem estrellas e sem lua, um monotono coaxar de charco e um agoureiro corvejar de aves sinistras.

Os dous amigos chegaram defronte da bella chácara de commendador. O mais velho bateu no hombro do outro:

— Vê lá como te portas, hein !...

E, embrenhando-se pelo empavesado jardim, galgaram depois uma escadaria de granito, que dava para sombria e vasta varanda, transbordante de roseiros em flôr; transposta a qual, se acharam elles num luzido salão, ainda quente do estrondoso banquete que ahi ardera durante a noite.

Via-se ao centro a grande mesa, devastada e abandonada, como um campo depois de medieval peleja a ferro frio, e, no meio do destroço, dominante e altiva, erguia-se intacta, numa apothese de assucar e fios d'ovos, uma noivasinha de alfenim, corôada de aureos caramellos e vestida de papel de seda.

Essa ridicula boneca, que se poderia derreter com um bochecho d'agoa, representava entretanto alli, naquelle centro burguez e pretencioso, nada menos que a instituição mais respeitavel da sociedade, representava a familia. Naquelle alfenim, fragil, candido e consagrado, havia a doçura do lar domestico, toda a pureza do amor conjugal e tambem toda a fragilidade da honra de um marido.

No meio do geral desbaratamento das vidualhas e dos postres, a symbolica boneca fôra respeitada, por damas e cavalheiros, como idolo divino.

Gabriel teve vontade de despedaçal-a.

Já quasi ninguem havia no salão do banquete. Tinham-se os convivas despejado pelas outras salas e pelo jardim, cuja luminaria á venesiana começava a derreter-se; alguns coziam a digestão refestelados pelas poltronas e pelos divans macios; outros beberiscavam ainda aos bofetes e faziam brindes, sobre posse, á ventura dos conjuges. A festa, que havia começado desde a vespera, tocava afinal no seu termino e dissolvia-se em cansaço.

Gaspar e Gabriel conseguiram, sem chamar a atenção de pessoa alguma, chegar a um aposento mais affastado, onde se não via viva alma.

— O que é da noiva?... perguntou Gabriel a um criado de libré, que apparecera depois indagando delles se precisavam de alguma cousa.

— A noiva? Acaba, neste instante, de retirar-se com o noivo para o rico pavilhãozinho côr de rosa que lhes foi preparado... Olhe! olhe! meu senhor! Aqui desta janella ainda os pode ver! Alli vão elles!

Gabriel correu ao logar indicado. Ambrosina, pelo braço do noivo, fugia effectivamente para o escondido ninho dos seus amores, esgueirando-se arisca por entre as sombrias arvores do jardim.

— Onde fica o pavilhão?...

— O pavilhãozinho dos noivos? Pois vossmecê não sabe?! Fica, meu rico senhor, ao fundo da chácara, para o lado do mar... Que pena não o ter ido ver enquanto esteve hontem franqueado!... De tudo o que se preparou aqui para esta festa, é sem dũvida a peça mais bonita!

— Ao fundo da chácara... para o lado do mar... repetia entre dentes Gabriel, apalpando contra o peito um punhal que levava occulto.

— Bem, disse Gaspar, assim que o criado se arredou; já viste afinal a noiva, creio que agora podemos bater em retirada... Não nos couvem ficar por muito tempo aqui!...

— Vae tu, se quizeres... eu inda fico...

— Mal começa a cheirar-me a brincadeira! Bem sabes que te não abandonarei, mas não deves abusar da minha condescendencia... Ouvi por acaso dizer ha pouco que os paes dos noivos já se tinham tam-

bem recolhido, e que poucos couvidados haveria de pé... São duas horas da madrugada !

Só em verdade um redusido grupo de convivas recalcitrantes insistia em prolongar a festa, bebendo, já sem olhar o que, entre arrastadas cantigas a meia voz e descahidos abraços de borracheira ; os outros, ou se tinham retirado para casa, ou recolhido aos dormitórios que o commendador mandára improvisar para os seus hospedes.

Os criados, moidos e taciturnos, encostavam - se pelos humbraes das portas, a fitar os retardatarios com um olhar humilde e supplicante. Um delles foi ter, bocejando, com Gaspar e Gabriel, e perguntou-lhes, quasi de olhos fechados, se pernoitavam na chácara.

— Sim, respondeu o mais moço, sem consultar o outro.

— Mas precisamos de um quarto, donde se possa sahir pela madrugada... observou Gaspar ; nossa carruagem chega ás quatro horas...

O criado, a coçar-se todo, conduzio-os a uma camara ao rez do chão, onde já havia dous sujeitos a dormir profundamente.

— Mas afinal, a que pretendes tu chegar com tudo sto?! perguntou Gaspar em voz baixa ao companheiro, quando se acharam a sós.

— A nada mais do que descansar um pouco, e partir em seguida... Comtudo, se quizeres ir, ainda está em tempo... Eu, como já disse, não vou por ora.

— Ao contrario, preciso de repouso, e não tenho conducção... volveu Gaspar, affectando um bocejo.

E accrescentou, estirando se num sophá, depois de desfazer-se da casaca e das botinas : — Com tanto

que antes de amanhecer estejamos a caminho... Não me convem de modo algum encontrar-me com o commendador...

— Podes ficar descansado... prometeu o outro, recolhendo-se por sua vez a uma poltrona de couro.

E, apagando a lampada que levára para junto desta, fingio que adormecia.

Ao fim de algum tempo, a casa mergulhava de todo em silencio e trevas. Gabriel ergueu-se cautelosamente; foi á porta, abriu-a com summo cuidado, e sahio para o jardim, em mangas de camisa e sem sapatos. Levava o punhal comsigo.

A noite era cada vez mais negra.

Gaspar, porém, que continuava alerta, mal percebeu a escapúla do companheiro, enfiou num relance as botinas e a casaca, e atirou-se sorrateiramente no encalço d'elle.

## II

### O MEDICO MYSTERIOSO

Gabriel, sem dar pelo amigo que o seguia a distancia, atravessou o jardim e ganhou a chácara. Tinham-lhe fallado no pavilhão ao fundo... do lado do mar...

— É alli!... balbuciou elle, cheio de febre. Deve ser aquelle chaletzinho somnolento, que se esconde na folhagem...

E dirigio-se para lá.

Das janellas do pavilhão derramava-se no ar uma doce claridade, côr de perola, que se embebia no silencio da noite como um placido suspiro de absoluto repouso.

Gabriel comprimio o peito com as mãos. Sentia por dentro o ciume comer-lhe o coração a dentadas.

Ah! como poderia o misero supportar a idéa de que Ambrosina naquelle instante desfallecesse de amor nos braços de outro homem? Como poderia admittir que aquelles labios, que só com uma unica palavra lhe enleiraram toda a existencia, dissessem a outro o mesmo « Amo-te », que a elle encheu o coração de esperanças, transformadas agora em negras fezes?...

E que aquelles olhos, e que aquelle collo, e que toda aquella divina carne, desmaiassem e palpitassem na syncope do primeiro enlace dos sentidos, sem ser nos braços delle?... delle, que tanto a reclamára no ardor do seu desejo apaixonado!

— Ambrosina! minha formosa Ambrosina!... balbuciava o infeliz, a fitar a dubia claridade das janellas do pavilhão; como te deixaste fascinar por outro?... como pudeste, infiel e querida companheira de meus sonhos, crer houvesse neste mundo alguém, a não ser eu, capaz de merecer-te e capaz de amar-te como deves ser amada? Louca! tu me perdeste para a tua felicidade, e de mim próprio me privaste! Repousa no teu engano, embriaga-te de traição, bebe, indiferente e feliz, as curtas horas sobejadas do amor, porque amanhã o teu despertar ha de ser amargo e presago! Hei-de com o meu sangue ennodar-te as nupcias! hei-de com o meu cadaver tolher-te a estrada! O morto, que ao alvorecer terás sob as tuas janellas, ha de quebrar-te na mentirosa bocca o sorriso que trouxéres para a luz do dia! ha de gelar-te no peito a doce recordação da tua primeira noite de mulher, e ha de acompanhar-te pela vida como a propria sombra da perfidia que habita tua alma!

E, ao terminar estas palavras, já Gabriel se havia arrastado até á florida porta do pavilhão côr de rosa, e ahi, arrancando do punhal, pousou sobre este os olhos com profunda e magoada expressão de ternura.

Depois de contemplar por longo tempo a primorosa arma, enquanto dos ollios lhe corriam as derradeiras lagrimas, levou-a piedosamente aos labios, murmurando de joelhos, como se orasse a mais intima das preces:

— Em ti, leal companheiro dos meus antepassados,

beijo o sangue generoso de minha mãe, que a mim te transmittio, sem contigo me transmittir o seu valor. E ella que me envie, lá da sua ethérea morada, perdão para esta minha morte tão mesquinha, tão covarde e tão indigna da sua raça!

Mas, antes de alçar a arma, um forte rugido de fera, um ronco surdo e cavernoso, que parecia sahir dos aposentos dos noivos, empolgou-lhe a attenção.

Prestou ouvidos. Um novo ronco succedeu ao primeiro. Dir-se-ia um tigre a roncar amordaçado.

E pouco depois os rugidos começaram a repetir-se quasi sem intermitencia.

— Soccorro! gritou daquelle mesmo ponto uma voz de mulher.

Gabriel não esperou por mais para metter hombros á fragil porta do pavilhão, arrombando-a com estrondo e precipitando-se lá dentro como um raio.

— Soccorro! Soccorro!

Atravessou de carreira um corredor, ao fundo do qual havia uma cancella com vidros de côr illuminados; despedaçou um dos vidros, e enfiou a cabeça pelo esvasamente aberto. Era ahi o quarto dos noivos. Gabriel sentio ouriçar-se-lhe o cabello á vista da terrivel scena que se patenteava a seus olhos.

O noivo de Ambrosina estava em posse de um ataque de loucura furiosa.

Leonardo, assim se chamava elle, já desde antes do banquete nupcial havia sentido um principio de vertigem e um estranho sobresalto de nervos, que lhe alteravam a respiração e lhe punham o sangue desasocegado. Não ligou a isso grande importancior tratando porém, ao sahir da mesa, de apressa, a momento feliz de fugir com a desposada, para a grata independencia do ninho que os esperava.



Mas, nem ahí conseguiu tranquillisar-se; continuava sobresaltado, quasi offegante. E, mal havia trocado com a esposa as primeiras e ainda formaes expressões da intima ternura, um novo e mais forte rebate dos nervos lhe agitou todos os membros a um só tempo, como por effeito de uma formidavel descarga electrica.

Leonardo estremeceu da cabeça aos pés, contrahindo os labios, abrolhando os olhos e rilhando os dentes. E começou a tartamudear inarticulados sons e a extorcer-se no luxuoso divan em que havia resvalado.

Ambrosina, já recolhida ao leito, affogada de finos lençóes até á garganta, acompanhava-lhe os menores gestos, tiritando de susto e prompta a pedir soccorro.

O infeliz ergueu-se por fim, e pôz-se a andar ao comprido da alcova, muito alvoroçado, sem largar de fazer com a bocca e com os olhos contorções epilepticas. E, ao passar defronte do vasto espelho de uma linda psychê de moldura doirada, encarou-se, soltou um tremendo berro e despedaçou a lamina de crystal com um murro.

A noiva, de um salto da cama, procurou fugir da alcova, clamando soccorro. Elle, porém, a apanhou nos braços, antes que ella conseguisse abrir a porta.

Ambrosina, retorcendo o corpo com uma agilidade de serpe, logrou, aos gritos, escapar-lhe das mãos; mas Leonardo cortou-lhe a sahida, rojando-se diante da porta, na destra posição de um tigre que arma o pulo sobre a presa. Faiscavam-lhe os olhos, espumava-lhe a bocca e fungavam-lhe as ventas, como de faminta fera fariscando sangue. A punhada no espelho cortára-lhe o pulso, e dos golpes todo elle se tingia de rubras manchas.

Ambrosina, estonteada de pavor e já sem voz para gritar, corria, semi nua, de um canto a outro da atravancada camara, ora a esconder-se no cortinado do leito, ora a agachar-se por detraz dos mimosos biombos de seda e dos elegantes moveisinhos de laka japoneza.

Elle, afinal, grunhindo, pinchou-se sobre ella, e apresou-lhe com os dentes a subtil camisa de claras rendas e laços cõr de rosa. A bella rapariga soltou um grito mais forte, e cahio por terra sem sentidos, rachando o craneo contra as patas de bronze de um jarrão de porcelana oriental.

Leonardo apoderou-se da desgraçada com uma alegria feroz.

Foi nessa occasião que Gabriel rompeu o vidro da porta. A fera, ao dar com elle, abandonou a presa e, entre medonhos uivos, engatinhou-se para o intruso.

Gabriel vio-a aproximar-se, e sentio o coração saltar-lhe por dentro como outra fera tambem furiosa. Em um abrir e fechar d'olhos, levòu de arranco a ogival cancella que os separava, e achou-se em frente do louco.

Leonardo, já de pé, recuou dous saltos, e de um bote se arrojou sobre o adversario, fazendo voar-lhe do punho a arma estremeçada.

Engalfinharam-se, luctando peito a peito, cara a cara, como dous demonios possessos da mesma raiva; e afinal rolaram ao chão, feitos num só, numa só massa iracunda e offegante, que rodava na estreiteza da alcova, levando de roldão o que topava, despedaçando moveis, faianças e crystaes, fundidos num infernal abraço de exterminio.

Gabriel sentia as garras e os dentes do louco rab-

garem-lhe as carnes, mas insistia em estrangulal-o, tentando empolgar-lhe o pescoço.

Felizmente, Gaspar, que havia apanhado no ar a situação e correra a chamar pelos de casa, invadia agora, acompanhado por outros, o revolto aposento dos noivos.

Custou-lhe a obter aquella gente prostrada por dous dias de festa.

Quatro homens atiraram-se á unha a Leonardo, como a um touro : o insano, porém, não largava dos dentes a espadua esquerda do rival. Então Gaspar, que acabava de abrir o seu portatil estojo de cirurgia, despejou no lenço o conteúdo de um frasquinho de prata que tirou delle, e conseguiu collar contra o nariz e a bocca do furioso o panno ensopado. Leonardo acabou por fechar os olhos e deixar-se cahir exanime nos braços dos que o detinham.

— Carreguem com elle para logar seguro, disse o operador ; donde não possa fugir quando voltar a si. E tratemos agora destes !

Estendeu-se a Gabriel sobre um divan, e carregou-se com Ambrosina para o seu infeliz e faustoso leito conjugal. A desditosa noiva continuava estarecida e banhada em sangue.

Gaspar pedio pontos falsos, trapos de linho, todos os recursos desse genero que houvesse em casa ; assentou-se expeditamente ao lado da cama, arregaçando as mangas, e pôz-se a observar attentamente a ferida da enferma.

Só nessa occasião appareceu na alcova o pae da noiva.

Fóra de si e quasi sem poder fallar, perguntava o commendador muito afflicto que estranha e grande desgraça havia succedido á sua pobre filha ; mas

dando com Gaspar ao lado della, a auscultar-lhe o collo, estacou, exclamando fulminado :

— O Medico Mysterioso ?!

E rugio de colera.

Gaspar, sem largar de mão o que fazia, olhou para elle de esguelha, e sacudio os hombros.

— O filho do coronel Pinto Leite em minha casa ?! bramio Moscoso, cerrando os punhos. Sáia d'aqui, senhor! sáia immediatamente, ou o farei despejar lá fora pelos meus escravos!

Gaspar, ainda sem largar de mão a desfallecida, respondeu com toda a calma :

— Sim, mas deixe-me primeiro cumprir com o meu dever profissional, medicando estes dous infelizes ; uma é sua filha, e o outro é a quem deve ella a vida, a custa do estado em que o vê... Ha depois tempo de sobra para o commendador enxotar-me de sua casa uma vez por todas...

### III

#### ASCENDENTES

O commendador Moscoso não se podia conformar com a idéa de que alli estivesse, debaixo de suas telhas e no seio de sua familia, o filho do homem a quem elle mais odiára no mundo, do homem, pelo qual fiséra verdadeiros sacrificios para vingar-se, e a quem devia as duas mais penosas scenas de toda a sua vida — o filho do coronel Pinto Leite.

Como ha de ver o leitor lá para diante, havia, pouco antes do casamento de Ambrosina, soffrido o commendador das mãos do coronel, no meio do maior escandalo social, a maior affronta que se pode fazer a um inimigo.

Todavia, o coronel Pinto Leite fôra sempre um modelo de franqueza e de generosidade. A vida militar dera-lhe á physionomia e ás maneiras certo cunho de desabrida aspereza, mas ao mesmo tempo lhe temperára o character com essa bondade, natural e secca, que moralmente distingue, dos materialistas sensuaes, avidos e fracos, os homeus castos, sentimentaes e fortes.

A historia do velho odio que lhe tributava o commendador vinha de longe, e só poderá ser bem comprehendida com uma rapida exposição dos traços geraes da vida do coronel.

Pinto Leite, aos vinte annos, como simples alferes, fazia parte das aventurosas expedições a São Paulo e Minas, quando o Brasil, ainda estremunhado com a Independencia, palpitava nas luctas militares e politicas, que depois firmaram definitivamente a sua nacionalidade. Fez carreira pelo valor, pela sisudez de character e leal cumprimento do dever. Ainda muito moço já era capitão e desempenhava os mais honrosos cargos de confiança do governo regencial.

Foi por esse tempo que, em campanha nas fronteiras riograndenses, se enamorou da filha de um estancieiro, e no intervallo de dous combates se casou com ella. Deste consorcio nasceram primeiro dous filhos gêmeos — Anna e Gaspar, e cinco annos depois fallecia em Uruguay a infeliz mãe, por occasião de dar á luz mais uma filha — Virginia.

A situação politica do paiz havia mudado inteiramente com a precoce e forçada maioridade do principe D. Pedro II, que mal acabava de completar quinze annos, e o soldado, vendo-se ao cabo da guerra preterido por bisonhos e engravatados filhotes do novo governo, e de mais a mais viuvo, enfermo de inuteis e gloriosas feridas, só por elle proprio ainda lembradas, e sobrecarregado com a responsabilidade da educação de tres filhos, pedio e obteve reforma no posto de coronel, capitalisou o que tinha, e transferio-se definitivamente para a Côrte.

Só então, pela primeira vez na vida, desfructou paz e estabilidade. Os bens adquiridos davam-lhe para viver decentemente; e quanto ás suas ambições, essas,

pobre dellas ! quedariam, talvez para sempre, sepultadas na bainha com a sua desilludida espada de reformado.

Anna e Gaspar, ao lado do viuvo, chegaram aos mais bellos e bem aproveitados dezeseis annos. O rapaz matriculou-se na Academia de Medecina, emquanto a rapariga, chamando a si os cuidados domesticos da casa, fazia as vezes de mãe junto á irmã pequena.

Mas, com volver-se pubere, entrou Anna logo a pensar no proprio ninho e a procurar com os olhos, em volta dos seus primeiros devaneios de donzella, quem a ajudasse a construir-o.

Ora, a casa do veterano era apenas frequentada por velhos e asperos camaradas d'elle, gente tostada de polvora e tabaco, entre a qual não encontraria de certo a tímida rôla o companheiro desejado. E o coronel tão alheio parecia aos solitarios arrulhos da filha, que a menina chegou a descôfiar que o pae se não queria separar della.

Com mais tres annos por cima, e sem que aquelle o percebsse, começou a irmã de Gaspar a revelar perturbações mais sérias no organismo e a tornar-se summamente nervosa e macambuzia.

Foi então que o caixeiro da taverna em frente da casa, um rapaz portuguez de pouco mais de vinte annos, bonito e forte, deu em requestal-a com sorrisos e olhares ternos.

E o caso é que a filha do coronel, a principio revol-tada, depois apenas retrahida, e afinal já hesitante, acabou por acceitar abertamente o namoro do caixeiro.

Trocaram cartas, e os protestos amorosos do rapaz, escriptos com pouca orthographia e muito faro no dote da pequena, a esta enchiam de deliciosos anceios

e a deixavam a scismar horas perdidas nas felicidades do lar domestico.

Um bello dia autorisou-a ella a pedil-a ao pae, e o rapaz, no primeiro domingo de descanso, enfiou um fato novo, embolsou a carta em que vinha a authorisação do pedido, e apresentou-se ao veterano com um discurso na ponta da lingua.

A resposta que teve foi uma formidavel gargalhada, uma dessas gargalhadas escandalosas de soldado velho, mais pungentes e aggressivas que qualquer formal injuria.

O pobre moço desceu as escadas cambaleando, ébrio de confusão e suffocado de colera.

Esse moço era, um punhado d'annos mais tarde, o jovial e prospero commendador Moscoso.

Ao sahir da casa do coronel, Moscoso jurou vingar-se. Atravessou a rua apoplectico e, mettendo-se no cubiculo que lhe servia de quarto de dormir, atirou-se ao catre com uma explosão de soluços.

Á noite escaldava de febre. Foi uma noite de vertigem, calculos de fortuna e planos de vingança. O caixeiro via-se mentalmente a economisar, a passar miserias, para ajuntar peculio e armar um principio solido de vida. As fontes estalavam-lhe. Sonhava-se rico, já cercudo de considerações, levantando inveja nos vencidos, abrindo por todos os lados cumprimentos e sorrisos de adulação. — Então é que aquelle traste do coronel havia de saber o que era bom! Oh! elle, o pobre caixeiro, seria implacavel no seo odio! o coronel havia de pagar duro! havia de puxar pelas orelhas sem deitar sangue; havia de arrepender-se de lhe não ter dado a filha! Moscoso havia de ver a An-nita amarráda a um diabo, que a enchesse de mãos



tratos e necessidades ! O tempo é que havia de mostrar !

E inteiramente devorado por estas idéas, o caixeiro virava-se e revirava-se na cama, sem conciliar o somno.

Amanhecera abatido, cheio de febre e possuido de uma grande má vontade por tudo e por todos.

Deste então principiou para elle uma nova existencia. Tinha uma idéa fixa : tratava-se agora de ajuntar dinheiro ; estava disposto a supportar tudo, comtanto que o capital se fizesse e avultasse !

Moscoso principiou por mudar de genero de commercio ; metteo-se para a rua da Saude, arranjado em uma casa de café.

E o grande factó é que, ao fim de algum tempo, todo o seu esforço principiava já a produzir o desejado effeito, e o caixeiro contava todos os mezes o fructo das suas economias, amontoadas com o sacrificio de todos os instantes.

Poude então realisar uma idéa, que lhe trabalhava havia muito no cerebro : escrever no *Jornal do Commercio* uma serie de mofinas contra o coronel.

Moscoso, uma noite depois do trabalho, foi á redacção daquella folha e entregou a primeira á publicação.

A mofina dizia assim :

« Pergunta-se ao coronel Pinto Leite porque razão S. S. não entra em explicações de contas a respeito de certa viuva da cidade nova?... — *A sentinella* ».

Consistio nestas estranhas palavras a primeira mofina do commendador. Ninguem as sabia explicar, não tinham fundamento algum, eram inventadas ; mas quem as lesse ficaria com o juizo suspenso, diria talvez comsigo que alli andava mysteriosa e grossa

maroteira ; e era isso justamente o que Moscoso desejava, era levantar duvida, promover desconfiança, arranjar qualquer prevenção contra o coronel.

Este, quando vio a mofina, rio-se, persuadindo-se victima de algum engano. Mas em breve se convenceo do contrario, porque o facto começou a repetir-se.

Moscoso punha já de parte certa verba para aquella despeza ; a mofina entrou no seo orçamento ao lado do dinheiro para o cabelleireiro e para o rol da roupa suja. De quinze em quinze dias appareciam ellas impreterivelmente, com uma regularidade impressionadora.

O coronel já não ria, sacudia os hombros, e ao vêr passar o redactor chefe do jornal, o Luiz de Castro, torcia o nariz com repugnancia.

Entretanto, pouco depois, Anna foi pedida por um empregado publico, e o pae deo-a de bom grado.

Moscoso, por portas travessas, fez o que poude para desmanchar o casamento. Servio-se da carta anonyma, não trepidou em diffamar a filha do coronel, attribuindo ao proprio pae della a auctoridade da sua deshonor ; mas nada disso produziu effeito, e o invejoso teve de roer na obscuridade de seo odio mais essa decepção.

Ah ! o que o havia de vingar eram as mofinas ! para isso estava alli o *Jornal do Commercio* !

E Moscoso meneava a cabeça, com a calma e a resignação de quem tem toda a confiança na sua paciencia e plena certeza de alcançar os seus fins.

— Havia de vingar-se, olé ! repetia comsigo de vez em quando. Seo tempo de gôso havia de chegar !...

Por essa época succedeo que o dono da casa commercial em que estava elle empregado, fosse acommettido mais fortemente pela molestia que padecia.

Moscoso tornou-se desvelado e incansavel com o patrão, a quem passou a servir de enfermeiro. Perdia

noites, andava na ponta dos pés, só fallava á meia voz e vivia amarello, feio e taciturno.

Assim se passaram cinco mezes, sem uma queixa, sem uma exigencia. Afinal o patrão uma noite o chamou ao quarto e, mostrando-lhe uma rapariga, que creára e com quem vivia, disse-lhe com as lagrimas nos olhos :

— Moscoso! eu sou um homem rico, tenho esta pequena que eduquei como filha, sinto que vou morrer e não deixo familia para herdar. Mortifica-me a idéa de ficar ahi tanto dinheiro, que representa o meo trabalho da vida inteira, exposto a cahir nas mãos de algum vadio que o deite á rua, como quem não sabe quanto me custou a ganhá-lo, e acabe por atirar na miseria a esta pobre de christo!

Moscoso abriu a chorar, e entre soluços pedio ao patrão que se calasse por amor de Deus, e não se estivesse a mortificar com semelhantes idéas.

Mas o homeñ não o attendeu e, segurando uma das mãos do caixeiro e outra da pupilla, continuou com a voz suffocada :

— Deixa-te disso, Luiz! sei que morro e não quero, pela primeira vez em minha vida, largar os meos negocios desamparados... Não me posso ir, sem cuidar do futuro desta creatura; eu já lhe toquei a teo respeito, ella concordou; de tua parte espero que não me has de deixar mal... Minha pupilla, coitada! não é nenhuma belleza, nem é nenhuma senhora de salão, mas tem bôa cabeça e um coração que é uma joia. Fica-te com ella, toma-a por esposa. Só desejo que a trates sempre como eu sempre a tratei, e que sustentas o nome e o credito desta casa, que fiz com a minha actividade e com a minha perseverança. Tu és economico e sensato, virás a dar um bom marido, e...

O enfermo não pôde continuar, e com um gesto pediu o remedio.

Moscoso servio-lh'o, recommendando que se callasse.

Havia tempo, que diabo! para tratarem d'aquillo. Ficasse o patrão descansado; elle cumpriria as suas ultimas ordens, com o mesmo zelo com que cumprio as primeiras recebidas naquella casa!

O patrão fez um gesto affirmativo e puxou para o seu peito descarnado as cabeças dos seus dous herdeiros, que se vergaram condescendentemente, em uma posição forçada, cada qual com uma careta mais feia.

A pequena chorava, e Moscoso fazia-lhe signaes com os olhos para que sustivesse o pranto de fronte do moribundo.

O medico chegou depois ás horas do costume, demorou-se o tempo que a formalidade exigia, e sahio, dando de hombros.

O doente expirou no dia seguinte.

Mezes depois, casava-se Moscoso com a pupilla do defunto patrão. Chamava-se Genoveva e era uma raparigaça dos seus vinte e poucos annos, muito tóla, de uma gordura desengraçada. Parecia toda feita de almofadas; as carnes da cara tremiam-lhe quando ella andava, os olhos tinham uns tons amarellados e mortos; o cabello vivia-lhe pregado ao casco da cabeça com suor, por falta de asseio. Era de uma brancura de sebo velho, fallava muito descansado e com um halito azedo; as suas mãos, papudas e humidamente macias, davam em quem as tocasse a sensação repulsiva que se experimenta ao pegar na barriga de uma lagartixa.

Moscoso apossou-se sofregamente dessa mulher, como quem se abraça a um colchão infecto e seben-

to, cheio, porém, de apolices da divida publica.

Amou-a com todo o ardor da sua ambição, cercou-a de carinhos, de desvelos, de meiguices. Melhorou a sua casa commum de residencia, comprou boa roupa, assignou jornaes, frequentou theatros e reuniões familiares, afinal conspirou com alguns collegas a respeito de uma commenda da Villa Viçosa, e augmentou sorrateiramente duas linhas em cada mofina contra o coronel.

No prazo marcado pela physiologia, Genoveva deitou ao mundo uma criança. Era menina e foi baptisada com o doce nome de Ambrosina.

É deste ponto que principia o maior interesse das memorias do nosso pobre condemnado.

Moscoso começava a presenciar a realisação dos seus dourados sonhos de vingança, já era rico, respeitado, estava em vespersas de ser commendador e em breve seria millionario; ao passo que o marido da outra — o pobre empregado publico, não passava ainda de miseravel chefe de secção, e continuava o medir o seu ordenado pelas despezas indispensaveis da casa.

Ah! que bastantes vezes teriam occasião de comparar os dous destinos, pensava aquelle. De um lado o magro funcionario publico, secco, modestamente vestido, curvado pelo serviço, com o espirito consumido pelo trabalho official, pela papelada da secretaria, e traduzindo na cara o nenhum caso que lhe votava a sociedade; em quanto do outro lado, resplandecia o bello commendador, o futuro barão, o homem das altas transacções, a alma de mil negocios, o nedio ricoço que brincava com muitos contos de reis, gosando a boa carruagem, fumando o seu bom charuto, rindo na praça, dizendo pilherias aos collegas tão ricos como elle.

E Moscoso revia-se na propria prosperidade, impo-  
nente na sua barriga esticada e egoista, a destillar  
todo elle um ar petulante de fartura e protecção, a  
esconder emfim com uma simples aba da sua larga  
sobrecasaca o vulto franzino do miseravel empregado  
publico.

— Esfreguei-os ! exclamou o marido de Genoveva  
em um assomo de contentamento. — Esfreguei-os em  
regra !

Entretanto, a vida do coronel ia muito peor do que  
podia imaginar o commendador Moscoso. O bom vete-  
rano, percebendo que os seus bens de fortuna tendiam  
a enfraquecer consideravelmente, teve um palpito de  
ambição e metteo-se a especular com elles. Foi um  
desastre que deixou o pobre homem quasi reduzido ao  
soldo militar.

Por essa época, o filho habitava em S. Francisco da  
California, depois de ter estado na Europa a aperfei-  
çoar-se em medicina. O velho participou-lhe o estado  
em que se achava, e pediu-lhe que voltasse quanto  
antes. Gaspar, que até ahi gosára ordem franca, não  
acreditou em semelhante noticia, calculou que o pae  
desejava vel-o e tratou de partir sem pressa.

Tinha elle então vinte e quatro annos e era um bello  
moço. Tomou uma passagem no *Pacific Star*, dis-  
posto a voltar definitivamente para a companhia do  
pae.

Mas, enquanto o navio ancorava em Montevideo  
para refrescar, Gaspar resolveo aproveitar o dia, visi-  
tando a cidade com outros rapazes companheiros de  
bordo.

Só quem não viajou deixará de comprehender o  
que é passar vinte e quatro horas n'uma cidade  
estranha, quando se tem outros tantos annos de edad.

e dinheiro nas algibeiras. Jantaram em casa de uma rapariga alegre; o vinho era excellente e a tarde encantadora. As horas voaram no turbilhão do prazer e da desordem; ferveu o champagne, as canções reben-taram estrepitosamente entre gargalhadas.

O navio largava no dia seguinte ás onze horas.

Á' meia noite os rapazes levantaram-se da mesa, mas a rapariga passou os braços no pescoço de Gaspar e pedio-lhe que ficasse. Elle cedeo, tinha a cabeça pesada e o corpo lhe exigia repouso. Não foi sem prazer que vio a vasta cama e o confortavel aposento, que lhe franqueou a dona da casa.

Deitou-se e pedio que lhe servissem chá antes de dormir. Foi ella propria levar-lhe ao leito uma chavena, em que tinha lançado duas gotas de opio.

Gaspar, depois de beber, sentio um grande entorpecimento e adormeceu profundamente.

Então, a um signal da rapariga, acudio da alcova immediata um homem musculoso, que se apoderou d'elle e o levou comsigo.

Gaspar foi carregado em trajos menores; todos os seus objectos de valor, o seu dinheiro e a sua roupa externa ficaram no quarto da ratoneira.

O homem que o colheu atirou-o dentro de uma carruagem á porta de casa, e trepou para a boléa.

O carro percorreo varias ruas, e afinal parou em uma das mais sombrias e desertas.

O ladrão desceu então da boléa, sacou Gaspar da sege, deitou-o ao comprido do macadam, galgou de novo o seu posto e affastou-se fustigando os cavallos.

A noite fizera-se escura e um vento frio ameaçava chuva. Gaspar continuava a dormir, estendido no chão.

Só voltou a si ás trez horas da tarde. Ao abrir os

olhos, reparou que estava deitado em um rico aposento, e que o tinham envolvido em magnificas case-miras e agasalhado os pés em edredon legitimo. Ao lado da cama, de pé, olhando para elle, havia uma mulher, que resplandecia em toda a exuberancia da mocidade e da belleza.

Gaspar suppoz-se n'um sonho; esfregou os olhos, estendeo a cabeça. E a linda visão, com o mais amavel dos sorrisos, passou-lhe uma das mãos no hombro e com a outra lhe fez signal de silencio.

Elle tomou aquella mãosinha branca e nervosa e ficou a fital-a por longo tempo. Depois traçou um circo com o olhar e perguntou, verdadeiramente surprehendido de tudo que via em torno de si :

— O que quer isto dizer? Onde me acho eu?!

— Mais ta de o saberá, disse a bella desconhecida; por ora, trate de fazer a sua toilette e tomar o chocolate que já está servido sobre aquella mesa. O senhor deve estar a cahir de fraqueza.

E sahio.

Gaspar acompanhou-a com a vista, e procurou mentalmente descobrir a relação que havia nesta casa com a outra em que adormecera. Nada descobrio e resolveo acceitar o conselho que lhe dera a desconhecida. Foi ao toucador e preparou-se, tomou em seguida o chocolate, e tratou de vestir-se. Mas em balde procurava pela roupa — no quarto só havia um *robe-de-chambre* de seda. Gaspar enfrochou-se nelle.

Tinha feito isto, quando sentio passos. Era novamente a bella e mysteriosa mulher.

— Ainda bem, resmungou Gaspar um tanto impaciente.

Ella voltou-se muito familiarmente para elle, e disse com a voz firme :



— Antes de lhe explicar a razão pela qual espontaneamente o hospedei em minha casa, tenho a declarar-lhe que sou uma mulher honesta. Um pouco caprichosa talvez, mas com a consciencia satisfeita pelo bom cumprimento do dever. Encontrei-o hoje, ás quatro horas da manhã, desfallecido em uma das ruas menos transitadas desta cidade; a sua physionomia impressionou-me extraordinariamente, por uma circumstancia que mais tarde saberá. Calculei logo que o senhor tivesse sido victima de algum roubo: fiz-lo conduzir á minha casa e aqui o tenho. Espero que me perdoará tal procedimento, se elle não fór do seu agrado.

Gaspar, por unica resposta, ferrou-lhe um olhar grosseiramente incisivo e curioso, como se lhe procurasse descobrir no rosto o que havia de verdade naquellas palavras.

Ella supportou o olhar sem pestanejar, e replicou-lhe com uma firmeza que não admittia replicas:

— Não tolero que ninguem duvide do que affirmo!

E, voltando-se, accrescentou comsigo: « Não me enganei! — E' elle com certeza! »

## IV

### VIOLANTE

— Perdão, minha senhora, disse Gaspar em continuação á conversa com a bella desconhecida; eu, nem só creio na sinceridade de suas palavras, como estou possuido do mais profundo reconhecimento pelos obsequios que recebi; mas não posso disfarçar o embaraço da minha situação...

— Porque? interrogou a senhora com um tom indifferente.

— Por tudo. Em primeiro lugar, a perda total de minha roupa quer dizer que se me extraviaram papeis de importancia, entre os quaes estava o meo passaporte, o conhecimento de minhas bagagens e o meo bilhete de passagem no *Pacific Star*...

— O *Pacific Star* partio já ao meio dia.

— Partio?! Bravo! Então, minhas malas? minhas...?

— Irão ter ao primeiro porto; cumpre ao senhor providenciar para que ellas não se desencaminhem.

— Mas que situação a minha! exclamou Gaspar, olhando para o seo *robe de chambre* com um ar in-

feliz. Ficar desta sorte em uma cidade completamente estranha para mim... sem um amigo, sem um parente, e vestido desta forma! Isto não tem geito! É caso para dar-se com a cabeça pelas paredes! Aqui ninguem me conhece! E, além de tudo, se a senhora me não puder arranjar um par de calças, eu nem do quarto poderei sahir! Esta só a mim succederia!

— Ora! o senhor está creando difficuldades imaginarias...

— Imaginarias?! gritou Gaspar, escancarando os olhos. Se lhe parece, minha senhora, que eu não devo estar seriamente atrapalhado! Imaginarias!...

— De certo. Olhe! alli está uma secretária : passe uma lettra da importancia de que precisa para viver algum tempo nesta cidade; depois...

— Que mulher singular! considerou Gaspar com os seos botões, e voltando-se cheio de embaraço para a oriental: Perdão, minha senhora! mas é que....

— Não pôde hesitar! atalhou ella, sorrindo; o senhor não tem outro recurso...

— Mas é que eu nem ao menos sei a quem devo passar a lettra...

— Tem razão, respondeo ella, encaminhando-se para a secretária, onde escreveo um vale á casa commercial de Viuva Rios e Comp... E passando-o depois a Gaspar, accrescentou: — Tenha a bondade de assignar.

— Dous mil pesos! protestou Gaspar, lendo o papel. Porém eu não preciso por ora de tão grande somma...

— Em todo o caso, nada perderá, nem ganhará com acceital-a. Esse papel representa uma quantia que o senhor terá de pagar com um pequeno juro. Creia que não será lesado...

— Estou convencido disso, mas a questão é que eu não conheço esta firma, e ella muito menos a mim. Que valor pode ter minha assignatura para semelhante casa ?

— Engana-se. O senhor merece todo o credito para ella...

— Eu ?!

— Sim, meo caro senhor.

— Creio que a senhora me confunde com outro...

— Pode ser, mas supponho que não !

— E como sabe se eu mereço confiança para a casa de Viuva Rios e Companhia ?

— Porque sou eu a propria viuva Rios.

— Estou pasmado.

— Disso sei eu... Assigne.

— Mas, minha senhora, deixe ao menos que lhe beije primeiro as mãos...

A viuva olhou-o de alto a baixo ; tinha-lhe fugido dos labios o sorriso carinhoso com que até ahi mimoseára o hospede. Gaspar abaixou os olhos, sem comprehender o que se passava.

— Beijar-me as mãos... disse ella por fim. Só se lembrou disso depois da transacção commercial ! E são assim todos os homens !... Emquanto se trata de coisas verdadeiramente raras e preciosas, porque dependem só do coração e da pureza dos sentimentos, não se abalam sequer ! A meiguice, a ternura, a femilidade, que uma pobre mulher desenvolve desinteressadamente para cumprir com elles o seo destino de amor e de sacrificio, nada mais obtêm de seus labios que algumas palavras banaes de reconhecimento e cortezia. Mas logo que se trata de materialisar o bem, logo que o sacrificio, que o obsequio, que a abnegação, se acham representados por um valor

real, por uma quantia emfim... ah! então querem beijar-nos as mãos e encontram facilmente exclamações de entusiasmo e de gratidão!...

Não beijará! exclamou ella, fazendo um gesto de energia. Estou cada vez mais vencida de que os homens são todos os mesmos... Visionaria e tola é a mulher, que espera encontrar entre elles um coração justo e perfeito. Se eu não fosse rica, se eu não pudesse offerecer-lhe agora uma quantia, de que aliás o senhor tem absoluta necessidade, é muito natural que o senhor não encontrasse uma palavra affectuosa para os meos desvêlos, e é possível até que, uma vez que já não precisasse delles, chegasse a despresar-me e fazer máo juizo da minha conducta, porque, no fim de contas, eu tinha commettido a imperdoavel leveza de recolher em minha casa um homem quasi morto, e de proporcionar-lhe todos os serviços que o seu misero estado reclamava. E afinal os senhores acabam por ter razão!

Toda nossa vida, toda nossa dedicação, toda nossa ternura, toda nossa paciencia, não valem um obsequio praticado por um homem a outro homem! Tudo o que pode fazer o coração de uma mulher não vale um emprestimo de dinheiro, uma fiança, uma commenda, um elogio pelo imprensa ou qualquer outra bagatela, que affague o amor proprio de algum parvo, ou salve a supposta honra de qualquer fátuo!

— Minha senhora, eu peço-lhe mil perdões, se...

— É melhor não dizer coisa alguma! Vamos, assigne o vale, e depois ha de preparar-se para jantar. Pode receber de minhas mãos o miseravel serviço que me propuz offerecer-lhe: em breve o senhor terá occasião de prestar-me um outro muito maior.

— Com todo o gosto ! respondeo Gaspar, assignando o vale e entregando-o á sua salvadora.

Esta leu comsigo a assignatura, e disse com signaes de satisfação : — Logo vi que me não tinha enganado ! É justamente quem eu suppunha!...

Em seguida, retirou-se, sem dar tempo ao hospede para voltar a si da estranheza daquellas palavras.

Elle encostou-se a um movel, e deixou-se arrastar por um cardume de raciocinios. — Quem seria aquella mulher tão extraordinaria?... Que relação haveria entre ella e um pobre viajante, pouco conhecido em qualquer parte e inteiramente ignorado naquella cidade, onde pisava pela primeira vez?...

Estava a fazer taes considerações, quando a porta se abriu de novo, e appareceo um homem de uns sessenta annos, acompanhado por um rapaz que trazia uma caixa na cabeça.

O velho era limpo, discreto e summamente cortez ; via-se nelle um desses bons servos do tempo da regencia, que não sabiam aprumar-se como o criado inglez, nem sorrir maliciosamente como o francez. Foi a Gaspar e cortejou-o sem affectação e sem servilismo ; fez o companheiro depór no chão a caixa que trazia, e principiou a tirar della varias peças de roupa.

— Meo amo, tenha a bondade de escolher d'aqui o que lhe convem, disse elle, como se estivesse de muito tempo ao serviço de Gaspar.

Este tomou o expediente de deixar que as coisas corressem ao bel prazer da fada que fazia girar a roda daquella fortuna, e escolheo a roupa de que podia precisar.

O criado tomou-lhe a medida do pescoço e da cintura, e encheo uma gaveta com o mais completo cnxoval de roupa branca. Em seguida, voltou-se para

o rapaz da caixa e disse-lhe que podia retirar-se.

Gaspar olhava para tudo aquillo, completamente intrigado.

O sexagenario entregou-lhe uma carta com o dinheiro offerecido pela oriental e perguntou-lhe depois se já queria vestir-se. Passaram para a proxima saleta, que era um brinco de luxo e de bom gosto.

— Pois, senhor meu amo, dizia o velho, a pentear a bonita barba castanha de Gaspar; estimo bem ver afinal vossmecê á testa de sua casa... Só dessa forma a minha pobre patrôasinha passará uma vida menos amarga! Ella, coitada, vivia tão triste, que mettia dó!...

Gaspar sentio arripios. Ia desembrulhar semelhante mystificação; mas, receioso de fazer alguma tolice, deliberou cõter-se.

— Então, a senhora vivia muito triste?... perguntou elle.

— É como lhe estou a dizer, meo rico amo, a pobresinha só o que fazia era chorar e fallar na proxima chegada do marido!

— E esta? disse Gaspar comsigo. Pois eu era esperado já por aqui?

— Ainda assim, accrescentou o criado; o que ás vezes a consolava era a companhia do menino, mas este foi para o collegio, e...

Gaspar não se animava a dar mais uma palavra; emfim, perguntou: — E ella ama muito essa criança?

— Se ama o filho? Oh! meo amo, adora-o! E a graça é que o diabinho se parece devéras com ella e com vossmecê!... É como se o estivesse a ver neste momento, com aquella cabecinha muito redonda, os olhos muito pestanudos e os beiços muito vermelhos, a dizer-me: « Jacob! Jacob! olha que te bato! » E

corria a bater-me nas pernas com a mãosinha fechada!

E o velho, disse ainda, a limpar uma lagrima : — Que bella criança!... Não se ria vossmecê destas cousas, mas é que a gente, quando vae ficando inutil, como eu, toma um não sei que pelas crianças, que é mesmo uma exquisitice! Fica-se tólo, babão, por aquelles diabinhos!...

— Você não tem algum neto, Jacob?

— Qual, meo senhor! essa fortuna não é para este pobre velho; o meo Ernesto morreo aos quinze annos, e depois disso não tive mais parentes, nem felicidade completa...

E o desgraçado chorava.

— Está bom! está bom! atalhou Gaspar; deixemo-nos de recordações penosas e vá arranjar-me charutos.

O criado sahio, vergado sob os seos sessenta annos e arrastando pacificamente os seus sapatões de bezerro engraxado. O filho do coronel reparou então que havia na saleta uma bibliotheca; colheo um *Espronceda* e leo distrahidamente alguns versos. O velho voltou com os charutos, e perguntou se o amo queria jantar mesmo no quarto ou se se resolvia a passar ao « *comedor* ».

Diga á senhora que faça como melhor entender, respondeo elle.

— D. Violante ja está á mesa e conta que meu amo lhe fará companhia.

— Nesse caso, irei.

E Gaspar, sem saber porque, teve uma alegriasi-nha com descobrir que a sua myteriosa feiticeira se chamava Violante.

A sala de jantar era pequenita, alegre; paredes guarnecidas de aguarellas hespanholas. Havia distinc-



ção no gosto que presidira a escolha dos moveis, e um certo perfume artistico na disposição dos bronzes e dos crystaes. Sentia-se logo que alli palpitava um espirito caprichoso e romanesco.

Gaspar, mal entrou, correo a apertar a mão da sua bemfeitora; e ella, sorrindo, felicitou-o pelo seo completo restabelecimento.

— Só á senhora o devo, que foi o meo bom anjo; e acho tão delicioso este sonho, que receio acordar...

— Acordará quando eu lhe disser francamente a situação em que nos achamos... Mas desde já o preveno de que tenho um grande favor a pedir-lhe...

— Será minha maior ventura! Desde já...

— Não prometta ainda, porque a coisa é muito mais séria do que o senhor se persuade...

— Estou convencido, todavia, de que a senhora não exigirá que eu commetta algum crime ou alguma infamia!...

— Quem sabe lá?... disse preocupada a bella mulher.

— Sei eu! aposto! arrisco tudo! Desde já prometto cumprir as suas ordens com a submissão de um escravo.

— O senhor é casado?...

— Não, minha senhora.

— Bem! então tudo se poderá arranjar... O senhor vae passar por meo marido.

— Como?...

— Daqui a pouco o saberá. Jantemos primeiro, teremos depois tempo para conversar.

## REFLUXO DO PASSADO

Correu muito agradável o jantar. A mesa era pequena e punha os dous em confidencial intimidade.

Violante mantinha a palestra com a seductora volubildade das mulheres que sabem esconder o pensamento com a palavra, fallando para não dizer o que lhes convem callar; e elle, em quanto a caprichosa tecia e destecia os nonadas da conversação, ia reparando bem para a côr dos olhos della, para as violetas das suas palpebras, para a formosura da sua bocca e para aquelle moreno pallido e fresco, que é nas raças hespanholas um luminoso e fugitivo reflexo do Oriente.

E os olhares soffregos do rapaz insinuavam-se pelas subtilizas daquellas deliciosas fórmas de mulher, serpeando-lhes por entre as curvas da garganta e por entre as macias ondulações do collo, a tactear os menores accidentes da divina argilla, e adormecendo embriagados de volupia á sombra embalsamada dos cabellos negros; para logo acordarem e de novo se

pórem a subir de rastros pela doce curvilineação das espaldas, e deixarem-se depois rolar pela encosta dos quadris ou pelo branco despenhadeiro dos braços nús.

E sem querer, e sem poder conter-se, Gaspar imaginava como não seria o contacto real de tudo aquillo! Que delirios não havia de ser esconder num beijo as endiabradas covinhas daquelles cotovelos cõr de rosa!...

— Então, o senhor não janta, nem conversa? disse-lhe Violante a rir. Ha bõas horas que me olha com duas brazas!...

E a formosa oriental estendeu a mão ao hospede, pedindo-lhe que lhe passasse um pecego.

— A mão! exclamou elle, tomando no ar a mão de Violante. Oh! como é bella!

E ficou a contemplal-a, a enluval-a com um olhar de extasi.

Era branca, fina, delgada, de longos dedos roliços e beni guarnecidos.

— Então! repetio ella, fazendo um gesto de impaciencia com o braço. Tenha a bondade de passar-me a fructeira.

Gaspar cahio em si e pedio-lhe mil perdões. Violante que lhe desculpassse aquella abstracção — elle continuava a sonhar!...

E depois de servil-a de fructas e de vinho, encheu o proprio copo, e bebeu á gentil estrella que o conduzia alli.

Violante olhava-o com um sorriso. Terminado o jantar, ergueu-se ella e ordenou ao camareiro que servisse o café no *fumoir*.

— Dê-me o seu braço, disse a Gaspar.

E passaram-se para a sala proxima.

Violante offereceu uma poltrona ao hospede e assentou-se em outra. Depois, tomando uma cigarrilha de tabaco turco de sobre o bufete, e crusando negligentemente as pernas, com o cotovelo apoiado ao rebordo da cadeira e a cabeça um tanto pendida para traz, disse a soprar o primeiro hausto de fumo :

— Preste-me agora toda a attenção, porque, só depois de ouvir o que lhe vou dizer leal e francamente, é que poderá o senhor decidir se fica desde já em minha companhia, ou se se retira hoje mesmo desta casa...

Gaspar tomou o café, accendeu um charuto, reclinou-se mais na poltrona e disse, affagando a barba :

— Pode principiar. Estou ás suas ordens...

— Quando eu tinha cinco annos, começou Violante, depois de fitar o tecto, como quem evoca o passado; minha mãe succumbia á miseria nesta cidade, e meu pae aos golpes do partido revolucionario em Cadix. Ora, eu, que sempre acompanhára minha mãe em todas as suas peregrinações, achei-me de repente com ella morta nos braços, sem saber, coitada de mim ! fazer outra coisa que não fosse chorar. Sahi, entretanto, pedindo, á toa, a quem encontrava pela rua, que fosse commigo por piedade á casa para tratarmos de enterrar o cadaver. Todos me davam as costas; e eu, já desesperada, estalando de fome e de frio, cheia de terrores, atirei-me contra uma porta, a soluçar e a pedir a Deus que me levasse tambem para si.

Nessa conjunctura, senti no hombro uma carinhosa mão que me fez voltar a cabeça. Tinha defronte dos olhos um official brasileiro. A principio, fez-me medo com o seu uniforme e as suas barbas; mas era tão calma e compassiva a expressão da sua phy-

sionomia, que me animei a encaral-o; além disso, a presença de uma senhora e duas crianças de minha idade, que o acompanhavam, me restituíram logo á tranquillidade e, sem saber porque, sorri para aquella gente.

Oh! nunca mais me esqueci da physionomia desse official!

« Que tens tu?! » disse-me elle em máo hespanhol, passando-me a mão pela cabeça.

« Tenho minha mãe morta em casa, naquella rua, e falta-me o animo de voltar para lá sosinha! »

O official reflectio um instante e trocou algumas palavras em portuguez com a mulher. Depois, deu-lhe o braço, e começaram a acompanhar-me com os pequenos.

(Gaspar apertou os olhos, fazendo um esforço de memoria.)

— Quando chegamos á casa, continuou Violante, ficaram todos horrorisados. O espectaculo da miseria completava-se com o cadaver de minha pobre mãe, que jazia por terra. Não era só compaixão o que inspirava aquillo; era mais : era revolta e odio contra tamanha incuria de Deus!

« Esta criança naturalmente está cahindo de fome, » disse a senhora ao marido.

« Muito! » affirmei eu, que comprehendera essas palavras.

Então tirou aquella da sua malita de mão alguns biscoitos, que trazia para os filhos, e deu-m'os, accrescentando : « Em casa jantaremos juntos. »

O marido perguntou-lhe se ella sabia ir só para o hotel.

« Perfeitamente. » respondeu a senhora.

« Pois leva os nossos pequenos e esta infelis-

zinha; eu fico para providenciar sobre o enterro.»

Quiz eu então atirar-me aos pés do meo bemfeitor; mas a idéa de que nunca mais veria minha mãe, fez-me abrir em soluços e precipitar-me sobre o seu cadaver, para lhe dar o ultimo beijo.

A senhora do official arrancou-me d'ahi, e levou-me para sua casa pela mão.

Só no dia seguinte, quando acordei, na melhor cama da minha vida, soube que minha mãe fôra dignamente sepultada, e que eu ficaria morando alli onde me achava.

O official, de que lhe acabo de fallar, chamava-se Pinto Leite, e seos dois filhinhos eram : um Gaspar e o outro Anna.

— É exacto ! é ! Bem me recordo da pequenita que brincou commigou em outro tempo ! confirmou Gaspar com muito interesse. Mas, se me não engano, essa pequenita fôra para um collegio, quando...

— Ja lá vamos ! Ja lá vamos ! respondeo Violante ; oiça o resto.

E continuou :

— Passei um anno em casa de seu pae. Ahi aprendi a ler, rezar e coser com sua mãe. Foi nessa época que nasceu sua irmã mais moça, a Virginia. O senhor não calcula que boas recordações tenho eu desse tempo ! Tambem não podia ser por menos : até ahi só conhecera soffrimento e privações, e lá fui encontrar a paz, o conforto e até o amor. Sua mãe, a quem Deus haja, era uma santa !

Gaspar ouvia, cada vez com mais interesse, as palavras de Violante.

— Entretanto, proseguio ella fazendo um ar triste; seu pae foi constrangido a mudar-se para o Rio de Janeiro, e como eu, na minha qualidade de orphã,

não podia ser carregada da patria, assim sem mais nem menos, resolveu elle metter-me como pensionista em um collegio aqui, onde nada me faltaria.

E dando piparotes na cinza do cigarro, a oriental accrescentou, mudando de tom :

No collegio levei até aos dezeseis annos, quando tive o meu primeiro namoro — foi com o filho da directora, Paulo Mostella ; um mocetão vivo, torte e velhaco. Por duas vezes furtou-me beijos, e de uma quiz ir mais longe ; eu, porém, tinha felizmente algum juizo e cortei-lhe o arrojo com uma tremenda bofetada. Paulo declarou-me então, cheio de raiva, que nunca tencionára casar commigo, porque sua familia não consentiria em tal loucura — eu afinal era uma rapariga sem eira, nem beira ! Todavia, fui, pouco depois, pedida por um negociante muito rico e summamente estimado da sociedade de Montevidéo ; chamava-se D. Thomaz de los Rios. Era um homemzarrão, ainda fresco, muito amavel, muito bom e com muito character. Casei-me e fui feliz durante esse tempo. Meu marido adorava-me, fazia-me todas as vontades. Levou-me a correr a Europa, mostrando-se sempre solícito em proporcionar-me tudo o que me pudesse ser agradavel. Quando voltamos do nosso longo passeio, traziamos um filhinho — Gabriel. Thomaz principiava, entretanto, a soffrer da molestia que o havia de matar. Tornamos a sahir d'aqui em busca de ares mais favoraveis. Meu filho ficou. Tinhamonos dirigido para a Hespanha ; cheguei viuva a Madrid.

Fiquei bastante contrariada com a situação, e resolvi esperar que alguém de cá me quizesse ir buscar. Estava nestas circumstancias, quando fui surpreendida um dia por um rapaz, que se atirou á meus pés,

chorando e rindo com grande contentamento. Era Paulo Mostella.

Olhei-o sobresaltada, e o certo é que então o diabo do homem me pareceu melhor do que d'antes. Cheguei a calcular que o tempo e o traquejo do mundo lhe tivessem modificado o espirito, como lhe modificaram a physionomia. Propôz-se immediatamente casar commigo, e eu lhe declarei que não pensava ainda em preencher a vaga de meu marido, e que, se mais tarde me viesse semelhante idéa, só a realisaria um anno depois da morte de Thomaz. Paulo fallou-me com enthusiasmo de uma grande paixão que por mim o devorava, e jurou que me amára sempre, e que aquelle mesmo facto de se ter humilhado a procurar-me ainda, provava de sobra o muito que me queria. Emfim, tanto disse e tanto chorou, que acabou por me commover e persuadir. Fiz-lhe ver que, em todo caso, eu não me casaria aquelle anno. Elle esperaria. Só o que desejava era possuir uma promessa. Prometti. E desde então o demonio do rapaz não me largou mais a porta. Passeios, theatros, bailes, touradas, tudo inventava para me agradar. Parecia viver unicamente para mim; dir-se-hia que todo seu idéal era fazer com que o tempo corresse o mais depressa possível e que chegasse afinal o dia feliz da nossa união.

« Só voltaremos a Montevidéo casadinhos ! » dizia-me elle, a beijar-me as mãos. E eu, em verdade, nem só já o supportava perfeitamente, como até sentia já por elle certa inclinação.

— Nós, as mulheres, somos muito fracas ! explicou Violante com um olhar lastimoso. Se soubessem os homens o esforço que ás vezes fazemos para sustentar o que a sociedade exige como um tributo da nossa honestidade, dariam elles muito mais importancia ás



nossas virtudes ! Houve ocasiões, confesso, em que se me afigurou que Paulo tinha direito de ser mais atrevido do que realmente era...

E, voltando-se na cadeira, a oriental continuou :

— Uma vez propôz-me um passeio ao campo. Aceitei e fomos.

A manhã era esplendida. Uma bella manhã cheia de luz e temperada por um calor communicativo e doce. Às seis horas mettemo-nos em um carrinho de vime, leve como uma cesta, rasteiro como um divan e commodo como um leito.

Paulo deo rédeas ao animal, e o carro nos conduziu para fóra da cidade.

## VI

PAULO MOSTELLA

— Eu sentia um bom humor extraordinario, proseguio Violante: o ar puro e consolador da manhã, pulverisado no espaço em vapôres côr de rosa, enchia-me toda como de uma grande alma nova, feita de coisas alegres e generosas. Tive vontade de rir e cantar.

O sol principiava a destacar o contorno irregular das arvores e derramava-se transparente e suave. Sentia-me expansiva, alegre, tinha repentes de criança; e, não sei porque, Paulo nessa occasião se me afigurou muito melhor do que das outras. Cheguei a achar-lhe graça, e a desfazer-me em risadas com algumas pilherias suas, que fóra d'ahi me fariam bocejar.

Em certa altura parámos. Elle ajudou-me a descer, prendeo o cavallo, abrio a minha sombrinha, e começamos a andar de braço dado por debaixo das arvores.

Que delicioso passeio! O senhor não pôde imaginar quanto eu me sentia feliz... Mais alguns passos, e tínhamos chegado a um caramanchão ou, melhor, a um alpendre de verdura, mysterioso, tepido, todo

impregnado dos perfumes do campo e das sombras da folhagem. Ao lado uma cascata corria em susurros, e as suas aguas quebravam-se nas pedras, irradiando á fulguração do sol.

Paulo deixou-me por um instante, para ir buscar o carro. E nesse momento de independencia, quando senti que não era observada por ninguem, levantei-me, bati palmas e puz-me a dançar como uma doida; depois galguei aos saltos o lado da cascata e recebi no rosto o pó humido das aguas. Abaixei-me, colhi agua na concha das mãos e bebi. Afinal assentei-me no chão, e abri a cantar.

Paulo voltou com o carro e recolheu ao pavilhão o cesto do almoço. Estendeu a toalha sobre uma mesinha de pedra que havia, e pousou nesta uma machina de café, duas garrafas de bordeaux, uma de champagne, uma botija de curação, uma empada, um assado, queijo, fructas e pão.

Eu sentia appetite, e confesso que estava encantada com tudo aquillo. Era a primeira vez que me animava a fazer uma folia desse genero — um almoço ao ar livre, ao lado de um rapaz.

E Paulo não me parecia o mesmo homem; descobria-lhe maneiras e qualidades, para as quaes jamais attentára em quanto o vira somente nas frias attitudes circumspectas da vida, notava-lhe agora a distincta estroinice dos pandegos de bóa familia, creados e amimados entre senhoras finas e orgulhosas; um certo pouco caso, fidalgo e elegante, pelas virtudes communs e pelos vicios vulgares; um ar altivo e masculino de quem está habituado a gastar forte com os seus prazeres; uma linha moderna, libertina e gentil a um tempo, feita de extravagancias de bom gosto, e um pouco de viagens, alguns conhecimentos

de musica, um nada de politica, anedotas francezas, algum dinheiro, charutos caros, um monoculo, o uso de varias linguas, um bigode, duas gotas de mel inglez no lenço, um fato bem feito, um chapéu de palha, luvas amarellas, polainas e uma bengala.

E o grande caso é que estava um rapagão, cheio de gestos largos, de atiramentos de perna, e de grandes exclamações em inglez.

Assentei-me no banco que circulava a mesa, e elle fez o mesmo defronte de mim. Informou-se se eu estava satisfeita com o passeio, fallou em repetil-o. Era preciso aproveitar o verão! Mas aos domingos nada! havia muita gente!

E abria garrafas, dava lume á machina de café, servia-me de mariscos e fallava-me do seo amor. Eu contei-lhe francamente as impressões que recebera áquella manhã, e mostrei-me satisfeita.

« Se soubesse, minha amiga, dizia-me elle; quanto me sinto bem ao seo lado!... Nem mesmo me reconheço, creia! Fico tólo só com pensar em nossa futura felicidade, em nossa casa e em nossos... »

Ja fallar nos filhos, mas deteve-se e ficou a olhar-me com uma grande insistencia humilde. Parecia haver um pranto escondido por detraz das suas pupilas azues.

« Descanse. Falta pouco! » respondi eu, possuida de alguma coisa, que não sei bem se era compaixão.

« Falta um seculo!... » emendou elle com um suspiro.

E chegou-se mais para mim. Tinha o ar tão respeitoso que não fugi.

« Porque não fica mais á vontade? » disse-me. E ajudou-me a tirar o chapéu e desfazer-me do mantellete.

Houve um silencio. Elle queixou-se da falta de gelo, abrio uma nova garrafa de bordeaux e encheo os copos. Depois, leo-mo uns versos, que a mim fizera no tempo do collegio. Vieram logo as recordações da infancia, o nosso namoro. — Quanta criançice!

« — E o bofetão?... »

Esta lembrança trouxe-me uma risada, que me fez engasgar. Sobreveio-me tosse, fiquei um pouco sufocada; elle levantou-se logo, começou a bater-me delicadamente nas costas. E, a pretexto de auxiliarme, affagava-me os cabellos e a frente.

« Não é nada! Não é nada! » dizia Paulo; « vá um gole de champagne! »

« Não! antes agua!.. »

Elle correu á cascata, e voltou com um copo d'agua.

Tornamos á palestra, e eu não reparei logo que o rapaz desta vez ficára inteiramente encostado a mim. Passamos á sobremesa. As pilherias repetiam-se mais a miudo.

Paulo pôz-se a fumar.

Consenti nisso e disse até que gostava do cheiro do fumo. Elle fez saltar a rolha do champagne.

Sentia-me enlanguecer; os olhos ardiam-me um tanto e o corpo me pedia repouso. Insensivelmente fui perdendo alguma coisa da minha cerimonia e me pondo á vontade; estiquei mais as pernas, recostei-me nas costas do banco e debrucei para traz a cabeça.

Elle ficou a olhar-me muito, com um ar sério e infeliz. Eu tive vontade de dizer alguma coisa, e nada mais consegui do que sorrir. Estava prostrada.

Paulo aconselhou-me que fumasse um cigarrinho, e essa idéa extravagante não me pareceu má. Fumei o meu primeiro cigarro.

Em seguida senti um vago desejo de dormir. Elle servio o café e o licôr.

E continuamos a conversar. As recordações do tempo do collegio vinham a todo o instante.

« Isto sempre teve genio ! » dizia elle, ameigando-me o queixo. Chamava-me creaturinha má, sem coração ; ameaçava-me com vingancasinhas, que se realisariam quando fôssemos casados. Tinha ditos maliciosos, palavras de sentido dubio e olhares cheios de paixão. Eu estendia-me cada vez mais no banco, amollecida por um entorpecimento agradável ; as palpebras fechavam-se-me. Sentia vontade de ser menos severa com aquelle pobre companheiro de infancia ; tanto que me não sobresaltei quando senti a sua mão empolgar-me a cintura.

« Como eu te amo ! » murmurou elle, com a bocca muito perto do meu rosto. O seu halito abrazava-me as faces.

« Não faça isto ! », pedi, repellindo-o frouxamente.

Mas elle passou-me a outra mão na cintura e puxou-me para si.

Fiz ainda alguma resistencia. Sentia-me porém tão molle, e além disso sabia-me tanto ser abraçada naquella occasião, que me deixei levar e cahi sobre elle, com a cabeça desfallecida no seu hombro.

Paulo segurou-me o rosto e estonteou-me de beijos. Eram ardentes, vivos, repetidos, como os tiros de uma metralhadora.

E Violante calou-se, respirando forte, enquanto Gaspar, de olhos muito abertos, lhe acompanhava todos os movimentos.

— Depois desse fatal passeio, continuou ella ao fim de uma pansa ; a situação mudou completamente : Paulo se tinha convertido em meu legitimo amante.

Entretanto, escreviam-me d'aqui a respeito do inventario de meu marido, e eu respondia com evasivas ás repetidas reclamações. Afinal, autorisada por Paulo, declarei abertamente que só voltaria a Montevidéo acompanhada por um cavalheiro com quem havia ajustado casamento.

A viagem seria d'ahi a um mez ; Paulo disse-me então que só se casaria na America Meridional, na primeira republica em que pizassemos, ou no Brasil, e que então, logo depois, no dia seguinte até, poderiamos levantar o vôo definitivo para cá. Concordei, não sem estranhar semelhantes exigencias. Dentro de alguns dias partimos da Europa, depois de haver eu escripto aos meus amigos e conhecidos, participando-lhes que em breve me casaria no Brasil. E ainda nisso houve da parte de meu noivo alguma coisa que me fez desconfiar : Paulo exigio que eu não declarasse o seu nome nas minhas participações...

— Oh ! exclamou Gaspar, interessado vivamente pela historia de Violante. E a senhora consentio ?

— Que remedio ! explicou ella ; eu estava em situação falsa : qualquer resistencia podia provocar um rompimento, com o qual só eu tinha a perder. Assim, pensei na dependencia em que me havia collocado, e concordei de cabeça baixa...

— Depois ? perguntou Gaspar.

— Depois, partimos para o Brasil e, na vespera do dia em que haviamos de casar, Paulo desapareceu.

— Canalha !

— Fiz minhas malas, enxuguei minhas lagrimas, traguei em silencio a minha colera, e cá estou ha cinco mezes, sequiosa por effectuar meus planos de vingança !

— Ah ! Tenciona tirar uma vingança de Paulo ?..

— De certo! Como sabiam que eu estava no Brasil e como me esperavam com impaciencia, calculei o ridiculo que me aguardava se me apresentasse ainda viuva, e tomei a resolução de mentir: disse que meu marido viria buscar-me para viajarmos, ou iria eu encontrar-me com elle fóra de Montevidéo. O senhor é a unica pessoa que sabe da verdade...

— Mas isso foi uma temeridade! exclamou Gaspar.

— Nem só uma temeridade, acrescentou Violante; como foi uma grande asneira: creando um marido imaginario, não me passou pela idéa que ia com isso dar uma nova direcção ao inventario do primeiro...

— E agora?

— Agora, é que estava na situação que lhe acabei de pintar francamente, quando hontem li no jornal o seu nome na lista dos passageiros do *Pacific Star*. « Deve ser o filho do meu bemfeitor! » disse eu commigo, e mais me convenci disso ao vel-o á tarde no Prado com os seus companheiros de viagem, tal é a semelhança que existe entre o seu typo e o de seu pae na idade em que me recolheu. Pois bem, imagine agora que hoje, ao voltar de um baile pela madrugada, os cavallos do meu carro se espantaram em certa rua; quiz saber o que havia: o cocheiro disse-me que um homem estava estendido no chão e escapára de ser esmagado pelas rodas. O carro tinha parado, e ao lado das rodas estava com effeito um corpo inanimado. O cocheiro apeou-se, e com uma de suas lanternas illuminou-lhe o rosto. Soltei um grito — a physionomia que eu tinha defronte dos olhos, era a do moço estrangeiro que encontrei no Prado, e justamente a mesma que se gravára ha vinte annos, em meu espirito, no dia em que morreo minha mãe; era a doce physionomia do official brasileiro, que me



recolhera da miseria. E, para poder o senhor julgar bem da impressão que recebi, basta ver este retrato...

E a oriental passou a Gaspar um daguerreotypo, que tirou da algibeira.

— Oh! exclamou elle. Effectivamente é o retrato de meu pae ha vinte annos! Quanto me pareço com elle! Tem toda a razão: isto é o meu retrato fardado de official.

— Desci do carro, proseguio Violante; e disse ao cocheiro que pousasse a lanterna no chão. Era afflictivo o meu estado, tendo assim defronte dos olhos o filho do meu bemfeitor, ao qual Deus me enviava para socorrer. Havia em tudo aquillo um mysterio, e a mim competia desvendal-o, por gratidão, por dignidade, por cumprimento de dever. Aquelle corpo tinha soffrido qualquer violencia; procuramos descobrir-lhe uma ferida ou o vestigio de algum veneno — nada! Todavia, não era um cadaver, por que o coração batia perfeitamente. Eu não sabia que partido tomar — abandonar alli aquelle homem, era impossivel, mas carregal-o commigo, não era tambem tão facil; não me animava a seguir ao lado de um desconhecido, e de um desconhecido em trajos menores... Fiquei perplexa! A rua estava deserta; não passava perto dalli uma só carruagem... O cocheiro olhava-me com grande surpresa, eu ficava cada vez mais afflictiva. Ameaçava chuva, e dahi a pouco amanehceria. Tomei afinal um partido e disse ao cocheiro: « Você conhece este homem? » O cocheiro olhou mais attentamente para o desfallecido, e respondeu que era a primeira vez que o via. « Pois imagine que este homem é o parente mais proximo que eu possuo aqui! » expliquei eu. « O que diz, minha senhora?! » perguntou-me espantado o cocheiro. Olha como o

diabo as arma! » e accrescentou: « E o caso é que os gatuunos o deixaram em lastimavel estado! » — Mas é preciso tomar uma resolução! disse-lhe eu impaciente — Este homem não pode ficar aqui! « Descanse, minha senhora, eu o arranjarei cá na boléa. » — Mas então mexa-se! que pode apparecer a policia e atrapalhar-nos... O dia está quasi ahi! » O corpo foi accommodado pelo melhor modo na boléa, e eu disse ao cocheiro: « Logo que chegarmos á casa, você chame o Jacob, e com elle trate de recolher este homem ao melhor aposento que se puder arranjar. É' preciso que lhe não venha a faltar o mais insignificante cuidado. »

E Violante, voltando-se mais para Gaspar, resumio nestas palavras a sua narrativa: — O senhor foi conduzido aqui por mão mysteriosa, que o quiz ligar aos meos segredos. Sua chegada a esta casa, não sei porque, diminuiu consideravelmente o sobresalto em que eu vivia. Sinto-me agora muito mais animada. O senhor inspira-me uma confiança inexplicavel; só me falta saber se está disposto a auxiliar-me...

Gaspar levantou-se e segurou as mãos da oriental.

— Pode contar commigo!

— Bem, disse ella; nesse caso o senhor principia por ser apresentado como meu marido; já é nesse estado que todos cá em casa o consideram. O senhor será em tudo, completamente em tudo, o contrario do miseravel que me collocou nesta situação. Elle era um marido de facto e não de direito; o senhor será...

— O marido das apparencias, concluiu Gaspar de bom humor; mas confesso-lhe, se m'o permite, que preferia o outro lado da medalha...

— Não zombe da minha triste situação.

— De forma alguma; mas, desde que me apossei do meu cargo de marido honorario, tenho ao menos o direito de fallar mal do outro, do marido de facto.

— Espero que não nos havemos de arrepender do passo que vamos dar...

— Pelo meu lado, farei por isso; mas o diabo é que meu pae me espera, talvez ancioso pela minha presença...

— Para tudo ha remedio neste mundo! Faça vir as suas malas; tranquillise o seu bom velho com uma carta, e, para não ficar de braços cruzados, pode, como meu marido, negociar vantajosamente com os capitaes de que disponho...

— Mas...

— Porque não? Quando porém tivésse o senhor escrupulos em especular com o capital que lhe franqueio na qualidade de sua esposa, poderia acceital-o, com juros, das minhas mãos de negociante. Hoje represento a antiga casa de meu defunto marido. Não tenho socios, sou rica e posso dispor do que possuo como melhor entender...

— Bem, nesse caso, serei um simples empregado seu.

— Pois vá feito! comtanto que, ao zelo pelo serviço, ligue sempre amigavel interesse pela patrão. Amanhã o senhor será apresentado aos meus conhecidos como marido desta sua criada, e dentro de uma semana deixaremos Montevidéo.

— Para nde vamos?

— Á' tóa! até encontrar o infame que zombou de mim!

— E o que d'elle pretende?

— Simplesmente matal-o!

E Violante estendeo o braço e disse resolutamente:

— Juro por meo filho que lhe darei a morte!

## VII

### PUNHAL DE FAMILIA

No dia seguinte, Gaspar foi apresentado por sua supposta esposa a varios grupos da elegante sociedade de Montevideo, e uma semana depois escrevia ao pae, participando-lhe que só mais tarde voltaria a seus braços.

E os dous colligados partiram para Buenos-Ayres, na esperanza de que era ahi que se achava Paulo.

Principiou então para elles uma existencia bastante singular. A bordo, nas estações, nos hotéis, em qualquer logar emfim onde pudessem ser observados, apresentavam o exemplo mais completo e invejavel da felicidade conjugal; eram mutuamente meigos, unidos, bem casados. Um não apparecia sem o outro, viviam juntos, como se desfructassem com effeito a mais saborosa das luas de mel. Cada um delles trazia no dedo uma alliança, e na medalha do relógio ou do broche o retrato do consorte.

Comtudo, não se descuidavam um só instante do principal objecto da viagem; conseguiram apanhar o encaço do fugitivo, e Violante desenvolveu nas suas

pesquizas uma tal sagacidade e finura de raciocinio, que fariam o desespero do melhor policia.

Paulo tinha passado do Brasil para a Republica Argentina, depois para o Chile, depois para a Bolivia e afinal para o Perú.

Gaspar, ao fim de alguns mezes, ja não podia supportar aquella vida airada. Estava sempre em vespervas de viagem e gastava os dias a tomar informações sobre o perseguido. — Ora, fossem la descobrir o homem das calças pardas! Vivia prostrado de tanto viajar; além disso, a ausencia completa de estabilidade impedia que elle se correspondesse com a familia.

Uma vez, estava então no Chile, descobrio nos correios de S. Thiago uma carta de seu pae. O pobre velho queixava-se amargamente do procedimento do filho; dizia ter-lhe já escripto duas longas cartas, das quaes não recebera resposta, havendo aliás em uma dellas lhe dado a participação do casamento de Virginia, irmã mais moça de Gaspar.

Este acabou por fazer justiça ás palavras do coronel, pedindo-lhe que lhe escrevesse para o Chile e lhe communicasse o nome do marido de Virginia.

Mas, pouco depois disto, Gaspar teve de seguir com Violante para o Mexico, ficando na ignorancia do nome do cunhado. Estava completamente resolvido a voltar para o Brasil; agora porém uma nova difficuldade se lhe antolhava: é que já não tinha animo de separar-se da supposta esposa. A convivencia creára entre elles uma tal reciprocidade de estima, que os dous acabaram por se tornar indispensaveis um para o outro.

Viviam na mais feliz intimidade, mas particularmente separados para todos os effeitos conjugaes. E

isto apoquentava em extremo o pobre moço. Por varias vezes se vio elle em situações bem ridiculas, que o levavam ao desespero; uma occasião, por exemplo, tinham de pernoitar no unico hotel que havia no logar, e só existia no quarto uma cama para os dous. Violante não hesitou em acceital-o, a despeito dos signaes negativos que lhe fazia o falso marido por detraz do estalajadeiro.

E logo que ficou a sós com elle, disse-lhe :

— O senhor se tem portado tão bem para commigo, que seria fazer-lhe uma injustiça suspeitar do seo character ou receiar da sua conducta...

— Mas é que não devemos abusar, respondeo Gaspar, um pouco contrariado. O sacrificio tem limites! Ora essa!

— Que sacrificio?...

— Que sacrificio?! pergunta-me a senhora. Acaso merecerá outro nome o que faço, desde que a acompanho embrulhado no incommodo disfarce de seo marido?... Poderá a senhora calcular o que é viver com uma mulher encantadora, ver nos outros o ar de inveja causado por uma felicidade que não existe, affectar os confortos do amor satisfeito e completo, e não obstante, soffrer o mais cru isolamento que se pode impôr a um homem da minha idade?... Confesso-lhe, minha senhora, que se ha alguma virtude no meo procedimento, ella me tem custado enormes sacrificios!

Violante ouviu-o com certo ar de satisfação.

— Vamas! disse ella afinal, reprehendendo-o. Seja bom para mim, como foi seo pae. Lembre-se de que um miseravel abusou da minha fraqueza e zombou da minha bôa fé. Sou uma pobre mulher que deseja ter dignidade, e o senhor, se possui alguma cousa do

caracter daquelle a quem deve a vida, não se negará certamente a ajudar-me. Por quem é! já agora conclua a delicada tarefa, a que, com tanto cavalheirismo, se dedicou.

Gaspar aproximou-se della, com estas palavras :

— Minha amiga, vou fallar-lhe com todo a franqueza.

— Está dito! respondeo Violante; proponho até que passemos a noite a conversar. É um excellente meio de ficarmos recolhidos, sem nos ser necessario recolher á cama.

E fecharam-se no mesmo quarto.

Era uma sala vasta, confortavel, cheia de trastes. Gaspar traçou no chão uma linha com o pé, e disse rindo :

— Esta linha separa-nos. Cada um tem de contentar-se com o espaço que lhe toca, e não pode metter o pé no terreno alheio; todavia, se a senhora quizer estar mais á vontade, é metter-se na cama, fechar os cortinados, e ficará completamente abrigada contra qualquer olhar meo, involuntariamente indiscreto...

— E o senhor, nesse caso, como tenciona accomodar-se?

— Ah! Eu me arranjarei nesta poltrona. Não lhe dê isso lástima, porque já estou habituado a taes situações. Só peço licença para, depois que a senhora já esteja recolhida, tirar a sobrecasaca e os sapatos.

— Concordo. Mas por emquanto conversemos. Eu servirei o chá. E Violante collocou a mesinha do chá entre duas cadeiras, e passou uma chávena ao companheiro. — O senhor declarou que me queria fallar com franqueza... a occasião não pode ser melhor.. Podemos conversar á larga.

Gaspar tomou um gole de chá e disse: — Sabe? Estou completamente envergonhado com a senhora...

— Porque?

— Porque a senhora faz de mim um juizo que eu não mereço; suppõe-me o mais leal dos homens, e eu não passo de um grande velhaco.

— Está gracejando!

— Afianço-lhe que não, infelizmente. E para meu castigo, vou dizer-lhe tudo: A primeira impressão que recebi em sua presença, foi muito diversa da de que a senhora se persuade. Calculei ter defronte dos olhos uma mulher escandalosa, amiga das aventuras, e grande conhecedora de todos os segredos do amor; pensei vaidosamente commigo mesmo que a tinha impressionado e que podia em breve colher os saborosos fructos dessa fortuna. A senhora, porém, desviou logo semelhante presumpção, narrando-me com muito talento uma historia, na qual figurava minha familia, e pedindo-me que a acompanhasse por toda a parte, como seu protector, seu amigo, seu irmão!... Não é verdade que, se me confiou tão delicado papel, foi porque eu lhe inspirei a mais cega das confianças?

— Justamente.

— Pois declaro-lhe que a não merecia. Quando acceitei o espinhoso disfarce de seu marido, foi ainda na esperança de alguma venturosa occorrença; a senhora, porém, tem desenvolvido uma tal dignidade, tem se portado com uma tal circumspecção, que eu, confesso-lhe, estou envergonhado, e para meu castigo fallo-lhe com esta franqueza. Se soubesse que noites tenho eu passado em uma alcova junto á sua! que lutas tenho travado commigo mesmo, para manter o ar grave e as maneiras reservadas a que me condemnam as circumstancias desde que nos achamos a sós!



Cheguei algumas vezes a odial-a! parecia-me que a senhora zombava de mim; que me havia lesado nos meos direitos, e que a rispidez da sua conducta era um roubo feito á minha felicidade!

— O senhor amava-me então?...

— Não! não era amor; apenas a desejava com todo o ardor do meu temperamento brasileiro. O que então me arrebatava não era o seu character nem as suas virtudes, mas sim a côr dos seus cabellos, a transparencia da sua pelle, o fogo dos seus olhos e a frescura do seo halito. Não a amava, tanto que a desejava para minha amante. Depois que conheci porém todos os thesouros de bondade, que a senhora escondia sob as apparencias de uma mulher leviana; depois que comprehendí tudo quanto ha de franqueza e lealdade nos seus sentimentos; quando descobri a sua abnegação, a sua coragem e a castidade de sua alma, amei-a, amei-a conscienciosamente, com entusiasmo e com honra! A senhora, se quizer, fará parte de minha familia — eu serei seu marido!

— Gaspar, disse Violante, segurando-lhe as mãos; eu te amo tambem; ha muito! sempre! Amei-te primeiro na casta figura de teo pae, que foi o bom anjo da minha infancia; amei-te nos teos folguedos de criança, nos teos progressos de estudante e nos teos estouvamentos de rapaz. Amei-te quando te vi estendido na rua, quando depois te vi ao meo lado, e amo-te agora com toda a comprehensão dos meos deveres e com toda a segurança da minha dignidade. Todavia, tenho um juramento a cumprir... Eu só serei tua, esposa ou amante, amiga ou escrava, no dia em que Paulo Mostella cahir debaixo deste punhal!

E com os olhos incendidos de colera, os labios tremulos, brandio o afiado stylete que ella trazia

sempre consigo, desde que emprehendera vingar-se.

— Mas eu não exijo tanto, contraveio Gaspar. Posso esquecer o passado. Tenho plena confiança em teu character e de nada mais preciso para fazer de ti minha legitima esposa.

— Não se trata do que exijas tu, nem do que tu não queiras; trata-se unicamente daquillo que eu jurei ao meu proprio coração. Um homem ultrajou-me. Eu tenho de vingar-me delle. Ou elle morrerá, ou eu me matarei!

Gaspar, mais tarde, empregou ainda todos os esforços para dissuadir Violante daquellas sinistras idéas de vingança, mas a oriental abanou a cabeça, com a alma de quem se sente firme na sua resolução, e disse, sorrindo tristemente para o companheiro:

— Cala-te, meu amigo! Tu ainda me não conheces... eu sou inabalavel no meu odio. É um temperamento de familia; meu pae já era assim e ligou-se á minha mãe, porque encontrou nella a mesma rigidez de sentimentos. Nasci de duas tempestades, que me concentraram no coração todos os seus raios, todos os seus vendavaes, todos os delirios do ceu e do inferno. Meu pae morreu na guerra e minha mãe na miseria — foram igualmente fortes; um lutou contra a maldade dos homens e o outro contra a maldade de Deus. D'elles eu só herdei, alem do character, este punhal. É um punhal de familia, que passará, com a minha morte, ás mãos de meu filho.

Gaspar, á vista daquellas palavras e do ar resolutivo da oriental, tomou o partido de a não contrariar e deixar que as coisas corressem á mercê do tempo.

Por essa occasião, um dos homens encarregados de espreitar os rastros de Mostella, communicou á Violante que este, em companhia da esposa, havia tomado

passagem n'um paquete brasileiro da linha costeira.

— Prepara as malas, disse ella ao criado ; partiremos hoje mesmo.

— Mas, minha amiga, observou Gaspar ; lembra-te de que só amanhã ha paquete, e esse da linha do Pacifico.

Partiram no dia seguinte com effeito para o norte do Brazil, e, dous mezes depois ; recebiam na capital do Ceará o seguinte telegramma :

« Paulo Mostella chegou hoje a Pernambuco ; mora com a mulher no hotel do Universo. »

Os dous incansaveis perseguidores do seductor seguiram immediatamente para Pernambuco.

Mal se tinham installado no hotel Estaminet, que desapareceu muito depois no celebre motim religioso cabeceado por José Mariano, Gaspar pediu á oriental que se não precipitasse, e sahio elle mesmo a obter informações sobre Paulo Mostella. Já tinha este abandonado o hotel, e morava agora com a mulher em uma casa particular á rua do Crespo.

Gaspar seguio para lá, impaciente por ver terminada aquella campanha em que ha tanto tempo vivia empenhado. Oh ! como ardia elle de desejos por poder afinal confirmar a sua união com Violante !

Esta fechára-se no quarto, para rezar.

Gaspar, por esse tempo, apeava-se á porta de Paulo Mostella.

## VIII

### VIRGINIA

Fizeram-no entrar para uma sala de espera e conduziram-no depois para uma de recepção, onde já o aguardava a mulher de Paulo.

— Gaspar! exclamou esta, atirando-se nos braços delle.

Gaspar estacou, pallido e tremulo, sem poder articular palavra.

— Virginia!... disse afinal o infeliz, com a voz estrangulada.

Era com effeito Virginia, sua irmã mais moça, que se havia casado com Mostella. Gaspar não a via de muito tempo, mas reconheceu-a logo. Estava forte, bonita e com uma gravidez adiantada.

— Que bôa surpresa! dizia a mulher de Paulo. Estalava de desejo por ver alguém de nossa familia! Não admira, é a primeira vez que me separo della... Acredita que choro de saudades todos os dias... Mas o que fazes que não te pões á vontade, seu ingratalhão? Larga o chapéu! entra para a varanda. Infelizmente Paulo sahio, mas não se pode demorar...

— Em que se occupa teu marido?

— Negocia em pedras finas. É bom negocio, mas que o obriga a viagens consecutivas. Agora temos de seguir para o Cabo.

— Tens sido feliz?

— Muito. Paulo é um excellente companheiro, ama-me tanto!

— Nosso pae communicou-me o teu casamento, mas a carta em que vinha o nome de teu marido extraviou-se. Eu ainda não sabia como se chamava elle.

— Sempre o mesmo cabeça de vento! Mas que tens? Estás tão sobresaltado! Sentes alguma coisa?...

— Nada! é porque ha tanto tempo que não nos viamos!...

— Pois então toma lá um beijo e vê se com elle voltas a ti!

Gaspar passou á varanda, e ficou a conversar com Virginia. Ella, coitada! estava radiante de prazer.

— Amas então muito teu marido?...

— Loucamente. Não podes imaginar quanto somos felizes!...

Gaspar quedou-se a scismar, e a irmã reprehendeo-o

— Então que é isso? Ficas agora triste! Tu d'antes não eras assim! Ainda nem sequer pediste noticias de papael...

— Sentirias muito a morte de teu marido, Virginia?...

— Que pergunta, Gaspar!

— Mas dize; é uma phantasia esta pergunta.

— E esta?! Se Paulo morresse, eu morreria tambem, ou ficaria louca.

— Bom! É justamente como entendo o casamento.

Quem me dera ter alguém que dissesse o mesmo a meu respeito...

— Se ainda não tens, virás a ter; mas parece-me que não cansaste da vidinha de solteiro!...

— Se cansei!...

— Ah! É Paulo que chega!

Ouviram-se com effeito passos no corredor.

Gaspar sentio grande sobresalto, mas conteve-se.

Houve apresentação, abraços e offerecimentos mutuos. Paulo declarou sympathisar muito com o cunhado, e cercou-o de obsequios; foi buscar curiosidades do Perú e alto Amazonas, e mostrou-as; offereceu-lhe charutos e livros, e pediu-lhe quo se hospedasee em sua casa em quanto estivesse em Pernambuco.

No hotel, dizia elle, comia-se mal e passava-se vida de bohemia.

— Ah! elle não nos deixa agora! a não ser que esteja resolvido a brigar devéras connosco! interveio Virginia.

Gaspar desfazia-se em agradecimentos, pedindo que o dispensassem.

— Mas nós podemos lá consentir que mores sozinho nesta cidade, tendo tu aqui familia? Se não accitares o nosso convite, masso-me devéras! Olha: amanhã sahe um paquete para o sul, e eu quero na carta de papae dizer que tu estás connosco...

— Pois bem, pois bem, tudo se arranjará!

Gaspar chegou ao hotel ás sete horas da noite. Estava abatido, pallido, com uma grande irresolução.

— Então? perguntou-lhe Violante.

— Está tudo perdido! disse elle, arrojando o chapéu; Paulo foi prevenido de teus projectos e acaba de pedir a protecção da policia... Estamos vigiados! Se Paulo soffrer a menor violencia, seremos presos im-

mediatamente. O que devemos é abandonar Pernambuco quanto antes!...

— Que me importa a policia ! Não sahirei daqui sem ter consummado meu plano. Condemnada? presa? executada? embora! mas hei de matal-o ! hei de primeiro satisfazer minha vingança !

— Isso é de um egoismo revoltante ! exclamou Gaspar, atirando-se sobre uma cadeira ; e accrescentou depois de uma pausa : — E pensarás que eu consentiria em tal ? Até aqui tratava-se apenas de dar cabo de um canalha, que havia zombado da mulher com quem eu tencionava casar. Muito bem ! era perfeitamente razoavel ! Mas agora, trata-se nada menos do que me privarem da mulher que eu amo, da unica que poderá fazer a minha felicidade ! e eu, de forma alguma, consentirei em semelhante cousa ! Ah ! a questão é de egoismo ? eu tambem sou egoista !

E mudando de tom : — Queres que te falle com franqueza ? Principio a acreditar que só amas ao Paulo ; que tudo isto foi um meio ardiloso para te approximares d'elle ; que nunca me amaste e nunca tencionaste pertencer-me !

— Duvidas de mim ? ! exclamou a oriental. Tens animo de suppôr que eu seria capaz de dizer a alguem que o amo, sem com effeito o amar ? Pensarás que eu, por qualquer circumstancia, negaria meu amor por aquelle miseravel, no caso que tivesse a desgraça de sentir esse amor ? Já tinhas tempo de sobra para me conhecer melhor ! Só a ti amo presentemente, bem o sabes ; mas fica tambem sabendo que colloco acima de tudo a minha vingança e o meu orgulho ! Amo-te, é verdade, mas previno-te de que, se tens a intenção de desviar o meu punhal do coração de Paulo Mostella, podes partir quando entenderes, porque

tudo o que fizéres será inutil! Só! embora só! hei de matal-o!

— Ah! replicou Gaspar; sentes odio demais por aquelle desgraçado, para que não o ames! O coração da mulher é lamina de dous gumes: — como Paulo se incompatibilisou para os teus beijos, queres acari-cial-o com o teu punhal! Mas aqui ha um homem! prohibo que commettas o crime que premeditas, ou has de primeiro consummal-o em mim!

— E pensas que não seria capaz? Não te disse já que acima de tudo colloco a minha vingança?

Gaspar cravou-lhe os olhos, e os de Violante, sempre firmes, não se abaixaram. Comprehendo elle que, na alma d'aquella mulher, a idéa fixa da vingança estava encravada como um veio de pórfyro no granito. Era impossivel extrahil-o, sem despedaçar a montanha. Voltou-se afinal para ella, tomou-lhe as mãos, e fallou-lhe com ternura.

— É a tua e a minha desgraça, que vais fazer! disse elle. Habituei-me á esperanza de possuir-te na dignidade do lar e da familia, e perder-te agora seria impossivel. Como conciliar a tenebrosa idéa de um crime com a idéa doce e tranquillada da nossa felicidade?... Tens o paraiso a teos pés, risonho, calmo, azul, e queres ensanguental-o! Se fosse possivel matar o culpado sem prejudicar a mais ninguem — vá! Mas não! para commetter esse crime, tens de fazer outras victimas, que soffrerão muito mais do que elle, e que, no entanto, nunca te fizeram mal. Eu vi a mulher de Paulo... Está gravida! A morte do marido vai deixar uma viuva sem amparo e um innocentinho sem pae e sem pão... Tu tambem tens um filho, Violante, e já sabes, por experiencia propria, quanto padece uma criança desamparada... Não roubes



o pae áquelle entesinho, que nenhuma culpa tem de tudo o que te succedeo ! Se conseguires matar Paulo, elle será de todas as tuas victimas a menos castigada. Não comprehendes que a morte daquelle miseravel acarretará outras comsigo ? não sabes que a pobre velha, que vê nelle toda a sua esperança e toda a sua felicidade, tombará tambem, quando o teu punhal arrancar a vida do seu querido filho ? E não te lembras que essa pobre velha, se te merece algum odio, é simplesmente porque foi tua mestra, porque te conduzio na infancia e te illuminou a intelligencia ? Não te dóe a idéa de que vais encher de fel os ultimos dias daquella que encheu os teus primeiros annos de amor e desvelos ? não te parece máo que a mesma que substituiu tua mãe encontre a sepultura suja de sangue derramado por ti ? E, além de tudo isso, minha querida Violante, não te accusa a consciencia de pertencer-te grande parte da culpa de que criminas tanta gente ?... Não conhecias já por ventura o character de Paulo, desde o tempo de collegio ? não lhe tinhas adivinhado as intenções ? não o castigaste um dia com uma bofetada ? Para que então te deixaste seduzir por elle ? ! Tu, que és tão perspicaz e tão intelligente, não percebeste logo que o homem que faz de uma mulher a sua amante, não tenciona fazer della jamais a sua esposa ? não percebeste que um amor inaugurado entre meia duzia de gargalhadas e outras tantas taças de champagne, só pode acabar como acabou o teu, e não na responsabilidade fria e digna do matrimonio ?... Não sabias por acaso que todo o homem tem na vida certa época de loucura, pela qual não podemos responsabilisar o seu character, nem as suas intenções ?... Tu eras bella, livre, aventureira, romanesca ; elle, moço, extravagante e

seductor. Vio-te, fallou-te em amor, estremeceu em pensar nos teus beijos... talvez até mesmo resolvesse casar contigo. Mas tu lhe deste liberdade, lhe aceleraste os desejos, lhe fustigaste o arrojo, lhe proporcionaste ocasiões. Elle nada mais fez do que aproveitar-se de tudo isso. A verdadeira culpada foste tu!... pelo menos, grande parte da responsabilidade deves atirar para o teu temperamento, para o teu sangue, para a tua fraqueza! Para que succumbiste?! Acaso não tomaram alguma parte nisso os reços da tua carne e as allucinações do teu espirito? Elle excitou-te com os mysterios voluptuosos de um passeio ao campo, longe do teu meio social, por entre a sombra balsamica das arvores, ao rumorejar das folhas, ao arrular das aves, ao sussurrar de uma cascata; estimulou-te com um almoço de bohemia, cheio de malicia, cheio de riso e cheio de amor! Tu bebeste, fumaste, sonhaste, riste, e afinal... amaste. Para isso tudo contribuiu -- o ceo, o ar, os murmurios da natureza, as espumas do champagne, os perfumes do cigarro, a riqueza do teu sangue e a diabrura dos vinte annos. Queres agora criminal-o exclusivamente! Não! Seria uma injustiça!

Violante ergueu-se, sacudio com o pé a cauda do vestido, e disse com toda a calma:

— Comtudo, hei de matal-o!

— Tu o amas, desgraçada! exclamou Gaspar encolerizado.

Violante não deu resposta, e recolheu-se á sua alcova, fechando a porta com violencia.

Gaspar atirou-se a uma poltrona e segurou a cabeça com as duas mãos.

— Dálicença?... disse da porta uma voz.

Era de Paulo Mostella.

## IX

### MOMENTO DA VINGANÇA

Gaspar correu á porta da sala e atravessou-se defronte de Paulo.

— Desculpe, disse elle ; mas não entre ! Peço-lhe que não entre !

— Como está sobresaltado ! observou o outro, parando no corredor. Vinha fazer-lhe uma visita...

Gaspar deitou o chapéu, e segurou Paulo pela mão :

— Saíamos ! Saíamos ! Não repare não o fazer entrar, mas...

— Sei o que são estas coisas... também já fui solteiro ! Descanse que não serei indiscreto...

— Não é por isso ; mas é que... Desçamos, sim ? Pelo caminho dir-lhe-hei o que é...

— Bem me pareceu que havia lá dentro algum contrabando !

— Effectivamente lá está alguém que não pode ser visto...

— Maganão ! Não o levarei a mal. Em todo o caso, precisava fallar-lhe hoje.

E os dous sahiram conversando, emquanto Violante, atirada sobre a cama, soluçava.

Arrancaram-na desse estado duas pancadinhas systematicas na porta. Ella ergueo-se e correu a abrir — era o toque de um dos seus espiões.

— Então o que ha de novo?... perguntou a oriental, procurando dissimular a commoção.

— O homem passará sozinho, amanhã ás quatro horas da madrugada, pela ponte de Santo-Antonio. O logar é magnifico, e a occasião não pode ser melhor! Atira-se com o corpo ao mar, depois de sangrado...

— Donde virá elle a essas horas?

— Não vem; vae tomar o trem para uma virgem.

— Bem! Retire-se, mas não se affaste; fique ahi fóra até que eu o chame. Você tem de acompanhar-me; irei infallivelmente!

— Ordena mais alguma cousa?...

— Não.

O homem retirou-se, e Violante recolheo-se á alcova, para rezar. Acommetteo-a um grande fervor religioso.

Quando Gaspar voltou, ás dez horas, ainda a encontrou nas suas orações. Accendeo o candieiro, e pôz-se a ler. Depois foi á janella respirar um pouco de ar, e vio na rua, encostado ao lampeão, o homem que fallára com Violante. Desceo sem ruido ao encontro delle.

— Então?... disse-lhe.

— A senhora mandou-me esperar...

— Bem! resmungou Gaspar, disfarçando; o encontro é no mesmo logar?

— Sim, senhor; na ponte de Santo-Antonio. O homem passa ás quatro da madrugada...

Gaspar affastou-se, affectando calma, mas levava

uma grande agonia no coração. Correò á casa da irmã. Esta preparava as malas do marido.

— Você a esta horas, mano ?

— Sim. Onde está Paulo? Ainda não voltou? Estive com elle até ás nove horas...

\* — É! elle me fallou de que te ia procurar.

— Dize-me uma coisa, Virginia : teo marido sae infallivelmente esta madrugada?

— Infallivelmente. Vae a uma viagem de negocio. Porque ?

— É preciso que elle não vá !

— Porque? Tu assustas-me!

— Porque o querem matar. Presta attenção ao que te digo ; isto é um segredo perigoso, que não deve transparecer : ha alguém que tenciona matal-o esta madrugada, na ponte de Santo Antonio. Só eu sei disso, além dos encarregados do crime ; por conseguinte, se descobrires alguma coisa do segredo, só eu pagarei pela tua indiscreção. O resto fica por tua conta ! Se não quizeres arriscar a vida de teo marido, evita que elle sáia esta madrugada !...

Virginia ficou afflicta.

— Adeus, disse Gaspar ! Faze o que te digo !

— Mas, attende, Gaspar. E se eu nada pudér conseguir? Esta viagem é muito urgente. Trata-se de salvar tudo o que possuímos. Paulo não me attenderá com certeza! valha-me Deus!

— Mas se te digo que se trata de salvar-lhe a vida!

— Porém, prohibida como estou de dizer-lhe que o querem matar, elle será muito capaz de me não attender!...

— Bem! nesse caso porás um signal á janella. Ás duas e meia passarei por ahi fóra ; se naquella sacada estiver um lenço embrulhado á maçaneta, é

que não obtiveste coisa alguma, e nesse caso tratarei eu de providenciar por outro lado.

— Pois bem ! disse Virginia ; mas porque o querem matar ? !

— É segredo... Mais tarde o saberás !

Gaspar sahio.

Paulo chegou á casa pouco antes de meia noite.

— Então, minha querida, está tudo prompto ? Mette estes pacotes em uma das malas.

Virginia approximou-se d'elle e deu-lhe um beijo.

— Paulo, disse ella ; tenho uma coisa a pedir-te...

— A pedir-me ?

— Sim. É uma coisa, que desejo muito, muito ! Uma coisa para o interesse de nós ambos !...

— É a respeito do pequenito ?...

— Não ; é a teu respeito : Não sáias hoje de casa, sim ?

— Sim, não sahirei hoje ; sahirei amanhã ás quatro da madrugada...

— Ou isso...

— Mas, afinal, o que tinhas tu a pedir ?

— Era isso mesmo. Desejava que transferisses esta viagem...

— O que ha ? temos alguma novidade ? sentes alguma coisa ? !...

— Não sinto, mas presinto... Faze-me a vontade, sim ?

— Ora, o que, filha ! Pois isso é lá coisa que se faça !... Não sabes que esta viagem é negocio muito serio ? !...

— Sei, sei ! mas é que...

— Deixa-te de tolices ! Ora, para que te havia dar !...

— Se soubesses...

— Se soubesse o que?...

— Sinto-me oprimida... Receio que te vá succeder qualquer desgraça! Não partas, eu t'o peço, meu amigo!

— Isso é nervoso! Olha: vae para o piano. Toca um pouco de musica, que a crize passa.

— Em todo o caso, se me quizeres fazer um grande serviço, não partas...

— Estás a brincar, Virginia; pois se te disse já qual é o interesse que me leva.

— Ora, não pode haver maior interesse do que o meu em que não vás!

— Com certeza, não fallas a serio...

— Fallo, meu querido, fallo! É rigorosamente preciso que não partas!

— Ora, adeus! Caprichos!

— Não são! juro-te!

— Então, o que vem a ser?

— Não te posso dizer!...

— Pois sim; mas vê que me não falte coisa alguma nas malas...

— Então, sempre estás resolvido a ir?...

— Pois eu desmanchava lá uma viagem, porque... porque entrou agora á noite no quarto alguma borboleta preta, ou...

— Afianço-te que tenho razões sérias para...

— Estás agora a inventar motivos! Perdes teu tempo. Eu vou.

As duas horas, Paulo não tinha ainda mudado de resolução. Virginia fôra gradualmente se tornando mais e mais afflicta; era já entre lagrimas que rogava ao marido para ficar.

Paulo impacientava-se.

A mulher pedia-lhe por tudo que desistisse da via-

gem: pelo seu amor, pelo amor da mãe delle e pelo do filhinho que ella tinha nas entranhas.

— Ora, adeus! disse Paulo asperamente e perdendo afinal a paciencia. Já me vae cheirando mal a brincadeira! Já te disse o que tinha a dizer! Cala-te!

E, passeiando pelo quarto, gesticulava irritado. — O que elle bem dispensava era massar-se antes de sahir!

— E pensas que estou muito satisfeita?! perguntou Virginia.

— Tolices! Estariam os homens bem avisados, se se deixassem levar pela phantasia de vocês mulheres!...

E, voltando-se para ella, disse-lhe em tom de ordem: — Não quero ouvir mais fallar aqui em semelhante coisa!

Ella passou-lhe os braços em volta do pescoço.

— Mas é que te querem matar, toleirão! Percebes? armam-te uma cilada! Eu não podia dizer tanto, porém tu me obrigas a isso!

Paulo soltou uma risada.

— Querem matar-me?... Tem graça! Porque?

— Sei cá porque!... O que sei é que vais ser aggreddido!

— Ora, minha mulher, a senhora afinal está ridicula!

O relógio marcou duas e meia.

— Enfim, sempre vais?! perguntou Virginia.

— Não me aborreças! disse Paulo, dando-lhe as costas.

Virginia correo á janella.

— Que fazes? perguntou-lhe o marido.



— Previno alguém de que partes, para evitar a emboscada.

— Que alguém é esse? Que diabo quer isto dizer?!

— Já te disse tudo o que podia; insistes em ir!...

— Mas, vem cá! conta-me o que ha!

— Ora, Paulo! se eu pudesse dizer mais, já teria dito!

— Onde está meo estojo d'armas?

— Naquella estante.

— Fica descansada. Se houver qualquer coisa, eu saberei defender-me!

E ás quatro horas, encaminhava-se Paulo Mostella para a ponte de Santo Antonio, apertando na mão um revolver de seis tiros.

As ruas estavam completamente desertas e silenciosas.

## X

### SANGUE

Gaspar, entretanto, ao perceber que Virginia amarrava o lenço na janella, perguntou-lhe da rua :

— Então? O que decidio teu marido?

— Vae! sempre vae! Não o pude convencer do contrario!

— Bem! disse o irmão.

E deitou a correr para o hotel. Temia já não encontrar Violante, mas, ao subir as escadas do Estaminet, vio luz nos aposentos da oriental; ficou mais tranquillo e entrou no seu proprio quarto, fingindo a melhor calma que pôde.

— Bôa noite, disse elle, em voz alta, para ser ouvido pela companheira.

— Bôa noite, Gaspar, respondeu Violante, com a voz meiga. Suppunha que se não recolhesse hoje...

— Ao contrario, estou cahindo de somno...

— Divertio-se?

— Fiz um passeio...

— Á Olinda?

— Não. A Caxangá.

-- Que tal ?

— Bonito.

— Você vae escrever ?

— Não ; porque ?

— Por nada . É que precisei do seu tinteiro, e esqueci-me de levá-lo de novo para ahi...

— Não preciso d'elle agora.

— Então bôa noite.

— Até amanhã, minha amiga.

E cada um apagou a véla de seu quarto.

Violante fingio que se preparava para dormir, enquanto Gaspar fazia, a cantarolar, justamente a mesma coisa.

D'ahi a meia hora, este obteve o que ambos desejavam conseguir — enganar o outro.

Eram tres horas, pouco mais ou menos. Então, Violante, descalça e cheia de precauções, abriu imperceptivelmente a porta do seu quarto e, tateando nas trevas, alongou para fora um dos braços.

Mas, na occasião em que ia a sahir, sentio uma nervosa mão segural-a pelo pulso.

— Onde vae ? perguntou Gaspar.

— Deixe-me ! impôz a oriental, com alvoroço na voz.

— Quero saber onde vae, minha senhora. Disse-lhe já quaes são as intenções que tenho a seu respeito, e creio que ellas me autorizam a semelhante exigencia !

— Dir-lhe-hei tudo depois ; agora não posso. Preciso sahir immediatamente.

— Não irá !

E Gaspar forçou Violante a entrar novamente para o quarto, e obstruiu a porta com o corpo.

— Com que direito se atreve o senhor a tanto ? !

— Com o direito do homem, que tem sido publicamente seo marido ; do homem, a quem a senhora prometteo a mão de esposa e a quem disse ser uma mulher honesta !

— Juro que não vou commetter nenhuma deslealdade ; além disso, desisto dos votos que fiz, desisto de tudo ! mas deixe-me passar, com todos os diabos !

Esta scena realisava-se no escuro. Gaspar deo volta á chave e, fechando-se com a oriental por dentro da alcova, riscou um phosphoro e accendeo a véla.

— Não sahirá daqui ! já disse !

— Ah ! que o senhor abusa ! rosnou Violante com um olhar terrivel.

— De que, minha senhora ?

— De minha paciencia !

E a oriental sacou o punhal do seio.

— Lembre-se de que, ao herdar este ferro, exclamou livida de colera ; já elle tinha servido muitas vezes ! Lembre-se de que com elle herdei igualmente o character de meo pae e o sangue de minha mãe ! Affaste-se, ou eu abrirei caminho !

— Pode abrir ! disse Gaspar, apresentando o peito. Já que vae matar o filho da mulher que lhe servio de mãe, é justo que primeiro assassine o filho daquelle que lhe servio de pae... É muito razoavel que os dous velhos se cubram de luto na mesma occasião. Vamos ! uma vez que tão depressa se apagou desse coração a memoria do honrado militar que a recolheo um dia ao seo amor, não é muito que lhe roube a ultima consolação da velhice... Mate-me ! Não me defenderei, porque não levanto mão contra quem amo !

Violante atirou para traz o punhal, e cahio aos pés de Gaspar :

— Perdôa, meo amigo, meo esposo, meo senhor !

Sei que sou má e que só mereço desdem e menosprezo dos homens sensatos, sei que és um moço generoso e leal, e que para mim só desejas o bem e a ventura; mas, deixa-me ir, por piedade! eu preciso descarregar do coração esta séde terrível, que se tem alimentado até hoje do meo proprio sangue; eu preciso arrancar da minha consciencia o desespero de não haver cumprido o meu voto! Deixa-me seguir o destino da minha raça, deixa-me dar de beber ao meo odio, e de mim farás depois o que entenderes! poderás desprezar-me á vontade, e eu te beijarei os pés e te servirei como escrava! Mas deixa-me ir! — o tempo urge! a hora da fortuna vae fugir! e amanhã o covarde sabe que o quero matar e esconde-se nos braços da mulher! Pelo amor que tens a teo pae, pelo respeito que te merece a memoria de tua mãe, deixa-me passar, meo amigo, meo protector!

Gaspar levantou-a do chão e amparou-a nos braços.

— Pois bem, vae! disse elle; mas, antes, deixa que te faça uma revelação suprema: Eu detesto Paulo Mostella; aborreci-o logo que me fallaste d'elle, e abominei-o encarniçadamente quando o vi pela primeira vez. Até ahi tinha por elle apenas um vago desprezo, mas ao vel-o, moço, forte, bonito e não repulsivo como o pintaste, odiei-o! odiei-o com ciume, com inveja, com desespero! Lembrei-me que Paulo te gozou como eu nunca te gozarei, porque o miseravel multiplicou os teos encantos com os mysterios do crime e com as allucinações do vicio! Gozou-te pelo prisma do prazer pelo prazer, sem consequencias, sem tedios, sem obrigações positivas; colheo com a bocca, entre sorrisos, a flôr do teu temperamento meridional, e deixou na haste os espinhos, para que eu nelles sangrasse depois meo coração e meos la-

bios ! Por isso o excrei com todo o ardor da minha vaidade de homem e do meu egoismo de macho ! Quería vel-o cahir aos golpes do teo punhal, porque a sua morte seria a minha vida ; matando-o tu, eu te amaria muito mais ! Porém não posso consentir em tal : esse homem que odeio, esse monstro que te enganou, é meu cunhado e é o marido de Virginia, minha irmã mais moça ! Matal-o seria matar a mulher, porque ella o adora com todo o enthusiasmo do primeiro amor e da primeira maternidade ! E como posso eu ser cúmplice na viuvez de Virginia, no luto de meo pae e no sacrificio do seo primeiro neto ? !

E Gaspar, segurando a oriental pela cintura, accrescentou com a voz supplicante :

Vê, reflecte, minha doce amiga, minha estremeçada companheira ! Disse-te francamente os motivos porque não consinto que realises os teus planos de vingança ; confessei-te tudo, e peço-te agora com amor, com humilhação, que sacrifiques ao bem de minha familia alguma coisa da tua supposta ventura... Só no caso de não attenderes ás supplicas de teu malaventurado amante, é que o irmão de Virginia defenderá do teu punhal o marido de sua irmã !

— Não será preciso, respondeu Violante, affastando-se. Uma vez que Paulo Mostella é necessario á felicidade de teu pae, elle viverá. Minha mão jamais se levantará para o ferir. Podes ficar tranquillo...

— Obrigado ! obrigado ! exclamou Gaspar, atirando-se aos pés da oriental. Bem sabia eu que em teu coração não tinha morrido ainda a idéa do bem e da justiça ; obrigado ! obrigado, minha amiga !

— Não me agradeças coisa alguma. Eu cumpro um destino...

E mudando de tom :

— Désce, vae á rua e dize ao homem que lá está á minha espera, que já não preciso d'elle. Dá-lhe dinheiro e ordena-lhe que nunca mais me appareça.

Gaspar desceu a escada a tres e tres degrãos.

Ao voltar ao quarto de Violante, soltou um grito; a bella mulher estava estendida no tapete, aos pés do leito, e seu collo nadava em sangue.

Apunhalára-se.

— Perdôa-me! disse ella, offegante, ao ver entrar Gaspar. Eu sou uma desgraçada! Reconheço que é máo tudo o que commetti, mas não estava em mim poder evital-o... Não sei odiar de outro modo. Meu odio só se pode esvahir em sangue... Estou agora mais alliviada... parece-me ver correr do proprio peito a colera vermelha e ardente, que dentro d'elle se tinha accumulado... Ai! quanto me desaffronta o sangue que derramo! Sinto-me melhor... mais propensa á piedade... Vou comprehendendo toda a razão das tuas palavras, meu bom companheiro... Cerram-se-me os olhos, desfalleço, como se adormecesse no enlevamento de um amor idéal... Já vejo assomar além, por entre as névoas que me ensombram, o vulto singello e casto de teu pae... Elle sorri para mim... envolve-me toda no seu olhar compassivo e doce... Não me despertes...

E a oriental deixou pender a cabeça, e desfalleceu. Gaspar correu aos seus apparatus chirurgicos e apresou-se a tomar-lhe a ferida. Mas a mão tremia-lhe, o coração saltava-lhe dentro com força, e as lagrimas corriam-lhe dos olhos em borbotão. Comtudo, o medico operava, e Violante vivia.

Gaspar passou a noite a medical-a, em companhia de um collega que se fôra buscar.

No dia seguinte, ella abriu os olhos e recuperou

a falla. Suas primeiras palavras foram para pedir agua. Gaspar negou-lh'a. A infeliz tinha a voz muito fraca, pallidez mortal, e uma profunda melancolia espalhada por todo o semblante.

Gaspar estava ajoelhado á cabeceira da cama em que a depuzera. O outro medico já se tinha retirado.

Os dous amantes ficaram largo tempo a se olharem com a mesma tristeza. Ella passou-lhe depois a mão pelos cabellos e chamou a cabeça d'elle para seu collo. Gaspar não podia articular uma palavra; as lagrimas corriam-lhe apressadas e quentes pela barba.

— Como tu és bom, meu amigo ! como tu merecias ser feliz !...

— Não estejas a fallar, que isto te faz mal... observou Gaspar, no fim de alguns instantes. Vê se socegas. Eu fico aqui, ao pé de ti...

— Sim, sim ; mas preciso muito que me faças um grande favor : manda chamar um padre. Eu quero casar-me contigo antes de morrer.

— Tu não morrerás !...

— Sim, mas manda chamal-o...

O padre veio, e cumprio-se a cerimonia. Depois Violante exigio que se lavrasse um documento assignado por ella, declarando o modo pelo qual morria.

Ficou tudo feito. Era ella a que parecia menos afflicta.

— Bem ; disse, quando vio que já não precisava dos estranhos ; deixem-me agora com meu marido...

Ficaram a sós os dous.

— Vem cá, balbuciou ella, tomando as mãos de Gaspar ; vem dar-me o teu primeiro beijo... Chega-te mais para mim !... Affaga-me ! dize-me as ternuras que reservavas para a nossa noite de nupcias, falla-me do nosso pobre amor ! Tu choras, meu amigo ?... En-



tão sempre é verdade que me amavas muito?... Sim! bem sei que era!... E teu amor foi sempre puro e consolador como uma bôa acção. Não me reprehendas; deixa-me conversar contigo!... Colloca teu braço debaixo da minha cabeça... Assim! Mas a ferida começa a doer-me muito! Se me desses um pouco d'agua! Tenho uma sêde horrivel! Ai! quanto custa morrer!...

— Não te afflijas, Violante! Não falles em morrer! Havemos ambos de gozar ainda do nosso amor em plena exuberancia da vida!

— Gaspar, disse ella; dá-me de sobre aquella commoda uma caixinha de xarão que lá está. Bom! é isso mesmo. Toma esse leque para ti, é de sandalo; foi o unico presente que me fez Paulo, além da nossa desgraça... Fica-te com elle; conserva-o depois da minha morte, como uma lembrança de tua esposa... Agora, apanha o meu punhal e guarda-o bem para o entregares a meu filho, logo que este se emancipe. Peço-te que a meu filho nunca desampares. Elle, coitado! desde que eu feche os olhos, só a ti terá no mundo; dá-lhe um pouco do teu coração, e cria aquella alma com a substancia do teu amor e do teu character. Educa-o á tua semelhança, faze delle um homem honrado. Conta-lhe a historia desse punhal, e ensina-lhe a não odiar a memoria de sua mãe... Tu serás o pae de Gabriel... Elle é rico; incumbete de todos os seus interesses... nunca o abandones, continúa nelle a obra de teu pae em mim principiada e...

Mas Violante interrompeu-se com um grito agudo.

— Sinto-me convulsionada! exclamou ella. Meu Deus! já será a morte?!... Gaspar! Gaspar! vê se me obtens mais um bocado de vida! Tu és medico! Então?! Mas o que?! — choras desse modo?!

E Violante, com um novo grito, estirou-se em todo o comprimento da cama ; entesou os braços, deixou cahir para traz a cabeça, e deu um arranco surdo e muito prolongado, que se foi transformando em um gemido doloroso e profundo e lhe foi morrendo na garganta, lentamente, lentamente...

Duas lagrimas, grossas e mornas, correram-lhe pelo marmore das faces, como os ultimos restos da vida que a abandonava.

Gaspar dobrou os braços sobre a commoda e abafou com as duas mãos os seus soluços.

Estava tudo consummado ! De suas esperanças, de seu amor, de seus sonhos de felicidade, só restava alli aquelle corpo inanime, que ia desaparecer para sempre !

— Pobre mulher ! disse elle, ajoelhando-se ao lado do cadaver ; pobre mulher, que amei sem possuir, e que possui sem gozar ! Tinhas no teu sangue todo o veneno do odio e todas as doçuras da dedicação e do sacrificio ! Porque havia a porção má de estrangular a outra ? Porque não fizeste vingar em proveito do nosso amor as açucenas da tua ternura?... porque as deixaste tão expostas ao fogo do teu temperamento?... E vais partir, minha pobre esposa ! vais partir, sem me teres dado o meu quinhão de felicidade a que tinha direito como teu marido ! Partes, quando eu mais me ligava a ti pelo casamento, pelo dever, pela dignidade ! O que fiz eu para merecer os tormentos que soffri a teu lado?... para que guardei eu á vista, com tanto empenho, o thesouro da tua belleza, se o guardava para a sensualidade do sepulchro?!...

E Gaspar deixou-se ficar abraçado ao cadaver de Violante, com a cabeça escondida no montão negro dos cabellos della.

E assim ficou longamente, sem percepção do que se passava em torno, sem consciencia do tempo, nem do logar.

Só volveu a si quando alguém lhe tocou no hombro.

Voltou-se com os olhos afogados em lagrimas. De frente delle estava o coronel.

— Meu pae! Estarei sonhando?!

— Não, disse o velho. Abraça-me, e depois explica-me o que tudo isso quer dizer...

## XI

### A MOFINA

Gaspar contou francamente ao pae tudo o que se passára entre elle e Violante.

O pobre velho commoveu-se com as desgraças do filho e lamentou o triste fim daquella infeliz rapariga, que elle, vinte annos antes, havia recolhido da miseria em Montevidéo.

— Mas, porque não me escreveste a respeito della? perguntou o coronel, impressionado por não ter podido evitar tanto infortunio.

— Tencionava fazel-o juntamente com o pedido do seu consentimento para a nossa união...

— Em todo caso, cumpre-nos tratar do mais urgente: Vou d'aqui á casa de Virginia; para lá irá o cadaver, e de lá sahirá o enterro. Paulo está fóra, mas é o mesmo. Tu ficas aqui; eu voltarei com os homens necessarios para transportar o corpo. Até logo. Coragem!

O enterro fez-se com effeito no dia seguinte pela manhã, por um tempo abafado e triste.

Gaspar, a partir d'ahi, parecia dominado por um

desgosto profundo, que nunca mais o abandonaria. Tornou ao-hotel; apoderou-se dos objectos que pertenceram á fallecida, e installou-se em casa da irmã, sepultando-se no quarto, sem animo para nada.

— Tu tens que mudar de vida! disse-lhe o pae. Seguiremos quanto antes para o Rio de Janeiro; preciso de ti ao meu lado. Estou só. Anna mora lá com o marido; esta tambem cá está com o seu, e não tenciona repatriar-se tão cedo... por conseguinte, só me resta a tua companhia, e eu não a posso dispensar. Sinto-me velho e desamparado. Meus negocios vão ultimamente de mal a peor; minhas especulações falharam todas; fiquei reduzido ao simples soldo! Não tenho uma commissão, nem esperança de obter coisa alguma; não ha quem se empenhe por mim... E, além de tudo isso, meu filho, soffro uma guerra implacavel, uma guerra cruel, e sem saber de quem!

— Como assim?...

— Refiro-me a certas mofinas, que de bons tempos a esta parte se publicam invariavelmente duas vezes por mez no *Jornal do Commercio*. É uma infamia! dizem o diabo de mim! Chegaram já a chamar-me ladrão!

— Mas quem será o auctor dessa perfidia?... perguntou Gaspar, indignado.

— Sei cá quem é! respondeu o pae, sacudindo os hombros. Não me dóe na consciencia haver feito mal a ninguem; não tenho em minha vida glorias taes que possam despertar inveja; nunca pratiquei baixezas, nem commetti crimes, que pudessem levantar a indignação ou o odio de quem quer que seja... Digo-te com franqueza que não sci absolutamente a quem possa attribuir semelhante coisa! Mas o que te affianço é que o tal auctor das mofinas nãs se descuida... Tudo

deixará de apparecer, menos uma injuria contra mim no dia quinze e no dia trinta de cada mez. Já tenho, por todos os modos, procurado ver se descubro a quem devo tão estranha perseguição, mas qual! o miseravel esconde-se devéras.

— Ora, havemos de ver se o descobriremos ou não. E juro-lhe, meu pae, que, se o não descobirmos, quem m'as ha de pagar é o redactor do jornal!

— Bem! bem! mas não é disso que se trata agora! observou o coronel. O que desejo saber é se podes seguir para o Rio no primeiro vapor...

— Posso, mas não para ficar de vez, porque tenho ainda o que fazer em Montevidéo; tenho que proceder ao inventario dos bens de Violante em beneficio de meu enteado. Só depois de tudo muito bem disposto, é que poderei voltar para o Rio de Janeiro e fazer-lhe companhia. Porém, de tudo, o que me parece mais rasoavel é que o senhor venha commigo dar um passeio á Republica Oriental...

— Não! Estou cansado e quero morrer onde nasci; além de que, ficando na Côrte, verei sempre a minha querida Anna, o que me fará bem. Em todo caso, meu filho, se os teus interesses te aconselham que abandones o Brasil, não serei eu que a isso me opponha, posto que precise como nunca de ti ao meu lado. Não quero prejudicar-te.

— De forma alguma, meu pae; terminado o que tenho a fazer em Montevidéo, mudo-me definitivamente para o Rio, e ahi viveremos juntos. Tenciono dedicar-me exclusivamente á minha profissão de medico.

Partiram no primeiro vapor, e Gaspar seguiu para Montevidéo. Tratou este logo do inventario, ficando Gabriel patrimoniado com trezentos mil pezos ouro.

O padraсто pensou em retirar-se com elle para o Brasil.

O filho de Violante orçava então pelos oito annos ; era um menino sadio, forte e bem tratado. Gaspar é que não parecia o mesmo. Nada o distrahia, nada conseguia espantar o bando de aves negras do seu tedio. Passava uma vida concentrada e aborrecida ; tudo lhe trazia á idéa a sua pobre Violante, deixando-lho o coração embebido em uma saudade immensa e desesperadora. Tinha elle então seus vinte e sete annos e parecia ter muito mais ; estava magro, com grandes olheiras. Entre todos os rostos formosos das mulheres de Montevideo, nem um só havia que lhe chamasse um pouco de luz aos olhos, ou um pouco de riso aos labios. Seu unico prazer, sua consolação unica, era ter Gabriel nos braços.

A bella criança, apesar de loura, lembrava muita coisa da mãe. Os olhos rasgados e pestanudos da oriental alli estavam com o filho como preciosas joias herdadas da familia.

Gaspar ficava horas esquecidas a fital-os, nem que se procurasse descobrir nelles a alma da sua amante. Só aquella criança tinha o magico poder de interessal-o e distrahil-o. Dedicava ao pequeno a maior parte de seu tempo, e por tal forma foi tomando por elle uma amizade tão profunda e exclusiva, que acabou por fazer de Gabriel todo o cuidado e toda a preocupação da sua vida.

Passaram-se dous annos. Durante esse tempo, Gaspar havia dado, com o maior amor e a mais paternal paciencia, as primeiras lições ao querido orphão. Seus negocios estavam concluidos ; partio com elle para o Rio de Janeiro.

O coronel, como todos os que tinham d'antes

conhecido Gaspar, espantou-se com o aspecto d'este; vinha o desgraçado relativamente velho. Nos ultimos tempos entregava-se com exagero ao estudo da medicina e andava a farejar doentes pobres, que curava de graça.

Foi morar com o pae, na velha propriedade que o coronel possuia em uma das mais escusas travessas do Catette, e lá vivia ao lado de Gabriel. Começaram então a distinguil-o pela alcunha de « Medico Mysterioso. »

Elle proprio se tinha encarregado ainda da instrucção primaria do enteado, e dedicava a esse trabalho grande parte do seu lazer. Gabriel o estremecia loucamente.

E o tempo decorria.

Gaspar era já apontado no Rio de Janeiro como um typo singular. Parecia um Positivista orthodoxo. Viam-no passar sombrio e sinistramente calmo, pallido e mysterioso, de olhos fundos e fixos, porte elevado e magro, um tanto curvado, a conduzir pela mão uma criança, em cuja physionomia, aliás fresca e pura, se reflectia já a sombra da melancolia que lhe projectava o inseparavel companheiro.

Levavam os dous uma vida bem concentrada e tibia! Gaspar, que se tornára secco para com todos, gastava, entretanto, boas horas a discorrer com o pupillo. Ouvia-o com toda a attenção. Conversavam, discutiam, como se fossem dous amigos da mesma idade. Entre elles não havia segredos, tratavam-se por tu, e liam commummente os mesmos livros.

Ao lado delles definhava o coronel, cujo destino mais se decompunha de dia para dia. Por este tempo, como para o prostrar de todo, falleceu Anna, a sua filha mais velha, casada com o empregado publico,



o inconsciente rival do commandador Moscoso.

E o viuvo de Anna ausentou-se para Cantagallo, doente e triste. A molestia da mulher comera-lhe muito dinheiro e o obrigára a tomar compromissos superiores aos seus recursos; além disso, a falta de saude o forçava a prolongar uma licença sem vencimentos.

Fazia má impressão vel-o com a sobrecasaca poída do uso e das teimosas escoriações, com os seus sapatos remontados, o seu espinhoso collarinho a arranhar-lhe as cordoveias do magro pescoço com as caprichosas franjas dos fiapos do linho.

O commendador Moscoso sorria de vaidade ao vel-o passar, tossindo e arrastando aquelle ar de indigencia.

— Aquillo mesmo já era de esperar! dizia. Olhem só que typo! A mulher lá ficou morta! naturalmente de maos tratos!... Talvez de fome!

E, para gozar um triumpho completo, meditou os meios de tirar o emprego ao pobre diabo.

A coisa não seria difficil: o commendador tinha boas amisades, alguns figurões tomavam chá em casa delle. O rancoroso deu a entender que desejava empregar no lugar do viuvo de Anna um seu afillhado, e o genro do coronel recebeu em Cantagallo a noticia de que, a pretexto de abandono de emprego, lhe haviam lavrado a demissão.

O infeliz esteve a perder a cabeça.

E todas estas novas malaventuras affligiam consideravelmente o pae de Gaspar. Era justamente por occasião d'ellas, que as taes mofinas do *Jornal do Commercio* recrudesciam de mordacidade.

Aquella perseguição covarde e mesquinha, pingando-lhe todos os mezes duas gottas de fel no cora-

ção, acabára no fim de alguns annos por encher-o de um grande desgosto, que lhe estragava de todo o resto da existencia.

O commendador torcia-se de goso com os effeitos de semelhaute vingança.

O pae de Gaspar ultimamente confessava já a sua amargura, quando lia uma das taes mofinas. Elle e o filho empregavam todos os esforços para descobrir quem seria o infame detractor, nada porém conseguiam : O *Jornal do Commercio* guardava segredo, e o testa de ferro, o Romão José de Lima, estava prompto a surgir, desde que o injuriado chamasse o jornal á responsabilidade. Ninguem sabia explicar aquillo, mas afinal já liam todos as chacotas do commendador, e muitos parvos já gostavam dellas e já as esperavam com a risadinha prompta.

Quando o viuvo de Anna foi demittido, o *Jornal do Commercio* publicou as seguintes palavras :

« Não podemos deixar de dar ao nosso velho amigo, o coronel Pinto Marmelo, os mais bombasticos parabens pela prova de consideração que o governo acaba de manifestar-lhe, lavrando a demissão de seu condigno genro — o Marmelada. Foi uma medida justa e bem acceita !

« Consta que o Marmelada de ora em diante, á falta de outro meio de vida, passará a tocar realejo na rua, e não sabemos se o sogro, que tambem anda por baixo, o acompanhará, fardado ou vestido de mono.

« Deve ter graça ! cá estamos nós para apreciar.

*A Sentinella.* »

E havia quem admirasse a constancia do auctor de taes sensorias, sem ninguem prever o formidavel escandalo que com ellas se armava, como daqui a pouco terá o leitor occasião de verificar

## XII

### COMO E ONDE CRESCER AMBROSINA

O viuvo de Anna ficou desde então conhecido pela alcunha de « Marmelada. »

Gabriel, feitos alguns preparatorios na Córte, seguiu para S. Paulo em companhia de Gaspar, que o destinava a matricular-se na escola de direito.

E em quanto para esses se arrastava a existencia desse modo, corria a vida petulante e fagueira para a gente do commendador.

Bem differentes eram os dous destinos !

O commendador Moscoso, segundo os calculos que o leitor se dará ao trabalho de fazer, era casado havia já quinze annos, pois ha quatorze dera-lhe a sua Genoveva uma filha, a quem baptisaram os dous com o doce nome de Ambrosina.

Ambrosina era uma mocinha pallida, de cabellos negros e crespos, labios sensuaes, dentes muito brancos, mãos finas, compridas e transparentes. Um todo lymphatico. Tinha os hombros estreitos, levemente contrahidos, como por uma constante sensação de frio, os braços longos e fracos.

Aos doze annos ainda se não lhe percebia que havia de ter seios, mas em compensação, possuia já um par de olhos retintos, tão bem guarnecidos e tão bellos, que faziam, só por si, toda ella ficar bonita.

O commendador babava-se pela filha e não media dinheiro para lhe dar o que elle chamava uma bôa educação : o bello mestre de francez, mestre de piano, mestre de canto, mestre de dança, mestre de grammatica e de rhetorica.

Ambrosina, entretanto, logo que começou a fazer-se rapariga, dava-se, com mais amor do que a tudo isso, á leitura dos romances francezes. Sabia de cór a *Dama das Camélias*, o *Raphael*, *Olympia de Clèves*, *Monsieur de Camors* e outras quejandas encantadoras vias de corrupção. Muita vez tinham que lhe guardar o jantar, porque ella não queria largar o diabo do livro!

O pae dizia-lhe :

— Olha lá, minha joia ! não vá isso fazer-te mal !... mas não se animava a contrarial-a.

Ella não lhe dava ouvidos, e apparecia ás vezes visivelmente excitada, com os olhos lacrimosos, o ar cheio de fastio, de má vontade e de maos modos.

A mãe acudia-lhe com reprehensões, porém o pae intervinha a favor da filha, e acabava sempre, para a esta tranquillisar de todo, lhe promettendo trazer um vestido novo e quatro velhos romances de Alexandre Dumas.

— Você está mas é estragando a pequena com essas bobagens ! dizia Genoveva ao marido, com uma voz molle, como se sahisse de uma bocca de manteiga. Eu nunca tive desses mimos !...

— E é justamente por isso que é quem é ! replica-va o commendador, pondo em sua phrase uma intenção subtil e profunda. *Le monde marche*, minha rica

senhora! e se fossemos a ser o que foram nossos avós, você seria a estas horas... nem sei mesmo o que!...

— Se eu fosse o que foi minha avó, seria muito boa lavadeira. Minha mãe dizia constantemente que minha avó era a melhor lavadeira do Rocio Pequeno!

— Ora, não esteja aqui a dizer blasphemias! reprehendia o pae de Ambrosina, a olhar para os lados. A senhora não sabe ao certo o que é, quanto mais o que foi a sua avó torta! Ora, pele amor de Deus, dona Genoveva!

A Genoveva affastava-se, sem animo de protestar contra os remoques do marido. — O diacho do homem sempre tinha uns repentés! Credo!

E assim cresceu Ambrosina e fez-se mocetona, entre os enervantes zelos do pae e as inercias do amor de Genoveva.

Reunia-se gente quasi todas as noites em casa do commendador, e fazia-se um cavaco antes do chá. Ambrosina solfejava ao piano; as visitas fumavam ou bebiam cerveja, e o dono da casa fallava de politica ou de negocios.

Entre essa gente destacava-se D. Ursulina, casada com um negociante inglez, que se tornava muito notavel entre os de sua raça, porque jamais ia além do primeiro copo. Tinha o casal duas filhas, uma das quaes fazia as delicias dos rapazes namoradores, e a outra os cuidados da mãe, que enxergava nella, com olhos experimentados, todas as qualidades precursoras de um eterno celibato.

A namoradeira chamava-se Emilia e acudia ao chistoso nome de Nhanhan Miló; a outra era pura e

simplesmente Eugenia. Uma bonita, e a outra sympathica.

Miló era travessa, alegre, faceira; tinha os olhos vivos, a lingua solta, o pé ligeiro e um moreninho delicioso. A outra era tristonha e pallida, de olhos azues, os movimentos compassados, os gestos frios; entreteinha-se esta em casa a ler revistas inglezas, á noite, antes do chá, em quanto Miló cantarolava uma modinha ao piano ou ia para o portão da chácara ver quem passava na rua. Emilia puxára á mãe; Eugenia sahira ao pae.

Da familia, a mais tóla era Ursulina, cuja conservação dos seus fugitivos dotes de belleza a trazia em constante e ridiculo sobressalto.

O marido nunca déra por isso. Fôra sempre um verdadeiro negociante inglez — secco, aspero, sem bigode, fallando portuguez a socos, e mostrando-se systematicamente indifferente a tudo que não fosse de interesse pratico.

Á noite lia o *Times* ou jogava o *wist* com Eugenia, a sua filha predilecta.

Ainda convem citar dous typos da roda fiel do commendador :

Um era o Reguinho. Rapaz de vinte e tantos annos, filho de um fazendeiro estúpido e rico, que lhe fornecia dinheiro para a pandega. Muito conhecido; todos sabiam das suas asneiras e até de uma ou outra estrangeirinha, mas ninguem lhe ia ás mãos por isso.

A sua linha mais accentuada, a sua mania, a sua molestia, era a mentira. O Reguinho mentia por habito, mentia por indole, por gosto; mentia, porque mentia. Não estava em suas mãos proceder de outro modo : elle ás vezes, coitado! não tinha intenção de dizer senão a verdade mas era bastante que suas

palavras produzissem algum effeito em quem as escutasse, para vir logo a primeira mentira, abrindo a porta a um chorrilho dellas. E eil-o a augmentar, a exagerar, a metter no assumpto episodios falsos; a dizer, emfim, aquillo que não era, e a mentir.

Um dia, encontrou elle na rua o infortunado viuvo de Anna, a quem conhecia de longa data. O pobre de Christo, desde que perdera o emprego, vivia por ahi aos paos, comendo a maior parte das vezes em casa do sogro cu nas aguas de alguma velha amisade de melhores tempos.

— Vem cá, homem! como vais tu? disse-lhe o intrujão, batendo-lhe no hombro.

O Marmelada queixou-se da sorte com uma resignação tetrica.

— Andas apoquentado, meu... (Queria dizer-lhe o nome, mas não se lembrava delle) — Como é mesmo que te chamas?...

— Já nem de meu nome te lembrás!... Tambem o que ha nisso de extraordinario? outros nem sequer me conhecem mais!...

O Reguinho deu a sua palavra de honra em como se esquecia do nome de toda gente.

— Chamo-me Alfredo da Silva Bessa...

— É isso! é! Mas tu estás desempregado, hein, meu Bessa?

Marmelada meneou affirmativamente a cabeça num desanimo sombrio.

O outro accrescentou :

— Pois tenho um emprego ás tuas ordens... É negociosinho para de prompto metteres na algibeira um bom par de notas de cem! Estou convencido de que m'o não recusarás!...

O rosto livido do Marmelada illuminou-se de um clarão de esperança.

— Um emprego?! interrogou elle, acompanhando ancioso os movimentos do Reguinho.

— Por ora, tens duzentos mil reis por mez... disse este; não te podemos dar mais!... Porém em breve ganharás o duplo e terás interesse na empresa!...

Alfredo ouvia estas palavras como se despertasse ao toque de uma alvorada celestial.

— Pois sim! pois sim! balbuciava o infeliz; mas do que se trata?

— É uma empresa que estou creando com meu pae...

O nome do pae era quasi sempre o fiador das patranhas do Reguinho.

— Ainda te não posso dizer abertamente qual o fim da nossa empresa, ajuntou este; mas descansa, que a coisa é decente e lucrativa. Sabes que o velho não se metteria, se o negocio me ficasse mal!... Emfim, meu Bessa, seremos tres : elle, eu e tu. O velho fornece os cobres, eu agencio cá por fóra os nossos interesses, e tu te encarregas do escriptorio e da caixa, farás ferias aos empregados, serás o gerente. Heim? serve-te? Espero que me não digas que não!

— Ao contrario! já te não largo! Ó meu Deus, foi uma fortuna encontrar-te! Vou daqui ao Raposo, dizê-lhe que em breve principio a dar-lhe por mez alguma coisa por conta do que lhe devo, e mandarei ao depois fazer um fato, que este é uma vergonha!...

— Um fato! Havemos de fazer o diabo! dizia o Reguinho em ar de mysterio. — Queremos dinheiro, cebo! tu entras só com o teu serviço. Quer-se è zelo e intelligencia!... Quanto a considerações e escri-



pulos. — nada! Tudo para o fundo da gaveta! — Queremos dinheiro! cebo!

Mas affastou-se, correndo atraz de um sujeito que passava na occasião.

— Até logo! gritou para o Marmelada. Preciso fallar áquelle rapaz. Ó Lima! Ó Lima!

E desapareceu.

Alfredo não poude seguir logo, tão grande commoção se havia d'elle apoderado.

Entretanto, tudo o que dissera o Rego não tinha o menor fundamento.

O outro typo a apontar da roda do commendador Moscoso, era o Mello Rosa; moço da mesma idade do Reguinho. Vivia este da esperanza de umas tantas peças dramaticas, que havia de escrever com muito talento, desde que tivesse de seu um bom bocado de tempo.

Fallava nesses trabalhos, como se já os houvera realisado. Surgia sempre, com um rôlo de papeis de baixo do braço, a singrar, muito apressado, por entre os magotes da rua do Ouvidor. Quem o não conhecesse de perto, diria que elle levava uma vida cheia de cuidados e fadigas.

Á noite, chovesse ou não, encontravam-no impetivelmente na caixa dos theatros. Tinha nelles entrada franca e dava-se com todos os artistas do Rio de Janeiro.

Alguns destes o tratavam com uma liberdade grosseira, batiam-lhe no hombro e diziam-se chufas. Era, entretanto, considerado pelas actrizes como typo util. Tinha intimidade com muitas; viam-no ás vezes acompanhar alguma dellas para o ensaio, prestando-lhe os mais sollicitos serviços; encárregavam-no de fazer compras, confiavam-lhe dinheiro, com que elle rega-

teava nos armarinhos, mercando luvas, fitas, rendas e chapéus. O dinheiro nas mãos do Mello chegava para tudo! Dava para comprar o objecto e ainda para um troco, que o typo levava religiosamente á dona da commendanda.

E, por isso e outras coisas, era bem tratado pelas mulheres. Comia, bebia e fumava com ellas, sem que nenhuma lhe exigisse tributos de outra especie.

Este, como o Reguinho, apresentava a melhor apparencia deste mundo — fraque, chapéu alto, lunetas e bigode.

Foi o Reguinho quem o apresentou em casa do commendador Moscoso, impingindo-o como auctor de varias peças litterarias e collaborador de varios jornaes.

O commendador affirmou que já o conhecia muito de nome, e certa noite, em que o Mello appareceu mais cedo para o cavaco, aquelle o tomou pelo braço e disse-lhe ao ouvido :

— Você é quem me podia prestar um serviço...

— O que quizer, commendador!

— Você é um moço intelligente, e estou convencido que será capaz de guardar um segredo...

Mello compoz o ar e respondeu :

— O commendador já tem tempo para apreciar o meu character!...

— Sim, mas olhe que o negocio é muito sério!...

— Pode confiar de mim sem receio!

— Promette então guardar segredo?...

— Dou-lhe a minha palavra de honra!

— Pois vamos cá ao gabinete, e você ficará sabendo do que se trata...

E os dous encerraram-se no grave escriptorio do commendador Moscoso.

## XIII

### AS VICTIMAS DO COMMENDADOR

— Eu sou o auctor daquellas mofinas contra o coronel Pinto Leite... segredou o commendador, fechando a porta.

O Mello, por unica resposta, deu um longo assovio e estalou os dedos no ar. O commendador aproximou-se mais d'elle, e disse-lhe ao ouvido.:

— Precisamos esfregar em regra aquelle sujeito!...

— Schit!... fez Mello, cheio de movimentos mysteriosos.

E, depois de uma pausa, o commendador contou uma historia muito engenhosa a respeito dos vicios, da maldade e da hypocrisia do pae de Gaspar.

— Ora, que typo!... dizia de vez em quando o homem dos rôlos de papel; e passava a lembrar planos soberbos e meios ardilosos de estigmatizar o coronel. Continue a ataca-o pelo ridiculo! Ataque-o pelo ridiculo, e verá o effeito! Olhe! lembra-me até agora uma coisa. Caricaturas! Não seria máo caricaturar o birbante!...

— Não! não! vamos mesmo pela mofina. A cari-

catura é dar-lhe muita importancia!... E você é quem me ha de arranjar umas boas mofinas... Eu, confesso, estou esgottado! Dezesete annos de mofina não são nenhuma brincadeira!...

— Ora, se as arranjo! É o meu genero! eu tenho a veia da satyra! Na piada de doer ninguem me leva a palma!

— Pois arranje, arranje, que você não será com isto prejudicado. E quando precisar de alguma coisa para as despezas, é dizer! que nós estamos neste mundo para servir uns aos outros...

— Deixe-o por minha conta!

— Mas...

E o commendador levou o indicador aos labios : — Nem pio!...

— Sou então alguma criança?... A alma do negocio é o segredo!...

— Pois ficamos entendidos... E vamo para a sala, que supponho já lá estar alguem.

E sahiram do gabinete, a conversar disfarçadamente em outro assumpto.

A mofina immediata a essa conversa foi terrivel. O coronel, ao lel-a, sentio tal assomo de colera, que cahio prostrado em uma cadeira, da qual tiveram que o conduzir para a cama.

Gaspar havia poucos dias antes partido para Petropolis, e só quem appareceu á noite em casa do doente foi o Alfredo Bessa, o empregado publico demittido.

Entrou sinistramente, com o seu profundo ar de miseria; estava cada vez mais acabado, mais achacoso e mais triste.

— É você, meu genro?... perguntou-lhe da cama o pobre velho, ao vel-o entrar. Seja bem apparecido... Eu estava muito só!...

E accrescentou, depois de um silencio, meneando funebremente a cabeça : — Não sei que diabo de terror a todos incute a idéa da sepultura!... Á proporção que vae a gente se approximando della, vão rareando os companheiros e os amigos!...

Alfredo atravessou a sala com o seu passo discreto e medido, pousou cuidadosamente o velho chapéu de copa alta sobre um traste, e foi collocar-se á cabeceira do coronel.

— Então, que historia foi essa?... perguntou elle ao doente, com um sorriso que pretendia animar, mas que só conseguia entristecer.

— Ora, o que ha de ser? São aquellas maldictas moínas, que ha tantos annos me perseguem, como se eu fosse algum malvado!

E possuindo-se de colera :

— Com todos os diabos ! será possível que tenha eu inspirado um odio tão grande e tão rancoroso, que, ao cabo de tanto tempo, em vez de extinguir-se, recrudesça com mais furia?! Mas, com um milhão de metralhas ! qual foi o meu delicto? A quem prejudiquei em meu caminho? a quem tirei o pão? a quem roubei a honra? a quem procurei arrancar a vida?!

E voltando-se para o genro, exclamou, agoniado e febril : — Dou-te minha palavra de honra, meu bom amigo, que não me dóe a consciencia de haver feito mal a ninguem ! Ás vezes perco a noite em cogitar de quem será o dedo que trama na sombra esta lucta implacavel contra a minha tranquillidade!... Não atino, não acerto! Ah! não poder eu descobrir, não poder esmagar nestas velhas mãos o reptil infame, que me róe as entranhas !

E o coronel repisou, com uma grande excitação :

— Esmagava-o ! Juro que o esmagava !

— Está bom, está bom! não vale a pena exaltar-se... O calumniador ha de ser descoberto! O que se faz neste mundo que se não venha a saber?...

— Palavras! e só palavras! Sinto que vou já resvalando para a cova, e que afinal rolairei por uma vez, sem descobrir quem foi o infame que me amargurou os ultimos annos de minha vida!

— Lá voltam as idéas tristes! observou Alfredo. com um gesto de reprovação. Conversemos n'outra coisa. Veja se affastø do espirito semelhantes pensamentos...

O coronel contiuiu, sem fazer caso das palavras do genro :

— Presinto debaixo dos pés a aridez pavorosa do meu proprio despojo... Já preciso olhar para traz, quando quero olhar para a vida. Sinto-me só e a solidão me aterra; procuro em torno de mim os affectos que me aqueceram e consolaram o coração n'outros tempos mais felizes, e só vejo sombras fugitivas e vaporosas!... Onde estão meus rudes companheiros de trabalho?... onde estão meus amores da mocidade?... onde foram desabrochar os lirios que plantei no lar, contando com as amarguras da velhice?... Tudo fahou, tudo murchou, e tudo fugio!...

E o coronel, possuido completamente do delirio da febre, levantou-se do leito, com o seu longo vulto amortalhado no cobertor.

Alfredo acompanhava-lhe os movimentos, piscando os olhos, com um ar de medo.

O coronel golpeou o quarto a passos largos e pezados.

Tinha a cabeça erguida, o olhar descomposto, a bocca aberta, mostrando os dentes fulvos de tabaco. A fronte, larga e despojada, sahia-lhe de uma nuvem de cabellos brancos

No seu porte, na sua physionomia, no seu olhar de aguia velha, havia uma tragica expressão de loucura.

— Foi entre o fumo das batalhas, exclamou elle, estacando ao fundo do aposento e fitando o genro; que formei o meu character e o meu coração! Foi entre o fusilar da metralha e o clamor dos moribundos, que se escoou a minha mocidade, limpa e vermelha como o sangue de um justo! Nunca a mentira me annuiu o olhar, nunca a vergonha me desmaiou as faces! Fui recto e valente! Mil vezes arrisquei a vida pela patria, mil vezes mergulhei no fogo, abraçado ao pavilhão brasileiro! Entretanto, em paga de tudo isso, ella, a patria, só me dá o esquecimento! E a sociedade, a grande sociedade! só me dá, de quinze em quinze dias, uma invectiva pelo *Jornal do Commercio*! Maldicto sejas tu, Brasil ingrato! Fui intrepido, leal e generoso, comtudo irei para o fundo da terra isolado e crivado de insultos, como se fosse um bandido!

E avançando para Alfredo, bradou-lhe com uma voz terrivel :

— Tu mesmo, desgraçado, não te lembrarias de fazer-me esta visita, se te sentisses menos infeliz! Viêste cá pela sympathia do desespero; entraste, porque és velho conhecido da negra miseria que cá está. Sabias que aqui, pelo menos, não te cuspiriam nas costas, não te bateriam no chapeu, nem te voltariam enojados o rosto! porém, fizeste mal em vir! eu vou perfeitamente só para a sepultura. Volta poi onde viêste, miseravel! que já ha por cá bastante mágoa, bastante agonia, bastante soffrimento! Vai exhibir n'outra parte a tua mingoa, que ella mais me apoquentá e me irrita! Sahe!

E o coronel apontou-lhe a porta :

— Anda! Sahe!...

Alfredo obedeceu, de cabeça baixa; tomou o chapéu, e sahio humilde e silencioso, como um cão enxotado.

Mas, ao passar pela sala de jantar, chamou a criada, que dormia, e disse-lhe fosse ver o amo, que estava mal.

E, ao chegar á rua, abriu a soluçar, com uma grande afflicção.

— Até este!... dizia elle; até este!... A molestia fel-o ficar como os outros!

E assentou-se á soleira de uma porta, para chorar mais á vontade.

Um pequeno que passava gritou-lhe :

— Ó Marmelada!



## XIV

### DESCOBRE-SE O AUCTOR DAS MOFINAS

As mofinas, desde que se converteram para Mello Rosa em fonte de receita, tornaram-se muito mais desabridas e aleivosas. Mello excedia á expectativa do commendador Moscoso.

O coronel, coitado! já não as lia, porque nesses ultimos tres annos quasi não se levantava da cama. « Esperando pelo desfecho... » dizia elle com indiferença.

Gaspar, a partir de então, não lhe abandonava mais a cabeceira e lhe prestava desveladamente o duplo serviço de medico e de enfermeiro. Mas o pobre velho sacudia os hombros, e pedia-lhe que sahisse do caminho e não estivesse a contrariar a morte!

— É melhor deixar que isto acabe par uma vez! disse-lhe elle certa manhã, durante a qual Gaspar lhe pareceu mais succumbido e triste. Tu, que és moço e devias ter esperanças, tu, meu filho, atravessas a existencia como um espectro! Como consentiste que a mulher, a quem dedicaste todo o teu amor e a melhor parte do teu coração, levasse comsigo para sem-

pre a alegria e os sorrisos da tua mocidade?... E queres exigir d'este pobre velho a coragem que te falta! Não! renuncia a tal intento e reage contra a tua tristaza, procura viver, para que ao menos possa eu fechar os olhos, na doce illusão de que o perseguidor de teu pae ha de ser um dia punido por tuas mãos!

— Juro-lhe, meu pae! juro-lhe, por minha honra, que o senhor, ou a sua memoria, serão vingados!

— Assim! falla-me deste modo, meu Gaspar! dá a este coração amargurado uma idéa consoladora! Ah! sabes perfeitamente que nunca fui rancoroso e jamais me comprazi com o soffrimento alheio; mas tanto e tanto fel me verteram cá dentro, tanta e tanta lama me atiraram, que afinal todo eu me converti em lama e fel! Sinto-me máo! Eu, que fazia d'antes consistir a minha felicidade no cumprimento do dever e toda a minha aspiração em ser bom e leal, eu sou hoje cruel e vingativo! Sim! Preciso saber desde já que serás inexoravel na vingança! Que calcarás debaixo dos pés o meu verdugo! Promettes, não é verdade, meu filho? Não é verdade, que serás ainda mais cruel do que eu? Falla!

— Sim! sim! meu pae! Juro-lhe por minha honra!

E os dous abraçaram-se commovidos.

No resto da sala corria um silencio que já era de morte.

De repente, porém, ouvio-se uma voz, fresca e sonora, gritar da porta:

— Gaspar! Ó Gaspar! onde diabo estás tu?!

Aquella voz alegre despedaçou escandalosamente o silencio compacto da sala. Gaspar levantou-se de um salto e precipitou-se nos braços de Gabriel, que voltava dos seus estudos academicos.

— Meu filho! dizia elle chorando e rindo; minha vida!

E beijava-o na testa e nas faces — Como estás forte! como estás bello!

E voltando-se para o coronel:

— Olhe! olhe! meu pae! veja o Gabriel! Entrou aqui como um raio de sol! Já não ha tristezas! exclamava o medico. Já não ha tristezas! fugiram as sombras!

E abraçava o enteado — Como tu me dás vida! Como eu te amo, meu filho!

E Gaspar, com effeito, parecia outro; estava agora reanimado e feliz.

O coronel abraçou o filho de Violante.

— Voltaste, afinal, meu pequeno! disse elle, procurando sorrir. Fizeste bem! cá estávamos nós outros, como dous tôlos, á espera da morte, e afinal chegas tu, que és a vida, a alegria, a mocidade! Com mil car-tuxos! Não ha como ter vinte annos!

— Mas, que escuridão, meu Deus! disse Gabriel, olhando em torno de si. Como se pôde viver em uma casa fechada deste modo?!

E escancarou uma janella que dava para a rua.

Uma baforada quente do ruido de fóra invadio com a luz do meio dia a sala do coronel, e despertou-a do seu fundo entorpecimento.

— Que diabo faz este piano paralytico, que não me dá um ar de sua graça? exclamou o rapaz estacando defronte do sombrio instrumento. Ah! suppunhas que não te havia de pôr mais os dedos? Ora, espera, meu velho entrevado, que já te vou escovar a alma!

E, sem ouvir o coronel, que lhe gritava da cama, Gabriel sacou a capa do velho piano e abriu-o com estrondo.

— Olha que me affliges com isso, Gabriel ! dizia o pobre veterano. Depois da minha Annita, ninguem mais tocou nessas teclas ! Não me faças chorar !...

Mas já ninguem o podia ouvir, porque um doido turbilhão de notas enchia a sala com a sonoridade retumbante dos seus échos.

Era um infernal bailado de Offenbach. As notas palpitavam vertiginosamente no ar adormecido daquella sala, como um bando de mascaras endemoniadas invadindo uma sacristia.

E tudo parecia ir a pouco e pouco revivescendo com o delirio da musica. Os graves trastes, cheios de pó e alquebrados de abandono, pareciam resistir ao desejo de atirarem-se aos pinchos do cancan.

Os retratos a óleo, o venerando relógio de armario, as estantes, os tremós, o canapé, tudo parecia acordar á magica fascinação do rei da gargalhada musical.

Gaspar esfregava as mãos.

— É a mãe tal qual ! A mesma vivacidade ! a mesma voz ! a mesma formosura !

E limpava os olhos, apressado, para os não occupar com outra cousa que não fosse Gabriel.

— Como é vivo ! Como é bello ! exclamava elle, com a physionomia illuminada de amor paterno.

Não obstante, o velho coronel chorava silenciosamente a um canto. Só elle não participou da alegria geral ; ao contrario, aquella musica, petulante e sarcastica, doia-lhe por dentro como um insulto á sua tristeza.

A casa palpitava e estremecia na onda vertiginosa das vibrações, quando de subito assomou á porta o vulto magro do Marmelada, o chapéu para a nuca e as botas escalavradas, a dansar ao som do palpitante bailado.

O pobre homem tinha, inteiramente fóra dos seus hábitos e talvez em consequencia da fome, apanhado uma formidavel bebedeira ; e, no emtanto, não podia ser melhor o impulso que o levava alli : ia prestar um grande serviço, fazer uma revelação importantissima para o coronel.

Depois daquelle delirio em que este o expulsára de casa, o infeliz ainda mais se afundára no seu desanimo moral e physico. O sogro mandára chamal-o por varias vezes, mas Alfredo resmungava que lá não poria os pés ! — Haviam-no enxotado, como se enxota um cão ; elle, porém, é que não voltaria como os cães ! Sabia que era um pobre diabo, mas tinha consciencia de não fazer mal a ninguem, nem commetter baixezas, para que o tratassem daquelle modo !

E o caso é que, apezar de toda a sua miseria, nunca mais voltaria com effeito, se não fosse o seguinte :

Na manhã desse dia, toscanejava estendido em um dos bancos do passeio publico, quando dous homens se assentaram no banco immediato, conversando. Alfredo reconheceu-os ; eram o commendador Moscoso e o Mello Rosa.

O viuvo de Anna fingio que dormia, escondeu o rosto e prestou ouvidos.

Os outros não lhe descobriram as feições, nem desconfiaram de sua presença, tão miseravel era o aspecto de Alfredo e tão borracho parecia estar.

O commendador, entretanto, ia dizendo, em continuação á sua conversa :

— Pois o bicho escondeu-se ! Suas mofinas produziram o effeito desejado !... Mais umas duas da mesma força, e lavra-se-lhe a certidão de obito. Foi obra !

Mello Rosa tirou uma tira de papel do bolso e leu

com intenção : « O nosso coronel, sem milho e crivado de dividas, não sahe do buraco, nem á setima facada ; tem medo dos cadaveres, coitado ! Mas nós havemos de arrancar-o do esconderijo, nem que seja a marmelada ! Lá diz o outro que macaco velho quando não se coça, é que está tramando alguma ! Vamos ter nova patifaria ! Olho vivo ! *A Sentinella.* »

— Que tal a acha ?... perguntou o Mello ao commendador.

— Não sei... disse este. Falta-lhe graça... Você tem sido mais feliz das outras vezes. Veja se faz alguma coisa mais picante, mais mordaz !...

Mello guardou silenciosamente a tira no bolso, e prometteo arranjar coisa melhor.

E depois accrescentou com interesse :

— É verdade, preciso que o commendador me adiante cincoenta mil reis... é um aperto sério !

*Adiantar* era o seu termo, quando pedia dinheiro.

— Homem ! disse o outro. Você ultimamente me come bástante dinheiro !... Lembre-se de que não ha muitos dias que eu...

-- Bagatelas ! replicou o Mello com um ar superior ; Bagatelas, commendador !

— Bagatelas, não !

— Ora, pelo amor de Deos ! Estava eu bem servido, se contasse com esses bicos para viver !... E é dessa forma que o senhor quer que lhe arranje eu a Bertha ! Ora, seu commendador ! tire o cavallo da chuva !

— Mas é que,...

— Ora, o senhor sabe perfeitamente que, para estar em contacto com ella, é preciso ter algum dinheiro no bolso ; é já uma garrafito de champagne, é já meio kilo de marrons glacés, já um camarote no Al-

casar! E estas coisas, meu amigo, não se fazem com palavras! Quem quer a moça, puxa pela bolsa!...

— Se eu tivesse a certeza de que você conseguia o que eu desejo!... É uma asneira, bem sei, mas gostei da typa!...

— E quem lhe diz que não consiga?...

— Repito: « casa, comida, roupa lavada e engomada, luxo e dinheiro p'ros alfinetes... » Se ella quiser, é pegar! com tanto que não receberá mais ninguém! Ah! lá isso... De portas p'ra dentro, ha de ser só cá o menino!...

E o commendador affagava o proprio queixo, sonhando-se já na felicidade futura.

— Pois é!... confirmou o Rosa; mas estas coisas custam seu bocado! A gaja é artista... porém eu lhe darei umas voltas, que ella o remedio que terá é cahir!

— Posso vel-a hoje?...

— Pode, no Alcasar. Se quiser, previno-a de que se não comprometta, e iremos depois ceiar os tres aos Principes...

E o Mello, batendo no outro com o braço, piscou maliciosamente um olho: — Descanse que não ficarei até ao fim da ceia! Maganão!

— O diabo é que aquelle gerente Barros tem umas unhas tão compridas!... É um roubo o que cobram no Hotel dos Principes!

— Bem! mas vai, não é?

— Sim, mas veja se obtem da Bertha o que lhe disse... Eu não tenho geito para fallar nessas coisas!...

E o commendador fez um ar de acanhamento.

— Deixe correr o marfim por minha conta! respondeu o Mello com um movimento persuasivo. A questão é o...

E fez com os dedos signal de dinheiro.

— Pois bem! tome lá os cincoenta... Mas veja se economisa, homem! Eu tambem não tenho em casa nenhuma machina de dinheiro!...

— Ora, não offenda a Deus, commendador! E vamo-nos.

E foram-se os dous a passo frouxo pela alameda.

O sol da manhã tirava-lhes scintillações das cartolas novas.

Alfredo levantou a cabeça e esteve a olhal-os, vagamente, por muito tempo. Iam alli dous homens considerados em publico e diversamente felizes! Depois, levantou-se impellido por uma resolução, e tocou para a casa do coronel. Mas em caminho, um companheiro de miseria convidou-o a tomar um trago. Alfredo estava em jejum e já tinha bebido, bebeu ainda mais e ficou afinal como o vimos surgir na sala do sogro.

Este desejava muito tornar a recebê-lo, mas, ao dar com elle naquelle estado, escondeu o rosto nas mãos.

— O que mais me faltará ver, meu Deus? dizia entre lagrimas o pobre veterano.

Gabriel deixou de tocar, e Gaspar correu a conter o cunhado; mas Alfredo, possuido de uma alegria frenetica, continuava a cancanear, a secco, agitando as abas esverdinhas da sua hedionda sobrecasaca.

— Quebra! gritava elle, com a voz estrangulada de cansaço e trémula de embriaguez. Quebra, meu bem! Quebra o carço!

E pulava, revirando os olhos e sacudindo os bracos. Viva a folia! Viva a pandega!

Gaspar procurava detê-lo:

— Alfredo! que é isso? Então!...

— Solta-me, Gaspar! Eu estou contente! Trago-



lhes uma noticia importante! Venham as alviças! Devemos todos tomar hoje uma bôa carraspana! Tenho cá o segredo!

E o Marmelada fechou a mão no ar e cambaleou:  
— Sei tudo!

E cuspiu-se.

— Solta-me, ou então não digo! Se quizeres saber, vae buscar vinho!

— Disso podes estar bem descansado, interveio Gabriel.

— Pois se não me derem vinho, não digo quem escreve as mofinas contra o tal coronel das duzias!

O velho saltou da cama.

— Hein? o que?! Sabes tu quem é?! Deem-lhe de beber! deem-lhe tudo! Pancada, se preciso fôr! Mas não o deixem sahir, sem fazer a declaração! Ó meu Deus! elle saberá?! Será crível que eu não morrerei sem...

E o velho cahio de bruços na cama, a exclamar n'uma doida vertigem:

— Fechem as portas! Não o deixem sahir! acudam-me!

— Está o que você veio fazer! disse Gabriel a Alfredo.

— Está damnado! respondeu este com a voz molle e com um sobresalto de medo. Tu pensas, velho rabugento, que eu voltaria cá, se não fosse ter pena de ti? Vim para dizer quem é o auctor das mofinas, mas vós não me querem obsequiar... não digo!

E voltando-se para Gabriel:

— Menino! vae para o piano, que eu gosto de musica!

Mas vendo que ninguem o attendia, resmungou zangado, ganhando a porta: — Querem saber que

mais? Vão vocês todos para o diabo que os carregue!

E deitou a correr para a rua.

— Segurem-no! rugio da cama o coronel. Segurem-no! E tentando erguer-se, desabou nos braços do filho.

Gabriel precipitou-se no encaço de Marmelada.

Só conseguiu alcançal-o já ao fim da esquina.

— Espere com um milhão de raios! disse o rapaz, segurando-lhe o braço.

— Largue-me! exclamou o outro. Largue-me! ou vou-lhe ao frontespicio!

— Cale-se! Aqui tem dinheiro. Tome! pode beber á vontade, mas diga primeiro quem é o autor das mofinas!

Alfredo guardou o dinheiro e segredou :

— É o Mello Rosa e o commendador Moscoso. O Moscoso é aquella peste que se queria casar com a minha defunta mulher... Ai, minha rica Anninha!

E desatou a soluçar.

— Era uma santa, menino! Uma santa!

— Bem! console-se, porque agora as coisas lhe vão correr melhor; eu preciso fallar-lhe. Venha d'ahi!

— O que é?!

— É negocio muito sério! Venha commigo!

— É negocio? Prompto! Ah! Eu cá sou como o Reguinho!... Queremos dinheiro, cebo!

— Se você quizer sujeitar-se, não lhe faltará o necessario e tambem algum dinheiro... Ande d'ahi!

— Queremos dinheiro, cebo!

— Pois terá dinheiro! Espere um instante por mim.

E Gabriel subio novamente á casa do coronel; disse a Gaspar de quem eram as mofinas, pedio-lhe que

ficasse durante a sua ausencia fazendo companhia ao velho, e depois foi ter de novo com o Bessa.

— Vamos cá... disse a este.

Alfredo acompanhou-o.

— Você almoçou hoje?... perguntou-lhe Gabriel

— Não me lembra.

— Bem! mas de ora em diante é preciso mudar de vida! Cá está um hotel. Entremos!

O Marmelada hesitou.

— Entre, homem!

E Gabriel procurou o donô da casa para encarregal-o de Alfredo. — É um amigo meu, disse-lhe; que, por desgostos, cahio neste estado... O senhor tratará delle o melhor possivel. Obrigue-o a recolher-se, faça-o comer alguma coisa, lavar-se, vestir-se de roupa nova; emfim, quero que elle não sáia daqui, sem ter voltado ao seu primitivo estado de asseio e decencia...

— Mas, Dr., é que...

— Não me diga que não! Aqui lhe deixo cem mil reis para as primeiras despezas. Não tenho mais dinheiro commigo, porém amanhã voltarei, e desejo encontrar o seu hospede em melhores condições... O principal é não deixal-o sahir sem estar restaurado.

O hoteleiro afinal acceitou, e fez recolher Alfredo.

Este não queria deixar-se prender.

— Querem roubar-me! berrava elle, debatendo-se. Querem roubar-me, porque tenho dinheiro commigo! É meu! deram-me! Ha testemunhas!...

Gabriel recommendou inda uma vez o seu protegido e retirou-se, gozando a caridade que acabava de praticar.

Ao chegar á casa, disse-lhe a criada que Gaspar havia sahido.

— E deixou o velho sosinho!... Que imprudencia!

E foi fazer companhia ao coronel.

Às dez da noite voltava Gaspar. Vinha radiante.

— Meu pae, exclamou elle logo ao entrar; alegre o seu coração! Está descoberto o auctor das mofinas! Alfredo dizia a verdade. Soube agora que chegára este a tal resultado, fingindo que dormia em um banco do passeio publico, perto do qual conversavam o commendador Moscoso e o Mello Rosa. Procurei este ultimo, que eu já conhecia, e consegui delle a confissão de tudo. O verdadeiro auctor das mofinas é o commendador Moscoso!

— Ah! agora comprehendo, gritou o coronel, depois de um esforço de memoria. O commendador Moscoso... Já sei! é um sujeito que desejou casar com a Annita! Eu não consenti... Infame! E porque lh'a neguei... Ah! mas caro o pagarás, miseravel!

— Nada de precipitações, observou Gaspar. É necessario fazer tudo com calma para obtermos bom resultado. Eu me encarrego do commendador! O senhor ha de recebê-lo aqui, neste quarto, sem se incomodar. Elle ha de vir cá, ha de ajoelhar-se a seus pés, e o senhor dir-lhe-ha o que quizer! Fique descansado! Durma hoje sem preocupação, porque o essencial está feito!

— Obrigado, meu filho, muito obrigado! disse o coronel, abraçando o filho. Até já me sinto são e forte depois de tuas palavras, meu Gaspar!

— Bem, mas é preciso descansar... Por em quanto, não convem fallar muito sobre isto. Veja se consegue dormir. Se precisar de mim, toque a campainha.

E, voltando-se para Gabriel: — Vem commigo cá ao escriptorio. Tenho que te fallar.

E quando se acharam a sós, accrescentou: — E uma incumbencia sagrada!

— Vais fallar-me de minha mãe?...

— Sim, de tua mãe e de ti, meu amigo.

E encerraram-se no escriptorio.

Entretanto, o coronel, logo que sentio a casa em silencio, envergou o seu capote militar, pôz o bonnet, tomou um revólver e, apoiando-se a uma grossa bengala de cana da India, ganhou cautelosamente a porta da rua, e sahio.

Dirigia-se para o palacete do commendador Moscoso.

## XV

### EM CASA DO COMMENDADOR

Gaspar fechou-se no gabinete com o enteado.

— Senta-te, disse elle, dando volta a uma charuteira e tirando de sobre a estante uma garrafa de crystal. Fuma um charuto e toma um calice de Malaga.

Gabriel installou-se em uma poltrona.

Estava realmente um bello moço ; e alli, contra o marroquim vermelho da cadeira, a luz do gaz, cahindo do alto, lhe fazia destacar bem o puro contorno da cabeça, deixando-lhe o rosto embebido em meia sombra, na qual scintillavam com um olhar ancioso as duas negras joias, que Gabriel herdára da mãe.

Havia nelle toda a graça dos vinte e um annos.

Gaspar accendeu um charuto, e assentou-se defronte do enteado.

— Chegou a época da tua emancipação, disse ; e amanhã mesmo iremos tratar della. Estás, por consequente, um homem, e eu tenho de substituir, junto a ti, o meu papel de tutor pelo de teu mais dedicado amigo. Vais entrar na posse de teus bens, que aliás

são bastante avultados; antes, disso, porém, quero contar-te a historia de tua mãe e desempenhar uma commissão, que ella me confiou nos seus ultimos momentos...

E Gaspar, muito commovido, tirou do fundo de uma gaveta da secretária um estojo, que passou ao filho de Violante.

— Um punhal?! exclamou este ao abril-o.

— Foi de tua mãe e pertenceu igualmente a teus avós. É um objecto de familia, que tem passado de paes a filhos. Guarda-o como sagrada reliquia daquelle anjo, que comsigo me levou para sempre toda a minha esperanza de felicidade...

Gaspar enxugou os olhos e proseguio, enquanto o outro examinava o punhal :

— Esse sangue que enferrujou a lamina, é sangue de tua mãe. Violante matou-se com uma punhalada. Tinha um temperamento de leão e uma alma de archanjo; matou-se, porque eu lhe suppiquei que não assassinasse meu cunhado Paulo Mostella...

Gabriel ficou pensativo, Gaspar foi buscar um retrato de Violante e collocou-o defronte de ambos.

Houve um grande silencio, respeitoso e profundo, como se os dous se preparassem para receber, com aquella visita do passado, uma visita da propria morta. Só se ouvia, além do palpar da pendula suspensa da parede, o zumbido das azas de uma mariposa, que gravitava freneticamente em torno do globo acceso.

Afinal, Gaspar, com a voz enfraquecida pela commoção, narrou circunstanciadamente a Gabriel tudo o que sabia a respeito de Violante.

O moço ouvia-o sereno e constricto. No seu bizarro temperamento, a historia romantica de sua mãe pro-

duzia um conjuncto de orgulho e mágoa. Sentia que o seu sangue era ainda o mesmo, vermelho e quente, que tingira a lamina daquelle punhal; comprehendeu que em sua alma dormiam tambem grandes vendavaes e tempestades. Ouvio fallar da propria raça, sem o mais passageiro vestigio de sobresalto. A sua pallida fronte conservava-se limpida, e seus olhos dormiam no fundo do seu olhar, como dous diamantes esquecidos na areia de um lago crystallino e placido.

Quando Gaspar terminou, elle abraçou-o com toda a calma, e guardou junto do coração o seu punhal de familia.

O relógio marcava meia noite. Já era tempo de recolherem. E os dous encaminharam-se para os aposentos do coronel.

Mas Gaspar, ao entrar no quarto do pae, estremeceu, assustado pela escuridão e pelo completo silencio que alli reinavam. Accendeu uma véla e penetrou na alcova — estava vazio o leito.

Possuido de mil receios e cuidados, correu toda a casa. O coronel tinha desaparecido.

— Ah! Já sei! exclamou, sobresaltado por uma idéa. Meu pae foi á casa do commendador! Depressa! Corramos a encontral-o!

E os dous lançaram-se para fóra.

Na rua tomaram um carro e mandaram tocar a parada para o Caminho Velho de Botafogo, que era onde Moscoso tinha a sua residencia na cidade.

As janellas do palacete do commendador mostravam-se illuminadas. Defronte do portão do jardim havia uma enorme fila de carruagens.

O palacete estava em baile.

Emquanto Gaspar e Gabriel confienciavam tristemente essa noite encerrados no gabinete do medico,



fervia o prazer e reinava a alegria em casa do prospero commendador.

As suas salas, regorgitantes de convivas, freMIam ao som da orchestra e ao quente rumor das dansas. Por todas ellas palpitava o goso ; por todas ellas riso, jogos, libações e amor.

E em breve a festa chegava ao seu momento de delirio, a esse momento apogistico do baile em que a alma parece derreter-se na saturação dos vapores do prazer, em que as luzes, os vinhos, os perfumes das toilettes e das flôres, o ancioso respirar na vertigem da valsa, se vaporizam pelo ambiente, despertando os sentidos e entontecendo o espirito ; instante feliz, em que mais deliciosamente gemem os violinos, em que scintillam com mais luz os diamantes e os olhos das mulheres, e os collos arfam, e o corpo cede de todo á volupia, e o sangue se embriaga e vem até aos labios reclamando beijos.

De repente, porém, uma voz rude e aspera, voz de batalha, retumbou pelas salas, bramindo :

— Silencio !

Todos pasmaram. A orchestra emmudeceu e os pares estacaram tolhidos de surpresa.

Ao fundo do salão, no meio da inconsciencia do prazer, assomára o vulto venerando do coronel.

Seu porte, alto e alquebrado, destacava-se imponente ; o longo capote augmentava-lhe a estatura, dando-lhe proporções sobrenaturaes. O gaz mordida-lhe asperamente a aridez da frente, que faiscava como a ponta calva de um rochedo aos raios do sol ; os seus olhos, fundos e ardentes, chispavam de colera ; os cabellos, brancos e assanhados, davam-lhe á cabeça, um terrivel aspecto de loucura.

Todos o olhavam com assombro. As mulheres empallideciam desmaiadas.

O coronel, spectral e immovel, permanecia ao fundo do salão.

Ninguem se animava a proferir palavra.

O commendador acudio em sobresalto ; mas, ao dar com o veterano, soltou um grito e estacou petrificado defronte daquella phantastica e ameaçadora figura, que o fitava sem pestanejar.

— Eu sou o coronel Pinto Leite, vozeou o phantasma ; e eis ahi o auctor das infames mofinas que ha vinte annos me amarguram a existencia ! Esse miseravel ex-caixeiro de taverna, covardemente me persegue desde o dia em que lhe não consenti fazer parte de minha familia, casando com uma de minhas filhas ! Que aos dous nos julguem dentre vós os homens de bem ! Quanto a mim, quero apenas apontar a hypocrisia desde monstro ao anathema social e estigmatizal-o com o ferrete do meu odio !

E o veterano caminhou para elle.

Era um estranho caminhar de estatua. O chão parecia ir desabar debaixo dos seus pés de bronze. Caminhou magestosamente até á figura vulgar do commendador, que se quedava estarecido como sob o dominio de uma fascinação magnetica, e soltou-lhe em cheio nas faces uma bofetada.

Houve então uma geral exclamação de protesto e de pasmo.

Moscoso voltou a si com o sangue que lhe subio ao rosto, e quiz lançar-se contra o aggressor, mas os amigos o agarraram e conduziram lá para dentro, consolando-o com a idéa de que elle tinha sido victima de um louco.

O esbofeteado reclamava a prisão do insolente que o fôra provocar ao seu domicilio.

Mas não appareceu um braço que se erguesse contra a veneravel figura do coronel. Abriram-lhe caminho. E, ao passar o seu vulto encanecido e todo tremulo de commoção, abaixaram-se as frentes por um instinctivo impulso de respeito.

Elle atravessou a sala com o passo firme, e desapareceu.

Ao chegar á porta do jardim, parava na rua, uma carruagem, que vinha a toda desfilada.

Eram Caspar e Gabriel sahidos ao seu encontro.

Os dous apoderaram-se delle.

O velho, entretanto, sem poder dar uma palavra, encostou a cabeça no peito do filho, e soluçou desafrentadamente.

— Chore! chore, meu pae! Desabafe! dizia Gaspar.

E o velho soluçava.

— Sinto-me bem! exclamou este afinal. Sinto-me bem! Tirei um peso do coração! Desmacarei aquelle canalha e dei-lhe uma bofetada! Ah, meus filhos! já posso morrer tranquillo! Estou consolado!

Recolheram-se á casa. Comtudo, o pobre homem não pregou olho senão pela manhã, tal era a sua excitação.

D'ahi a dous dias, appareceu no *Jornal do commercio* um artigo, descrevendo minuciosamente o escandalo do baile do commendador. O escripto tinha phrases bombasticas; elogiava o procedimento do velho coronel e comparava o character do honrado militar com o typo baixo e vil do commendador.

Esta publicação surprehendeu em extremo o coro-

nel e os seus. Nenhum destes podia atinar quem seria o espontaneo auctor de semelhante defeza.

O Moscoso, ao lel-a, ficou possuido de uma colera tremenda, e jurou vingar-se melhor do que até ahi.

Os artigos continuaram. Eram escriptos pelo Mello Rosa. O esperto calculára uma engenhosa especulação para desfructar ainda o commendador : Este, desde que encontrasse qualquer correspondencia no *Jornal* a seu respeito, teria que responder, e havia de recorrer áquelle. Assim succedeu. O Rosa escrevia, contra e a favor, tanto do coronel, como do Moscoso.

A lucta estava perfeitamente travada.

O coronel cahia de surpresa em surpresa, e o Mello Rosa ia empalmando os cobres que lhe dava o commendador.

Afinal, um bello dia, estando Pinto Leite em casa a conversar com o filho e Gabriel, foram interrompidos por um meirinho, que apresentou ao veterano uma citação em nome do commendador Moscoso.

O pae de Ambrosina comprára as dividas do adversario, que montariam a uns dez contos de réis.

Foi sacrificio, mas o perverso não desdenhou arrostal-o para dar pasto á sua vingança.

O coronel tinha de entrar com aquella quantia dentro de vinte e quatro horas.

— Onde iria elle, de prompto, buscar esse dinheiro! ?...

E o pobre coronel olhou abstractamente para o meirinho, depois para o filho, em seguida para Gabriel, e por fim escondeo o rosto nas mãos e ficou a scismar, completamente possuido pela sua perplexidade.

Gabriel, porém, apossou-se da intimação, e disse alegremente ao veterano .

— Não lhe dê isso cuidado, meu amigo. Lembre-se de que sou filho de Violante! O senhor pode perfeitamente pagar o triplo dessa importancia, sem o menor constrangimento.

E, voltando-se para o meirinho, accrescentou com a voz calma e resoluta :

— Retire-se! O senhor coronel Pinto Leito entrará com o dinheiro.

E, antes de esgotado o prazo fatal, já o bello moço tinha com effeito pago as dividas do bemfeitor de sua mãe.

Mas, para liquidar a transacção, foi-lhe necessario entender-se directamente com o commendador Moscoso, que estava de cara á banda, porque contava que o coronel nunca pudesse pagar as dividas.

Gabriel, para não dar character mais espectacular ao negocio, preferio que o credor o recebesse em sua casa particular.

Moscoso marcou-lhe uma entrevista ás sete horas da noite.

Gabriel apresentou-se. Veio recebê-lo Ambrosina.

— Como! pois V. Exc. é filha do commendador?

— É verdade, sou. Não sabia?

— Ignorava totalmente. Como tem passado?

— Bem. E o senhor?

— Eu... um pouco peor depois que sei o que acabo de saber...

— Ora, essa! porque?...

— Ainda não lhe posso dizer a razão...

E os dous, que já se conheciam, olharam-se de um modo estranho.

## XVI

### A FORMOSA AMBROSINA

A filha do commendador estava mulher, e mulher bella.

Aquella criança, franzina e lymphatica, se transformára em uma mulher encantadora e forte.

A não serem os olhos, que foram sempre formosos, toda ella se havia metamorphoseado. O pescoço, os braços e os quadris enriqueceram-se de graciosas curvas, o cabello fez-se volumoso, a tez pallida e fresca, os hombros um primor de estatuaria, a bocca um ninho de sorrisos còr de rosa e còr de perola.

Toda ella respirava, porém, uma hybrida fascinação de anjo e de demonio. Os seus lindos olhos verde-escuros, tanto poderiam servir para ensinar o caminho do céo, como o caminho do inferno.

Havia alguma coisa do peccado de Eva paradislaca na elasticidade ophidia e ondulosa do seu corpo, na mancenilha daquelles cabellos crespos, no viço provocador daquelles labios carnudos e vermelhos.

A sua voz era como um hymno de amor e de revolta, feito de ironia, de supplica, de desdem e de ternura.

Gabriel só vio e percebeo de tudo isso o lado risinho e claro, quando se achou pela primeira vez em presença de Ambrosina.

Foi em um baile, na casa de um dos seus collegas de academia, que tambem voltava formado de S. Paulo.

O filho de Violante dansou com a formosa moça; conversaram muito, e elle, já captivo, rudemente lhe declarou que a achava encantadora e que seria o mais feliz dos mortaes, se pudesse amal-a com a esperança de ser correspondido.

Ella rio-se, e aconselhou-o a que desistisse de semelhante loucura. — Na Côrte havia muita menina bonita. Gabriel, chegando naquelle instante, nada ainda tinha visto; não se deixasse por conseguinte levar pelas primeiras impressões!...

— São sempre as melhores... respondeo elle, sorrindo.

— Qual o que! replicou Ambrosina. O senhor arrepende-se-ia. Só eu, tenho mais de uma duzia de amigas que, se fosse rapaz, amal-as-ia de joelhos... São lindas!

— Mas lembre-se de que são mais de uma duzia...

— Ora! se eu fosse rapaz, amava-as a todas. Não ha como ser homem!... O homem pode viver como quizer, fazer o que bem entender, amar a todas as mulheres ao seu alcance; enganar-as, ridicularisal-as, e... nem por isso deixará de ser um rapaz *comme il faut*, desde que se vista á moda, tenha uma cara supportavel, algum emprego ou algum capital, e, um bocadinho de tino... para não dizer asneiras seguidas. Ao passo que a pobre mulher, coitada! se quizer amar, ha de contentar-se com um individuo, que ella só conhecerá depois de ter ligado para sempre o seu destino

ao delle ; quando aliás um marido é como um charuto, que só se pode saber se é bom depois de acceso. As apparencias nada valem !...

— V. Exc. pinta o charuto tão ao vivo que faria acreditar que já fumou !...

— Figuradamente, como lhe acabo de fallar, não, porque sou solteira, e não tenho pressa... mas se o senhor se refere á verdadeira accepção da palavra, responder-lhe-ei que sim ; já fumei. Pura extravagancia !

— Não lhe fez mal ?

— Muito ! Tive vertigens, ancias ; passei mal uma noite inteira... Jurei não cahir noutra !

— Ah !

— E receio justamente que com o casamento me aconteça o mesmo... Não com uma noite, mas com a vida inteira !...

— Então não tenciona casar ?...

— Tenciono, pois não ! Nós, as mulheres, somos muito desgraçadas a este respeito : temos ás vezes horror ao casamento, mas que fazer ?... Não o podemos dispensar. Oh ! o senhor bem sabe que a mulher só se emancipa quando se escravisa ao marido... Desgraçadinha daquella que não tiver um guardacostas que a represente na sociedade e que com ella partilhe um pouco dos perigos que a esperam.

— V. Exc. faz-me pasmar com a sua experiencia...

— Não sei porque ! Eu não tenho mais experiencia que qualquer outra senhorita nas minhas condições ; apenas sou menos hypocrita, e não quero impingir minha mão ao primeiro que appareça...

— Mas, uma vez resolvida a casar, qual será o noivo



que lhe convem? quaes serão nelle as qualidades que a poderão conquistar?

— Sei cá! mas, se tivesse rigorosamente de escolher marido, escolheria um homem que me parecesse bem vulgar.

— O que, minha senhora? V. Exc. não preza a distincção?...

— Não, de certo. A distincção será muito bôa para o homem que a possua, nunca será para a mulher que com elle se case. A distincção! Mas não vê o senhor que, quanto maior fôr a superioridade do marido, tanto maior será tambem a inferioridade da mulher?... Com um homem vulgar, succede precisamente o contrario: ella terá o primeiro logar, e não precisará pôr-se nas pontinhas dos pés para fallar com elle, o que é incommodo.

— Mas terá de abaixar-se...

— Qual! Elle que trepe! É sempre o mais baixo que procura os meios de subir... Digo-lhe e repito: A ter de casar, prefiro um homem vulgar, trabalhador e honesto.

— Creio que estou no caso...

— Não sei se totalmente. Trabalhador e honesto, só mais tarde o saberemos, porque o senhor entra agora na vida; quanto ao *vulgar*, isso esta! — a sua observação acaba de proval-o...

— Sou tão vulgar, quanto V. Exc. é severa...

— Sincera, é o que deve dizer...

— Comtudo, não me pareceu sincera no que disse a respeito do casamento...

— Pois não! O homem, meu caro senhor, apresenta-se-nos sempre por um prisma falso; é a capa do charuto de que ha pouco lhe fallei... Por fóra, muito liso, muito cheiroso e com um ar magnifico.

Quem dirá pelas apparencias que tão seductor charuto não é bom?... Entretanto, se o senhor o accender e insistir em fumar-o, far-lhe-ha elle uma ferida na lingua. Desdobre-o! ha de achar dentro, em vez de tabaco, papelão! Imagine que eu encontrasse na sociedade um homem de bom tom, um elegante, com a resposta prompta, a casaca irreprehensivel e a luva fresca, e ligasse o meu destino ao delle; mas que, na occasião intima de desdobrar esse bello espirito, lhe descobrisse o tal miolo de papelão...

— Oh!

— É justamente o que eu diria: « Oh! »

E Ambrosinia comprimio os labios com a graça de um beijo.

— O que, todavia, não evitava, continuou ella rindo; que tivesse eu aquelle trambolho amarrado á minha vida como uma grilheta de condemnado. Escolhendo, ao contrario, um homem sem qualidades brilhantes, não teria eu de soffrer decepção de nenhuma especie, e é possivel até que chegasse, depois do casamento, a descobrir em meo marido algum dote, verdadeiro e solido, para o qual a sociedade não se dêsse ao trabalho de reparar...

Gabriel soltou uma risada, e Ambrosina proseguio:

— Creia, meo caro doutor, que a sociedade é para os homem mediocres o que o palco é para as actrizes de segunda ordem — simplesmente um meio de lhes realçar as graças e emprestar encanto aos que o não possuem. Toda a mulher feia, que souber preparar-se bem, será bella no palco; todo o homem vulgar, que souber repetir de orelha certos conceitos alheios e guardar silencio quando fôr preciso, será nas salas um homem elegante e do bom tom. Para aquellas,

é preciso pintar os olhos, fazer um signal na face, dar tinta aos labios, arranjar os cabellos ; para estes, é necessario um titulo qualquer, algum dinheiro, saber vestir-se á moda, conhecer certos prazeres, fallar de óperas e cantores, mulheres e cavallos. E ahí tem o senhor como se arma uma mulher bonita ou um homem de salão ; ambos com os seus competentes diplomas — um das platéas, e o outro das salas. Entretanto, se o senhor desejar uma mulher verdadeiramente bonita, bonita sem artificios, sem alvaiade, sem carmim, sem cabelleira, não a irá buscar certamente ao theatro ; do mesmo modo, se o senhor quizer um homem que sirva de marido, não o deve procurar nos bailes, porque elle lá não existe. Tanto aquelle que trazer para o seu lar uma *étolle* das rampas do theatro, como aquella que levar para casa um leão caçado ao som de valsas, soffrerá tremenda decepção.

— V. Exc. então não accitaria para esposo um heróe da moda ?...

— Está claro que não. Pois eu queria lá marido para os outros ?... Queria lá um marido que passasse algumas horas no lar apenas por obrigação domestica, e vivesse impressionado com a *toilette* da viscondessa tal, com o perfume da baroneza tal e tal, e com os amores escandalosos de todas as mulheres ? Para meu marido desejaria eu um homem tão bom, que me não desse occasião de desejar outro melhor ; mas não o procuro, nem faço o menor empenho em o encontrar.

E levantando-se, observou :

— Olhe ! está terminada a quadrilha, e o meu par desta valsa não tarda a vir buscar-me.

— Mas V. Exc. não respondeo á minha principal pergunta...

— Se o virei a amar?... É muito natural que não. E separaram-se.

Gabriel só fallou depois com Ambrosina em casa do pae della, na situação em que o deixamos no capitulo anterior.

Vejamos agora o que disseram os dous neste novo encontro :

— Mas, porque faz o Sr. essa cara tão exquisita, ao saber de quem sou filha?... perguntou a linda moça, offerecendo uma cadeira a Gabriel.

— O commendador demora-se? averiguou este, assentando-se.

— Depende de nós. Meo pae recolhe-se sempre depois do jantar e não apparece antes das nove horas da noite, a não ser que alguém o procure. Podemos estar á vontade. Nem sabem até que o senhor cá está. Conversemos sem constrangimento...

— Nesse caso, vou fallar-lhe com toda a franqueza. Diga-me uma cousa : A senhora ; quero dizer, V. Exc...

— Não ! trate-me mesmo por Senhora...

— Obrigado. A senhore anda a par dos negocios de seo pae?...

— Valha-me Deos ! eu sei cá dos negocios de meo pae ! Que posso saber eu disso ?...

— Não sabe então que ultimamente elle comprou as dividas...

— As dividas do coronel Pinto Leite? Oh ! mas isso foi um escandalo ; nem ha no Rio quem o não saiba. Aqui em casa não se falla noutra cousa ! Porém, a que proposito vem tudo isso ? o que tem o senhor com esse negocio ?...

— Muito mais do que se persuade; e, uma vez que o facto já anda pela imprensa, posso dizer-lhe com franqueza que sou eu a tal pessoa que pagou ao senhor seu pae as dividas do coronel.

— O senhor?!... interrogou Ambrosina com a mais completa surpresa. E atravessou Gabriel com um olhar, penetrante que nem uma sonda. « Elle! » dizia ella comsigo. E procurava descobrir-lhe alguma coisa, algum indicio, por onde acreditasse nos seus consideraveis bens de fortuna.

— Sim, minha senhora; não desejava entrar nestas explicações, mas...

— Então, o senhor é muito rico?...

— Um pouco, disse Gabriel, abaixando os olhos.

— Quanto possuie?...

— Diz Gaspar que uns mil contos de reis...

— Mil contos!... repetio Ambrosina, e transformou logo a physiomia com um sorriso, que ella não tinha até ahi dispensado a Gabriel.

Este não deu por elle, e balbuciou:

— Sou rico por acaso, sem a menor gloria... herdei o que possuo de minha mãe, que já por sua vez herdára de meu pae...

— Mas, nada disso explica o que ha de commum entre o senhor e o coronel, e o que o levou a pagar as dividas de um velho idiota...

— Perdão, minha senhora, tomo a liberdade de prevenil-a de que em minha presença não consinto offenderem o coronel. Elle é pae de meu padrasto; é, por bem dizer, meu avô; sem contar que lhe devo mil obrigações herdadas de minha mãe. Foi o coronel quem a esta recolheu da miseria, e quem a educou...

— O senhor, por consequente, pagou uma divida de gratidão?...

— Não paguei cousa alguma, minha senhora; os serviços que devo ao coronel não se podem pagar, são inestimáveis...

— O Medico Misterioso é então viuvo de sua mãe?...

— Sim, minha senhora; e, nem só é meu padraсто, como tambem é o meu unico amigo, o meu confidante, o meu guia, o meu mestre!

— Que entusiasmo! E elle sabe do nosso primeiro encontro?...

— Perfeitamente. Contei-lhe tudo na mesma noite, mas sem declarar que se tratava da filha do commendador Moscoso, porque ignorava semelhante circumstancia...

— E o que disse elle?...

— Ligou pouca importancia ás minhas palavras, e affiançou-me que tudo passaria dentro de uma semana.

— E passou?...

— Não. Cresceu!

— Mesmo depois de saber quem é meo pae?...

— Sim, minha senhora; mesmo depois disso...

— Entretanto não seria máo esperar até ao fim da semana...

— Para que? para convencer-me de que sou o mais desgraçado dos homens?

— Ou a mais impaciente das crianças...

— Vê! V. Exc. zomba de mim, enquanto eu...

— Vae dizer que soffre, e é exacto; mas não por minha causa, sim pelos seus vinte annos, que estão purgando o idéalismo absorvido durante todo o seu periodo academico de S. Paulo.

— Pensará então que eu...

— Não me ama?... Valha-me Deos! não disse tal! Sei, ao contrario, que o senhor me adora; me adora com fogo, com entusiasmo, com paixão, com poesia!

e é justamente por isso, é porque o seo amor é forte de mais, que desconfio delle. O senhor não possui em si o combustivel necessario para alimentar semelhante chamma durante uma existencia inteira... O seo coração não é nenhuma mina inesgotavel de carvão de pedra!

— Crimina-me então por amal-a de mais?...

— Certamente! O homem, qualquer que elle seja, só pode dar de si uma certa e determinada dóse de amor; nada mais pode dar por melhor que o desejo, porque mais não tem. A grande sciencia da felicidade conjugal consiste em fazer com que essa dóse chegue para a vida inteira. Ora, o senhor quer dar-me toda ella de uma só vez, e eu não a quero receber por essa forma. O que não quer dizer que a não acceite; acceito-a, mas em pequenas prestações. Recebendo tudo de uma só vez, temo fazer como os perdularios — esbanjar a fortuna e ter depois de mendigar. Para que havemos de consumir em poucos dias aquillo que nos chega para sempre?... Além de que, meu caro, o abuso traz sempre comsigo a saciedade, o tédio, o enjôo; e eu, no fim de contas...

— Aborrecia-se de mim...

— Não digo isso, mas aborrecia-me de ser amada. E esta é a peor desgraça que pode succeder a uma mulher.

— Mas então só me resta o recurso de fingir, fingir indifferença, e amal-a em segredo, amal-a com todo o ardor da minha paixão!

— Isso ainda seria peor: além da prodigalidade, haveria o completo desperdicio. Seria como se alguém, para não passar por prodigo, vivesse na miseria, mas fosse ás escondidas atirando fóra a sua riqueza. Não!

não ! nesse caso seria melhor sorvel-a de um trago, e dar depois um tiro nos miolos.

— Por que se faz tão incoherente e má?... Não vê que não pode haver termo de comparação entre o amor e o dinheiro? entre o coração e uma bolsa?... O dinheiro mede-se, çonta-se, e o amor é indivisível. Como se pode conceber um registro para o coração?... O dinheiro tira-se do bolso quando se precisa e quanto se deseja; e o amor não ! o amor sahe por si, derrama-se, corre, como o sangue de uma ferida !

— Ora ! tambem não se pode parar o curso do tempo, nem lhe transpôr as leis, e no emtanto, ha quem o esperdice, e ha quem o aproveite admiravelmente...

— Não ! o tempo não existe ; a idéa delle é toda relativa ; ao passo que o amor não tem relações, nem admitte leis. É um factó real ; existe ! existe, que o sinto palpitar aqui dentro, não como um miseravel relógio que nos mede a vida gotta a gotta, mas louca e desnorteadamente, como neste instante ! Eu te amo, Ambrosina !

E Gabriel segurou-lhe as mãos com anciedade :

— Não me repillas ! exclamou ; não me esmagues com esse ar indifferente e frio ! Despreza-me, se quizeres, porém não me apunhales desta forma ! Oh ! mas porque deixaste, meu amor, que eu te tomasse as mãos ? porque consentiste que eu me approximasse tanto de ti?...

— Porque ainda não voltei a mim do seu atrevimento e da sua grosseria !

E Ambrosina ergueu-se, indignada.

— Tem toda a razão... balbuciou Gabriel, abaixando a cabeça. Perdôe-me !



— Creio que o senhor disse que procurava por meu pae... Tenha a bondade de esperal-o.

— Ouça-me um instante, por piedade!...

— Que deseja ainda?...

— Não diga a seu pae que estou cá. Não me sinta em estado de fallar com elle... Diga-lhe antes que vim para autorisal-o a liquidar o negocio como entender. O que elle fizer será bem feito!...

— Tenha a bondade de ver em que fica!

— Ambrosina! Não seja cruel!... dê-me uma palavra, uma só! uma esperança de ser amado! Diga o que quer que eu faça!... eu tudo cumprirei, na esperança de ser seu esposo!...

« Mil contos! » reconsiderou a filha do commandor, e sentio um estremecimento no coração; conteve-se porém com tal arte, que a sua physionomia nada transpirou.

E, voltando-se para Gabriel, inquirio com um ar firme:

— O senhor pode frequentar esta casa?

— Posso.

— E, se encontrar opposição em seus parentes, o que fará?

— Não sei! só sei que a amo loucamente!

— Isso não é resposta! Quero saber se o senhor tem a necessaria coragem para vencer todos os escrupulos e frequentar os bailes de meu pae.

— E elle consentirá?

— Se eu quizer, ha de consentir.

— Pois estou por tudo!

— Venha então quinta feira. Faça vinte e tres annos. O convite lhe chegará ás mãos...

— E fico perdoado?...

— Não sei!

E Ambrosina affastou-se de Gabriel, mas ficou perto do reposteiro, que apenas arredou com uma das mãos.

Elle correu até lá e estendeu-lhe os braços .

— Adeus... disse.

— Adeus, respondeu a dissimulada.

— Nem uma palavra de esperança?...

— Eu te amo, segredou ella.

E fugiu para dentro.

Gabriel quedou-se por algum tempo estatico, a olhar abstractamente para o reposteiro que se fechára sobre a bella moça. Depois, rebentou-lhe no coração uma grande alegria, e elle sahiu a chorar de contentamento.

— Ama-me! exclamava, desgalgando a escada.  
Ama-me! Como sou feliz!

## XVII

LEONARDO

Ultimou-se o negocio do commendador com Gabriel, e este recebeu o promettido convite para a tal quinta-feira. Haveria baile.

— É uma loucura o que vais fazer ! observou-lhe Gaspar, quando o moço enfiava já a casaca. Convenho que Ambrosina seja uma interessante rapariga, convenho que seja bella, chego mesmo a concordar em que ella tenha espirito, e que a aimes loucamente ; digo e repito, porém, que uma menina, criada e educada pelo commendador Moscoso, não pode ser uma menina bem educada ! O casamento, meu filho, depende principalmente da educação da mulher... Tu és o que se chama um bom partido ; e ella, pelo que vejo, uma grande espertalhona. Não dou um mez a vocês dous para se amarrarem, e outro para te arreperderes !

— Mas, que diabo hei de fazer ? Prometti ir ao baile !... Vá que commettesse com isso uma asneira, mas não é muito razoavel querer remediar uma asneira com uma incorrecção !... A verdade é que prometti lá.

ir. Ella, coitadinha! para obrigar o pae a convidar-me, que passos não teria dado!...

— Bem se vê que tens vinte e um annos! Pois acreditas nisso? Não percebes que, de todos alli, o mais interessado na tua ida é justamente o commendador, esse homem do dinheiro e da vaidade? Não percebes, Gabriel, que tu representas mil contos de reis, e que aquelle velho especulador não te deixará passar impunemente por entre as unhas?!...

— Não! isso não, coitado! porque elle nem se quer me conhecia!...

— Mas conhece-te agora por intermedio da filha!

— Que juizo fazes della, então?

— O juizo que faço de qualquer menina intelligente e mal educada.

Nisto entrou o servente com uma carta para Gabriel.

— Alguma novidade?... perguntou Gaspar ao enteado.

— É uma comunicação mysteriosa...

— Cedo principiam!

— Não traz assignatura... Lê.

E passou a carta ao outro.

Era isto :

« Meu amigo. Uma pessoa, que o estima devéras, aconselha-lhe todas as precauções : O senhor tem um rival formidavel, que irá hoje á casa do commendador e não deseja vel-o ao lado de Ambrosina. Não vá ao baile, se quizer evitar escandalo. »

— Isso foi escripto por ella!... disse o padraсто com repugnancia.

— Por ella?!

— Sim; para te obrigar a ir... Quer estimular-te o

orgulho. Eu, no teu caso, servia-me dessa carta como pretexto para ficar em casa...

— Mas, se a amo!...

— É o que suppões; porém a verdade é que mal a conheces.

— Juro-te que...

— ... Que perdeste a cabeça defronte de uns olhos grandes, de uma bocca engraçada e de uns cabellos bonitos; que te deixaste enfeitiçar pela garridice de uma rapariga viva que anda á procura de noivo rico, e suppões afinal que tudo isso tem alguma importancia!... Mas eu te affianço que perderás a cabeça do mesmo modo defronte de outros quaesquer olhos não menos feios, e que em breve, se te affastares de Ambrosina, te esquecerás della para sempre.

— Duvido!

— Proponho-te uma coisa: mettamo-nos n'um carro fechado, e vamos, antes de te apresentares no baile, espiar cá de fóra os passos da tua apaixonada. Talvez colhamos disso alguns esclarecimentos...

— Está dito!

E ás onze horas achavam-se os dous em caminho para a casa do commendador.

O sarau principiára ás dez. Havia grande concurrencia e muito luxo. Como fazia calor, dansavam somente nos salões terreos do palacete, ao lado do jardim, com as janellas abertas, o que auxiliava á curiosidade dos dous espiões.

Ambrosina sobresahia dentre a multidão de pares como verdadeira rainha da festa. Irreprehensivel de elegancia e dispendiosa simplicidade, trajava um vestido inteiriço de cassa branca, cujas rendas e bordados de alto gosto pareciam beber a fria doçura das perolas em que ella trazia agrilhoados cabellos e garganta

A justeza da roupa dizia lucidamente a flexibilidade das suas primorosas fórmãs, fazendo destacar o contorno dos quadris, a volta das espaduas e a delineação raphaelica dos seios.

Nunca estivera tão encantadora. Gabriel não lhe tirava os olhos de cima, em quanto Gaspar bocejava ao fundo do coupé.

Ambrosina vinha de vez em quando á janella, e olhava para a rua com a impaciencia de quem espera alguém que se demora.

— Conta commigo ! dizia Gabriel, apertando as mãos uma contra a outra.

Mas, pouco depois parou á porta do commendador um carro de gosto distincto, puxado por bons cavallos, e em seguida apeou-se um cavalheiro alto, um pouco magro, elegante, barba parisiense, lunetas escuras, cabellos muito rentes.

Ambrosina, ao reconhecer o carro, estremecera.

O recém-chegado produzio sensação ao entrar no baile. O commendador foi recebê-lo com vivo interesse, e apresentou-o logo a varios grupos. Percebia-se que o novo conviva era um estranho para a maior parte das pessoas que alli estavam.

Ambrosina não voltou mais á janella.

— Era por aquelle maldicto sujeito que ella esperava ! considerou o pobre Gabriel, cheio de agonia.

O novo personagem, de resto, dera o braço á filha do commendador, e percorria as salas. Ambrosina mostrava-se radiante de satisfação.

Dansaram depois uma valsa, acabada a qual, foram assentar-se ao terraço, conversando.

Gabriel não podia do carro ouvir o que diziam, mas pelos gestos percebia que os dous conversavam animadamente.

Alguem foi para o piano e cantou ; dançou-se depois nova quadrilha, depois uma valsa. E os dous conversavam ainda no terraço.

Gabriel arquejava.

Entretanto, o bello par de Ambrosina levantou-se, e conduzio pelo braço a sua dama para o jardim.

Gabriel espichou o pescoço, e vio affastarem-se os dous, a passo descansado, por entre as arvores frouxamente tocadas de luz. Havia illuminação em torno das estatuas e dos floridos conteiros.

O venturoso par ia desaparecendo cada vez mais.

Só Gabriel percebia ainda, de vez em quando, o vulto indeciso de Ambrosina, que alvejava por entre as moitas de roseira.

Não se pode conter por mais tempo ; apeou-se do carro, com a necessaria cautella para não acordar o padrasto que dormia sobre as almofadas, e dahi a pouco penetrava no jardim do commendador por um portão que havia aos fundos da casa.

Ambrosina assentára-se afinal com o seu invejado par debaixo de um caramanchão ; Gabriel, donde estava, podia observal-os á vontade.

Fallavam de amor os dous. Ella enlevada, e elle cheio de entusiasmo ; o casamento entrava na conversação como assumpto já resolvido.

— És minha vida ! dizia o rapaz ; és toda a minha esperança ! Ardia por tornar a ver-te !

— Leonardo ! murmurou Ambrosina. Olha que nos podem ouvir, meu amor...

— E a mim que importa ? Não tenciono por ventura ligar o meu destino ao teu ? Não és quasi minha esposa, ou mudarias tu de intenção durante a nossa ausencia ?

— Bem sabes que não, mas é que ainda somos ape-

nas noivos, e tu me perturbas com essas palavras!...

— Não me recrimines, amada de minh'alma! Ha tanto tempo que não estavamos a sós!... deixa que aproveite estes fugitivos instantes para te fallar da nossa felicidade...

E Leonardo, puxando para si Ambrosina, passou-lhe o braço na cintura.

Ouvio-se em seguida estalar um beijo. Um? não; era a harmonia de dous — o d'elle e o d'ella.

Gabriel, com um doido arranco, affastou a moita de roseiras que lhe ficava em frente, e de chofre se precipitou entre ambos.

— Miseraveis! exclamou.

Houve nos dous amantes um spasma de surpresa. Ambrosina em seguida soltou um grito, e fugio para a sala.

— Quem é o senhor?! perguntou Leonardo, medindo Gabriel de alto a baixo.

— Sou o homem que ama aquella mulher! respondeo este, pallido de raiva.

— O homem não — a criança! Já tinha noticias suas. Chama-se Gabriel, é rico, deseja casar com Ambrosina e...

— E não meço obstaculos quando quero realizar qualquer coisa!

— Bem; mas nada disso o habilita para diser-me insolencias. Chamo-me Leonardo Pires de Andrade; ha muito amo Ambrosina; não sou tão rico como o senhor, mas, antes de partir nesta minha ultima viagem, fui autorisado a pedil-a em casamento. O commendador cedeo-m'a hontem...

— É falso!

— Contenha-se! O senhor está fóra de si. Ambrosina já me tinha prevenido dos seus rompantes...



— Senhor!

E Gabriel deu um passo para o outro.

— Ella não o quer, continuou Leonardo; disse-m'o com franqueza. A mim, como homem de juizo, cabe-me, todavia, evitar qualquer consequencia má do passo imprudente que o senhor acaba de dar. No fim de contas, não tenho obrigação de explicar as minhas intenções; ellas são conhecidas já da familia de minha noiva. É a essa familia que o senhor se deve dirigir para denunciar o que acabou de colher da sua espionagem. Boa noite, meu caro senhor!

E, dizendo isto, Leonardo affastou-se rapidamente.

Gabriel voltou ao carro, e entre soluços de dôr e de colera contou a Gaspar o occorrido.

— Nada disso me surprende. Era caso previsto. Creio que agora mudaste de intenção a respeito de Ambrosina...

— Amo-a cada vez mais!

— Ora! isso já passa de loucura!

— Talvez, mas é a verdade!

No dia seguinte, Gabriel leu, por um prisma de lagrimas, a participação do casamento de Ambrosina, que ella propria lhe remettera.

Seria effectuado d'ahi a dous mezes, fóra da cidade.

## XVIII

### A SYMPATHICA EUGENIA

Vamos refluir ao ponto em que este romance principiou, vamos penetrar de novo na bella chácara em que se fez o malogrado casamento de Ambrosina; vamos, finalmente, saber o que succedeu ás scenas da loucura de Leonardo.

Mas, antes disso, antes de fecharmos este grande parenthesis, cumpre esclarecer o leitor sobre os ultimos acontecimentos que precederam áquella situação.

Resume-se tudo em poucas palavras :

O coronel, depois de alguns dias de prostração, expirou nos braços do filho, ao lado de Gabriel e de Alfredo. O pobre velho não foi abandonado nos seus ultimos momentos, sacramentou-se e fechou os olhos com a physionomia banhada na mais doce resignação, e a alma tranquillamente unvida pela consolação religiosa.

Morreu como um justo.

Gaspar, pouco depois, propôz a Gabriel uma viagem á Europa. Gabriel consentio, com tanto que assistissem primeiro ao delongado casamento de Ambrosina;

o outro protestou, mas afinal teve de ceder, porque o enteado não desistia uma polegada do seu intento.

— Repara que é uma tremenda loucura o que tencionas fazer, Gabriel! Lembra-te de que, uma vez casada Ambrosina, nada mais tens que esperar della!...

— Deixa-me! respondeu insolitamente o moço. Faze tu se quizéres a tal viagem; eu, haja o que houver, irei ao casamento!

— E promettes partir commigo logo ao depois?...

— Prometto.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra!

— Bem, nesse caso eu te acompanharei á casa do commendador.

A festa foi extraordinaria. A casa destinada aos noivos era uma bella chácara, que se prestava admiravelmente aos caprichos do gosto e ás phantasias da bolsa. Leonardo, soffrivelmente rico, não olhou despesas; o commendador, por outro lado, procurou dar o maior brilho ao casamento da filha.

E tudo sahio muito á medida dos seus desejos. Foi enorme a concorrência.

A chácara apresentava um aspecto deslumbrante com a sua caprichosa illumination; repuxos cascatas, alpendres, caramanchões artificiaes, estatuas symbolicas, tudo estava cheio de luz ou coberto de flores.

O Mello Rosa não descansára um mez inteiro. Fôra elle o encarregado de dirigir os preparativos do festejo. Durante esse tempo vivia preocupado exclusivamente com aquelle trabalho. Contractava operarios, copeiros, encommendava doces, tinha idéas, lembrava exquisites de grande effeito, desenhava planos e sonhava maravilhas originaes.

O Reguinho ajudava-o muito e era quem sahia a fazer compras, a procurar cortinas, laçarias, estatuetas, cantoneiras e mais petrechos de ornamentação.

Foi um mez de pandega na chácara, em quanto a preparavam para o noivado. Mello Rosa conhecia varios bohemios, que entendiam de pintura e viviam por ahi a trocar as pernas; carregou com elles para lá, deu-lhes de comer e beber, e os homens puxaram a valer pelas tintas e pelos pinceis.

O Mello estava no seu elemento; passava o dia a distribuir ordens e a tomar grogs, sem largar o charuto da bocca.

O commendador, de vez em quando, apparecia por lá, para dar uma vista d'olhos ou um sorriso de approvação.

— Os rapazes são do diabo! dizia elle depois em casa á mulher. Olhe que revolucianaram a chácara: bandeiras, figuras, estrellas, o diabo! E o facto é que está bonito! Logo na entrada puzeram um caboclo abraçando a figura de Portugal; dá na vista! Foi uma idéa feliz! Não! tanto um como o outro têm bastante merito.

— Como não?! disse Genoveva com um ar sério e estúpido, persuadida que o marido, naquella ultima phrase, se referia a Portugal e ao Brasil.

Quando só faltava uma semana para o grande dia, a mulher do commendador, e o seu futuro genro, mudaram-se para a chácara com o fim de apromptarem as mesas e os aposentos dos noivos. Ficariam estes em um pavilhão côr de rosa, que estava uma teteia.

Foi justamente no pavilhão, que aquelles dous rapazes mais capricharam: — havia cupidos por toda a parte, pombinhos, grinaldas, fitas e borboletas. Era um *boudoir* de magica, um ninho casquilho e arrebicado.

Mudaram-se tambem para a chácara, com pretexto de ajudarem, Ursulina e suas duas filhas — Eugenia e Miló.

Chegou, afinal, o grande dia, e tudo correu ás mil maravilhas até á hora em que os noivos fugiram para a independencia feliz do seu pavilhãozinho côr de rosa. E vio já o leitor, pelo segundo capitulo, todas as desgraças que então se succederam. Pois bem; vamos agora encontrar de novo os nossos pobres heróes na critica situação em que os deixamos.

Gaspar, como vimos, fôra surprehendido pelo commendador na occasião em que soccorria Ambrosina, e declarou, apesar de enxotado pelo dono da casa, que ficava no seu posto de medico; Gabriel fôra recolhido a um quarto, e o noivo, tão violentamente atacado de insanias, teve de resignar-se a ser encerrado no porão da chácara.

Quem imaginaria que o homem, para quem se faziam todos aquelles deslumbramentos, havia de ser encurralado no peor logar da casa?...

Depois de taes scenas, tudo se converteu em sobresalto e desordem. O commendador comprehendeu que não dispunha de outro medico, e consentio que Gaspar tratasse da filha; esta, porém, não queria voltar a si do tremendo abalo nervoso que a prostrára.

Da gente quedada para passar a noite na chacára, muitas pessoas desappareceram com a catastrophe e outras se achavam chumbadas á cama pelo vinho. Mello Rosa e o Rego eram dos ultimos. Além de muito cansados, havia nelles, para os inutilisar de vez, uma formidavel carga de champagne.

Gaspar medicou o enteado, e voltou a cuidar de Ambrosina, cujo desfallecimento principiava a sobresaltal-o. O commendador e a mulher encostaram-se, a

chorar, no quarto da filha e esperaram pelo dia.

Ambrosina, estendida na cama, parecia morta.

Gabriel ficára só; ás cinco horas da manhã, abriu os olhos e percorrera-os com um ar infeliz e resignado pelo quarto, como um ferido á espera da ambulancia.

Entretando, por detraz do seu leito, sem ser vista e sem ser ouvida, uma doce amiga lhe velava o somno, e parecia resguardal-o com um veu de amor e de piedade.

Era Eugenia.

Leonardo havia enlouquecido totalmente; e só com muita difficuldade conseguiam alimental-o.

De um moço bonito e elegante que era, estava um monstro. Tinha os olhos espantados e vermelhos, o cabello hirsuto, a bocca feroz. Não admittia nenhuma roupa no corpo e passeiava a quatro pés na sua prisão, soltando uivos plangentes ou bramidos de furia.

E assim se passaram dous dias tristes e aborrecidos. Havia por toda a casa o constrangimento da desgraça. Ninguém se animava a rir e conversar livremente; ouviam-se gemidos e suspiros dolorosos, e de vez em quando os berros de Leonardo. Andavam todos espantados.

Gaspar declarou que o louco não podia ficar alli: Ambrosina, se chegasse a ouvir aquelles berros, havia de piorar e talvez viésse a enlouquecer tambem. Leonardo foi, com grande trabalho, conduzido para uma casa de saude no bairro de Laranjeiras.

Gabriel convalescia á sombra dos desvelos de Eugenia.

Alguns dias depois, o medico procurou o commendador para dizer-lhe que se retirava; a sua doente estava livre de perigo, e Gabriel já podia partir.

O commendador ouviu-o com um ar commovido e cheio de humildade. Subita mudança havia ultimamente se operado nelle ; já não era o mesmo homem brusco e egoista ; agora, ao contrario, parecia muitas vezes empenhado em praticar acções que o reabilitassem.

— Comprehendo, disse elle a Gaspar, que o senhor esteja agastado commigo. Tem razão... Fui grosseiro e mal reconhecido aos seus serviços ; peço-lhe, porém, que me perdôe e que se não vá embora por enquanto... Trate ainda de minha filha, e só se despeça quando a pobre menina voltar de todo á sua primitiva saude... Ah ! se o senhor soubesse quanto tenho soffrido nestes ultimos dias... teria compaixão de mim...

Gaspar cedeo afinal, mas declarou logo que não se separaria de Gabriel.

— O senhores ! respondeo o commendador, já reanimado. Elle ficará connosco. Longe de incommodarnos, nisso nos dará o maior prazer... Creia-me que fallo neste instante com toda a sinceridade !...

Ficaram.

Ambrosina volvia-se garrida e sã com os habeis cuidados de Gaspar. Este quasi lhe não abandonára a cabeceira até conseguir levantá-la da molestia. D'ahi uma certa intimidade muito respeitosa entre os dous. A doente só o tratava por « Meu salvador », e lhe sorria affectuosamente.

Uma occasião, pedio-lhe ella licença para lhe dar um beijo na testa. Gaspar consentio sorrindo, com um gesto paternal.

— Olhe ! disse-lhe a bella moça ; desejo que o senhor seja muito meu amigo... Não calcula o respeito que me inspira a sua tristeza ; presinto por detraz della alguma penosa recordação de amor...

Gaspar fez-se mais pallido e sombrio.

— Peço-lhe que me conte a sua historia. Tenho até hoje ouvido fallar tanto no Medico Mysterioso !... Conte-m'a. Supplico-lhe !

— Não. Far-lhe-hia mal...

— Porém, quando me não fizar mal... promette?...

— Está bom, prometto, mas não se preocupe com isso...

E o medico recaio na sua habitual serenidade. Ambrosina ficou a olhar longamente para aquella fronte pallida e despojada, como se interrogasse o marmore de um sepulchro.

Gabriel, entretanto, tambem se restabelecia quanto ao corpo, porém absolutamente nada quanto ao espirito.

À tarde sahia elle do quarto, arrastando debilmente a sua mágoa, e ia assentar-se, sombrio, debaixo das mangueiras, ao fundo da chácara. Comprazia-se então em deixar-se penetrar pela tristeza mysteriosa do crepusculo, e ficava horas esquecidas a olhar vagamente para o horisonte, que além se atufava nas ultimas matizações da luz do sol.

Uma vez achava-se ahi, como de costume. Era uma tarde esplendida. Todavia, a natureza parecia ir morrendo á proporção que lhe escapava o dia, como se lhe fugisse a alma.

Havia em tudo a sombra melancolica de uma saudade; as arvores murmurinhavam numa deliciosa agonia, e no seio da terra cahiam as primeiras lagrimas da noite.

Gabriel permanecia meditativo, a scismar no seu mallogrado amor. Sem se regosijar com os ultimos acontecimentos, sentia não obstante certo prazer amargo em pensar no soffrimento de Ambrosina e na desgraça de Leonardo.



Ah! ella com certeza teria mais de uma vez se arrependido da escolha que fizera!... pensava o pobre rapaz; entretanto, se o tivesse accettato a elle para marido, como seriam agora felizes!... que bella lua de mel não desfructariam ao calor amoroso daquellas tardes!...

E continuava a meditar: Que triste situação a della!... afinal, não era casada, nem solteira e nem viuva... Não podia ser amada e nem podia amar, pois Leonardo não dava esperanças de melhoria... Pobre Ambrosina!

E Gabriel, apezar de tudo, sentia que a amava sempre; como nunca! sentia que aquelle doido amor, longe de perecer desabrochava em novos rebentões, viçosos e verdejantes.

— Maldicto! apostrophou elle; mil vezes maldicto seja aquelle homem, que veio despedaçar a minha felicidade!

E escondeu a cabeça entre as mãos, a soluçar. Quando a levantou, vio defronte de si Eugenia. Esta o observava silenciosamente, com um olhar cheio de doçura e melancolia.

— Ah! exclamou Gabriel. Não sabia que estava ahí...

— Sim, vim mais esta vez importunal-o com a minha presença...

— Não; a sua presença só pode trazer-me esperança e resignação... Importunar-me a senhora! E por que? porque não lhe causa tédio o infeliz que soffre e vive das suas proprias dores? Não! a senhora, que ultimamente se converteu em minha confidencial amiga, nunca será para mim uma importuna... Eu a estimo, D. Eugenia, como se fôramos irmãos.

Eugenia abaixou os olhos.

— Às vezes, continuou Gabriel, tomando-lhe as mãos; quero crer que nos approxima a sympathia do soffrimento, quero crer que nesse coração, sereno e casto, já algum dia esfusiou tambem a tempestade. Eu lhe tenho fallado de minha vida; disse-lhe com toda a franqueza os meus infortunios... porque não me conta a senhora os seus?... Eu os saberia comprehender... Vamos! diga-me alguma coisa dos seus segredos... Seja minha amiga.

— Não! não lhe posso dizer coisa alguma...

— Não tem confiança em mim?

— Valha-me Deus! Tenho, o que não tenho são segredos... Vim procural-o aqui para lhe dizer que amanhã nos vamos embora... O senhor já é conhecido e estimado por minha familia... appareça-nos...

— Meu Deus! como está commovida!...

— Não faça caso... Adeus...

— Adeus, disse Gabriel, colhendo um ramo de myosotes. Olhe, leve estas flôres, para se lembrar de mim...

Eugenia recolheu as flôres ao seio, e retirou-se, pensativa e triste.

Entretanto, Ambrosina presenciava esta scena por detraz das gelosias do seu quarto.

— Miseravel! disse consigo mesma, num sobresalto de ciúmes. E eu que suppunha que elle só a mim amasse!...

Aquelle procedimento de Gabriel a revoltava e lhe doía por dentro como a mais negra das traições.

— Correspondem-se? Pois não hão de amar-se, que o não quero eu! protestou ella de si para si.

## XIX

AMO-TE! VEMI

Mas na semana seguinte, um novo desastre veio revolucionar ainda uma vez a casa. O commendador cahira prostrado por uma congestão cerebral, que lhe punha em risco a existencia.

Andavam todos aturdidos. Ambrosina apresentava grande pallidez, acompanhada de suspiros e olhares desesperançados. O commendador ia de mal a peor. Voltou logo a fazer-lhe companhia a familia do negociante inglez. Do Reguinho e do Mello Rosa é que ninguem sabia dar noticias. Genoveva, essa conservava sempre a mesma inerte e carnuda resignação.

— Doutor, dizia o enfermo a Gaspar; não me abandone... O senhor não imagina a fé que me inspira!... Oh! incontestavelmente ha intervenção da Providencia em tudo isto!... Quem poderia calcular que eu viésse a ter, á cabeceira da minha cama, o filho do honrado velho que persegui tão covardemente durante a vida?... O Providencia, acredito agora em teus designios!

— Bem ! mas não esteja a mortificar-se... aconselhou o Medico Misterioso.

— Oh ! o senhor deve estar plenamente vingado !... voltou o outro ; salvou minha filha, e faz agora por tambem me salvar a mim... Fui máo ! fui bastante máo ; hoje porém arrependo-me de tudo, e principalmente de não haver protegido o casamento de seu enteado com Ambrosina... Tenho medo de morrer em semelhante situação !.. Eram-me necessarios mais alguns annos de vida, para poder deixar minha familia amparada... O doutor não faz idéa do pessimo estado de meus negocios !

— Quem, ou o que, lhe falla agora em morrer, homem de Deos ?...

— Nem eu sei !... mas sinto-me mal... falta-me já a memoria... faltam-me até as palavras !... nem me lembra o que fiz hoje ! Repare como tenho a lingua presa... Só me lembro das maldades que commetti !...

Gaspár animava-o, dizia-lhe palavras consoladoras ; mas o doente sacudia a cabeça com desanimo e fechava os olhos, gemendo.

Havia um grande máo-estar por toda a casa. A propria Emilia, sempre alegre e brincalhona, nada conseguia com o seo bom humor. Gabriel fallava em retirar-se ; sentia-se já perfeitamente bom e não lhe convinha ficar alli.

Os olhares tristes do moço encontravam-se constantemente com os de Eugenia, e os dous ficavam a scismar.

Um dia, em que ella se mostrou mais desconsolada, Gabriel perguntou-lhe :

— O que tanto a afflige, minha amiguinha ? o que a faz tão muda e pesarosa ?...

— Para que m'o pergunta ? disse ella ; se não me

pode dar nenhum remedio?... Meo genio foi sempre este!... Nunca fui de expansões... Olhe, se promette visitar algumas vezes minha familia, pode ser que, com a convivencia, venha a contar-lhe os meos segredos; mas, por agora, não lhe direi uma palavra... O moço ficou a pensar. Que estranho era o coração daquella rapariga!... Que mysterio poderia haver naquella alma quasi infantil?...

E Gabriel afinal partio.

Ambrosina, ao despedir-se d'elle, estendeu-lhe a mão expansivamente e disse-lhe, arrependida e cheia de mágoa :

— Não me fique tendo odio... seja meu amigo; comprehenda que sou eu a menos culpada de tudo o que se passou entre nós dous!...

— Ah! se a senhora me amasse! se me houvesse comprehendido!... exclamou o desgraçado.

— E pensa que não?... Só eu sei o que soffri por sua causa!...

Gabriel segurou-lhe as mãos.

— Então ainda me ama?!... Responda!

— Mais tarde o saberá... por emquanto, aüsentese de mim... Adeos.

E fugio.

Gabriel metteu-se lá fora no carro com o coração a saltar-lhe num grande alvoroço. Depois das palavras de Ambrosina, tudo em volta d'elle se alegrou e sorrio.

E pelo caminho de casa ia a fazer calculos de felicidade, mas a sinistra figura do doido apparecia-lhe nos sonhos como um demonio a cabriolar no paraíso.

— Ora! concluia elle; o essencial é que ella me ame!...

Eestalava de contentamento quando chegou á casa.

No dia seguinte, o commendador expirou. Porém antes de morrer, encarregou a Gaspar de obter do pobre Alfredo o perdão do muito mal que lhe havia feito; e pediu ao marido de Ursulina, o spleeneticô negociante inglez, que admittise o infeliz como empregado no seo escriptorio commercial.

A morte do commendador dissolveu o grupo que se tinha formado em casa delle. O inglez e a familia retiraram-se; Gaspar fez o mesmo, e a viuva mudou-se, pouco depois, com a filha para o palacete da cidade.

Tratou-se do inventario e, com pasmo geral, chegou-se á conclusão de que o commendador, tão opulento em vida, nem só não deixára bens, como ainda ficára devendo duzentos contos de reis á praça.

Os credores cahiram logo sobre a viuva e lançaram mão do que puderam. Só lhe ficou uma casinha no Engenho Novo, que havia sido comprada em nome da filha.

Mãe e filha mudaram-se para lá.

Ambrosina, porém, não se queria conformar com semelhante miseria.

— No fim de contas, argumentava ella; sou casada com um homem remediado de fortuna e não devo levar esta vida quasi de privações. Não tenho culpa de que meu marido enlouquecesse. O curador faz-me dar uma mesada, que mal chega para acudir ás primeiras necessidades! Cebo!

E parecia que ia repetir a phrase do Reguinho.

A mãe ouvia-a com um ar tólo; tudo aquillo para a pobre mulher era negocio muito complicado.

Todavia, Gabriel, por esse tempo, frequentava a familia do Sr. Windsor.

Windsor é o negociante inglez, marido de Ursulina. Este inalteravel homem tomára afeição a Gabriel, e via com bons olhos a inclinação de sua filha Eugenia pelo rapaz.

Gabriel apparecia-lhe regularmente duas vezes por semana, para o chá. Fazia-se então palestra á roda da mesa ou fazia-se musica no salão.

Eram aquelles serões tranquillos e confortadores. Eugenia, ás vezes, cosia ou bordava, e Gabriel assentava-se ao lado della, esquecido a olhar para o movimento da agulha ou para os olhos da rapariga, abaixados sobre a costura.

— Creio que já lhe mereço alguma confiança, disse-lhe elle em uma dessas vezes; porque não me revelá os seos segredos?...

— Não os tenho... repondeo ella, sem levantar os olhos.

— E comtudo, observou Gabriel; ha muito de mysterioso e triste em todos os seos gestos... Diga-me a verdade!... ás vezes uma revelação suavisa os nossos pezares...

— Não, nunca lhe direi uma palavra... É exacto haver cá dentro um motivo de desgosto, mas esse motivo nunca será denunciado por mim... Eu o confessaria francamente, no caso que o senhor o descobrisse... porém, declaral-o eu... isso nunca!

— Minha amiga!...

— Não insista. Aqui, onde me vê, feia e pobre, tambem tenho o meu bocadinho de orgulho..

— E se eu adivinhasse o seu segredo? se eu descobrisse o que a faz mergulhar assim nessas indefinidas tristezas?... Diga-me : confessaria tudo?...

— Sim, já disse que sim...

— Mas eu tenho receio de enganar-me... As

vezes supponmos distinguir aquillo que desejamos ver, e essa illusão é uma felicidade que se desfaz ao tentarmos alcançar a bella miragem!...

Gabriel calou-se por algum tempo; depois, aproximou mais a sua cadeira da de Eugenia, debruçou-se para ella e accrescentou, quasi em segredo :

— Se soubesse como soffro!... nem mesmo sei explicar o que sinto... São desejos vagos e incompletos, um querer sem vontade, um desejar sem animo, um aspirar sem destino e sem coragem. E comtudo, sinto que me falta alguma coisa... Se me perguntarem o que é, não saberei responder; mas, sinto necessidade de dedicar-me a qualquer idéa, a qualquer coisa. Preciso de um idéal que ocupe a minha actividade, que exija os meus sacrificios, que me anime, que me estimule. Ah! E venham fallar-me ainda nos encantos da mocidade, nos risos dos vinte annos... Não! nada disso existe! Sou moço, rico, tenho vigor e saude, e, no entanto, soffro, soffro muito! sinto a existencia pesar-me sobre as costas como um castigo!

Eugenia, que o ouvia de cabeça baixa, ergueu-a docemente, com um sorriso.

— É justamente por que nada lhe falta, que o senhor se aborrece e não aprecia a existencia... disse ella. Tivesse, como outros, de trabalhar para viver, e os seus dias correriam alegres e ligeiros. Como quer o senhor gostar da existencia, quando nem sequer a ronhece?... A vida consiste no esforço, no trabalho, na dedicação e no sacrificio. O senhor nunca experimentou nenhum desses gózos, que entretanto são os unicos verdadeiros. Quer ouvir um conselho?... Ame e trabalhe, dedique-se a alguem e a alguma cousa, constitua familia e forme a sua responsabilidade de homem.



Sem essa resolução, o senhor ha de sentir sempre o mal de que se queixa, e nunca poderá ser feliz.

— Bem! Pois vou então fallar-lhe com toda a franqueza; vou abrir-lhe o meu coração, para que a senhora escolha e guarde o que nelle houver de aproveitavel, e lance fóra o resto...

Eugenia estremeceu e largou o trabalho que tinha entre mãos. Gabriel approximou ainda mais a sua cadeira, e fitou os olhos da rapariga, postos agora tranquillamente á espera.

Estavam transparentes, infinitamente doces, e via-se no fundo delles brilhar o sorriso de uma esperança.

Houve entre os dous moços um idyllo instantaneo e mudo, precursor do « Amo-te! » sagrado.

Nesse momento, porém, entrou o Sr. Windsor, que os buscava para a cerimonia do chá.

Gabriel prometteu a Eugenia fazer-lhe no dia seguinte a suprema revelação prenunciada. Iria visitá-la expressamente para esse fim.

Mas, nessa mesma noite, ao entrar em casa, o criado lhe entregou uma cartinha perfumada e côr de rosa.

O moço abriu-a, e leu :

« Gabriel. Não queria procurar-te. Tencionava nunca mais te ver, nem te fallar. Não posso! A porta do jardim ficará aberta durante a noite. Às onze e meia já todos os de casa estarão recolhidos... Amo-te! Vem! »

AMBROSINA.

Gabriel leu o bilhete de Ambrosina, uma, quatro, vinte vezes.

Aquellas duas ultimas palavras, breves, quentes e

palpitantes, faiscavam-lhe no cerebro. « Amo-te! vem! »  
— Que harmonia! Que musica! Como lhe soavam agradavelmente ao coração aquellas notas feiticeiras!  
« Amo-te! Vem! »

Um paraíso em duas palavras! Um mundo de delicias! Um rosario de venturas!

— Como sou feliz! Como sou feliz! exclamava elle, incendiado pelas duas palavras de fogo.

Possuir Ambrosina! amal-a e ser amado por ella! tel-a ao alcance da mão, ao alcance dos braços, ao alcance da bocca!... Oh delirio! Oh supremo gozo!

Gaspar achava-se nessa occasião á cabeceira de um doente em Petropólis, e a Gabriel quadrava esta circumstancia, porque lhe permittia saborear mais á vontade aquelle alvoroço do seu amor. Era a primeira vez que não sentia vontade de communicar um segredo seu ao padrasto. É que Gaspar, com certeza, acharia máo tudo aquillo, e privar-se Gabriel da felicidade sonhada, seria privar-se da propria vida.

Despio-se cantarolando; accendeu um charuto e deitou-se de costas na cama, a olhar para o tecto, e a ler no espaço estas duas palavras :

« Amo-te! Vem! »

Eram escriptas por ella... por Ambrosina! por aquella bella mulher de cabellos perturbadores, de olhos ardentes e sombrios, de bocca vermelha e dentes brancos! Eram d'ella! E nessas duas palavras estava toda a sua alma e estava todo o seu sangue!

Sim, era Ambrosina, que lá da sua alcova lhe bradava com delirio : « Amo-te! vem! »

E as duas palavras o invadiam e se gravavam no espirito d'elle, como dous pontos luminosos, duas estrellas brilhantes, que o illuminavam todo por dentro

E as duas estrellas iam lhe despejando no ámago d'alma uma alluvião de sorrisos de amor, de beijos, e de abraços apertados. E quanto mais despejavam, mais tinham ellas que despejar. Eram novas caricias, que se atropellavam, que se confundiam, tomando-lhe a respiração, escaudando-lhe os sentidos.

Gabriel soprou a véla, e fez por adormecer. Aninhou-se na cama, enterrou a cabeça nos travesseiros; mas as duas irrequietas estrellas lá estavam a luzir, a luzir, a repetir : « Amo-te ! Vem ! — Amo-te ! Vem ! »

E de novo lhe perpassavam pelo espirito, em uma torrente vertiginosa, todos os encantos de Ambrosina ; interminavel e palpitante desfilhar de hombros despídos, cabellos soltos, peitos trementes, olhos requebrados e labios insaciaveis. E tudo isto lhe rodava por dentro, pondo nelle allucinações de febre e fazendo-o desabar fundo num inferno de desejo vivo, ou alçar-se para o nirvana de um inconscientismo de loucura ; mas aqui ou alli, no vermelho ardor da extrema excitação sensual, ou no opalino vacuo do alheimento produzido pela fadiga da insomnia, lá estavam as duas implacaveis palavras de fogo, a saltar num frenezi macabro, a cuspir-lhe na polvora do sangue faiscas de luxuria.

« Amo-te ! Vem ! »

Gabriel queria reagir, luctar ; voltava-se na cama, procurava amarrar o espirito a outros assumptos ; quando, porém, dava por si, via-se inda uma vez calculando como não seria bom tomar Ambrosina nos braços, cobril-a de beijos, e amal-a toda inteira, de um só trago, como se o desejo d'elle fosse um mar em que ella mergulhasse nua.

— Diabo ! exclamou, saltando da cama. Não posso dormir !

Foi á janella e abriu-a.

— O que?! pois será possível que esteja amanhecendo?!...

O ceu branqueava ás primeiras irradiações do sol. A natureza parecia ainda estremunhada de somno. As arvores espreguiçavam-se bocejando, e os passaros cumprimentavam o dia com um hymno matinal.

Gabriel olhou vagamente para o espaço. A insondavel tranquillidade da aurora invadio-lhe o espirito, deixando-lhe a porta escancarada; e logo uma loura imagem, castamente risonha, entrou sem cerimonia por elle, a perguntar, cruzando graciosamente os braços :

— Então, meo amigo, quaes são as bellas coisas, que o senhor ficou de dizer-me hoje?... Vamos! Eu de cá não saio sem saber quaes são ellas...

— Eugenia! exclamou Gabriel, como se a pobre menina estivesse realmente defronte dos seus olhos.

E fechou a janella para não a ver, tanto lhe atormentava á consciencia aquella meiga e resignada figura de cabellos louros.

Em vão o esperaria Eugenia á noite desse dia em casa, costurando a um canto da sala de jantar; as taes lindas coisas que Gabriel lhe tinha a dizer, ella nunca chegaria a ouvir-as.

## A CASA DOS AMANTES

Às onze e meia da noite, horas marcadas para a entrevista, já Gabriel passeiava defronte das janellas de Ambrosina.

Deu meia noite. Nada.

Gabriel sentia-se impaciente e soffregos, uma agonia formava-se-lhe no coração, tal era a sua anciedade. O menor mexer de galhos, o rojar de um insecto, tudo lhe fazia adivinhar um vulto branco, de mulher, que ia atirar-se-lhe nos braços.

Mas o vulto não vinha, e elle ficava a imaginar como se apresentaria Ambrosina; quaes seriam as suas primeiras palavras, a expressão da sua alegria, o perfume do seu corpo. Ella se lhe atiraria nos braços?... a beijal-o, a dizer-lhe: « Amo-te! vem... entra para a minha alcova! Tu és a minha felicidade, o meu amor. Vem! aqui me tens! Sou tua! ama-me com todo o ardor dos teus vinte e dous annos! »?...

E elle, arrastado pela imaginação aos aposentos da mulher amada, sonhava-se já em todas as attitudes venturosas do prazer, quando uma pancadinha no

hombro lhe fez voltar a cabeça para traz. O coração bateu-lhe logo mais apressado. Era ella.

— Oh! emfim! disse Gabriel, sem ter ainda voltado a si de todo.

Ambrosina não deu uma palavra e foi assentar-se, o menor sobresalto, em um banco do jardimzinho, do da casa.

estava toda vestida de negro, ainda por luto do Vinha de galochas, por causa da humidade e para fazer rumor com os pés, e trazia no peito um buço de violetas, que espalhavam em redor della um aroma bom e penetrante.

Gabriel quiz dar-lhe um abraço.

- Devagar!... oppôz-lhe a rapariga, safando-se-lhe das mãos. E se continúa desse modo, previno-o desde já que me retiro. Se quizer que fique, ha de respeitar-me como até agora!

— Mas...

— Não admitto replica! Autorisei-o a vir cá, porque o amo, como lhe disse; tanto que estou resolvida a mudar de situação. Mas, antes de tudo, quero saber quaes são as suas intenções a meu respeito...

— De concordar com tudo o que lhe parecer.

-- Então, pensemos maduramente : Eu o amo, e uma vez que descobri este segredo, que me não devia escapar dos labios, confesso que só ao senhor amei até hoje, e que me seria muito penoso ter de esconder para sempre semelhante amor...

— Minha Ambrosina!...

— Espere! disse ella, affastando a mão de Gabriel prestes a empolgar-lhe a cintura; e retomou friamente o fio das suas considerações : Infelizmente, porém, não nos podemos unir pelos laços legais, porque sou casada; estou entretanto resolvida a esquecer total-

mente a peste de meu marido, rejeitar a mesada que em nome delle me dá o curador, e...

— E...

— E fazer-me sua. Quer?

— Se quero, meu amor!...

— Pois bem ; nesse caso, procure uma boa casa, onde possamos esconder decentemente a illegalidade da nossa ternura, prepare-a com o luxo e conforto correspondentes á minha educação; e se estiver o senhor, além disso, resolvido a fazer por mim os sacrificios que faria se fosse meu marido, serei sua, inteiramente sua, para toda a vida. Serve-lhe?...

— Se me serve!...

— Então, é tratar da casa ; prompta esta, eu o acompanharei.

— Obrigado! obrigado! disse Gabriel num transporte de alegria. Como sou feliz! Deixe dar-lhe um abraço!...

— Não! por ora... nada! Va-se embora.

— Supplico!

— Nada! nada!

— Então, meu anjo?!

— Solte-me! ou desisto de tudo o que disse!

— Má!

— Adeus, adeus.

— Ingrata!

— Está bom! Tome lá um beijo, mas é dal-o e pôr-se a caminho!

E Ambrosina estendeu os labios ao futuro amante, que se precipitou sobre elles como se os fôra devorar.

— Está bem! Basta! disse ella... até á volta.

E desapareceu.

Elle sahio de lá quasi a correr, mal acompanhando todavia a andadura do seu coração, que galopava.

O resto da noite passou-o todo a pensar, a sonhar com os deslumbramentos da sua futura existencia de amor.

Gaspar demorava-se em Petrópolis.

Às dez horas da manhã do dia seguinte, já Gabriel ganhava a rua, mas sem saber ao certo por onde principiar a pôr em pratica as ordens da sua dama. Estava indeciso. Como não tinha experiencia da vida, nem habito de trabalho, tudo para elle eram difficuldades.

Em primeiro logar,urgia descobrir uma bôa casinha, meditava, procurando dar direcção ao seu raciocinio. Ora, em qual dos arrabaldes devia ser?... Eram tantos!... Diabo! ella devia ter escolhido o logar!...

— Adeuszinho, doutor! gritou-lhe o Mello Rosa, que passava nessa occasião, com um grande ar de actividade.

Isto era na rua do Ouvidor. Gabriel chamou-o interessado.

— Venha cá! Como vae? Você é quem me podia fazer um favor!...

— Homem, filho! ando muito cheio de serviço... tenho affazeres até aqui!

E o Mello mostrava a gárganta.

— Sim, mas é coisa que se pode decidir em palavras. Você onde vae agora?...

— Almoçar, e depois...

— Nesse caso, almoce commigo, e durante o almoço conversaremos.

Os dous tomaram a rua do Theatro e metteram-se num gabinete particular do hotel Pariz. Mello encarregou-se do *menu*.

— Imagine que eu, segredou-lhe Gabriel; preciso preparar uma casa em regra para..



O Mello largou tudo de mão, dominado por essas palavras.

— Vais casar?... perguntou elle, fitando Gabriel por cima das lunetas.

— Pouco mais ou menos... disse o interragado.

— Comprehendo, comprehendo! Queres tomar á tua conta alguma bôa rapariga, e para isso é preciso um ninho perfumado... uma boceta de guardar joias!...

— Mas é coisa com pressa... observou o outro.

— Isso é o que menos custa; se é que estás resolvido a puxar pela lolsa!...

— De certo.

— Então, posso encarregar-me de tudo. Onde queres a casa?...

— Em qualquer arrabalde, com tanto que seja bonita, nova e em logar aprazivel.

— D'aqui a pouco, teremos a chave, prometteu o outro, sem se lembrar mais das suas suppostas occupações desse dia. Sei de um chaletzito recém-concluido, que está a pintar para o caso!

E os dous, mal acabaram de almoçar, tomaram uma victoria e seguiram para Laranjeiras.

Gabriel continuou pela viagem os seus calculos de felicidade, e Mello Rosa principiou os seus de especulação.

« Isto é negociosinho para render alguns cobres, pensava este ultimo. O typo é muito pelludo e está impaciente por lançar á rua uns bons pares de contos de reis... É uma mina! O que convem é ganhar-lhe primeiro a confiança; o resto fica por minha conta. »

E voltou-se para Gabriel, dizendo-lhe :

— Com quel te vais metter em uma lua de mel... hein, maganão?...

— É exacto, respondeu o outro, nadando em contentamento.

— Estás que nem te podes lamber de contente.

E com um ar mais serio :

— Que tal é ella?...

— Para mim — a mais bella das mulheres!

— É conhecida por cá?...

— Não!

— Então chegou ha pouco?...

— Qual! É d'aqui mesmo. É rapariga de familia...

— Ah! exclamou o outro com um vislumbre; é a Ambrosina!

Gabriel olhou-o de frente : — Como sabe?!...

— Ora, que pergunta! Uma vez que é de familia e vae morar comtigo, não pode ser outra.

E, fitando o banco fronteiro da carruagem : — Sim senhor! boa mulher! Parabens!

Dahi a pouco, Gabriel passava ás mãos do Mello todo o dinheiro que preventivamente trouxera consigo; e dentro de algumas horas principiavam já as andorinhas a conduzir os primeiros moveis para a futura residencia dos dous amantes. Mello Rosa mostrava-se de uma solicitude admiravel; tinha grande pratica daquelle serviço, e sabia onde se vendiam as mais caprichosas phantasias para uma installação de amor caro.

Depois de fazer compras e encommendas, munio-se de tres homens e mettu-se na casa a trabalhar. Pôz-se logo em mangas de camisa e a dar ordens para a direita e para a esquerda.

— Olha, estouvado! gritava elle a um trabalhador; vê lá como pégas nesse espelho! Olha que isso não é de ferro, bruto! Abaixa! mais ainda! gritava

para outro lado. Não machuques essas flôres ! Cuidado, animal !

E a casa ia já se transformando em uma habitação de prazer e luxo. Era uma chacarasita com seu predio novo, todo pintadinho e forradinho de fresco. Pres-tava-se maravilhosamente para o fim desejado.

Gabriel acompanhava o serviço com frenetico prazer. O diabo era que a casa de saude em que recolheram Leonardo ficava por ali cerca, e tal visinhança não produzia bom effeito no animo do namorado de Ambrosina.

As sete horas da noite veio o jantar que Mello commendára a um hotel, e os dous rapazes, á luz do gaz, comeram e beberam intimamente, como se fôram velhos camaradas.

Gabriel tornava-se expansivo, palrava com enthusiasmo da sua amante ; mas pedia reserva ao outro. Era necessario que não se fallasse nisso por ahi !...

Mello promettia e mostrava-se interessado, como se se tratasse da sua propria felicidade.

Ah ! Elle haveria de apparecer... Não ! que umas certas pandegas queria elle mesmo organizar !

E, todo cheio de intenções, de projectos, de planos de prazer, fallava de cousas ruidosas, alegres, retumbantes de riso e champanhe. lembrava no genero feias esplendidas, grandes orgias, de cuja iniciativa lhe cabia a gloria, e citava, com assombro, nomes de famosas mulheres e libertinos celebres do Rio de Janeiro.

Tres dias depois, dirigia Gabriel á Ambrosina um bilhete, declarando :

« Está tudo prompto ; só falta a tua presença. »

E por galanteria, escreveo em baixo : — « Amo-te ! Vem ! »

## XXI

### DO ESPOLIO DO COMMENDADOR

Genoveva, no outro dia, deu por falta da filha.

Ambrosina deixára sobre a cama um cartão seu com as seguintes palavras :

« Se me desejar vêr, pode procurar-me nas Laranjeiras, rua tal, n. tal, » Dizia o numero da casa e o nome da rua.

A pobre mãe esteve por perder a cabeça. — Pois seria concebivel que Ambrosina lhe fugisse, daquella forma, de casa?!...

Vestio-se, sahio, tomou um tilbury, e deu ao cocheiro o numero indicado.

Veio abrir uma franceza :

— *Voulez-vous parler à madame?* perguntou esta.

Genoveva abaixou os olhos e disse :

— Quero fallar á minha filha...

A franceza retirou-se, e voltou logo para abrir a sala.

A viuva do commendador sentio-se constrangida em meio da opulencia arrebicada e impudica daquella installação ; tapetes. moveis, quadros, tinha tudo um

certo character leviano, certo ar de vida de actriz moça e bonita, que tresandava a escandalo.

D'ahi a pouco appareceu Ambrosina. Vinha um tanto abatida, porém de bom humor.

— Então o que quer dizer tudo isto?! perguntou-lhe a mãe.

— O que vê!...

— Mas com quem moras aqui?

— Com Gabriel.

— Teu amante!...

— Sim, porque não pode ser meo marido.

— E porque então não te casaste com elle?

— Sei cá! porque me casei com o outro! Sabia lá que alli estava um doido furioso?...

— E este rapaz tenciona acompanhar-te sempre?

— Ainda não pensei nisso.

— E se elle te abandonar?

— Que abandone!

— E sabes tu o que isso será?

— Perfeitamente, e não fallemos mais em tal. A senhora ponha-se á vontade; dê-me a sua capa e o seo chapeo. Fica comnosco para o almoço, não?

— Não! não posso ficar; não desejo encarar com o teo amante...

— Ainda está dormindo.

Gabriel, com effeito, dormia, fatigado pela felicidade da noite. Fôra uma singular noite de nupcias. Ambrosina era virgem, mas sabia já, por instincto, por indole, por innata perversão, todos os segredos do amor sensual. Entregou-se com arte, com talento. Elle, porém, amou-a com toda a dignidade de um noivo; amou-a convictamente, sentindo orgulho em possuil-a, cercand-a de ternuras respeitosas e de solidudes de amigo.

Suppunha-se o infeliz devéras amado e sentia-se prompto a depôr nas mãos da amante todas as suas esperanças e todo o seu futuro.

— O Leonardo, calculava elle ; mais cedo ou mais tarde, desaparece, e eu caso-me com Ambrosina. Ella será minha esposa, minha familia, a mãe de meus filhos !

Foi com estas palavras, repetidas pela filha, que Genoveva serenou um pouco e prometteo, ao retirar-se, frequentar a casa de Gabriel.

Entretanto, a pobre mulher, tempo depois, curtia o tédio do seu isolamento a aviar uma costura que tinha em mão, quando a campainha do jardim deu signal.

Foi ella mesmo abrir. Era o Alfredo, o empregado publico demittido.

Estava outro o diabo do homem. Desde que Gabriel o soccorrera, e o Sr. Windsor, a pedido do commendador, o empregára no seu escriptorio commercial, voltaram-lhe os antigos habitos de ordem e de aceio. Já não era o mesmo Marmelada ; vinha escanhoado, com a camisa irreprehensivel, a bota engraxada e a sobrecasaca limpa.

Genoveva recebeu-o com uma amabilidade triste e compungida. Depois das extremas palavras do commendador a respeito do pobre viuvo de Anna, ella o tratava com attenção quasi religiosa, como quem cumpre um dever sagrado. Tinha-lhe estima e respeito, gostava de vel-o com aquelle ar austero e methodico, a fallar pausadamente sobre assumptos sancionados pela moral publica.

— Sente-se para cá, senhor Alfredo. Ahi corre muito vento ; pode fazer-lhe mal... Dê-me o seu chapéu. Eu vou trazer-lhe uma chicara de café.

Alfredo agradecia, limpando com o lenço o suor da testa. Desculpava-se por estar dando incommodo, e queixava-se do calor.

— Ah! não se pode respirar! confirmava Genoveva, assentando-se defronte da visita.

— E tomando uma posição mais descansada :

— Ora, até que finalmente o senhor Alfredo se lembrou de apparecer aos amigos!...

Elle estava sempre occupado! O serviço do senhor Windsor não lhe deixava pôr pé em ramo verde; mas agora tratava-se de um negocio um tanto melindroso... Sim! a coisa era delicada! era!

Genoveva assustava-se.

— Que noticias me dá a senhora de sua filha e do Gabriel?...

— Uma desgraça, senhor Alfredo! uma verdadeira desgraça! Parece que temos má estrella; nunca vi assim uma enfiada de cayporismos! O senhor já sabe que o Gabriel me carregou com a pequena?...

— Desconfiava disso, minha senhora.

— Pois é exacto!...

E Genoveva contou minuciosamente o occorrido.

— O que lhe posso afiançar, disse Alfredo; é que aquillo é um rapaz de conta, peso e medida. Creia, D. Genoveva, que, se elle não se casa com a senhora sua filha, é porque a senhora sua filha é casada...

— Não é delle que tenho receio, senhor Alfredo, é della! é daquella cabecinha de vento, que não pensa no dia de amanhã. Ah! quando me lembro que posso ficar totalmente desamparada, sinto vontade de morrer!...

E Genoveva tinha lagrimas a espiar-lhe pelo canto dos olhos.

— Socegue, minha senhora, não ha de ser assim. Deos não permittirá semelhante coisa!...

— Ora, o que! disse a viuva com desconsolo. Agora tudo são rosas para ella; mas, em brève, as coisas mudarão... Como sabe o senhor, com a morte do meu defunto commendador, ficamos sem nada; só nos deixaram, por muito favor, esta casinha, estes trastes e uma escrava, tão velha, que bem pouco terá de vida. Comiamos com a mesada que o curador nos entregava por parte de meu genro. Ora, depois que Ambrosina se metteu com o Gabriel, foi-se a mesada, e eu... veja o senhor isto!... eu sujeitei-me a receber uma pensão correspondente das mãos do amante de minha filha!

E Genoveva concluiu, muito commovida :

— É duro! É duro, senhor Alfredo, para quem estava habituada a passar de certo modo e a não conhecer necessidades!

— Mas o que quer a senhora? disse o viuvo, em tom de condolencia. O que ninguem pode negar é que houve em tudo isso uma grande dóse de fatalidade. Quem poderia esperar que o Leonardo enlouquecesse, e desse modo inutilizasse a pobre menina para outro casamento?... Ella é moça, bonita, instruida; pelo geito gostava do Gabriel, que, de sua parte, é rico e um rapaz ás direitas; — encostou-se a elle. Se as nossas leis fossem outras, os dous se casariam; mas as nossas leis não consentem... Queixe-se de nossas leis, Sra. D. Genoveva!

— Eu me queixo é da sorte, senhor Alfredo. Olhe que sempre somos muito caypóras!...

— De hora em hora, Deus melhora! sentenciou gravemente o viuvo. Não desespere, D. Genoveva, não



desespere! Quem mais do que eu teve motivos para perder o animo?...

E Alfredo levantou-se. Eram horas de se ir chegando...

— Então o que, já vae? Que pressa!...

— Estou já informado a respeito do Gabriel...

— Mas, era só isso o que o senhor queria saber? Não disse tambem que tinha uma commissão delicada?...

— Ah! sim, mas fica tudo resolvido com o que a senhora me declarou.

— Meu Deus! quanta reserva!... Porque não se abre por uma vez, senhor Alfredo?... O senhor assusta-me!

— Bem, nesse caso, vou fallar-lhe com franqueza...

E Alfredo tornou a sentar-se.

— Desde que me acho empregado na casa do senhor Windsor, confidenciou elle; tive a fortuna de merecer, tanto deste como de sua familia, toda a confiança e até estima. Ora, eu, que sempre fui reconhecido aos meus bemfeitores, tornei-me para aquella gente um amigo dedicado e sincero. Por outro lado, devo grandes obrigações ao Gabriel, que foi quem me tirou da miseria e do abandono em que eu vivia. Pois bem, depois daquelles tristes acontecimentos na noite do fatal matrimonio da senhora sua filha, Gabriel teve occasião de conhecer a D. Eugenia, filha mais velha de meo patrão, e desde logo nasceu entre os dous moços uma forte sympathia, que em breve se transformava em amor. Creio que chegaram a fallar em casamento... Tudo isto, como vê a senhora, é muito natural e nenhuma consequencia má teria, se não fosse o Gabriel haver passado a frequentar regularmente a

casa do patrão, avivando desse modo, no coração de D. Eugénia, as esperanças que elle proprio lá plantára...

— E d'ahi?...

— D'ahi, é que a pobre menina se habituou a vel-o, a fallar-lhe, naturalmente tiveram de parte a parte os seus sonhos de felicidade; mas, de repente, Gabriel desaparece, e D. Eugénia, a principio apenas ressentida, foi pouco a pouco se entregando a uma tristeza profunda e doentia, até que ultimamente lhe sobreveio tosse acompanhada de febre, e ella, coitadinha! não come; dorme muito mal e ha dous dias, emfim, que está para decidir!...

Genoveva olhava-o com um ar afflicto.

— O patrão hontem chamou-me em particular, e disse-me com os olhos cheios d'agua: « — Alfredo, estou com medo de perder minha filha mais querida! O medico declarou já que ella só o que tem é muita debilidade e melancholia, mas que pode vir a ser, de um momento para outro, atacada do peito. Ora, eu bem sei que a Eugéniasinha está desgostosa com a ausencia do Gabriel... Tu me fallaste varias vezes nesse rapaz e sempre lhe encareceste as qualidades... Pois então vae por ahi; indaga a respeito d'elle, e vê se trazes alguma boa noticia para minha filha... Eu conheço bem aquella cabecinha!... Eugénia é muito orgulhosa; é muito capaz de deixar-se morrer, sem soltar uma queixa, nem derramar uma lagrima!... »

— Pobre menina! suspirou Genoveva.

— Eu fiquei suffocado com o que me disse o patrão, continuou Alfredo; mas, nesse mesmo dia, ao visitar D. Eugénia no seu quarto, prometti que lhe havia de levar noticias do Gabriel. Ella, coitadinha! olhou-me com toda a calma e respondeu-me, sacu-

dindo os hombros indifferentemente : « — Não, não é preciso... Elle mora nas Laranjeiras com Ambrosina. » Esta noticia tirou-me a luz dos olhos ; não pude dar mais uma palavra, e cá estou para saber ao certo o que ha !

— Pois D. Eugenia não se enganou, disse Genoveva, a olhar tristemente para a sua sáia de panninho preto. É exacto ! Ambrosina mora com Gabriel...

Alfredo levantou-se de novo para sahir.

— Foi uma desgraça !... repisava a viuva do commendador, acompanhando-o até á porta. Foi uma grande desgraça ! Faça o senhor idéa da vida que não levo eu aqui entre estas quatro paredes !... Então é chegar a noite, meu Deus ! fico tão triste, que me ponho a chorar até dormir, Ando nervosa !... não tenho animo de sahir da sala de jantar, onde trabalho ! Qualquer rumor faz-me ficar a tremer ; ponho-me a scismar em quanta asneira me vem á cabeça ! parece-me que vão apparecer ladrões para me matarem, ou supponho ver o espectro de meu defunto marido ! Fico num estado de causar dó !

— Tudo isso são nervos, dizia Alfredo. E aconselhava á Genoveva que todas as noites, antes de dormir, tomasse agua de flor de laranja. Elle havia de apparecer-lhe mais a miudo...

— Venha ! venha conversar á noite. Jogaremos a bisca... O senhor é só e não tem que fazer a essas horas... se ha de ficar em casa, a olhar p'r'o tempo, venha antes para cá dar dous dedos de cavaco. Olhe, venha amanhã !

— Pois sim, prometteu elle, e sahio.

No dia seguinte, voltou á noite.

Genoveva estimou muito esta nova visita. Os dous viuvos conversaram largamente sobre o passado,

fallaram de Ambrosina, de Gabriel e de Eugenia, Alfredo retirou-se ás dez e meia, depois de tomar chá com torradas.

A pobre senhora não chorou esse noite e acordou menos nervosa no outro dia.

Alfredo repetio a visita ; ao fim do mez, já estas se tinham convertido, para ambos, em um habito feliz. Genoveva dava-lhe chá todas as noites. Elle mostrava-se reconhecido a essa galanteria, e levava-lhe quasi sempre alguma gulodice.

Um dia reparou que Genoveva tinha um pescoço roliço e uns dentes muito sãos. « — Devia ter sido um mulherão no seu tempo ! » considerou elle. E o facto é que, desde logo, principiou a notar que a viuva estava bem frescalhona. E, sem querer, demonstravam-se os dous a olhar mais expressivamente um para o outro.

Chovia muito uma noite, e ás onze horas a tormenta recrudescceu de modo atroz.

— Foi o diabo esta chuva! dizia Alfredo, a pensar no seu rheumatismo.

— Temos ahi o assado do jantar e uns camarões frescos, lembrou Genoveva.

E, como a criada se retirava ás oito horas, andou ella mesma á cozinha para preparar a ceia ; depois, a conversar, a rir, estendeu a toalha, e foi buscar uma garrafa de vinho, que guardava religiosamente ainda do seu tempo de casada.

— O defunto tinha ciumes destas garrafas... observou a viuva, a limpar as téas de aranha de uma dellas com o guardanapo. Foi presente que lhe veio da terra... Uma delicia !

Alfredo sentia-se bem.

A noite estava fria, a sala fechada, a toalha da mesa

era de linho claro e cheirava aos jasmims da gaveta, a fritada de camarões enchia o ar de um aroma quente e picante.

— E a verdade é que tenho bom appetite! confessava Alfredo. a abrir com mil cuidados a velha garrafa do defunto commendador.

— Ora! a gente em companhia sempre é outra coisa! disse Geneveva, expandindo a sua satisfação.

E assentou-se, garrida, defronte do conviva.

A chuva continuava lá fora a cair, cada vez mais forte. Alfredo elogiava o vinho, saboreando-o a goles pequeninos e estalados. Geneveva enchia-lhe o prato.

— Então, lá vae á nossa; para que tenhamos muitos dias de boa paz, como o de hoje! disse o viuvo, a erguer o seu calice, que scintillava á luz do petroleo.

— Á nossa! repetio Geneveva, e bebeu, sacculando as bochechas.

O tempo passava-se. Alfredo reparou que já era mais de meia noite, e que a chuva ainda não havia cessado.

— O verdadeiro é ficar aqui mesmo por hoje... Seria imprudencia arriscar-se agora por este tempo!... alvitrou a mãe de Ambrosina, com as faces coradas.

Alfredo lembrou vagamente os vizinhos; sempre havia más lingoas, que em tudo achavam pretexto para murmurar!...

— Ora! desdenhou Geneveva. Estou velha!

E mudando de tom: — Amanhã é domingo, o senhor pode levantar-se mais tarde, e ninguem reparará nisso...

Alfredo concordou alegremente. Sentia-se reanimar por aquelle velho vinho do Porto. Acudiam-lhe palavras de bom humor, brilhavam-lhe os olhos, o sangue

despertava-se-lhe nos membros martyrisados pela vida sedentaria; tinha fogo na voz e, todas as vezes que se dirigia á campanheira, chamava-lhe a attenção, passando-lhe os dedos pelo braço carnudo.

Genoveva não reparava que os pés de Alfredo estavam havia meia hora encostados aos d'ella, e que aquillo que a bôa senhora tinha junto ao joelho, não era a perna da mesa, e sim a delle.

A garrafa ficou vasia. A viuva do commendador levantára-se para fazer a cama do hospede na sala de visitas. Alfredo, fóra dos seus habitos, fumou tres charutos, e em pouco se recolhiam ambos, cada um para o seu lado.

Mas a cama do hospede, apezar de desveladamente preparada com alvos e seductores lenções de linho, amanheceu intacta.

E dahi por diante, Alfredo ficou sendo para Genoveva o que Gabriel era já para a filha desta.

## XXII.

### TOCAM-SE OS EXTREMOS

— Vem sentar-te ao meo lado... Estás hoje tão esquiiva...

— Ora!

— É a primeira vez, depois da morte de teu pae, que te vejo de claro...

— Larguei hoje o luto.

— Mas parece que não estás de bom humor...

— É!

— O que tens?...

— Nada...

— Queres passeiar? ir ao theatro? ao circo? fazer visitas? Onde queres ir? Falla!

— Não quero coisa alguma. Deixa-me!

— Não te mereço esses modos!...

— Não faças caso!

Este dialogo era entre Gabriel e Ambrosina, por uma tarde de fins de Novembro, fartos mezes depois de unidos. Estavam assentados um defronte do outro. Ella a ver distrahidamente um jornal de modas, e elle a contemplal-a enamorado.

Gabriel, depois daquellas palavras, levantou-se, fumou um cigarro, e foi apoiar-se nas costas da cadeira da amante. Ambrosina continuou a ver os seus figurinos, indifferentemente.

Estava mais desenvolvida e talvez mais bella, tol-dava-lhe porém a phisionomia um frio ar de desdem e de tediò.

Gabriel tomou-lhe nas mãos a cabeça, e beijou-a nos olhos.

— O que tanto te mortifica, minha flor?... pergun-tou elle.

— Sei cá! Só sei que estou desilludida...

— Mas, desilludida porque?

— Aborrecida!

— Já sei! Foi a visita de Gaspar que te irritou os nervos...

— Pelo menos, ella contribuiu muito para isso. Não sei porque, aborrece-me agora aquelle sujeito!...

— Não tens razão... Gaspar trata-te bem... Às duas unicas vezes em que elle veio cá, dispensou-te todas as attenções; não te disse uma só palavra desagradavel, não te fez a mais ligeira recriminação, apesar de o haveres tu privado da minha companhia, que tem para elle grande valor...

— Não sei; ataca-me os nervos aquelle ar de hy-pocrisia. Não posso supportar os seus modos pedan-tescos de mentor de chapéu alto!

— Tu exageras, coitado! O Gaspar é um excellente homem. Teve na mocidade uma boa dóse de desgostos, que o fizeram triste para o resto da vida, mas é um coração de ouro.

— Todavia, nem sequer procura disfarçar a sua antipathia por mim...

— Coitado! Elle é lá capaz de antipathisar com-



tigo! Admira-me até dizeres isso, quando gostavas tanto delle durante a tua molestia...

— Elle nesse tempo tratava-me de outro modo.

— É que ainda não se habituou á idéa de que eu o deixasse totalmente, para dedicar-me de corpo e alma a ti, minha querida Ambrosina.

E Gabriel puxou para si a amante, e fel-a assentar-se nos seos joelhos.

— Pois se tens saudades, é voltar! disse ella.

— Deixa-te de tolices! Não vês que não posso mais viver sem ti?...

— O mesmo succede commigo a teu respeito, e é justamente por isso que aborreço aquelle homem. Tenho receio que elle acabe por arrebatat-te de meus braços!

— Que lembrança!

— Enfim, vejamos ainda uma vez; mas se o Medico Mysterioso continuar a trataf-me como ultimamente, tu lhe pedirás de minha parte que me dispense da honra de suas visitas...

— Ambrosina!...

— É o que te digo!

— Estás muito nervosa...

— E o que ha nisso de estranhar, sabendo-se a vida monotona que levo entre estas quatro paredes?...

— Mas, o que te falta? dize.

— Falta-me tudo, Gabriel! Sinto necessidade de gozar, de esquecer as contrariedades de minha vida!

— Queres viajar?...

— Não.

— Então não sei o que te faça!...

E os dous calaram-se. Ambrosina, no fim de algum tempo, levantou-se.

— Vamos dar um baile? disse ella.

— Um baile? repetio Gabriel, a olhar espantado para a amante.

— Sim, um baile. O que achas nisso de extraordinario?...

— Nada, mas a grande difficuldade está nos convidados. Quaes seriam as damas do teu baile?

— Minhas amigas...

— Que amigas?

— As amigas que eu convidasse... Ora, essa!

— Não é tão facil como julgas... Acho, por conseguinte, infeliz a idéa. Olha, se queres uma festa, dá antes um jantar, porque, nesse caso, farei tambem de minha parte alguns convites...

— Mas haverá musica?

— Não sei para que. Haverá, se fizéres gosto nisso...

— O Mello pôde encarregar-se de preparar a casa. Elle é tão diligente... lembrou Ambrosina.

— Lá vens tu com o Mello!... Queres que te diga com franqueza? Vou aborrecendo aquelle typo...

— Porque? coitado!

— Não sei porque, mas vou, cada vez mais, lhe tomando birra... As suas visitas já me fatigam.

— Creio que, no fim de contas, muito desconfiado é o que tu és...

— Eu?! Ora, essa! desconfiado, porque e de quem?!

— É um modo de dizer. Vamos formular a lista dos convivas.

E Ambrosina installou-se na sua mimosa secretária de ebano com incrustações de madreperola, e dispóz-se a escrever.

— Prompto! disse ella. Vae citando os nomes.

— Gaspar... lembrou Gabriel em primeiro logar.

— Não ! disse Ambrosina ; não queremos festa de diade finados...

— Mas havemos de não convidar o Gaspar ?...

— Nesse caso, dispenso a festa.

— Pois risca lá o Gaspar.

• Ambrosina beijou a testa de Gabriel, e continuou :

— Mamãe e Seo Alfredo...

Gabriel sacudio affirmativamente a cabeça.

— O Reguinho e o Mello... accrescentou ella.

Foram nisto, porém, interrompidos pela campainha do corredor.

— Quem será ? perguntou Ambrosina.

Era o Medico Mysterioso. Precisava fallar em particular ao enteado.

Ambrosina franziu o nariz, e deixou-os a sós.

Gaspar, ao tornar de Petrópolis, ficou perplexo com a noticia da nova existencia de Gabriel. Correu a velo e, logo á primeira conversa, comprehendeo, não só que o pobre rapaz era dominado pela amante, como tambem que esta possuia em si todos os elementos de uma mulher devéras perigosa.

O resultado desta observação foi ficar o bom Gaspar bastante sobresaltado a respeito de seu filho querido. Ambrosina, que aliás lhe mostrava a principio tanto respeito e parecia dedicar-lhe sincera estima, não o recebera com bôa cara ; de sorte que o Medico Mysterioso evitou, quanto possivel, ter de voltar á casa della.

Estava nestas circumstancias, quando foi surpreendido pela inesperada visita do Sr. Windsor. O negociante inglez appareceu-lhe desarmado da sua habitual fleugma, e fallou-lhe da filha com franqueza. Gabriel representava um papel importante na triste sorte daquela menina.

Gaspar principiou então a acompanhar de perto a molestia de Eugenia.

Ao ir ter com ella, o estado da rapariga o commoveu. Entretanto, a misera não lhe queria confessar as causas verdadeiras do seu soffrimento; tinha um como pudor da desgraça. Gaspar, em balde, fazia por merecer-lhe a confiança, ella era sempre a mesma reservada e orgulhosa.

Quando o medico lhe fallava de Gabriel, a pobre enferma sorria tristemente e disfarçava as lagrimas.

Impressionava o vel-a, tão pallida e fraca, estendida sobre as almofadas de uma poltrona; entristecia contemplar o negrume arroxeadado dos seus olhos e as sinistras manchas das suas faces descoradas. Estava outra! desaparecia-lhe a voz na garganta, e de vez em quando a tosse lhe sacudia todo o corpo, como para o despertar do marasmo que o prostrava.

Acabada a crise, ella sorria.

O Sr. Windsor andava estonteado, e chorava. Ursulina fazia promessas aos santos, e até Emilia parecia triste. A casa toda se cobrio de luto e melancolia.

Gaspar persistio em lá ir, e mostrava-se incansavel com a enferma.

Foi então que elle procurou Gabriel pela terceira vez.

O enteado, logo que o vio, notou-lhe a grande preocupação que se lhe trahia nos gestos; abaixou os olhos, e corou.

— Como até agora não me appareceste em casa, disse o Medico Misterioso; decidi vir eu á tua procura, disposto a cumprir com o meu dever, custe o que custar.

— A meu respeito?...

— Sim, meu filho, a teu respeito, e a respeito tam-

bem de uma pobre menina, a quem estás assassinando, sem consciencia do crime que commettes!...

— Assassinando, eu?! Ah! trata-se de Eugenia, não é verdade?

— É justamente della que se trata; é desse pobre anjo, cujo coração enche-se de illusões, para depois cruelmente o despedaçar.

Gabriel abaixou de novo os olhos, deixando agora pender a cabeça, intimamente afflicto.

— Cumpro um dever! continuou Gaspar. Venho buscar-te, e estou resolvido a lançar mão de todos os meios para te carregar commigo. Se não viéres, Eugenia morrerá, e serás tu o seu assassino...

Gabriel não dava uma palavra. Arfava-lhe o peito.

— Além disso, considerou o outro; aonde te poderá conduzir a existencia que aqui levas? Princípio a temer-lhe as consequencias. Estás um perfeito ocioso; já não estudas, já não trabalhas!... Nada mais fazes do que amar uma diabolica mulher, que te absorve o espirito e te corrompe o coração!

— Enganas-te, Gaspar!... Ambrosina não é o que suppões...

— De sobra conheço a vida para me haver enganado. Jamais conseguirás ser feliz, caminhando deste modo e vivendo no meio da escoria que te cerca. Não serão os Regos e os Mellos Rosas que te conduzirão ao bom caminho! Estás na idade em que todo o moço decide do seu destino... Se não mudares de conducta, se te não resolveres a trabalhar, se não te fizéres homem de bem, se não tratares emfim de acceitar a responsabilidade da tua vida — virás a ser fatalmente um desgraçado! O facto de haveres nascido rico, não te dispensa dos teus deveres de homem e de cidadão, augmenta ao contrario a tua responsabili-

dade, porque não tens sequer a desculpa da miséria.

— Acredita, Gaspar, que as coisas mudarão!...

— Receio que não mudem, ou que mudem para peor. O que te affianço é que já representas aos meus olhos um papel bem digno de lastima!... És indecentemente explorado por meio duzia de cavalheiros de industria, que se dizem teus amigos. Aquelle Mello Rosa é um gatuno!

— Gaspar, peço-te que moderes um pouco a tua exacerbação!...

— Não! não tenciono moderar-a. Disse-te que cumpria um dever, e é com a consciencia d'elle que procedo neste instante! Não é a propria severidade que me faz esbravear contra aquelles vadios. é o amor que te voto, é a compaixão que me inspira! Tu, meu filho, não tens pratica alguma da vida, nem se quer te foi dada pela sorte a inestimavel faculdade de precisares trabalhar para viver. Onde queres formar o teu character?... Aqui, nesta casa tresandando a desordem e a loucura?! Ao menos, se me apparecesses, para que eu te guiasse com os meus conselhos... mas tu te escondes de mim e tens mêdo das minhas palavras! Em quanto estás aqui, encerrado no calor voluptuoso deste latibulo, em quanto passas a vida á fralda de uma mulher, os rapazes de tua idade formam lá fora uma geração forte e trabalhadora; em quanto te amollecês com o perfume dos cabellos de Ambrosina e com o champagne da tua adega, elles, os moços de tua idade, invadem o jornal, o livro, a tribuna e a vida publica! Porque não acompanhas a onda do teu tempo? Concorde que ames Ambrosina e que por ella sejas amado, mas isso não é razão para que não cumpras com os teus deveres. Esta vida, que aqui levas aos seus pés, sem dignidade e sem

consciencia, só vos poderá conduzir ao despreze social; a ti pela libertinagem, a ella pela prostituição!

Gabriel, fulminado pelas ultimas palavras do padrasto, sentio subir-lhe o sangue ás faces, e esqueceu-se por um instante do respeito que lhe votava. Yeio-lhe á bocca uma injuria; mas, antes de a proferir, já Ambrosina, que tudo escutára do outro quarto, havia de improviso se collocado entre os dous, cravando no medico um olhar hostil e exclamando com a voz firme:

— Basta, senhor! Foi sempre de meu costume respeitar os cabellos brancos de quem quer que seja, vejo agora porém que elles escondem ás vezes uma cabeça leviana e malevola! É bem triste o papel que o senhor escolheu... Introduzir-se na casa alheia para semear a discordia entre os que vivem felizes e tranquillos, será tudo, menos um acto digno! Sei que me vae responder que lhe tirei o seu *bebê*, o seu *tutú*... Mas, com os diabos! antes o levem por uma vez! Ahi o tem! Amo-o, não nego, amo-o bastante; mas prefiro privar-me delle, a ter de prestar contas de meus actos á sua ama secca! Não estou com a corda no pescoço! ainda tenho uma casa para morar, e não faltará quem me queira!

— Não digas isso, que me affliges! exclamou Gabriel, procurando segurar-lhe as mãos.

— Deixe-me! repontou ella com um arranco. Sempre pensei que você fosse outra especie de homem; no fim de contas, não passa de um maricas! Acabam de insultar-me nas suas barbas, e você não acha uma palavra para me desafrontar! Não posso ter confiança em uma pessoa que não reconhece a responsabilidade de seus actos. Agora sou eu quem faz questão de sahir desta casa; não posso ficar em um lugar, onde

estou sujeita a ser insultada covardemente pelo primeiro individuo que chega! Hoje foi este, amanhã será outro e, no fim de pouco tempo, serão todos os seus amigos. Nada! prefiro viver com minha mãe, ou talvez com um meu amante, se encontrar um homem que souber ser homem!

— Ambrosina!... supplicou Gabriel.

— Cale-se! não supponha que me enternece com as suas lamurias... Confesso que lhe tenho amor, mas sou muito capaz de mudar-me hoje mesmo. Já agora, meu amigo, tanto me faz Pedro, como Paulo! Máo foi dar o primeiro passo; afinal, o senhor não é meu marido, e, amante por amante, tanto me faz o segundo como o terceiro!

— Ouviste?... observou Gaspar.

— Para que dizes o que não sentes?... insistio Gabriel, procurando acalmar Ambrosina pela meiguice. Para que te has de fazer inconveniente e má, quando o não és?... Sabes perfeitamente quaes são os laços que me unem ao Gaspar; sabes até onde vae a affeição que elle me vota e...

— Não sei, nem quero saber disso! interrompeo ella. Já disse o que tinha a dizer! Aqui não fico!

E voltando-se para o interior da casa:

— Leonie!

Veio a criada.

— Veja meos objectos e minha roupa; reúna tudo! mudo-me hoje mesmo para a casa de minha mãe!

— Retire-se! gritou Gabriel á criada, e accrescentou para Ambrosina: — Tu não irás! Aqui maudo eu!

— Manda? A quem? exclamou ella. Qual é aqui o seo escravo? Ora, moço, outro officio! Se julga que recebo ordens de alguém, está enganado; sou muito



senhora deste narizinho, entende?! Se me der na cabeça ir já, não será você, nem toda a sua geração, que me farão deixar de ir! Era também o que faltava! que, além de tudo, estivesse eu ás ordens do Nhonhô... Não! por semelhante preço, prefiro roer o pão duro da casa de minha mãe!

— Mas, aqui quem pretende dar-te ordens?... observou Gabriel, chegando-se para ella. Sabes perfeitamente que, da porta p'ra dentro, és a senhora desta casa. Exijo que fiques, não porque te governe, mas porque te amo. Estás encolerisada, bem vejo, e quero-te evitar dares um passo, que sem duvida lamentarias mais tarde.

— Pois se não sou nesta casa uma figura de papelão, preciso pôr immediatamente este sujeito d'aqui p'ra fóra!

Gaspar olhou para ella, e sorriu com sarcasmo.

— Vê?! exclamou Ambrosina furiosa; escarnece de mim!...

— Ora, Ambrosina! respondeu Gabriel; para que me has de collocar nesta posição?... Não vês logo que não posso despedir meu padraço?...

— Pois então, meu caro, sou eu quem se despede!

— Deixa-te disso!...

— Ou elle ou eu! Escolha!

— Não! insistiu Gabriel; nem elle será despedido, nem tu irás... Vocês vão immediatamente fazer as pazes, se são meus amigos...

— Perdão! interveio Gaspar. Eu agora é que só te acceito sem ella! Escolhe entre nós dous!

Gabriel olhou agoniadamente para Ambrosina, depois para o padraço, e afinal atirou-se a uma cadeira, escondendo o rosto nas mãos.

— Sabem o que mais?! exclamou a rapariga. Não estou para atural-os!

E dirigio-se para a alcova.

Gabriel precipitou-se sobre ella:

— Meo amor! Escuta!

— Bem! disse Gaspar, tomando o chapéu; nesse caso, sou eu quem se retira...

— Meo amigo! exclamou Gabriel, segurando-lhe o braço.

— Acabemos com isto! gritou Ambrosina. Não me dou bem com estas scenas! Solte-me!

— Os propios factos se encarregarão de dar-me a resposta, resumio Gaspar, conseguindo ganhar a porta da sala. Resolve só por ti o que entenderes! Adeus.

E voltando-se para Ambrosina:

— Minha senhora, quando de novo precisar de meos serviços medicos, estarei ás suas ordens...

— Obrigada, respondeo ella, com um riso de ironia.

E, quando Gaspar havia desaparecido, deliberou comsigo: « Caro me has de pagar! »

Depois collou a bocca contra a de Gabriel, e exclamou n'um estremeção de volupia:

— Não me receberás mais este typo!... não é verdade, meo queridinho?...

## XXIII

### A FESTA DE AMBROSINA

Gaspar esperou em vão por alguma carta, algum recado, qualquer palavra que viesse da parte de Gabriel. Decididamente, Ambrosina havia triumphado; ontre o padastro e a amante, Gabriel escolhera a ultima.

E o que havia nisso de extraordinario?... considerava o Medico Mysteroso. Agora, o que convinha fazer com urgencia era livrar o pobre rapaz, fosse lá como fosse, das garras de Ambrosina, porque, ou Gaspar muito se enganava, ou alli estava uma mulher com todos os elementos para levar aquelle ás ultimas degradações.

Gabriel com effeito ia absorvendo, nos braços da amante, o virus traiçoeiro da ociosidade. Um aborrecimento profundo começava a corromper-lhe o character e a dirpersar-lhe a energia; ás vezes se quedava elle longas horas a olhar abstractamente para o mesmo ponto, sem coragem para coisa alguma, e só um affago mais violento de Ambrosina o fazia então voltar a si.

Mas estes mesmos se iam relaxando, á proporção que a convivencia estabelecia entre os dous a inevitavel saciedade. Gabriel, na vida que levava, só conhecia ricos ignorantes ou homens indifferentes aos gosos do espirito. O mundo dos artistas, dos intellectuaes, o meio em que cada um vive de uma idéa e caminha firmando-se em um nome, conquistado pelos esforços de todos os instantes; esse meio não o conhecia elle, e o frémito das victorias do trabalho só lhe chegava aos ouvidos, como a longinqua musica de uma batalha de estrangeiros.

Ambrosina, não obstante, insistia na sua idéa de dar uma festa. O Rego e o Mello Rosa encarregaram-se de encommendar o jantar e tratar da decoração da casa. Ella escolheu um rico vestido de seda cõr de creme, com o qual faria as honras da receção; Gabriel distribuiu alguns convites, e, ás cinco horas da tarde do dia marcado, principaram a chegar os commensaes.

Genoveva fôra de vespera para ajudar nos arranjos da cozinha, e Alfredo appareceu logo que pôde largar o trabalho.

Exhibio o restaurado viuvo uma fatiota de brim branco, cujo apurado da gomma dizia eloquentemente os desvelos amorosos da sua nova companheira. Estava muito melhor de physionomia e andava vivo e escorreito. De perfil, notava-se-lhe até um discreto principio de abdomen.

O Mello chegou com um amigo, ao qual apresentou ao dono da casa, dizendo coisas mui agradaveis a seu respeito; e o Reguinho appareceu por ultimo, de carro, e acompanhado por uma rapariga loura, de olhos pintados.

Esta circumstancia não agradou muito a Gabriel, mas,

como Ambrosina não via no facto intenção de maldade, e porque a rapariga tinha um todo acanhado e parecia portar-se com respeito, elle sacudio os hombros e resignou-se. Além disso, não havia muito onde escolher, porque de onze convidados apenas aquelles se apresentaram. Um fiasco!

A filha do commendador, dissimulando o desapontamento, tocou antes da mesa o seu repertorio de piano, e recitou uns versos, que lhe offerecera o Mello. Gabriel fazia servir os aperitivos e conversava vagamente com os convivas.

As seis horas, accenderam-se os candieiros de gaz, e os convidados tomaram á mesa os seus competentes logares. Principiou o jantar.

Notava-se constrangimento geral. Ambrosina, todavia, desfazia-se em obsequios e pedia que não tivessem cerimonia. Alfredo cercava Genoveva de sollicitudes, fallando-lhe de vez em quando ao ouvido. O Mello chamava-lhes a rir « Casal de pombinhos » e outras coisas que a matronaça não faziam bom cavallo, a julgar pelas suas olhadelas, reprehensivas e cheias de conveniencia, atiradas contra aquelle.

Desenvolvia-se o jantar, e o acanhamento ia desaparecendo á porporção que as garrafas se esvasiavam.

Ambrosina recuperava o bom humor e comia já com appetite. Alfredo elogiava o vinho e atochava-se de leitão assado.

— É o que se leva deste mundo! observou-lhe o Mello regaladamente.

E o tempo corria. Repetiam-se os pratos e os copos; iam-se animando as physionomias, e o vinho dava afinal á reunião um character ruidoso e alegre. A propria rapariga do Rego, a principio tão esquerda,

arriscava já uma ou outra phrase com pretensões a pilheria.

— O caso é ella enxugar um pouco! explicava o Rego; e promettia que lá para o fim do jantar estaria soberba.

— O senhor confunde-me... respondeo a infeliz, abaixando maliciosamente os olhos e procurando ter graça.

Gabriel queixava-se de que faltava alli muita gente; dos seus convites só quatro vingaram.

— Nestas occasiões é que se conhecem os amigos! sentenciou o Mello.

Ambrosina pedia a Gabriel que se não mortificasse e, passando-lhe o braço na cintura, deu-lhe um beijo na orelha.

Veio a sobremesa. Estourou o champagne, e o jantar esquentou logo. O Rego ergueo-se para um brinde.

— Meos senhores! disse elle; bebamos á saude de um jovem que, por suas virtudes e por seo talento, muito merece de nosso respeito e de nossa consideração... Bebamos á saude daquelle que hoje nos reúne nesta mesa, ao som dos alegres estampidos da viuva Clicôt!

— Estampidos da viuva? Livra! bradou o Mello.

— Ao Dr. Gabriel! exclamaram muitas vozes.

Todos corresponderam, e Gabriel levantou-se de taça em punho, para agradecer o brinde e o comparecimento dos seus convidados.

Ouvio-se então uma infernal gritaria de « Hup! Hup! Hurrah! » e os copos se chocaram entre gargalhadas e exclamações de prazer. Já fallavam todos ao mesmo tempo, e o tal companheiro do Mello, até ahi silen-

cioso, abriu a fazer discursos con tal furia, que não havia meio de o conter.

Alfredo servia Genoveva de vinhos e offercia-lhe varias gulosinas, que ella em geral recusava, abai-xando os olhos, cheia de decoro, mas esfogueada.

Entretanto, ia-se fazendo por toda a mesa um rumor de desordem. Já ninguem se entendia. Interrompiam-se uns aos outros, sem a menor cerimonia; ouvia-se no meio do barulho a voz excitada do Mello, a dirigir um brinde á Ambrosina, em que lhe chamava « Anjo de amor e prohibido fructo do Paraizo. »

Ambrosina ria-se muito, a pender a cabeça para traz; levantou-se e foi ter com o auctor do brinde para lh'o agradecer. O Mello apertou-lhe o braço n'um arremesso de ternura.

Gabriel mandou abrir mais champagne, e o compa-nheiro do Mello continuava, terrivel, a fazer discursos. Brindou á Mocidade, ao Amor, á Republica e ao Pra-zer. A rapariga do Rego havia encostado no hombro deste a cabeça, e deixou-se afinal cahir no collo do amante, desfazendo o penteado.

Já ia ficando bôa!... affirmava o Rego, a piscar o olho.

Alfredo e Genoveva conversavam intimamente, invernados na sua obscura ternura.

Ninguem prestava mais attenção ao que faziam os outros. Ambrosina declarava sentir-se bem. As garra-fas substituíam-se quasi sem intervallo, e as vozes recrudesciam de animação.

O amigo do Mello calára-se afinal, vencido por uma commoção que lhe arrancava lagrimas e soluços. Gabriel, com a voz arrastada e os olhos mortos, offer-cia charutos á sociedade.

¶ Dissolveu-se a mesa. Servio-se o café e viêram os

licôres. Os convidados espalharam-se pela casa. Ambrosina lembrou um passeio ao luar, no jardim; ninguém accedeu, ella porém deu o braço ao Mello, e com este ganhou alegremente a chácara.

Os dous, ao chegarem a um caramanchão que havia ao fundo, estreitaram-se aos beijos, cahindo sobre um banco, nos braços um do outro.

Ella, não obstante, negava-se, mas sem forças para se defender, e rindo.

O Mello arfava, a segurar as lunetas e tartamudeando palavras de amor. De repente ergueu-se, olhando para os lados. Sentira passos alli perto! Ia jurar que alguém os espreitára!...

— Não é nada... dizia Ambrosina, com os olhos cerrados e os labios soltos.

E puxava-o pelas abas do fraque.

O Mello tornou a cair sobre o banco.

Alguém com effeito os havia espreitado. Os passos ouvidos pelo rapaz eram do Medico Mysterioso que, depois de espiar lá de fóra por algum tempo a festa de Gabriel, seguira com a vista Ambrosina quando esta ganhou a chácara com o Mello; depois penetrára sorrateiramente no jardim, fóra até ao caramanchão e, tendo observado o que ahi se passava, dirigio-se para a sala de jantar.

Entretanto, a festa, degenerada em orgia, arrastava-se já entre bocejos. Gabriel, negligentemente estendido numa preguiçosa, fumava, a olhar abstracto para a rapariga do Rego, nesse momento muito empenhada em descolchetar o seu espartilho, depois de se ter desfeito de um dos sapatos; enquanto o seu extraordinario amante, ainda na sala de jantar, preparava em uma saladeira um formidavel punch, e amortecia a luz dos bicos de gaz para dar mais realce



ás lividas chammas do alcool. Alfredo queixava-se á Geneveva de que havia comido de mais, e estava ás voltas com a sua dyspepsia. A bôa mulher dava-lhe a beber agua de melissa. E ouvia-se a voz arras-tada de Gabriel, chamando com insistencia por Ambrosina.

Gaspar, de braços cruzados ao fundo da sala, olhava para todos elles, com um ar sombrio. Só Geneveva dera com a sua presença, e desde então lhe acompanhava o movimento dos olhos.

Gaspar atravessou a sala e foi bater no hombro do enteado. Gabriel voltou a si e o encarou attonito.

— Avia-te! segredou o medico; temos que sahir daqui immediatamente!

— Para onde?...

— Para o diabo, mas avia-te!

Gabriel levantou-se, cambaleando.

— Para onde me queres levar?...

— Em caminho conversaremos. Anda d'hahi!

E Gaspar segurou-o pelos braços, na esperanza de aproveitar o estado de quasi inconsciencia de Gabriel.

— E Ambrosina?... perguntou este.

— Virá depois.

— Não! Eu só irei com ella!

— Ella não pode vir!

— Porque?...

— Porque não!

— Então, larga-me!

— Gabriel, attende ao teu unico amigo! Repara que estás cercado de vergonhas! Olha que é a perdição que se respira aqui!

— Não sei! deixa-me!

— Se Ambrosina merecesse tal dedicação, vá!

porém, ella, desgraçado, zomba de ti! engana-te com outro!

— Mentos, miseravel!

— Nada de bulha, e ouve o que te digo... Promettes acompanhar-me, se eu te provar a infidelidade de Ambrosina?...

— Prometto!

— Pois vem cá. Não faças rumor com os pés... atravessemos este corredor... Bem! agora passemos por este lado do jardim... Espera; reprime um pouco a respiração e abafa os teus passos... Agora entremos nesta alameda... Ahi! Olha por entre estes galhos... O que vês?

A propria embriaguez e a sombra das folhas não permittiram logo a Gabriel reconhecer a amante nos braços de Mello Rosa; mas, pela voz dos dous e pelo que diziam, certificou-se n'um relance de que era trahido e precipitou-se com furia sobre elles, exclamando como um louco:

— Infames! Infames!

Gaspar, porém, senhoreou-se vigorosamente do enteadado, enquanto Ambrosina e o Mello corriam pelo jardim.

— Larga-me! bradava Gabriel, procurando escapar das mãos do padrasto; larga-me, ou enlouqueço!

— Não! d'aqui sahiremos juntos. Nem voltarás lá dentro; nada tens que fazer nesse covil de miseraveis! Saiámos pelo portão do jardim, e amanhã mesmo partiremos do Rio de Janeiro!

— Deixa-me! deixa-me! insistia Gabriel.

Mello Rosa conseguiu ganhar a rua e fugir, justamente quando o amante illudido lograva escapar dos braços do amigo.

Esta scena levantou grande rumor, pondo em sobresalto os que estavam na casa. Mas na occasião em que Gabriel se dispunha a perseguir o Mello Rosa, ouviu-se um bramido terrivel e em seguida um grito de Ambrosina :

— O louco !

Com effeito, era Leonardo que surgia. Ha dous dias fugira do hospital e vagava foragido pelas ruas do arrabalde, até que o acaso lhe fizera dar com a casa da mulher.

Genoveva tivera tempo de fechar a porta da sala, mas o doido, com um empurrão, mettêra-a dentro, produzindo formidavel estrondo.

O amigo do Mello, que dormia num canapé, acordou sobresaltado e corria á tóa pelos quartos. Alfredo, tiritando de susto, ganhou um canto da sala de jantar e escondeu-se. A sujeita do Rego, a suster as saias, gritava que a tirassem daquelle inferno, e Genoveva, tratando de fugir, puxára do seio um rosario e resava atropalhadamente as orações que lhe vinham á bocca.

Ambrosina, entretantó, ao reconhecer a figura terrivel do marido, correra para o jardim, mas, dando ahi com Gaspar e Gabriel, voltára estonteada, exclamando, a abraçar-se com a mãe :

— Salve-me ! Salve-me ! Todos elles me querem matar ! Salve-me, por amor de Deus !

Leonardo havia parado no meio da casa, immovel ; tinha na mão o trinchante que apanhára da mesa.

A figura, o gesto, a voz, tudo nelle era horrivel. Cobria-lhe a cabeça e a cara uma porção emmaraanhada de cabellos seccos e negros. O olhar luzia-lhe com scintillações vermelhas, e as suas narinas pareciam procurar a carniça pelo faro.

A casa converteo-se em um inferno de exclama-

ções. De todos os lados gritos, pragas e ameaças.

Entretanto, o doido percebeo Ambrosina na sala de jantar, e soltou uma gargalhada.

— Até que afinal te encontro! berrou elle.

A misera olhou em torno de si e reparou, trémula, que a sala estava fechada e quasi ás escuras.

O doido correo para ella, empunhando a faca.

Ambrosina ia perder os sentidos, mas notou que a porta da dispensa, que dava para a sala de jantar, estava aberta, e a esperança de alcançal-a reanimou-a, porque seria facil embastilhar-se lá dentro, deslocando uma prateleira volante que ahí existia logo á entrada.

Leonardo avançava, brandindo a faca; entre elle e a mulher havia porém a mesa de jantar, e os dous começaram a correr em torno desta, como fazem as crianças, quando brincam o « Tempo será. »

Leonardo galgára a mesa aos saltos, lançando por terra cadeiras e garrafas. Aterrava vel-o pular d'aquelle modo, grunhindo como um torturado. Mas, se elle tinha a agilidade do tigre, tinha a perseguida a destreza da camurça e, a um pulo de Leonardo, Ambrosina oppunha uma pirueta, que a tirava do seu alcance.

Assim levaram algum tempo. Todavia, a desgraçada não podia resistir por muito mais: o suor corria-lhe de todo o corpo; as pernas vergavam-se-lhe de canção; a vertiginosa gravitação em torno da mesa fazia-lhe redemoinhar a cabeça num delirio apoplectico. Sentia ancias enormes, e offegante, trémula, miseravel, toda ferida nos cacos de vidro espalhados pelo chão, ia lançar-se supplicante e vencida aos pés do doido, quando se abriu de repente uma das portas da sala, e Gaspar, junto com Gabriel, appareceram de relance.

— Olá! Hé! gritou o medico.

Leonardo voltou-se para elles, e Ambrosina teve en-  
sejo de galgar a entrada da dispensa.

Ja era tempo!

Os dous, vendo-a livre do perigo, tornaram a fechar logo a porta, com intenção de deixar o doido preso. Só então o Medico Misterioso reparou que os convidados haviam todos desaparecido, e, como para elle se tratava unicamente de fugir com o enteado, a este arrastou consigo pelo jardim e levou-o para o carro que o esperava ao portão da chácara.

— Toca p'ra casa! disse ao cocheiro.

Gabriel, pelo caminho, protestava na impotencia do seu estado :

— Mas, repara, Gaspar, que Ambrosina pode morrer na situação em que a deixámos... É um assassinato o que vamos commetter!...

— A dispensa não tem sahida?

— Tem uma janella, mas a desgraçada talvez não chegue até lá!... Eu já não a amo e nenhum interesse tenho em possuil-a, mas é de meu dever não consentir que ella morra em minha casa!

Gaspar pensou um instante, depois fez parar o carro, e disse ao cocheiro :

— Jorge, apêa-te; dá-me o teo capote, o teo chapéu e o teo chicote.

O cocheiro obedeceu, e Gaspar, approximando mais a bocca ao ouvido d'elle, accrescentou ainda algumas palavras.

— É só o que manda, patrão? perguntou Jorge, depois de ouvir o que lhe segredára o medico.

— Sim, mas desejo que te saías desta vez tão bem como das outras...

— Póde ficar descansado.

— Estás armado ?

— Sim senhor, e tenho a minha lanterna.

— Então, vae.

E o cocheiro tornou a pé pelo caminho feito.

Gaspar atirou o capote nos hombros, enterrou o chapéu na cabeça, empunhou o chicote e galgou a boléa.

O carro desapareceu na estrada.

Deixemol-o seguir para a casa do Medico Myste-rioso, e voltemos á sala de jantar de Gabriel.

Ambrosina, mal ganhou a dispensa, atravancou precipitadamente a porta e deixou-se cahir prostrada no chão. Só depois de vomitar duas ou tres vezes, é que de novo se vio senhora completa dos seus movi-mentos e do seu espirito.

A primeira idéa que então lhe accudio foi a de fugir para a rua ; não tinha confiança naquelle abrigo. Trepou logo pelas prateleiras, e ganhou a pequena janella, que dava sobre o jardim.

A noite estava silenciosa e um tanto humida. Am-brosina só ouvia o rumor produzido pelo marido na sala de jantar.

— Com certeza elle não sahirá de lá, emquanto houver ao seu alcance um objecto inteiro... pensou, montando-se no parapeito da janella ; depois, depen-durou-se deste pelas mãos e deixou-se escorregar para fóra.

Cahio assentada na relva, e só então reparou no deploravel estado em que se achava.

E foi suja, rôta, ensanguentada, sem chapéu, que atravessou a chácara.

Ao passar pela frente da casa, pareceu-lhe ouvir gritos pedindo soccorro.

Querem ver que ainda ha alguém lá dentro ás voltas com o doido?... considerou ella.

— Ora, adeus! disse de si para si; quem quer que seja, que se arranje, como eu me arranjei!

E seguiu para a rua.

O bairro estava deserto. Ambrosina não tinha dinheiro comsigo e nem mesmo sabia para onde ir. A casa de sua mãe era tão longe!... ficava no Engenho Novo, e ella achava-se alli em Laranjeiras!...

Além disso, sentia-se fatigadissima; os pés ardiam-lhe, como se fossem calçados de sinapismos. E tão enxovalhada! Onde diabo iria ella abrigar-se? a quem se apresentaria naquelle estado?

E coxeando, gemendo, a encostar-se pelas paredes, seguia tristemente para o lado da cidade.

Veremos depois o destino que teve a desgraçada.

Por enquanto, voltemos inda uma vez á sala de jantar de Gabriel, porque, com effeito, alguém lá ficou abandonado e em apuros.

Era o pobre Alfredo; eram delle os gritos que pediam soccorro.

Na terrivel occasião em que surgira Leonardo, o magro amante de Genoveva, aproveitando a exiguidade do seu corpo, conseguiu metter-se entre o guarda-louça e a parede, no canto de que fallamos, certo de que ninguem daria com elle em semelhante esconderijo.

Havia de ser, realmente, muito difficil descobri-lo ahi; mas o louco, quando Ambrosina se encerrou na dispensa e Gaspar fechou de novo a porta da sala, foi surpreendido por certo ruido innominavel que partia do canto do guarda-louça. Precipitou-se para lá e, aguçando os olhos, lobrigou ao fundo da toca a livida figura de Alfredo, cujos queixos batiam como castanholas.

O louco soltou um rugido dos seus, acompanhado de uma feroz gargalhada de satisfação, e desistiu do intento de perseguir á mulher, para se atirar sobre a nova presa.

Alfredo não cahio por terra, fulminado de terror, só porque o guarda-louça e a parede o entalavam pelos hombros. Fechou os olhos e, cedendo a um rebate mais forte dos intestinos, resignou-se á morte, procurando conciliar uma idéa religiosa.



## XXIV

### A ALMA DO COMMENDADOR

O Medico Mysterioso, ao chegar defronte de casa, apéou-se da boléa, abriu a porta, chamou o criado e recommendou-lhe que recolhesse o carro á cocheira.

Eram dez horas da noite, e o tempo, até ahí de uma transparencia admiravel, começava a fazer-se côr de chumbo.

Gabriel, atirado nas almofadas do carro, dormia profundamente. O padraсто tomou-o nos hombros, e carregou com elle para o quarto.

O rapaz não dava accordo de si. Gaspar estendeu-o na cama, e ficou algum tempo a olhal-o, com uma expressão de profunda tristeza. Depois, sacudio a cabeça resignadamente, e deu-lhe um beijo na fronte.

— Pobre criança!... dizia consigo o medico; para que haverias tu de encontrar, logo na entrada do caminho, aquella mulher perversa e egoista?... Antes fosses pobre e desprotegido!... estarias trabalhando para ganhar a vida, e o suor que te corresse do rosto não seria este suor humido e orgiaco, que agora te enregéla. Antes fosses bem pobre! Comprehenderias

talvez a necessidade de cultivar a tua intelligencia, que esperdiças, como esperdiças o teu dinheiro... Amaldiçoada fortuna, que a ambos nos desgraçou!

E Gaspar, enxugando as lagrimas, principiou a mudar a roupa do enteado, com a solicitude de uma mãe extremosa. Descalçou-o, e procurou chamar-lhe o sangue á sola dos pés; amarrou-lhe na testa um lenço borrifado com algumas gottas de ammoniaco, e, depois de agasalhal-o bem, fechou a porta do quarto, passou ao escriptorio e assentou-se á sua mesa de trabalho com um livro defronte de si.

Gabriel, ao abrir os olhos no dia seguinte, o primeiro pensamento que formulou foi todo para Ambrosina. Os acontecimentos da vespera appareciam-lhe agora no espirito como reminiscencias de factos revistos atravez das camadas nebulosas do tempo.

Muitos lhe tinham fugido inteiramente da memoria, de envolta com os vapores da embriaguez; outros permaneciam, vacillantes e duvidosos, com uma impressão de sonho no momento de acordarmos. A sinistra figura de Leonardo desenhava-se de um modo fantastico; aquelle espectro hirsuto e desvairado, lançando em torno de si olhares de fera e empunhando uma faca, parecia um producto de pesadelo. E Gabriel, com a imaginação, via Ambrosina crivada de feridas, a debater-se e a pedir soccorro nas garras do louco, que a arrastava pelos cabellos e começava a devorar-lhe o corpo a dentadas, como havia tentado na horrivel noite do casamento.

Gabriel, sacudido por essas idéas, sentia as fontes estalarem de febre.

Mas, entre todas as duvidosas reminiscencias da vespera, se destacava um facto, gravado a fogo, era a scena do caramanchão. Esse não tinha sombras

**esfumadas, nem contornos duvidosos ; estava alli, nú e crú, em toda a brutal nitidez da realidade.**

Não havia para onde fugir ! Era uma affronta verdadeira e positiva, que reclamava dos brios de Gabriel decisão prompta e energica.

Com que tristeza, com que dôr, com que sacrificio d'alma, não teve o desgraçado de chegar a esta conclusão inevitavel : — Abandonar por uma vez Ambrosina ? !... empurrar com o pé tudo o que elle até ahí mais amára, mais loucamente estremecera ! fugir daquillo que lhe enchera os sonhos de esperanças, destruir o castello das suas illusões, amaldiçoar o seu idolo e calcar o proprio coração debaixo dos pés, como quem esmaga um immundo verme ! Mas assim era preciso ! Era inevitavel ! O que poderia elle esperar daquella mulher, no caso que lhe faltasse coragem para repellil-a ? Não lhe teria já por ventura consagrado toda a sua existencia ? não havia feito, por amor de semelhante ingrata, todos os sacrificios de sentimento e de character, que se podem exigir de um homem ? E qual fóra a paga de tudo isso ? — Uma vileza, uma infamia, a mais torpe das traições — a traição do amor !

Oh ! Era indispensavel fugir-lhe para sempre ! nunca mais a ver ! nunca mais a amar !

E, com esta resolução, todo o seu ser se abalava num calafrio de morte.

— Mas que diabolica fascinação exerce sobre mim aquella mulher, considerava o misero ; para que eu, mesmo no auge do meo desespero e do meo odio, sinta por ella todo o arrebatamento do amor e toda a humilhante agonia do desejo ? Que sobrenatural poder me obriga a querel-a sempre, mesmo com a consciencia dolorosa da sua infamia, e com a convicção

degradante da minha covardia? Inferno! Conhecer o mal, sem animo para fugir delle... Mas não! Custe o que custar, dôa o que doer, hei de esquecer-a! hei de desprezal-a!

Mas de dentro, em revolta, lhe bradava o sangue:

— Attende! attende, desgraçado! não te lembras que, para deixares por uma vez Ambrosina, terás de abdicar de todos os deslumbramentos do seo amor? Deixal-a, quer dizer nunca mais sentir o doce contacto daquelles braços esculpturaes; deixal-a, é perder o gosto saboroso daquelles beijos quentes e vermelhos; é nunca mais adormecer ao calor daquella divina carne e ao aroma daquelle cabello negro! Queres deixal-a, miseravel? deixa-a, mas engatilha ao mesmo tempo o teu revolver, porque não resistirás ao desespero de perdel-a! E, emquanto estiveres lá debaixo da terra, no pavoroso degredo do teo anniquilamento, ella, cá fóra, feliz e radiante, será cortejada por uma alluvião desenfreada de apaixonados!

Gabriel estremeceo, sacudio a cabeça, procurando enxotar os pensamentos, como quem enxota um bando de corvos, e saltou da cama.

Defronte delle ergueu-se o padraсто.

— Então?... disse este. Estás disposto a partir?

— Quando quizeres... respondeo Gabriel, abaixando os olhos.

— Iremos pelo primeiro paquete que sahir para a Europa.

E Gaspar affastou-se, para tratar da viagem.

Entretanto, na vespera desse dia, em quanto aquelles dous fugiam pela noite a toda a disparada da casa de Ambrosina, esta, depois de alguns passos pela rua de Laranjeiras, encostára-se prostrada ás grades de uma chácara.

Não sentia coragem para caminhar, tal era o seu estado. Tinha a cabeça opprimida por um estranho peso que a obrigava a fechar de vez em quando os olhos. As pernas negavam-se a sustentá-la e os seus pés sangravam; todo o corpo lhe pedia repouso, mas não se animava ella a sentar-se no batente de alguma porta, receiosa de ceder ao cansaço e adormecer na rua. Olhava então afflictivamente para a estrada, e a desesperança de qualquer recurso, que a tirasse daquella situação, arrancava-lhe lagrimas de desespero.

Quando passava alguém, a infeliz escondia o rosto, envergonhada.

Um trabalhador, que vinha a cantarolar com uma voz grossa de vinho, abeirou-se della e quiz abordar-a.

— Olha cá! disse, limpando as barbas nas costas da mão.

— Não me toque! bradou ella.

E ferrou no homem tão decisivo olhar, que elle abaixou a cabeça, com um gesto de cão batido, e arredou-se, resmungando :

— Desculpe! suppunha qu'era uma barca...

Ambrosina rilhou os dentes, de raiva, e desatou a soluçar.

Que mal havia ella feito para soffrer tanto?... Porque a sorte, a fatalidade, ou lá o que fosse, a perseguia d'aquelle modo?... Bem sombria devia ser a estrella que lhe velou o berço!...

— No fim de contas, se não sou mais honesta, dizia comsigo mesmo; só ao acaso devemos criminar, porque foi elle quem me tirou dos braços de meu marido para me atirar aos do meu amante... E será culpa minha não poder eu amar a nenhum homem?... Acho-os ridiculos a todos elles! E haverá, com effeito, coisa

mais aborrecida do que ouvir protestos de amor de Gabriel, por exemplo? Quem pode gostar d'aquillo? Um homem deve ser um homem e deve saber gosar!

E Ambrosiina sonhava-se ao lado de um libertino milionario, que a embriagava com todas as transcencias da riqueza e do prazer; sentia sede das sensações fortes do jogo e das orgias monstruosas, em que ha gosto de sangue no fundo das ultimas taças. Queria gosos criminosos, lascivias perseguidas por lei; sentia necessidade de ruido, de desordem, de escandalo; queria que se fallasse nella, que a apontassem, que os burguezes estalasse de raiva, ao vel-a passar, petulantemente linda, satanica, cruel, no seu carro puxado a quatro. Sentia vontade que a julgassem capaz de todos os crimes! E assim mesmo haveriam de ir depôr a seus pés a fortuna, a honra, o talento, porque ella era bella e possuia todos os segredos do amor sensual. Os mancebos, ao abrir da puberdade, queimariam a carne em flôr nas brazas do seu sangue; os homens lançariam ás chammas dos seus punchs a fortuna dos filhos e as joias da mulher; os velhos, tremulos e decrepitos, cheios de condecorações e de flannels, haveriam de arrastar-se até aonde ella estivesse para lhe supplicarem, por amor de Deus e em troca de tudo o que possuissem, alguns instantes de luxuria! E ella então, orgulhosa e fria sob o diadema de seus vicios, escarneceria de todos elles e de todos os preceitos estabelecidos pela moral. E, em quanto as mães chorassem, os filhos se perdessem, e os homens se assassinassem na vergonha e no opprobrio, ella, a mulher sem coração, a Venus de gelo! beberla Champagne e comeria morangos em calda de rum!

E por um natural phenomeno de atavismo, Ambrosiina reproduzia, com as modificações correspondentes

às suas circumstancias individuaes, todos os sonhos de ambição e todos os delirios de grandeza que encheram a vida inteira de seu pae.

Era o commendador Moscoso quem estava alli a sonhar, em plena mocidade, não como ambicioso caixeiro de taverna, mas como uma vaidosa rapariga de coração mal educado.

Ella, porém, foi interrompida nos seus insipientes devaneios por um fulminante berro, que lhe gelou nas veias o sangue e lhe sumio a luz dos olhos.

Era o louco que vinha de novo ao seu encalço.

Ambrosina soltou um grito e, perdendo os sentidos, cambaleou um momento, e desabou afinal sobre a calçada.

## XXV

### A FLOR DO RUSSELL

Jorge, o cocheiro de Gaspar, era um homem membrudo e de physionomia aspera, typo mais puxado a hespanhol que a brasileiro.

Cabellos negros e crespos, achatados na testa pelo uso constante de um grosseiro chapéu de feltro, olhos escuros, côr de tabaco, barba espessa, fartas sobrançelhas arrepiadas, nariz grosso, afogado em sangue, dentes grandes e quadrados.

Cobria-lhe a pequena parte do rosto que não fôra conquistada pela invasão brutal dos cabellos, um moreno quente, lustroso, cheio de vida e de força. Tinha as mãos largas e resguardadas de musculos possantes, peito amplo e pescoço vigoroso.

Entretanto, por detraz d'aquella estatura gigantesca e da energia do seu todo, estava um coração brando e flexivel.

Jorge era um bom homem. Gaspar tomára-o ultimamente a seu serviço, mas já o conhecia de longa data. O Medico Mysterioso exercia sobre elle grande influencia moral e votava-lhe amisade.



Quando, na noite do infeliz jantar, Ambrosina fugia por um lado da chácara, procurando abafar os passos para não ser percebida pelo marido, Jorge entrava pelo outro, com a precaução de quem deseja surpreender alguém.

Não se viram.

A moça ganhou a rua, e elle, seguindo as recomendações do amo, foi ter á janella da dispensa. Estava aberta; Jorge galgou-a, accendeu ahi a sua lanterna furta luz e, estendendo o pescoço, espiou para a sala de jantar, por cima da porta, pela qual justamente pouco antes fugira aquella.

O cocheiro não podia, d'onde estava, ver com quem altercava o doido, mas, segundo o que lhe havia dito Gaspar, devia ser com Ambrosina.

A sala continuava quasi ás escuras.

No momento em que Leonardo ia lançar-se sobre Alfredo, Jorge abriu de improviso a porta da dispensa e avançou resolutamente para elle, com um revolver em uma das mãos e a lanterna furta-luz na outra. O doido voltou-se assustado, escondendo a faca nas costas.

— Dá-me já esse ferro! bradou-lhe o cocheiro.

Leonardo atirou humildemente a faca ao chão, e retrahio-se. Jorge apanhou-a, e perguntou-lhe asperamente se ainda tinha alguma arma comsigo.

O doido meneou affirmativamente a cabeça e, refilando os dentes, apontou para estes.

— Dessa arma não tenho eu medo! rosnou o cocheiro; mas revistemos sempre as algibeiras...

E começou a apalpar as roupas de Leonardo.

— Não me façás cocegas! gritou este, torcendo-se todo, a rir.

E fugio-lhe das mãos.

— Tratemos agora da menina! disse aquelle.

Alfredo sahira, afinal, do seu esconderijo. Jorge chegou-lhe a lanterna ao rosto, e olhou-o com surpresa.

— O que?! Pois era o senhor que cá estava, seu Alfredo? Como diabo me affirmou o patrão que era D. Ambrosina?...

Alfredo engulio a ultima saliva, que o medo lhe havia gelado na garganta, e explicou a situação com a voz ainda trémula.

Um rumor lá fóra chamou nesse momento a attenção de Jorge.

— Com os diabos, que lá se nos vae o doido!

Leonardo, com effeito, enquanto os dous conversavam, galgára a janella da dispensa e fugira pelo jardim.

Foi nessa occasião que elle seguiu para onde estava Ambrosina.

Alfredo e o cocheiro, depois de certificados de que Leonardo não se havia escondido na chácara, apagaram o gaz, fecharam a casa pelo melhor que puderam, e seguiram para a rua.

— Por onde diabo teria tomado aquelle maldito? dizia e repetia Jorge, a olhar para todos os lados; até que percebeu Leonardo na occasião em que este surgia junto á mulher.

Jorge correu para lá, e Leonardo, mal o bispou, abriu n'um carreirão pela estrada, a fugir.

— Fique com ella! bradou o cocheiro a Alfredo; que eu vou na pista daquelle damnado!

E lançou-se a perseguir o doido.

Dez minutos depois, voltava, coberto de suor.

— Escapou-nos! o demonio! Mas deixa estar que não as perdes, patife! O logar dos doidos é no hospicio!

E, voltando-se para Ambrosina, que recuperava os sentidos :

— Ora, em que bonito estado deixou elle esta pobre creatura! Peste de um maluco!

E, praguejando cada vez mais, o cocheiro amparou Ambrosina nos braços.

— Pobre senhora! Tem os pés que são uma lástima!...

Resolveu-se que iriam pernoitar em casa de Jorge. Ambrosina, por ser esse o sitio mais perto, e Alfredo, porque jurára aos seus deozes não largar aquella noite a companhia do cacheiro.

— Nada! que o doido podia encontral-o ainda pela estrada!

Começou a chover.

Só meia hora depois, appareceu um carro e, depois de outra meia hora, chegavam os tres á modesta habitação do cocheiro — uma casinha na Praia do Russell; porta e janella, pouca mobilia, quartos acanhados.

Jorge era viuvo e tinha uma filha já moça, Laura, encanto da sua vida, e quem, nos arranjos da casa, ajudava a avozinha Benedicta, mãe do cocheiro.

Apezar de pobre, a habitação era aceiada e rizonha. Tudo alli respirava paz.

A chegada do carro sobresaltou os tranquillos moradores. Laura veio logo á porta saber o que havia. A casa não tinha corredor, e via-se, mesmo de fóra, a salinha simples e guarneçada de velhos moveis.

— O' Laura! gritou o cocheiro, apeiando-se. Anda d'ahi a ajudar D. Ambrosina, que aqui vem a cahir de fadiga!

Ambrosina foi recolhida ao melhor lugar e á melhor cama que havia na casa.

Jorge rejubilava na satisfação de prestar aquelles

soccorros, e recommendava que nada faltasse aos hospedes, sem calcular o desgraçado o perigo que mettia em casa, e a desgraça que preparava para si e para os seus.

Alfredo, aborrecido com o estado das suas calças, penetrou na sala do cocheiro.

Era uma salinha limpa e arejada pelo mar. Havia entre a porta e a janella uma velha commoda, sobre a qual, ao lado de um silencioso e caduco relógio de metal amarello com redoma e peanha, se aprumava sombriamente um Napoleão de gesso, com o seu olhar de águia debaixo do chapéu á polichinello, com as suas botas e o seu capote, e com uma das mãos installada legendariamente no peito e a outra segurando um canudo, que queria dizer um oculo.

Esse boneco de gesso, alli onde o viam, tivéra uma agitadora influencia sobre o obscuro destino de Laura. Aos domingos, quando Jorge reunia alguns amigos para jantar, era elle o objecto de calorosas discussões; havia sempre na roda algum cego entusiasta do famoso corso, que, sacudido um bocado pelo vinho Figueira do cocheiro, divagava de orelha sobre as campanhas napoleonicas, communicando o proprio entusiasmo aos companheiros, para os quaes os factos da vida de Bonaparte tomavam proporções sobrenaturaes e divinas.

Laura cresceu e palpitou sob a influencia dessas conversas e, sem conhecer a verdadeira historia de Napoleão, deixou-se magnetizar pela captivante poesia da lenda.

Aos quinze annos, quando toda a donzella constróe o seo idéal de amor pelo que conhece de mais grandioso e de mais bello, ella formou o seo pela figura de gesso que alli, ao lado do innocente relógio, se dei-

xava pintalgar pelas moscas desde o dia do casamento de Jorge.

A pobre sonhadora contava intimamente com a súbita apparição de um joven militar, ardente e corajoso, que a tomasse da Praia do Russell e a sentasse no throno de França. Só depois de muito esperar em vão, foi que se desenganou e se decidio acceitar qualquer outro sujeito, que ao menos se parecesse physicamente com o grande homem.

Quem mais estava no caso era o João Braga, por alcunha « O Vêla de Sebo », em razão da sua fari-nhenta brancura e da sua figura grossa e curta. Um honesto padeiro, ainda moço, muito parecido effectivamente com o Napoleão de gesso.

Laura ficava horas esquecidas a olhar para o narigão aquilino do Vêla de Sebo, para a sua testa desaffrontada, para os seos olhos fundos e carrancudos, para a sua bocca sem labios, e para aquelle enorme queixo, farto e redondo como um papo.

Ningem atinava com a razão que levou a bella filha de Jorge, a « Flôr do Russell », a gostar de semelhante criatura.

— Caprichos de mulher! explicava um dos amigos do cocheiro, e citava proverbialmente que « A mulher só não se casa com o carrapato, por não saber qual é o macho! »

O factó é que então Laura gostava bem do seu padeiro. Um dia offereceu-lhe uma cigarreira de missangas, que bordára durante um mez inteiro, e esse trabalho foi muito apreciado no bairro. Alguem propheetisou logo que alli estava uma menina de grande futuro.

— Deem-lhe azas! Deem-lhe azas! resumia o da theoria do carrapato; e verão depois o que sahirá d'alli!

Mas não será amarrada ao Vêla de Sebo, que a Laurita hade ser algum dia alguma coisa!

Laura conhecia varios livros; romances quasi todos. O pae ás vezes lhè ouvia fallar de coisas estranhas para elle, com um sorriso cheio de respeito e illuminado de amor. Quando ella dava na aula o *D. João de Castro* e dizia depois em casa a sua lição em voz alta e corrida, o pobre cocheiro extasiava-se, acompanhando com a physionomia os menores gestos e movimentos da filha. E se alguém da sua roda precisava de uma carta de mais circumstancia, ou de um desenho para certo bordado, ou do molde para um vestido de festa, não ia a mais ninguem; procurava Laura, e ella sempre resolvia a difficuldade.

O pae sentia por tudo isso um grande orgulho.

— Não! lá certeza de que dei á pequena uma educação de princeza, isso é que tenho! dizia elle. E acrescentava: — A Laura até o francez sabe! Tragam-lhe ahi qualquer livrinho em francez, e se alla não o destrinçar logo, aqui está quem dá as mãos á palmaria!

Do outro lado do relógio havia uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, fundida em porcellana e pintada vistosamente de côres vivas.

Servia-lhe de peanha um globo representando o mundo, sobre o qual uma cobra se debatia debaixo de um dos pés da Virgem.

Nossa Senhora da Conceição era a padroeira daquella boa gente e, no dia que lhe conferio o calendario christão, nunca deixou ella de ter alli a sua ladainha e as suas vélas de cêra. Vinha já de longue esse costume, a mãe de Jorge, em tempos de melhor fortuna, havia tido um rico oratorio consagrado áquella Santa; esse oratorio naufragou uma vez com o seu homem, que

era embarcadiço, e deste então foi substituído pela modesta imagem de porcellana que, ao lado do sisudo relógio, fazia pendant com Bonaparte.

Já, na pequena sala de jantar, fumegava lá dentro a ceia, que a avozinha acabava de retirar do fogo.

Jorge declarou que tinha o estomago no espinhaço e chamou os hospedes para a mesa, mas Ambrosina pediu que a deixassem descançar, e Alfredo prometeu fazer-lhe companhia ao café, desde porém que tivesse tomado um banho que lhe arranjassem, e vestido um par de calças que lhe emprestára o serviçal dono da casa.

A narração que á sua familia fez o cocheiro de tudo o que havia succedido essa noite á desditosa Ambrosina, causou grande commoção. Laura, principalmente, se mostrou em extremo impressionada, e parecia disposta a proporcionar á interessante hospede todos os serviços que dependessem do seu desvêlo. O caso lhe fizera vibrar a fibra adormecida do seu temperamento romantico. A visionaria sentio-se empenhada na sorte dramatica daquella misera e formosa heroina de uns amores tão desgraçados.

Não se fartava de contemplal-a.

Ambrosina tinha febre. Haviam-n'a obrigado a mudar de roupa, friccionaram-lhe o corpo com aguardente, envolveram-lhe as pés feridos em pannos velhos de linho. E ella, de olhos fechados, com a respiração alterada, gemia de leve, no entorpecimento do seu estado.

A cama era larga, de casados; uma velha cama de madeira escura, alta do chão uns quatro palmos, e com immensa cabeceira guarnecida de maçanetas. A pallida enferma, meio envolvida nos lenções, tinha uma postura dolente, a cabeça afogada na sombra

macia dos cabellos, o collo opprimido e a garganta cheia de suspiros. Estava derreada sobre o lado do coração, o braço direito cahia-lhe negligentemente ao comprido do corpo, e o outro se estendia para fora da cama, com a mão aberta na posição de pedir esmola.

Laura contemplava tudo isso, como se tivesse defronte dos olhos uma bella obra d'arte. Via attentamente a côr e a fórma, parava, embevecida, a considerar os pequeninos detalhes, e teria impetos de reproduzir, na téla ou no barro, aquelle bello modelo, se na sua pobre educação houvesse entrado a pintura ou a estatuaria.

Depois de longo contemplar, não resistio ao desejo de corrigir : Puxou mais para o hombro a cabelleira de Ambrosina, chamou-lhe o braço direito para o collo, endireitou as dobras da camisa e dos lenções ; e então afastou-se um pouco e mirou-a, cada vez mais embevecida, com os olhos apertados e a cabeça vergada, como um artista que se revê na sua obra. Não se podia furtar á poetica impressão que lhe causava a amante de Gabriel. Seu pae já lhe havia fallado nella, mas da vida de Ambrosina, Laura só conhecia as exterioridades, que todavia nenhum valor teriam a seus olhos sem o concurso da paixão de Gabriel, que lhes dava um forte gosto de romance, ligeiramente apimentado pelo tragico elemento da sanha do marido louco. Ambrosina havia se imposto ao seu espirito e ao seu coração pelos mesmos processos que Bonaparte, com a differença, porém, de que este tanto mais avultava quanto mais longe se perdia nas sombras do desconhecido, ao passo que a outra crescia agara de subito com a sua aproximação.

Quantas vezes, depois da enervante leitura de algum



livro sobre o legendario aventureiro, não ficava a pobre sonhadora tomada na sua obscuridade por um sentimento desconhecido e indefinivel, que a arrebatava para o mundo fantastico das glorias?... Nessas occasiões, aproveitando o cahir do sol, ia ella assentar-se á beira do mar, defronte da casa, com o livro esquecido entre os dedos.

Ahi permanecia horas mortas, a olhar abstractamente para o segredo murmuroso das aguas, alheia inteiramente a tudo que a cercava, e presa de um soffrimento ao mesmo tempo amargo e doce, que a fazia chorar.

Qual era a dôr que se apoderava da misera criança? Ella mesma não o sabia dizer. Sentia que o coração lhe soluçava, sentia que de dentro lhe partiam reclamos e aspirações; desejava e queria, mas não podia dizer o que! Em sua imaginação havia se formado um mundo de chiméras, com uma existencia de dôres e prazeres idéaes, mas tudo vaporoso, fugitivo, confuso, como um sonho.

E Napoleão representava sempre o principal heróe dos seus enlevos. Variavam as circumstancias, variava o scenario, mas o vulto sombrio e mysterioso do Captivo de Santa Helena lá estava, embrulhado no seu capote de batalha, o ar profundamente frio, o gesto pavoroso, o olhar cheio de predestinações.

E, o que é mais estranho, Laura, no capricho dos seus arroubos, achava sempre meio de reunir e conciliar os personagens, os factos e os logares mais incongruentes e desencontrados.

Lera a « Graziela » de Lamartine, e o sentimento de tristeza que a arrebatou com semelhante leitura, bem longe de possuir a ingenua melancolia da procitana apaixonada, levou-a a edificar um dos castellos

do seu mundo fantastico nos rochedos de Ischia. E ahí mesmo, nesse castello suspiroso e poetico, o encapotado Captivo de Santa Helena penetrou despoticamente para tomar o melhor logar.

Um dia, depois de reler aquella obra, Laura encostou-se á janella, olhando vagamente para as agoas.

Um italiano, que parára á rua com o seu realejo, principiou a moer a « Marselheza ». A tarde precipitava-se no crepusculo, e enchia a natureza de tons melancolicos e doloridos.

Laura conhecia algumas passagens da revolução franceza, narradas emphaticamente pelo autor de « Graziela », na « Historia dos Girondinos ». E aquella pobre musica, arrancada de um realejo por um mendigo, foi o bastante para arrastal-a ao seu mundo fantastico. E então, sob o poderoso dominio do sentimentalismo rhetorico da Marselheza, a infeliz cahio victima de uma crise muito mais forte que as anteriores.

As lagrimas saltaram-lhe dos olhos e o coração lhe palpitou com vehemencia.

Teve uma terrivel noite de febre e de anciedade. O pae e a avó viram-se afflictos. O medico cobria-os de perguntas, e olhava attentamente para os olhos expressivos de Laura.

— Não é nada!... dizia elle depois, em particular ao cocheiro.

E segredou-lhe alguma coisa ao ouvido.

— Não! não! respondeu Jorge. Isso foi logo que ella entrou nos quatorze annos... Hoje está com deseseis...

— Ella tem algum namoro?...

— Qual!... Teve um, mas foi tolice de criança; passou!

— Entretanto, aquillo pode converter-se em cousa séria... É preciso casal-a.

Desde esse dia, Jorge vivia preocupado com a idéa de casar a filha. Mas não achava geito de tocar-lhe no assumpto.

Além disso, coitada! pensava o bom homem; a quem diabo iria ella escolher para marido?... A pobre rapariga só conhecia gente, que lhe não podia encher as medidas!

Laura estava, com effeito, na crise physiologica em que as aves cantam, e ter-se-ia dedicado exclusivamente a preparar o seu ninho, se, como dizia o pae no seu rude bom senso, houvesse por alli algum rapaz que lhe enchesse as medidas.

O Véla de Sebo, apesar de toda a sua semelhança com Bonaparte, fôra posto á margem, desde que ultimamente déra para emborrachar-se aos demingos. Laura, pois, não tinha a quem dedicar os gorgeios da sua puberdade. Seu canto de amor ficou sem resposta e transformou-se em gemidos, que foram cahir aos pés de Ambrosina, como um thesouro sem dono.

Eis ahi em que condições olhava, embevecida, a filha do cocheiro, para aquelle formoso ser que permanecia prostrado sobre a cama.

No quarto reinava o silencio triste das noites de chuva, só se ouvia a conversa monotona de Jorge, que na sala proxima tomava café com Alfredo, servidos pela velha Benedicta.

Fez-se mais tarde, e Jorge, depois de cuidado o hospede, disse aos seus que se recolhessem.

Teve-se de armar uma cama para Alfredo, na sala de visitas; Laura dormeria ao lado de Ambrosina, no mesmo leito.

D'ahi a meia hora, estavam todos accommodados. Laura fechou as portas do quarto, soltou os cabellos e despio-se. A amante de Gabriel continuava a dormir. A menina assentou-se perto della, e quedou-se a contemplal-a com um olhar profundamente meigo.

A espaços, leves suspiros entreabriam os labios da adormecida.

Laura vergou-se sobre ella e deu-lhe um beijo.

## XXVI

### O IMPLACAVEL ALFINETE

Foi uma noite de insomnia e divagações para a filha do cocheiro.

Logo que ella se deitou ao lado de Ambrosina, sentiu um estremecimento nervoso encrespar-lhe a dourada pennugem do corpo. Encolheo-se toda, como uma rôla acariciada.

A luz frouxa de uma lamparina de azeite derramava-se no quarto, deixando perceber confusamente os objectos.

Laura, apoiada sobre o cotovelo esquerdo, amparando a cabeça com a mão, tinha, no gracioso abandono intimo do leito, um profundo ar de enlevo e de melancolia. O collo, meio a descoberto, apparecia-lhe atravez das modestas rendas da camisa, em toda a deliciosa frescura da sua virgindade. Os cabellos cahiam-lhe em torno do pescoço, fazendo-lhe destacar a pallidez do rosto. A bocca, semi-aberta, deixava passar um sorriso amargo e ancioso. Viam-se-lhe os dentes brancos, mais brancos na meia sombra

que lhe banhava as feições, e os olhos negros, mais negros no luzir daquelle aneio.

Ambrosina, a principio socegada, começava a agitar-se, e a dizer palavras destacadas e sons inarticulados. Era o delirio da febre.

Laura tomou-lhe nas mãos a cabeça e pousou-a em seu collo. A enferma abriu os olhos e encarou-a sorprendida, mas o seu olhar era doce como um beijo de amor.

Laura sorrio, assentou-se melhor na cama e puxou de todo Ambrosina para o regaço. Esta, molle de fraqueza, deixou-se-lhe cahir sobre as pernas, e cingio-lhe com um dos braços a cintura. Tinha os olhos fechados, a respiração convulsa; a outra lhe acarinhava os cabellos e lhe afagava o corpo, como enfermeira amorosa.

E a noite absorvia no seu negro silencio aquelle mysterio de ternura. Ouvia-se a voz sibilante dos ventos, que esfusiavam por entre as ripas do telhado, e o marulhar monotono da costa, cujas ondas morriam alli perto, á pequena distancia da casa.

Ambrosina, afinal, serenou e adormeceu tranquilla, abraçada estreitamente á doce companheira.

No dia seguinte, estavam muito amigas e muito unidas. Aquella, entretanto, continuava prostrada pela febre. Jorge, por conta propria, resolveu chamar o patrão, o Medico Mysterioso, para ver a enferma.

Alfredo retirou-se muito cedo para as suas obrigações, desfazendo-se em agradecimentos e protestos de estima; a velha Benedicta poz-se em acção, para tratar do almoço e dos arranjos da casa, e Laura encarregou-se de prestar á enferma todos os cuidados que a molestia exigia.

Era de ver a sollicitude, o amor, com que a cari-

nhosa enfermeira trazia o caldo á sua bella valida. Laura punha nesses pequeninos serviços todo o segredo da sua meiguice. Que mimo nas palavras! Que graça no reprehender a doente por fazer cara feia ao remedio!

Ambrosina pagava estes desvelos com beijos. Laura fazia-se então vermelha e uma ligeira vertigem lhe entre-cerrava as palpebras.

Pela volta das quatro da tarde, appareceo Gaspar e receitou, a despeito dos protestos da doente.

Ficou de voltar.

Ao sahir, notaram-lhe um olhar estranho. Gaspar ia preocupado. No dia seguinte, depois da segunda visita á casa do seo cocheiro, chamou a este de parte e disse-lhe :

— Jorge! creio que tens bastante amor á tua filha...

— Está claro, patrão! porque?

— Porque vais perdê-la, se a deixares na companhia de Ambrosina.

Jorge abriu muito os olhos e ficou pasmado.

O pobre homem não comprehendera.

Entretanto, duas semanas depois que Ambrosina se achava hospedada pelo pae de Laura, Gabriel vagava pelas ruas, a passo frouxo, mãos cruzadas atraz, o chapéu derreado para a nuca, o olhar cahido, e por toda a physionomia uma grande expressão de tedio.

Ao primeiro golpe de vista, percebia-se logo que alguma agonia profunda lhe pungia o coração, que uma idéa fixa se lhe havia agarrado ao cerebro e lhe chupava os miolos, como caranguejos a aos dos cadaveres de naufragos, que o mar vomita á praia.

O caranguejo que lhe chupava os miolos era a lembrança de Ambrosina. O desventurado não conseguia

furtar-se á tensão dolorosa, que a linda malvada lhe impunha ao espirito com a sua ausencia. Tudo lhe trazia a idéa della, um perfume, um trecho de musica, uma phrase, um modo de olhar, um tom de rir; tudo era pretexto para mil recordações, mil desejos, mil ancias de amor despedaçado.

E Gabriel admirava-se até de que houvesse homens que tivéssem conseguido viver até alli, sem nunca experimentarem a deliciosa intimidade do amor de Ambrosina. Como lograriam esses desgraçados não morrer de tédio, ficando sempre na ignorancia dos mysterios d'aquella carne, do gosto d'aquelles labios, do encanto d'aquelle collo e da attracção do abysmo d'aquelles olhos, negros e profundos como a noite?...

E a pensar nestas cousas, esquecia-se de tudo e desabava num desanimo sombrio, em cujo fundo de charco estava a idéa do suicidio.

Morrer! É tão doce cuidar em morrer, quando se tem um duro desgosto ferrado ao coração!... É tão grato ao espirito, sobrecarrêgado de mais pela dôr, pensar num imperturbavel descanso!... É tão leve a morte, quando a existencia nos pesa como grilhetas!... E porque não haveria elle de morrer? Acaso deixaria na terra alguém que vivesse da sua vida?... Teria elle mãe, por ventura, que ficasse com o coração para sempre rasgado de meio a meio? ou pelo menos alguma tímida irmã, cuja innocencia cahisse ao desamparo defronte do cadaver do irmão? A quem pois prejudicaria com a sua morte?... A ninguém! Gaspar, por muito seu amigo que fosse, haveria de conformar-se com ella, e de resto já tinha o sentimento petrificado pelas dôres velhas! Sim, o seu suicidio era logico e necessario; era, daquelle seu indigno dese-



pero, a unica sahida que não ia dar vergonhosamente aos pés de Ambrosina !

Era preciso morrer !

E, caminhando pela rua, ia amadurecendo esta idéa, com que se propunha destornilhar a outra do seu pobre espirito cansado.

Sim ! pensava elle ; era chegar á estação das barcas de Nictheroy, tomar a primeira destas que apparecesse, fazer-se ao largo e, quando tivesse a certeza de não o poderem salvar — zás ! um mergulho na bahia ! E prompto !

Sim, porque no fim de contas, a morte, nas suas circumstancias, era inevitavel ! Elle só poderia continuar a viver em companhia de Ambrosina ; ora, Ambrosina era simplesmente uma mulher indigna, uma mulher infame ! E elle, apesar de saber d'isso, amava-a cada vez mais... Logo, ou Ambrosina tinha que regenerar-se, o que seria muito difficil ; ou elle tinha que morrer, o que era facilimo ! Por conseguinte, não havia reflectir — era aviar !

E Gabriel encaminhou-se para a ponte das barcas de Nictheroy.

la perfeitamente resolvido a morrer ; mas, pelo caminho, á medida que se approximava do seu triste destino, assistia-lhe um estranho interesse por tudo que o cercava. Elle, que naquelles ultimos tempos não ligava importancia a cousa alguma, sentia agora reviver no seu organismo, mais forte do que nunca, a sensação do mundo exterior. A gente que passava, homens, mulheres e crianças, todos lhe prendiam a attenção directamente, como se de subito em cada um delles descobrisse a seu respeito intimas correlações na lucta pela existencia.

E quanto mais se avizinhava da morte, mais preso

se sentia á vida, sem coragem todavia para arrostal-a defrente. E, cheio de inveja por todos aquelles destinos que pela ultima vez lhe passavam fugitivamente defrente dos olhos, comparava com elles a sua sorte e, succumbindo por dentro á compaixão de si mesmo, julgava-se a mais desgraçada e desprezível das creaturas humanas.

Sim! Era preciso morrer!...

— Além disso, considerava o misero; affirmei a Gaspar, sob palavra de honra, que partiria com elle para a Europa dentro de poucos dias; jurei igualmente que nunca mais me aproximaria de Ambrosina, e não tenho animo de ir, nem de ficar aqui sem ella!

E caminhava resolutamente para o ponto das barcas.

— Sim, sim, disse-lhe então de dentro uma voz assustada e flebil, que vinha do fundo do coração; tudo isso é verdade, mas tu bem podias dizer adeus áquella infeliz, antes de partiras, para seimpre... Ella, coitada, está doente, está muito mal, e talvez se reanimasse um pouco só com saber que o teu ultimo pensamento lhe foi consagrado... Seria uma obra de caridade!

— Nada disso! intervinha por sua vez a Razão, com uma voz terrivel. Nada de imprudencias! Se lá fóres, serás muito capaz de perdoar tudo e... Adeus, dignidade! Adeus, vergonha!

— Juro-te que não! replicava o Coração, sempre com a sua vozinha hypocrita; prometto que não nos havemos de demorar ao lado d'Ella! Aquillo é chegar, fazer as despedidas, e pedir as suas ordens para o outro mundo!

— Sim! sim! bradava a Razão. Já te conheço as

labias, meu finorio! Não é a mim que embaças! Está bem aviado quem se guiar por ti!

E o Coração protestou, jurou, supplicou, e afinal começou a soluçar.

A Razão reagiu ainda, apresentou seus melhores argumentos; mas o diabo do Coração, tanto fez, tanto chorou, tanto prometteu, que a tóla da Razão teve de ceder, e — Gabriel tomou o caminho da Praia do Russell.

E o rapaz, desde que se resolveu a ver pela ultima vez Ambrosina com pretexto de despedir-se della, sentio um grande alivio em todo o seu ser, e logo um suave contentamento refrescar-lhe a alma; mas a Razão, que continuava de nariz torcido, aproveitou-se da distracção d'elle e tirou surrateiramente do seio um alfinete.

Gabriel não deu por isso e lá ia aos encontrões pela rua, procurando acompanhar a sua fantasia que, mal tomára o timido aquella resolução, partira na frente, a galope, para junto de Ambrosina. E, donde estava, via-se elle já ao lado della, sentindo-lhe o aroma e a doçura.

Imaginava então entre os dous um mudo encontro orvalhado de lagrimas. Elle afinal balbuciaría o Adeus supremo, envolvendo-a num beijo de toda a alma, sombrio, immenso e silencioso como a propria morte que o esperava lá fóra.

— Perdóá! exclamaria ella.

— Não! Eu te amo muito, para que te possa perdoar! Eu tudo soffreria, tudo resignado acceitaria de ti, com tanto que nunca fóras senão minha!

— Perdóá! Perdóá!

— Não! Ouve! ouve, porque nunca mais nos veremos! Hei de antes de partir atravessar esse coração

de pedra com uma centelha da minha dôr! hei de levar uma gotta de fel ao intimo do marmore da tua indiferença! hei de verter dentro de tua alma a minha lagrima mais sentida, mais amarga e mais ardente! E essa lagrima ha de envenenar-te a alegria, ha de rasgar-te as entranhas, porque vae armada com todas as garras do ciume! No meio das tuas orgias, na febre das tuas noites de devassidão, ha de essa lagrima cruel queimar-te os olhos e affogar-te o riso na garganta!

— Perdôa, Gabriel!

— Não! eu não sou Christo, para te perdoar; nem tu és Magdalena, para te arrependeres! Christo perdoou sempre, porque nunca o trahiram no seu amor! Amasse elle uma mulher como eu te amo, e, quando a tivésse junto ao peito, lhe cravasse ella o dente da perfidia, que elle a havia de esmagar com o pé, ou não seria homem! Tudo se perdôa, menos a traição do amor!

E Gabriel estugava cada vez mais o passo, enquanto seus doudos pensamentos proseguiram na scena imaginaria.

Ambrosina já não dava palavra, soluçava, devorada de remorsos, anciosa de perdão

As lagrimas corriam-lhe quentes e apressadas dos olhos, como um desfiar de aljofar.

Gabriel gozava de imaginar aquella dôr. Via-se altivo, e a ella sobranceiro.

Depois, Ambrosina atirava-se-lhe aos pés, offegante, pedindo-lhe por amor de Deus uma caricia. E o desgraçado, á vista daquelles olhos, daquella bocca e d'aquelle collo, reconstruia vertiginosamente toda a felicidade perdida, e rolava em delirio nos braços da perjura, exclamando entre beijos:

— Eu te amo! Eu te amo! Suma-se tudo que não seja nosso amor! Vivamos somente para nós! Esqueçamo-nos do resto do mundo, fechados um no outro!

Mas Gabriel, ao chegar a esta conclusão do seu desvario, estremeceu e estacou em meio da rua, como se por dentro lhe picasse uma víbora.

Era a Razão, que continuava de alcateia, e lhe ferava na consciencia a primeira alfinetada.

Elle passou a mão pelos olhos, corou, e disse entre dentes:

— Não! Juro que serei forte! Juro que terei brio!

Havia chegado defronte da porta de Jorge.

Bateu na rótula.

## XXVII

### O DENTE DE COELHO

Veio abrir a velha **Benedicta**.

Gabriel arquejava.

A sua aparição, alli na casa do cocheiro, produziu alvoroço, tanto em Ambrosina, como em Laura. Esta, porém, retirou-se discretamente, deixando os amantes em completa independencia, e a outra tratou de esconder a sua commoção.

Toda a rhetorica, que o rapaz tinha alinhado previamente em seu espirito, como quem prepara a artilharia para uma batalha, espalhou-se e voou desfeita ao primeiro olhar de Ambrosina.

Ao tomar nas suas mãos a mãosinha branca e suave da formosa moça, nem mais se lembrava elle de uma unica palavra de imprecação. Foi com o aspecto triste e combalido que a contemplou da cabeça aos pés.

Assentaram-se defronte um do outro silenciosamente.

— Então, sempre lhe mereci uma visita?... disse ella com frieza, para principiar a conversa.

— Venho despedir-me... respondeu Gabriel, quasi em tom de quem pede desculpa.

Alli, parecia ser elle o delinquente, e ella a queixosa.

— Despedir-se?... perguntou Ambrosina, evidentemente surprehendida com as palavras da visita, mas dissimulando a sua surpresa.

— É! balbuciou elle; vou partir...

— Eu já o sabia... disse a ensoneira, com ar de pouco caso.

— Como já sabia?

— Tinha um presentimento...

— Ah!

E calaram-se.

— Vae para muito longe?... perguntou ella depois, ceremoniosamente.

— Não sei... creio que sim...

— Não tem destino então?

— Ignoro ainda aonde irei parar!

E Gabriel teve um olhar sinistro.

— Deixou isso naturalmente ao cuidado do padrasto, observou ella, chamando aos labios um risinho zombeteiro.

— Não!olveu Gabriel; eu vou só...

Ambrosina estremeceu.

— Só? Então não vae em companhia do Medico Misterioso?

— Não.

— Mas que significa essa viagem?...

Gabriel ergueu-se, foi até á cadeira de Ambrosina, tomou as mãos desta, e disse arrebatadamente:

— Significa que não posso viver ao teu lado, e não posso viver sem ti! significa que sou o mais desgraçado dos homens, e tu a mais cruel das mulheres!

— Tudo isso é falso...

— Ah! descansa, que, ainda mesmo se me fosse possível ligar-me de novo a ti, eu não o faria! É' preciso que eu nunca mais te veja, é preciso que eu arranque do coração todo este vergonhoso amor que me devóra! Acha-se nisso empenhada a minha dignidade! Irei, seja lá para onde fôr, comtanto que me afaste de ti!...

— Eu irei contigo! disse Ambrosina.

— Cala-te! Não sabes para onde me destino!...

— E o que m'importa a mim o destino? Acaso tenho tido na vida alguma generosa estrella que me conduzisse para o bem?... O que posso eu temer de uma viagem, seja qual fôr, ao lado do homem que amo, do unico que até hoje amei?... Sim, meu Gabriel, nós iremos juntos, unidos, inseparáveis, como dous amantes maldictos, como os dous primeiros peccadores de amor enxotados sobre a terra!

Gabriel ouvia, sem dar uma palavra.

Ambrosina prosegue, depois de uma pequena pausa: — Quanto me alegra o que acabo de ouvir da tua querida bocca. Se te acompanhasse teu padrasto, não pensaria eu em seguir-te; desde porém que vás só, serei a tua companheira fiel, a tua doce amiga, a veladora das tuas noites de estudo, porque precisas trabalhar, trabalhar muito, e eu te animarei o esforço com todos os desvélos do meu amor. Oh! quanto me sinto agora radiante de felicidade! Já não soffro! Já não choro! Raiou-me no coração a aurora de uma nova existencia... Vou nos teus braços gosar, enfim, a paz com que eu nestes ultimos dias sonhava, de um lar fecundo, abençoado e casto!

— Todavia, disse Gabriel, com um fundo suspiro; bem diversa da tua, é a paz por mim sonhada...



— Heim? Não te comprehendo!

— Eu não devo continuar a existir... Adeus. Se algum dia...

Não pode concluir. Ambrosina atirou-se-lhe nos braços.

— Vais morrer! Vais morrer, Gabriel? e é para isso que te despedes de mim!... Mas, ingrato! tens tu a coragem de abandonar-me, sabendo quanto eu te amo?! Egoista! Vais morrer! vais descansar, enquanto eu cá fico para soffrer, para morrer todos os dias e a todos os instantes!

E desviando-se delle, accrescentou:

— Podes ir! Vae! Mata-te! Afinal, nenhuma obrigação tens de ficar ao meu lado! Eu é que jamais devia ter contado com o teu amor! Quem me mandou ligar a ti a minha felicidade, a minha vida e todas as minhas esperanças? Vae! Vae! cá me fica nas entranhas alguém que te represente!...

— Que queres dizer?! exclamou Gabriel, segurando-lhe os pulsos, e ferrando-lhe um olhar allucinado.

— Sou mãe! resumio Ambrosina.

Gabriel abraçou-a pela cintura, e deu-lhe um beijo na testa.

— Não! já não morrerei! Serei o pae de meu filho!

— Mas... partiremos...?

— Sim, nem podia ser de outro modo... Prometti a Gaspar não voltar a teus braços; confessar-lhe, frente a frente, que me faltou coragem para cumprir a promessa, seria impossivel! Prefiro fugir.

— Então, sahiremos do Brasil, não é verdade? Iremos por ahí a fóra, numa peregrinação de bohemios felizes. Depois de percorrermos toda a Europa,

armaremos em Paris a nossa tenda... Tu serás meu, exclusivamente meu! Tomaremos um modesto alojamento no Bairro Latino; tu te farás muito trabalhador e muito estudioso, e eu um modelo de economia e de simplicidade! Mas convem que o Gaspar não desconfie absolutamente destes nossos projectos, e para isso, segredava Ambrosina, abaixando a voz; eu não voltarei á casa, e elle supportará que continuamos brigados... Entretanto, tu cuidarás o mais depressa possivel do que podermos precisar, e dentro de poucos dias, estaremos de viagem! Heim? que te parece?... E pensavas em morrer!

Gabriel olhava para ella com um ar idiota. Sua consciencia dizia-lhe de dentro que tudo aquillo era máo, era infame; afinal estava o ingrato a conspirar, de parceria com uma mulher sem dignidade, contra o unico homem que até ahi se mostrára de véras seu amigo e concentrára nelle toda a sua familia.

E tão seguramente reconheceu Gabriel a razão deste raciocinio, que não se animou desta vez a discutir com a ralhadora da consciencia; e, para escapar á maldicta voz que o accusava por dentro, pôz-se a pensar nas delicias que lhe offerencia o projecto de Ambrosina. As viagens e os prazeres em companhia della passaram-lhe pelo espirito n'um turbilhão vertiginoso: e elle, sem idéa justa de tudo quanto tinha a gosar, via a projectada existencia atravez de um nevoeiro espesso, d'entre o qual sobresahia sempre o vulto formoso da amnate, esse perfeitamente nitido, a estender-lhe os braços nus. Pariz, Londres, Madrid, surgiam-lhe na mente, como vistas theatraes numa apothese do seu amor.

— Então? perguntou Ambrosina, afagando-lhe os cabellos; pensas ainda em morrer?...

— Não! respondeu Gabriel, acordando. D'aqui mesmo vou tratar da nossa viagem...

— Pois bem, vae. Mas lembra-te que toda a cautela é pouca! Entendo até que não precisamos fazer provisão de coisa alguma, a não ser de dinheiro... Isso, sim, é que e necessario levar bastante. Meu fallecido pae dizia que o dinheiro é a garra do homem civilisado.

Gabriel fazia calculos silenciosamente.

— É' verdade! suggerio Ambrosina. E como embolsarás uma quantia maior sem a intervenção de teu padrasto?...

— Isso é o menos! é só encher um cheque contra o banco e terei o dinheiro que quizer! Quanto será necessario?...

— Sei cá! Em todo o caso, filho, antes de mais que de menos... Não por mim, mas por ti mesmo. Além disso, pelo facto de estar o dinheiro em teu poder, não quer dizer que o gastaremos todo...

— Creio que, se eu levar vinte contos de reis, não precisaremos recorrer tão cedo ao Brazil...

— De certo. Isso nos dará para passar uma existencia inteira!

— Bem! rematou Gabriel, tomando o chapéu e despedindo-se da amante com um beijo. Estamos combinados! Vou tratar da viagem!

Ambrosina, da janella, acompanhou-o com a vista por algum tempo; depois passou ao quarto immediato, onde encontrou Laura atirada sobre a cama, desfeita em pranto.

Apoderou-se della.

— Então! disse sorrindo. Que asneira é essa?...

A menina escondeu o rosto, e chorou mais forte.

A outra insistio nas suas caricias. Tinha a voz

meiga e supplicante, e affectava infantis pieguices.

— Então, meu bemsinho? não queres responder á tua amiguinha? Vamos! falla!...

— Tu te vais embora! balbuciou Laura entre soluços.

Ambrosina beijava-lhe as lagrimas.

— Tolinha! Sabes lá o que estou fazendo! Já não te disse que só a ti amo neste mundo?...

— Mas vais-te embora!

— E tu te sentirias muito com a minha ida?...

A outra respondeu beijando-a repetidas vezes. Ambrosina pensou um instante, e disse depois com firmeza :

— És tu capaz de fugir commigo?

— Sou! respondeu Laura, olhando-a de frente.

— Pois então, fica na certeza de que iremos juntas! Mas... (E fez signal de silencio) se déres a alguem uma palavra sobre este assumpto, está tudo perdido!...

Laura batia palmas de contente. Uma viagem mysteriosa era todo o seu idéal. Não era aquelle precisamente o rapto com que ella sonhava, mas em todo caso era um rapto.

— Bom! disse Ambrosina. Temos ainda o que fazer para levarmos a effeito o nosso bello projecto... Dá-me papel e penna.

Laura obedeceo.

Ambrosina passou-se para uma mesinha ao canto do quarto. E ahi, assentada, na meditativa posição de quem se concentra n'uma complicada idéa, embebeo a penna na tinta, olhou attentamente para a brancura do papel e, afinal, escreveu o seguinte :

« Mello Rosa,

« Já fallei ao Gabriel, e elle está pela viagem; appa-

rece-me para tratarmos do que tínhamos combinado. Se puderes vir hoje mesmo, será melhor. Eu estou na casa de Jorge, cocheiro do Gaspar. Já sabes onde é. Amo-te! Vem. »

A assignatura era um rabisco.

— Mas o que queres fazer com essa carta?... perguntou Laura.

— Ahi é que a cousa tem dente de coelho! disse Ambrosina, piscando um olho.

Laura abriu muito os della, e sacudio os hombros.

— Descansa, que eu sei o que estou fazendo... acrescentou a outra, terminando o sobrescripto.

E tratou de remetter a carta ao seu destino.

## XXVIII

### DIABOLICA ESTRATEGIA

As palavras do Medico Mysterioso a respeito de Laura traziam ultimamente o pae desta em constante preocupação.

Porque seria que o Dr. Gaspar tanto receiava da convivencia de D. Ambrosina?... matutava o bom homem. Está claro que ella não era nenhum favo de innocencia, mas tambem não seria tão malvada, que, só por gosto, lhe fosse agora perder a filha! Em todo o caso, convinha estar de alcatéa, porque lá dizia o outro : « Mais vale prevenido no mar, que desprevenido em terra! »

Ora, D. Ambrosina, considerava ainda o cocheiro; o defeito que tinha era ser um tanto doida; por máo coração não havia que lhe dizer, coitada! que elle sabia de actos de caridade praticados por ella. Lá o facto de achar-se unida ao Gabriel, isso nada punha, porque a moça afinal precisava do auxilio de algum homem... E porque razão se achava ella hospedada ao lado de Laura? Seria por cálculo ou por maldade?

Não de certo; era puramente a força de circumstancias.

E Jorge concluia com esta phrase :

— Aquella, mais dia menos dia, é victima do demonio do doido !

Quando lhe constou a visita de Gabriel, o homem ficou mais tranquillo, na esperanza de vel-os brevemente juntos e longe da pequena. Resolveu deixar que as coisas corressem por si. Que pressa havia agora em afastar a pobre de Christo, se o seu moço já se havia entendido com ella, e em breve a levaria consigo? Quanto á burla da gravidez, elle nada sabia.

A visita do Mello Rosa effectuou-se no mesmo dia em que Ambrosina lhe escreveu. Haviam os dous muito antes combinado o plano de larapiar de Gabriel uma boa quantia, fugindo ambos em seguida. O amante trahido pagaria a sua custa os meios da traição.

Mas o cocheiro, que andava de orelha em pé, bispou de qualquer modo os projectos de Ambrosina e, revoltado na sua surpresa, tratou logo de destruil-os.

A sua primeira idéa foi de contar tudo a Gaspar, hesitou, porém. — Quem sabia lá se aquella revelação não iria dar motivo a qualquer facto lastimavel?... Comtudo, não lhe podia soffrer a paciencia que o velhaco do Mello abuzasse, assim sem mais nem menos, da boa fé do pobre Gabriel, a quem Jorge devéras apreciava.

— Nada! concluiu elle. Quero que um raio me parta, se eu não desmanchar esta pouca vergonha!

E foi á procura do patrão, com o desassombro de quem vae resolvido a cumprir o seu dever.

Gaspar não estava em casa, e Jorge não queria entender-se directamente com Gabriel; este porém, com

tal anciedade lhe fallou de Ambrosina, tão impaciente se mostrou pelas noticias della, que o pobre homem, depois de coçar a cabeça, torcer o chapéu entre as mãos e limpar o suor da testa, exclamou :

— Com todos os diabos ! A verdade diz-se !

Gabriel assustou-se.

— É que não posso vér ninguem illudido ! despejou o cocheiro. Sei que vosmecê projecta uma viagem com D. Ambrosina, e sei tambem que o Mello Rosa anda a desencabeçar a moça para não ir !

— O Mello Rosa?... Mas que diabo pretende esse typo?

— Ora, o que ha de ser ? Quer que a Sr. D. Ambrosina, em vez de acompanhar a vosmecê, fique na companhia delle ! Ahí está !

— E Ambrosina o que diz?...

— Isso lá é que não sei ! Tôla será ella, se largar um moço formado, bem parecido, bom e rico, como vosmecê, por um trocatintas daquella força !

— Tu não sahes o que são as mulheres, Jorge !

— O que lhe afianço é que faz tudo o tratante para seduzil-a. Tenha a bondade de ler esta carta...

Gabriel leu no papel que lhe passou o cocheiro :

« D. AMBROSINA,

Apezar de me haver a senhora prohibido fallar-lhe sobre qualquer assumpto ; apezar de ter confessado que me aborrece, eu não desisto das minhas esperanças, e venho ainda uma vez pedir-lhe, de joelhos, que não acompanhe o G\*\*\* e siga commigo para onde melhor lhe parecer em toda e qualquer parte do mundo. Os recursos pecuniarios para a viagem não faltarão, porque, como saberá, acabo de ser largamente premiado pela loteria. E minha fortuna, meu



coração e minha intelligencia, tudo estará á sua disposição, desde que a senhora assim o decrete com uma simples palavra.

Espero a sua resposta até depois de amanhã.

MELLO ROSA. »

— Esse « depois d'amanhã » é hoje, disse Jorge; porque esta carta chegou ante-hontem.

Gabriel ficou pensativo, mas no intimo sentio-se feliz com aquellas palavras; provavam-lhe ellas que a requestada repellia o Mello.

Entretanto, tudo isso era arranjado pela propria Ambrosina; foi ella quem imaginou a carta, quem a escreveo e quem a pôz ao alcance do cocheiro, calculando que este, desconfiado como andava, a iria mostrar logo ao patrão, e o patrão ao enteado.

Gabriel resolveo ir d'alli mesmo á Praia de Russell.

— Olhe, Doutor, disse-lhe Jorge; pode vosmecê contar commigo para o que der e vier! Se fôr preciso que o velhaco do tal Mello não o importune, é só m'o dizer, pouque eu me encarrego de tudo!...

— Como assim?

— Descanse, que lhe não tocarei n'um cabello! Apenas o que faço é afastal-o durante o tempo necessario para tratar vosmecê de seus interesses. Depois... elle que esbraveje á vontade! Siga viagem o Doutor com a sua Dona... e o resto fica por minha conta!

Gabriel approvou a idéa, e conversou demoradamente sobre ella com o cocheiro. Em seguida, foi ter com Ambrosina.

Encontrou-a indignada.

— Estimo que chegasses! exclamou a bella rapariga, a envolver-lhe o corpo com os braços. Não imaginas o que vae por cá! Assenta-te, descansa um

pouco, porque tenho coisas muito sérias a commu-  
nicar-te...

Gabriel assentou-se, em silencio. Ambrosina chegou uma cadeira para junto da delle, e, com uma voz mysteriosa e cheia de movimentos reservados, disse-lhe :

— Sabes que o Mello, desde aquelle dia de loucuras lá em casa, persuadio-se de que o amo?...

O rapaz meneou affirmativamente a cabeça.

— Pois bem; metteu-se-lhe em idéa que eu devia separar-me de ti para viver com elle!... Aquella peste não se enxerga! Ora, tenho pena de haver perdido uma carta que me remetteu o traste! Guardava-a justamente para t'a mostrar... Não sei onde a puz! Estou doida de procural-a! Entre outras banalidades, diz o tólo haver tirado um premio na loteria. Quer seduzir-me com dinheiro!... A mim, que tu bem sabes quanto sou desinteressada! a mim, que te amaria da mesma forma, se fosses o mais pobre dos homens! Bem! Eu não dei um passo; nada quiz resolver, sem fallar contigo... Tu és o senhor de meus actos, e como tal, fica a teu arbitrio fazer o que entenderes!

— Não se fará coisa alguma. Já está tudo determinado. Precisamos é sahir hoje mesmo d'aqui. Estamos com o aluguel de nossa casa pago até ao fim do mez. Os trastes foram já vendidos, mas só serão arrecadados pelo dono depois da nossa partida.

— É verdade! lembrou a traiçoeira; na falta de outra casa, podemos ir para a de mamãe. Ella veio hontem visitar-me, e pedio-me que fosse para lá.

— Não, não convem; pois se temos casa propria, para que ir para a dos outros? Além disso, precisamos tratar em plena liberdade de nossa viagem. O Gaspar vae hoje para Nova Friburgo e demora-se

alguns dias; amanhã já ahi está o vapor, e nós partiremos.

— E se o Mello lembrar-se de perseguir-me lá em casa? Tu não sabes quem é aquelle sujeito!

— Não te incomodes com o Mello! A respeito d'elle, estão tomadas todas as meditas.

— Lembra-me uma coisa nesse caso. Levo a Laura para me fazer companhia até o momento do embarque.

— Bem; mas o que preciso saber é se tu és capaz de escreveres duas palavras ao Mello, convidando-o para ir amanhã lá á casa. Não te assustes, ninguem lhe fará mal!

— Para que é? indagou Ambrosina, rindo, a prever alguma boa partida.

— Já agora te digo tudo com franqueza: O Mello, se fôr amanhã, será delicadamente agarrado e conduzido a um lugar confortavel, onde não lhe faltará absolutamente nada, mas do qual só será posto em liberdade depois que tenhamos partido...

— Bravo! Magnifico! Ah! como o bôbo não ficará furioso!

— Mas, escreve-lhe o bilhetinho, não?

— Meu Deus! Quantos quizeses! Tu não pedes, mandas! Podemos escrevel-o immediatamente.

E, toda expedita e desembaraçada, foi buscar penna e papel.

— Estou ás tuas ordens. Podes ditar... disse a finoria, assentada já defronte do tinteiro.

— « Mello Rosa, ditou Gabriel — Está tudo arranjado. Amanhã, ás quatro horas da tarde, me encontrarás em casa, sósinha e prompta para fugir contigo. Fico á tua espera. Não faltes!

AMBROSINA. »

— Prompto! disse esta. Afianço-te que elle irá.

— Bem! agora dá-me esse bilhete.

— Ahi o tens.

E Gabriel guardou-o no bolso.

— A que horas queres que te venha buscar? perguntou elle.

— Logo mais, a qualquer hora... Vem ás quatro.

— Pois bem, até ás quatro, disse o rapaz, beijando-a na testa.

E metteu-se no carro.

Ambrosina, logo que elle se retirou, correu ao quarto de Laura.

— Prepara-te para ires hoje mesmo commigo lá para casa. Teu pae consente. Mas agora desejo que me ajudes a vestir a toda pressa...

— Onde vais?

— Tenho muito que fazer. Só mais tarde saberás todos os passos que dou por tua causa...

Um pequeno, filho da vizinha, foi chamar um carro, e Ambrosina appareceu prompta na sala.

— Rua da Misericordia n..., disse ella em voz baixa ao cocheiro.

O carro seguiu, e vinte minutos depois parava de frente de um grande sobrado antigo, cheio de janellas quadradas.

Era uma casa de alugar commodos.

— Espere por mim, soprou a moça ao cocheiro, e subio a longa escada do sobradão.

Atravessou, sem fazer caso, o primeiro e o segundo andar; chegou cansada ao ultimo.

— Qual destas portas será!... pensou ella, hesitando em bater á qualquer das quatro que tinha de frente de si.

Nisto, abrio-se uma dellas, e Mello Rosa, vestido

de casemira clara, appareceu com um sorriso.

— Ah! pensei que já não viesses! É quasi uma hora!

— Não me falles, homem! Uma visita de Gabriel...

— Sim, hein? Mas, vae entrando, filhinha. Não podemos perder tempo; temos muito que fallar!

— Uf! fez Ambrosina, atirando-se sobre uma cadeira. Apre! que esta casa mata uma creatura! Estou a botar os bofes pela bocca! Aqui não me pilharias duas vezes!

— Sim! Mas, toda cautela é pouca... Nós temos de tratar de negocios, que nos podem metter a ambos na cadeia!...

— Deixa-me descansar um pouco.

— Toma um grog...

— Dá-me qualquer coisa. Uf!

Mello Rosa servio-lhe o grog e, depois de accender um charuto, foi collocar-se ao lado della.

— Ora, vamos lá a saber em que pé se acham os nossos interesses!...

— Está tudo prompto. Logo mais receberás um bilhete meu, em que te marco o nosso encontro definitivo lá em casa, amanhã ás quatro horas da tarde...

— Em Laranjeiras?

— Sim.

— E d'ahi?

— D'ahi é que se torna indispensavel que não deixes de ir!

Ambrosina chamava a si a paternidade do bilhete ditado por Gabriel.

— Mas, continuou ella; para que Gabriel não nos embargue a fuga, é mister que, antes de me procurares, já tenhas providenciado sobre elle...

— Como assim?... perguntou Mello Rosa, se-

guindo com todo o interesse as palavras da rapariga.

— Dize-me uma coisa, Mello! estás seriamente resolvido a fugir amanhã commigo, occupando tu o lugar de Gabriel?!...

— Se estou resolvido? É boa! Achas então que eu chegaria a este ponto e recuaria agora defronte de qualquer difficuldade?... Nunca me arrependo do que faço; disse que ia contigo, e irei! Afinal para isso é preciso commetter um crime? Bem! eu o commetterei! O amor fez de mim um ladrão? Seja! Eu roubarrei os vinte contos de Gabriel para poder acompanhar-te! Estou resolvido a tudo!

— Ah! exclamou Ambrosina; acredito agora que me ames! Só nestas situações melindrosas, em que jogamos a vida e a honra, é que se pode reconhecer amor verdadeiro; esse que não acceta barreiras, nem conveniencias de nenhuma ordem! Eu serei a tua cumplice, e nunca me arrependerei disso! « Tudo que é inspirado pelo amor, disse George Sand, é sempre bello e sublime! » E foi só o amor que nos inspirou!

— E perguntas ainda se estou resolvido a fugir contigo!...

— Pois bem! assentou Ambrosina, segurando com vehemencia as mãos de Mello Rosa; para podermos fugir, é necessario que Gabriel amanhã, ás quatro horas da tarde, esteja preso em lugar seguro, donde não possa sahir antes da nossa partida... É esse o unico meio que temos para não nos ser embargada a viagem!

Mello Rosa concentrou-se.

— E onde será elle encontrado por essa hora?... perguntou afinal, depois de uma pausa.

— Onde eu quizer! respondeu firmemente Ambrosina. O que preciso saber ao certo é se te podes en-

carregar, com segurança, de dar as providencias necessarias para que elle seja preso.

— Posso... disse Mello, depois de uma nova pausa.

— Mas, repara bem para o que promettes... observou-lhe a embusteira com um olhar sério. Se não conseguires retel-o, não poderemos fugir, e tu serás preso como ladrão! Vê lá!

E fez por sua vez uma pausa, para estudar na physionomia do rapaz a impressão causada por suas palavras.

— Gabriel, proseguio ella; conta partir amanhã commigo pelo transporte da linha franceza. Eu me encarregarei das malas, e elle ganhará a rua logo depois de almoço. Hoje á noite já o dinheiro estará em meu poder. Tens por conseguinte de arranjar as cousas de modo que o bôbo ás quatro da tarde já esteja preso em logar seguro, e nós perfeitamente senhores do campo, sem risco de que alguém nos possa tolher o vôo. Passaportés, licenças, bilhetes, tudo amanhã se achará em minhas mãos. Gabriel é mui pouco conhecido, tu facilmente passarás por elle... Se te falta porém a coragem para tudo isto; se és um homem medroso, um homem de meia resolução, melhor será que desde já desistas dos teus projectos. Sem uma bôa dôse de energia, nada se fará!

— Parece que zombas de mim, Ambrosina! Algum dia já me viste hesitar diante de qualquer embarço? Juro-te por minha honra que Gabriel, amanhã ás quatro horas da tarde, estará incommunicavel!

— E tu, por essa mesma occasião, á minha procura lá em casa, não é verdade?

— Sim! Podes ter certeza. Mas ainda preciso do teu auxilio...

— Para que?

— É preciso que me deixes uma carta dirigida ao Gabriel, e que a faças chegar directamente ás mãos deste, amanhã pela volta das duas da tarde.

— Pois não; respondeu Ambrosina, sem conter um sorriso, que lhe provocava a coincidência do facto. E assentou-se a uma mesa para escrever.

— Vamos lá! disse ella..

— « Gabriel » — ditou Mello Rosa.

— Nunca o trato assim, observou Ambrosina; e escreveu, repetindo em voz alta :

— « Meu amor ».

— Bem! concordou o Mello. Escreve agora :

« Hoje, ás duas horas da tarde, é necessario que estejas presente á penhora que vae soffrer o nosso Jorge. Gaspar acha-se longe e não lhe pode valer. Fui tão protegida e obsequiada por aquella boa gente, que não tenho animo de ficar silenciosa em semelhante occasião. Vae, pois, e soccorre-os. »

— Agora, assigna.

— Espera, disse a rapariga. Preciso accrescentar alguma coisa por minha conta. E escreveu mais :

« Laura não assistirá á constrangedora acção da justiça, porque estará em minha companhia. É urgente que vás; precisamos, como sabes, dos serviços de Jorge para a nossa viagem...

« Escrevo-te, pela impaciencia em que me vejo de communicar-te esta desgraça. Agora mesmo foi que me chegou aos ouvidos tal noticia. Estimarei muito que esta carta seja completamente inutil, e que tu a estas horas tenhas restituído já a pobre familia do cocheiro á sua primitiva tranquillidade.

« Ao menos, em nossa viagem levaremos ainda na



alma o gosto de uma boa acção. Creio que melhor não nos poderíamos despedir da patria,

Tua,

AMBROSINA. »

— Agora, sim ; disse ella. mettendo a carta no envelope, depois de ler em voz alta o que escreveo. Prompto !

E subscriptou-a com o nome de Gabriel.

Feito isto, a perfida levantou-se declarando que não tinha tempo a perder. Havia muito ainda em que cuidar !

Mello Rosa queixava-se de que ella se fosse assim, sem pagar ao amor os devidos tributos.

— Teremos depois muito tempo para isso, respondeu a visita já na porta do quarto. Coragem e energia, que serás bem recompensado !

— Então, nem um beijo, Ambrosina?...

— Nada ! Faze por merecel-o... Adeus.

E, em quanto descia as longas escadas do sobradão, ia ella tecendo comsigo as seguintes reflexões :

— Muito bem ! Se os dous cumprirem com o que prometteram, amanhã estou eu completamente livre delles e senhora dos vinte contos de reis, que me farão muito bôa companhia ! O Mello prenderá Gabriel, e Gabriel prenderá o Mello ! E depois disso, ainda não estarão talvez bem convencidos de que são ambos uns grandissimos tôlos ! Ah, homens ! homens !

## XXIX

### DIA DA VIAGEM

Às quatro horas da tarde, Gabriel, como promettera, fazia parar o seu carro defronte da porta do cocheiro Jorge.

Ambrosina esperava por elle já vestida, ao lado de Laura. O pae desta andava fóra no trabalho, e a velha Benedicta fazia as honras da casa.

Gabriel ajudou as duas raparigas a tomarem logar na sege. E seguiram alegremente os tres para Laranjeiras.

Estavam em principio de Janeiro, num dia quente, e a viração da tarde fazia pensar na sesta preguiçosa e doce.

O carro atravessou a praia e entrou no Catette. Ambrosina tinha entre as mãos uma das mãos de Laura, a quem envolvia toda com um olhar de profunda ternura.

Approximava-se o carnaval, e as grandes mascaras de papelão, expostas nas vitrinas e ás portadas dos armarinhos, davam, com as suas côres absurdas, um aspecto alegre á rua. Viam-se balançar, como ban-

deiras, as roupas multicôres destinadas á mascarada. Mulheres do povo brincavam entrudo com grande algazarra, e um portuguez gordo, em mangas de camisa, queimava bichas chinezas ao lado de um kiosque.

O bairro parecia em festa.

Gabriel, entretanto, ia preocupado. Agora, que se approximava o momento de partir, cahia a pensar constantemente no padrasto. O bom amigo ia ficar sentido com aquella viagem. Mas que fazer?... Estava por ventura em suas mãos desmanchal-a?... Perdido por pouco, perdido por muito! Agora, não era possível voltar atraz!...

E, para explicar-se com a consciencia, dizia covardemente de si para si :

— Ora! O que tem de ser, traz força!

Ambrosina interrogava-o vagamente sobre o que fizera elle durante o dia.

Gabriel declarou que se achava tudo prompto, mas que encontrára grande difficuldade para obter o passaporte, porque elle não queria annunciar a sua partida, nem queria occupar tão pouco alguma pessoa de confiança que o abonasse.

E, depois de circumstanciar esse e outros factos, declarou que já se não podiam arrepender... Só faltava embarcar!

— Parece-me que tens pena de deixar o Rio de Janeiro!...

— Que me importa o Rio, comtanto que eu te tenha a ti!

E olharam-se com amor.

Laura não dava uma palavra; tinha o olhar disperso. Não se animava de encarar com Gabriel.

Estava captivadora. Vestia linho pardo, debruado de cadarço branco. A flexibilidade esbelta do seu corpo

desenhava-se bem com aquella roupa inteiriça. Não levava outra joia além de uma pequenina cruz de ouro sobre o peito. O chapéu de palha de Italia dava-lhe á physionomia uma doçura admiravel. Seria difficil dizer em que ia pensado aquella cabecinha!

E assim chegaram os tres á casa de Laranjeiras.

Gabriel havia cambiado suas notas do Thesouro por dinheiro em ouro e saques bancarios ao portador. E o esterlino ruido do metal, que elle acondicionava em uma gavetinha de segredo da secretária, fazia estremecer Ambrosina, que ao seu lado o apoquentava com perguntas.

Laura, estendida num divan da sala de visitas, alheia a tudo que a cercava, embalava-se nos seus sonhos, a cabeça cahida sobre a almofada, os braços em abandono, os olhos meio cerrados, o pensamento solto.

Gabriel conversava com a amante, a mostrar-lhe o passaporte, o bilhete de viagem; e pouco depois, chegava um homem carregado de objectos que elle havia comprado na cidade, quasi tudo roupa branca, mantas, agasalhos e charutos.

Jantaram á noite o que veio do hotel.

A manhã do dia seguinte correu sem novidade. O vapor, por motivos de molestia do commandante que fôra á ultima hora substituido, só sahiria ao pôr do sol. Gabriel andava atarefado; não sabia para onde voltar-se! Tinha ainda tanto que fazer!

Mas Ambrosina o tranquillizava: Que não se incommodasse elle absolutamente com as malas; ella se encarregaria de tudo. Gabriel que fosse tratar de saber se Jorge tomára as providencias necessarias para prender Mello Rosa. Isso é que mais urgia!

Gabriel, porém, onde poderia encontrar o cochei-

ro?... Em casa era inutil procural-o áquella hora ; já passava das onze. Sahio. Foi á residencia do padraсто — nada obteve. A criada, todavia, disse-lhe que o cocheiro pouco antes ganhára a rua muito azafamado.

— Onde o poderei encontrar agora?...

— Talvez no largo de S. Francisco...

Gabriel desceu preocupadamente a escada ; levava o chapéu atirado para traz, a cara banhada de suor.

Ao chegar á porta, encontrou um portador de Ambrosina á sua espera.

— O que tomos? perguntou surprezo.

— Esta carta, que a patrôa mandou entregar a vöcemeçê com toda a pressa.

— Que novidade será?

Era a carta combinada entre Ambrosina e Mello Rosa no sobrado da rua da Misericordia.

Gabriel sobresaltou-se ao lel-a. Ora, mais essa ! O Jorge soffrer aquelle dia uma penhora ! era só o que faltava !

— Mas, com os diabos ! exclamou elle, consultando o relógio. Não ha tempo a perder ! Praia do Russell ! A toda a força ! gritou ao cocheiro, volvendo ao seu carro.

E o carro disparou como um raio.

Apeou-se defronte da casa de Jorge. Um velho de longas barbas, que estava assentado no limiar da porta, sahio-lhe ao encontro e perguntou com ar triste :

— O senhor naturalmente é o Dr. Gabriel?...

— Sim. Que é do Jorge?

— Não me pergunte por elle ! Uma grande desgraça !

E o velho limpou os olhos.

Gabriel deu um passo para entrar na casa do cocheiro.

— Não entre! exclamou o outro, sempre commovido. Não está ahí ninguém!... A justiça fez a sua visita e não se pôde tocar no que lá está! O senhor bem sabe que o Jorge não pôde apresentar o dinheiro e...

— Mas, que dinheiro? Que trapalhada é esta? O que tudo isto quer dizer? Explique-se por uma vez!

O velho fez um gesto de tólo, e fallou confusamente em penhora, em divida, em homens armados, mas sem explicar ao certo coisa alguma.

— Cada vez entendo menos! disse Gabriel, já impaciente.

E releu o bilhete de Ambrosina, que tirára da algibeira.

— Uma grande desgraça! repisava de vez em quando o velho, a sacudir tristemente a cabeça.

— No fim de contas, o que faz você aqui?...

— O Jorge disse-me que o esperasse...

— A quem, homem?!

— Ao senhor...

— E para que?

— Para lhe dizer o que se passou e indicar-lhe o lugar em que elle está...

— Pois, se foi para você dizer-me o que se passou nesta casa que Jorge o deixou aqui, podem os dous limpar as mãos á parede, porque fiquei na mesma! Não haverá por ahí alguém com quem me entenda?...

— Não ha, não, senhor... Foram todos para a ilha...

— Que ilha, creatura?

— A ilha dos Cães...

— Mas que diabo foram lá fazer? O que demonio aconteceu aqui?

— Para fallar verdade, não sei, meo rico senhor... Não entendo destas coisas! Sou amigo velho do Jorge... cá estava a cavaquear um pedaço com elle, quando chegam dous sujeitos, armados de tinteiro, penna e papel, e vão entrando, sem mais nem menos, pela casa, a tomarem nota de tudo que encontraram... O Jorge pôz-se a chorar como um perdido... Quatro homens, que acompanhavam os do tinteiro, lançam-lhe a mão e o intimam a seguir para a ilha! Ora, ahí está tudo o que se passou!

— E elle foi?...

— Foi, sim, senhor! E pedio-me, por tudo, que não sahisse aqui da porta enquanto V. S. não chegasse e recebesse o recado...

— Que recado?...

— O recado é que elle pede á V. S. que faça o favor de dar um pulo até lá onde elle está. É questão de um instante! O Jorge deixou um escaler já preparado. Se V. S. quizer, eu o levo e trago num abrir e fechar d'olhos!...

Gabriel hesitava perplexo; consultava o relógio e a carteira. Que significaria tudo aquillo?... A carta de Ambrosina e as vagas palavras daquelle velho idiota punham-lhe a cabeça a arder.

— Sabe se, antes da chegada dos taes sujeitos, havia o Jorge recebido alguma intimação da justiça?... perguntou elle, depois de um silencio de alguns segundos.

O velho respondeu que não sabia.

— Ora cebo! gritou o rapaz. Afinal, estou sempre na mesma!

— O Jorge é quem lhe poderá dizer tudo, patrão!

Não vale a pena arreluiar-se! Se quizer fallar com elle, o escaler está ás ordens...

Gabriel passeiava de um para outro lado, procurando descobrir o fio da meada.

— Ah! exclamou elle de repente. Já sei!

E concluiu de si para si que o Mello Rosa fôra prevenido das intenções do Jorge a seu respeito, e engendrara aquelle meio de desfazer-se do cocheiro.

— Não é outra coisa!... resmungou. Verão que não é outra coisa!...

E, convencido do que pensava, deo um novo curso ao seu raciocinio: Ainda não eram duas horas; o vapor só levantaria ferro ás seis e meia... Ás tres podia elle estar de volta, já entendido com o cocheiro, e apto por conseguinte a tomar qualquer resolução energica contra o Mello. Se fosse preciso, podia até queixar-se á policia... alli andava com certeza grande abuso! o que convinha era prevenir Ambrosina que se acautelasse contra alguma armadilha!... O Mello Rosa pagaria caro aquella brincadeira! mas, por então, urgia que Gabriel se entendesse com Jorge...

— Onde está o escaler?! perguntou ao velho.

— Alli mesmo, patrão. É só descermos um pouco... Aqui é costa...

— Mas, preciso de um portador para as Laranjeiras, observou o rapaz, escrevendo um bilhete a lapis, no qual relatava á Ambrosina as suas desconfianças e lhe aconselhava toda a cautela com o Mello. É verdade! o carro em que vim pode servir. Chame o cocheiro.

O bilhete foi expedido, e Gabriel acompanhou o caetraeiro até á entrada da praia do Flamengo.

— Aqui está o bóte! disse o velho, apontando para



um escaler preso ao caes. Isto é decidido! Corre que nem um carapáu!

A embarcação, nova e garbosa, baloiçava-se voluptuosamente na cadencia da saca.

Fazia um tempo abrazado e cheio de luz.

A bahia reverberava ao sol. As montanhas erguiam-se cruamente do seio das aguas, que as reflectiam por inteiro.

Havia dous homens no escaler. O velho entrou nelle agilmente e, depois de ajudar Gabriel a embarcar, assentou-se ao leme, e gritou para aquelles em voz de commando:

— Toca!

Abriram-se os remos, e o bóte ganhou a bahia, arrancando um galão farto a cada vigorosa braceagem dos tripolantes.

Em breve distanciavam de terra, deixando atraz a fortaleza de Villegagnon.

O velho ergueu então a cabeça. O seu primitivo ar de ingenuidade desaparecera de todo, substituido por uma aspera catadura de lobo do mar.

— Ao largo! disse elle com autoridade.

— Para onde diabo vamos nós? perguntou Gabriel.

Não lhe responderam.

— Onde fica a tal ilha?

O mesmo silencio,

— Mas, com todos os diabos! vocês zombam de mim?!

O velho, sem desfranzir as sobrancelhas, tirou do peito uma carta e entregou-a ao seu interlocutor.

Era de Mello Rosa e dizia o seguinte:

« Caro Sr. Dr. Gabriel.

« Ao ler esta, estará V. S. cheio de apprehensões e

receios. Dissolva-os — nada lhe succederá, a não ser o mallogro da partida com Ambrosina.

« V. S. recuperará a sua liberdade somente á meia noite, quando a referida senhora ja se achará comigo em viagem para fóra do Imperio. Os homens, que V. S. tem defronte de si e que o guardam á vista, são de confiança e estão pagos para o não deixarem fugir; escusa, por conseguinte, tentar qualquer meio que fôr de encontro ao que determinei.

« Sinto que isto o faça ficar desapontado; mas o que quer? Tenho paixão por Ambrosina; ella consentio em acompanhar-me, e eu lancei mão dos meios que pude para conseguil-o.

« Adeos e perdõe-me, se não pude evitar o desgosto que lhe dou.

« Seu amigo e criado, M. R. »

Quando Gabriel acabou de ler esta carta, os remadores haviam já recolhido os remos, e o escaler permanecia no mesmo ponto, a jogar suavemente á mercê das ondas.

O amante trahido sentia-se estrangular pela raiva. Crescia-lhe na garganta um novello aspero que o sufocava.

Suas primeiras palavras foram para pedir agua. O velho apresentou-lhe uma ancoretta cheia d'agua e uma garrafa de cognac.

Gabriel bebeu de ambos e ergueu-se.

— Querem vocês enriquecer hoje mesmo?! perguntou elle aos homens.

Estes voltaram apenas o rosto.

— Dou-lhes uma boa quantia, se me puzerem já m terra!

O velho sorriu e meneou negativamente a cabeça.

— Raios os partam! Miseraveis! exclamou Gabriel

a esmagar na mão fechada em sóco o seu chapéu de feltro.

Consultou o relógio; marcava trez e meia. Se aquelle maldito velho quizesse, ainda havia tempo de alcançar Ambrosina!

— Pense bem... disse-lhe em voz baixa. O senhor está velho, precisa descansar... Eu sou rico... posso dar-lhe com que adoçar os seus ultimos dias...

— Quanto?...

— Uns cinco contos de reis...

— É pouco!

— Dez!

— Deixe vel-os?

— Ah! não os tenho aqui commigo, de certo, mas dou-lh'os em terra...

— Já não como araras com pennas!...

— Juro-lhe, sob palavra, que lhe dou o dinheiro!

— Mais vale um passaro na mão que dous a voar!...

— Afianço-lhe que os meus dez contos são mais seguros que outro qualquer pagamento!...

— Pois então assigne um deposito da quantia...

— Assigno! annuo Gabriel, procurando o seu lapis.

— Não, occorreu o outro; tenho cá com que pôr o preto no branco... e as competentes estampilhas.

E sacou da caixa de pópa uma escrivaninha perfeitamente guarnecida, que passou ás mãos do rapaz.

— Seu nome? perguntou este.

O velho respondeu firmemente:

— Antonio Leão Cerqueira, para o servir.

Gabriel lavrou o documento de divida.

— Ahi o tem... disse, entregando-o ao catraeiro.

Este leu e releu o escripto, dobrou-o depois, e meteu-o na algibeira das calças.

— Torce p'ra terra! rosnou aos tripulantes.

E o escaler virou de bordo.

— Depressa! gritou Gabriel. Não temos tempo a perder! Depressa!

E logo a cidade parecia vir ao seu encontro, tal era a rapidez com que o escaler deslargava para a praia.

## XXX

### FULMINAÇÃO

Emquanto succedia ao pobre Gabriel o que acabamos de ver, Mello Rosa tomava um carro de praça e mandava tocar a toda para Laranjeiras, correndo ao encontro de Ambrosina, que devia estar á sua espera, prompta a desferir o vóo, conforme entre si haviam combinado os dous velhacos.

E, estendido sobre as almofadas do carro, ia o Mello a pensar, sorrindo por entre as fumaças do seu charuto, na engenhosa estrategia que imaginára para livrar-se de Gabriel.

Aquellas horas estaria o toleirão a arrancar os cabellos, desesperado, a bordo de um escaler, em plena bahia.

— Que tenha paciencia! disse consigo o tratante. Peiores coisas soffrem outros neste mundo!...

E passou a calcular o resultado do que havia urdido: Eram trez horas. O vapor não levantaria ferro antes das seis... elle nada mais tinha que tomar Ambrosina e metter-se com ella a bordo. Gabriel seria posto em liberdade á meia noite; só então iria queixar-

se á policia ; antes, porém, que esta se mexesse, já o Mello estaria longe !

E, de tão preocupado com estes raciocinios, não notou que o cocheiro do seu carro acabava, sem afrouxar na carreira, de ser substituido pelo nosso intrepido Jorge ; como tambem que o carro já não levava a direcção de Laranjeiras, porque no Largo da Lapa, em vez de subir para o Catette, tomou pela rua dos Arcos.

O Mello, completamente distrahido, continuou de si para si :

— No fim de contas, tanto Ambrosina como o dinheiro do Gabriel, são duas fortunas bem ganhas, pois não se póde negar que muito arrisquei o pello para conquistal-as! ... Não fosse eu um sujeito esperto, que nenhuma dessas duas bellas coisas me chegaria ás mãos!...

Não devia, por conseguinte, preocupar-se em extremo com a fraudulencia do caso, nem devia sentir remorsos : « Cada um puxa a braza para a sua sardinha !... » Gabriel que se queixasse da sorte, que havia feito de Mello um homem pobre... Além disso, o amor, o grande amor ! tinha costas largas e era um pretexto magnifico para todas aquellas patifarias... Que diabo não se poderia explicar na vida pela « Paixão amorosa ?... » Quantos exemplos não havia por ahi de bons rapazes, que se deitavam a perder por causa de mulheres?... Todos perdoariam, desde que a sujeita fosse devéras bonita!... E muito mais que elle não precisava absolutamente de voltar ao Brasil... Para fazer o que?... Pariz ! Pariz o attrahia como uma patria desconhecida ! em Pariz, o Mello encontraria de certo mil modos de exercer a sua intelligencia e o seu espirito !... Quanto á Ambrosina, essa nunca

seria um estorvo, porque elle não era nenhuma criança e sabia lidar com toda a sorte de gado mulheril, fosse este o mais cornigero e bravo...

— Mas é verdade! exclamou, despertando das suas cogitações. Não chegámos hoje, ó cocheiro? Ha uma bôa hora que andamos!

O cocheiro não se deu por achado, e Mello reparou que nesse instante acabava de passar pelo matadouro e entrava na rua de Mariz e Barros.

— Para onde diabo vamos nós?! berrou elle, a puxar o paletot de Jorge. Olha que vamos errados, animal!

— Não lhe dê isso cuidado! retorquiu o cocheiro. E fustigou os cavallos com terrivel gana.

— Pára! Pára! gritava o rapaz, vendo que o conduziam por uma picada. Se não paras, chamo a policia!

— Chame, se fôr capaz! respondeu Jorge, fazendo afinal parar o carro defronte de uma casinha de porta e janella.

E depois de apear-se, accrescentou, perfilando-se defronte do Mello: — O senhor vae entrar immediatamente nesta casa, ou será denunciado á policia como ladrão!

— Mas isto é uma emboscada! exclamou o tolhido.

— Justamente, confirmou o cocheiro com ar calmo. Eu sou o Jorge, que o senhor bem conhece, e estou cá por ordem do Dr. Gabriel e de D. Ambrosina, aos quaes tencionava o senhor engazupar! Faça barulho, e veremos quem ficará de peor partido! Ahi tem essa carta; leia! É de D. Ambrosina...

E o cocheiro entregou ao Mello uma carta.

— Canalias! disse este, abrindo-a. Entendam lá semelhante escoria! São todos da mesma força!

A carta dizia o seguinte:

« Mello,

« Sei de tudo o que te succedeu, não tenhas, porém, receio algum ; tudo isso foi para salvar-te. Descobriram os nossos projectos, mas crê que os não suffocaram. Por ora, é necessario que te submettas ao que quer essa gente ; julgam que eu parto hoje com Gabriel e te prenderão até á meia noite. Gabriel não me acompanhará, e todos supporão que eu fugi sosinha para a Europa ; todos, á excepção de ti, que me irás procurar mysteriosamente na avenida de Magalhães, chalet n. 5. Não te revoltes quando te prenderem e lança a culpa para mim.

« Amanhã estarás livre, e depois d'amanhã estaremos de partida. Se alguém te fallar a meu respeito, finge que me suppões longe, e, logo que te aches desembaraçado, corre a procurar-me onde já te indiquei.

« Toda cautela é pouca ! Pelo sim, pelo não, rasga esta carta...

« Tua sempre,

AMBROSINA. »

— Miseravel ! disse affectadamente o Mello, depois da leitura. Enganou-me ! fugio !

E apeando-se por sua vez, accrescentou para Jorge :  
— Estou á sua disposição...

O cocheiro fez soar a aldrava da porta, e entregou o carro a um negro que a veio abrir ; em seguida intimou com um gesto Mello Rosa a penetrar na casa, e entrou apoz d'elle, dando duas voltas á fechadura e recolhendo a chave.

Entretanto, vejamos o que por esse tempo fazia Ambrosina :

A ardilosa rapariga, logo que Gabriel sahio de casa



e enquanto lá fóra era o velhaco Mello Rosa rastreado pelo pae de Laura, ficava com esta em completa independencia na cozinha de Laranjeiras.

— Não podemos agora perder um instante ! disse ella á infeliz cumplice, quando se acharam a sós.

— Mas, o que me cumpre fazer ? perguntou Laura.

— Mudares de roupa e te dispores a partir immediatamente commigo...

— Partimos então hoje para a Europa ?

— Tolinha ! Isso seria o mesmo que nos mettermos n'uma ratoeira, porque Gabriel, logo que se achasse livre, expediria um telegramma para o primeiro porto, e eu seria presa como criminosa. Talvez não o fosse... elle me adora a tal ponto, que não teria animo naturalmente de proceder cõtra mim ; mas o mesmo não succede a respeito de teu pae, que, para se vingar por lhe haver eu roubado a filha, seria muito capaz de entregar-me á justiça ! O que fazemos então ?... Nada mais simples : Sahiremos quanto antes de casa, deixaremos aqui aquellas cartas, que são — uma para teu pae, outra para Gabriel, outra para o Mello Rosa e outra para minha mãe, e tomaremos, não o paquete do Havre, mas sim o vapor brasileiro, que segue hoje mesmo para o norte. Com a leitura daquellas cartas e com a conclusão que provavelmente hão de tirar dos factos, elles nos julgarão navegando para Europa e encaminharão para esse lado todas as suas pesquisas. Nós, entretanto, munidas de dinheiro como estamos, faremos simplesmente o seguinte : vamos d'aqui á agencia, compramos duas passagens, mettemo-nos a bordo, e ás quatro horas estamos de partida. Para viajar dentro da Brasil, não precisamos de passaporte, porque somos brasileiras. Chegadas, porem, á Bahia, encerramo-nos em um hotel, até que tenhamos um

paquete para a Europa. Então, o passaporte de Gabriel servir-nos-ha admiravelmente... Tu te vestes de rapaz com essas roupas que levamos ahi, e ficarás sendo o Sr. Gabriel de Los Rios, meu marido, e eu continuarei a ser Ambrosina, tua esposa... Dessa forma, não seremos encontradas e, dentro de poucos dias, estaremos fóra do alcance de qualquer perseguição.

Laura escutava tudo isto com um ar timido e irresoluto. Batia-lhe o coração com anciedade sob o pezo de um terror indefinido.

Ambrosina comprehendeu a commoção da pequena.

— Coitadinha! disse. Como és ainda ingenua!... Mas, não te assustes, não tenhas receio, que te não succederá coisa alguma!... A culpa de tudo será lançada á minha conta!... Não tens de que te envergonhar, não foges com um homem, e sim commigo, que te conservarei pura!

E beijou-a.

— Porém, meu pae?!

— Máo! máo! não entremos nessas considerações! Não ha tempo para isso. Deita o chapeo, que o carro não tardará ahi.

Com effeito, pouco depois, rodava um carro á porta da rua.

— Prompto! Podemos ir! disse Ambrosina, tomando a sua bolsa, em quanto a outra fechava as janellas da casa. Depois sahiram pelo portão do jardim, cuja chave escondeu aquella em certo cantinho entre as grades de ferro, como costumava fazer quando ahi vivia com Gabriel.

A bagagem das duas raparigas constava de uma simples mala. Ambrosina fez o cocheiro collocar-a no banco da frente do carro, e assentou-se no de detraz com a companheira.

Eram duas e meia da tarde.

Pouco fallaram durante a viagem. Ambrosina ia preocupada, e a outra sobresaltada. Todavia, nenhum obstaculo encontraram na agencia para obter os respectivos bilhetes de passagem, e ás trez e meia achavam-se installadas, no mesmo beliche, a bordo de um dos vapores da Companhia Brasileira.

Por este tempo, como vimos, Gabriel offerencia dinheiro ao homem do escaler para o largar em terra.

Só ás quatro horas já passadas conseguiu metter-se em um carro e disparar para Laranjeiras.

Chegou á casa pouco antes das cinco.

Ao não encontrar as portas abertas, sentio logo uma pancada no coração.

Bateu repetidas vezes, e ninguem respondeu.

Aquella sinistra tarde lhe parecia apressada e impaciente por chamar a noite, e o silencio, o abandono, as primeiras sombras faziam um doloroso conjuncto de tristeza, que mais funda enterrava a agonia no peito do desgraçado.

Gabriel passeiou em torno da casa, como um faminto que ronda o celleiro defeso. Afinal, deu com a chave da porta do jardim e penetrou na ante-camara do seu dormitorio.

— Cheguei tarde! exclamou elle, atirando-se a soluçar n'uma cadeira. A ingrata fugio com aquelle canalha! (E sentio uma vontade brutal de estrangular o Mello Rosa.) Ah! mas o vapor só sahirá ás seis e meia, e eu terei tempo de alcançal-os!

Dizendo isto, ergueu-se, disposto a sahir de novo em perseguição dos criminosos.

Foi nessa occasião que reparou para as quatro cartas, depostas sobre o toucador por Ambrosina.

Uma carta dirigida ao Mello Rosa?... pensou. E singular!...

E, tomando a que a elle proprio era dirigida, avidamente a abriu, depois de accender um bico de gaz, em vez de abrir as janellas.

Logo com ver as primeiras palavras, um estremeamento nervoso lhe percorreu o corpo.

Tornou a assentar-se, e concentrou-se na seguinte leitura:

« GABRIEL

« Perdôa-me. Sou muito menos culpada do que é do teu direito acreditar.

« Em quanto me foi possível consagrar-te todo o amor de mulher que em mim havia, dei-me inteira aos teus braços e á tua bocca; fui tua nos teus longos dias de tedio, fui tua nas tuas ligeiras noites de goso. Hoje, porém, que te amo mais talvez, tudo isso me é vedado por uma sinistra transformação que se apposou do meu ser, abalando-o até na sua propria essencia. Este corpo que beijaste com tanto amor de homem, só tem hoje de mulher a fórma primitiva, habita-o agora a alma de um demonio insexual e lubrico, a quem desgostam as triviaes caricias masculinas.

À minha carne rebelde repugna agora o rijo contacto da musculatura dos hercules, e sorri o doce e curvilineo affago da linha dos ganimedes. A estrella que me vio nascer foi Venus, mas Amor não é para mim um nú e meigo infante de olhos vendados, é uma frivola boneca, cheia de rendas e fitas.

« O Brasil, verde cru e humido, suffoca-me; a sociedade em que nasci repelle-me e eu regeito a unica que me abre o seio; o homem, qualquer que elle seja,

enche-me de desprezo por mim e por elle. Todavia, entre esses duros e barbados dominadores da femea, eras tu, meu pobre amigo, o menos vaidoso, o menos covarde e o menos egoista. Mas, nem por isso deixas de ser homem, e eu te fujo, para te não ultrajar com uma ternura que não pertence ao teu sexo.

Será aberração moral? Será depravação physica? Seja o que fôr, não poderia eu de hoje em diante ficar ao teu lado, sem te enganar a todos os momentos. Fujo para longe de nós dous, na esperança de viver entre desconhecidos e separada de mim mesma. Uma multidão de estrangeiros é o mais completo isolamento que eu conheço — andar entre elles é vagar entre sombras de estatuas. Terás ao menos no teu abandono a consolação de que nunca pertencerei o outro homem; este corpo que te arranco das mãos jamais cahirá nas garras de outro dono. Ah! isso juro-te eu pelos olhos e pelos cabellos de minha Laura!

« E adeus.

« O que ahí vae escripto, é a expressão franca da verdade. Despejei o coração até ao fundo para ficar mais leve, e fugir-te mais ligeira; basta-me o pezo que já levo do teu dinheiro! Tens que me absolver com o teu perdão, ou me amaldiçoar com uma perseguição judicial. Não consultes para esse fim o teu coração, consulta só o teu espirito, e conta, no primeiro dos casos, com o meu reconhecimento de *bom* camarada.

AMBROSINA. »

Gabriel soluçava ao terminar a leitura. Só entãc erguendo o rosto, deu com Jorge, que havia entrado sem ser percebido.

— Caramba! disse este. O senhor ainda aqui?!  
Pois não partio?!

Gabriel respondeu com um gesto desabrido, e apontou-lhe para o toucador onde se achavam as cartas.

— Pois o tal Mello está seguro até á meia noite! accrescentou o cocheiro, tomando a carta que lhe era dirigida. Mas o senhor dessa forma não pilha o vapor!...

Gabriel não respondia, chorava encostado a um movel, com a cabeça escondida nos braços.

Jorge abriu a carta, sobresaltado por ter reconhecido a letra de Laura.

Á proporção que lia, uma terrivel pallidez ganhava-lhe o semblante. Os olhos foram-se-lhe dilatando com uma expressão de espanto e desespero, os labios se contrahindo, as ventas se distendendo, até que da frente lhe começou a porejar o frio suor das grandes agonias.

De repente, passando da pallidez a uma vermelhidão apoplectica, escancarou a bocca com un bramido de dôr, e cahio de borco sobre o soalho.

A casa tremeu, como se houvesse desabado alli no chão um colosso de bronze.

## XXXI

### DESTROÇOS DA TEMPESTADE

A carta que lançou por terra o cocheiro Jorge era uma despedida da filha, declarando a seu modo os motivos que a arrastavam naquella viagem clandestina. Educação, temperamento, insufficiencia de meio social, tudo isso resaltava das palavras que a infeliz dirigia ao pae; este porém, nada vio nem comprehendeu senão que a filha abandonava a casa paterna, e tanto bastou para fulminal-o.

Laura, todavia, mostrava-se na carta muito commovida, e fazia ardentes promessas de boa conducta.

Nada servio para suavizar o golpe.

O pobre homem permanecia de bruços no chão. Gabriel correu a soccorrel-o, arrastou-o ate á cama, e conseguiu com difficuldade estendel-o sobre ella.

Jorge não dava accordo de si, e tinha o rosto congestionado.

A situação tornava-se cada vez mais penosa. Gabriel chamou varias vezes por elle, sacudio-lhe vigorosamente os hombros. Nada! o homem continuava

inanimado, a tirar da garganta uns grunhidos aterradouros.

O rapaz correu então á sala, abriu as janellas. Estava afflicto! precisava de alguém que se encarregasse do cocheiro, porque elle não podia deixar de ir a bordo! Mas o silencio da rua desesperou-o. A tarde fechava-se de todo, e os primeiros lampeões constellavam o arrabalde com a sua luz ainda vermelha.

Gabriel deu lume a outros bicos de gaz, e resignou-se a aguardar os acontecimentos. A cabeça andava-lhe á roda e estalava de febre. Entretantourgia tomar qualquer resolução; aquelle homem podia morrer alli, se lhe não ministrassem promptos soccorros!... Era preciso descobrir um medico! Que falta fazia o Gaspar naquella occasião!...

Gabriel havia já resolvido sahir, a chamar algum vizinho, quando ouviu tocar a campainha do jardim.

— Enfim! disse elle, como se esperasse por quem batia.

E, pouco depois, entrava na sala Genoveva, pelo braço de Alfredo.

A viuva do commendador Moscoso vinha suffocada de anciedade.

— Estimo que chegassem! exclamou Gabriel, assim que os vio; precisava sahir immediatamente, e não tinha animo de deixar aqui este pobre homem sosinho! Tenham a bondade de ficar com elle... Eu já volto!...

— Não! Não! Faça favor! gritou Alfredo, segurando-lhe o braço. Nós tambem temos pressa! O patrão espera-me esta noite, e não posso faltar; é um caso grave de molestia da filha... Por hoje estou farto de mystificações! Apre! Desde as duas da tarde que ando n'uma dobadoira! A Genoveva sonhou que



a filha partia hoje, e quiz vir cá; chegamos ás trez e meia, e encontramos a casa totalmente fechada... D'ahi, fomos immediatamente á de seu padastro, e ninguem lá nos pôde esclarecer patavina! Já tínhamos perdido as esperanças, quando, ao recolher-nos de volta, encontramos perto do matadouro o cocheiro Jorge, que se compadeceo do estado de anciedade desta pobre mãe, e disse-lhe: « A senhora devo fallar com franqueza! Se quizer encontrar sua filha, tome um bóte e vá a bordo do paquete francez *Mensageur*, que parte hoje para a Europa; D. Ambrosina segue na companhia do Dr. Gabriel. Elles aqui não podiam continuar a viver juntos. » Nós, como o senhor pode calcular, não esperamos por mais nada e seguimos para o caes Pharoux. Gastamos um bom tempo na viagem, não appareceo um carro e tivemos de tomar um bond da linha de Villa Isabel, que é a peor das linhas de bonds! Quando chegamos á praia, passava das cinco; tomamos um escaler e dissemos ao catraeiro que nos levasse a bordo do tal paquete. O homem obedeceo, mas em viagem declarou-nos que talvez não nos deixassem entrar, porque era natural que já tivessem levantado ferro. Foi justamente o que succedeo! não chegamos a tempo! O mar estava contrario, o escaler jogava mais do que andava... E ao tiro das seis, eu e D. Genoveva, vimos o *Mensageur* largar para fóra da barra. Ella chorava que nem uma criança e, como não havia jantado, principiou a sentir ancias e vágados. Comtudo exigio de mim que a acompanhasse immediatamente até cá. Não contavamos encontrar ninguem; ao senhor, pelo menos, já o faziamos em caminho para o estrangeiro...

Gabriel, porém, cortou-lhe a palavra. A noticia da

sahida do paquete acabava de esmagar-lhe a ultima esperanza.

— Mas, com todos os diabos! gritou elle, segurando a cabeça com ambas as mãos. Parece que ha um genio diabolico a tramar contra todos os meus actos!

Alfredo e Genoveva retrahiram-se, assustados com os gritos do rapaz.

Este continuava a praguejar, passeiando muito agitado em todo o comprimento da sala.

— Eu pensei que o senhor estivesse a par de tudo... disse timidamente a mãe de Ambrosina.

— Não estou a par de coisa alguma, minha senhora! Olhe! leia essa carta de sua filha; ella talvez elucide a situação. Pode tambem ler a outra, dirigida a mim, e afinal esta! accrescentou elle, ajuntando do chão a carta de Laura; esta foi a que pôz aquella miseravel creatura no estado em que se acha!

Alfredo e Genoveva armaram os competentes olhos, e dispozeram-se a proceder á leitura das cartas de Ambrosina.

Jorge soltou um ronco mais forte e deu um estremeção com todo o corpo.

Só então foi que Genoveva reparou para a vigorosa figura do cocheiro estatelada sobre a cama.

— Valha-me Deus! Que tem este homem?!... exclamou ella, espavorida.

— Sua filha poderia responder-lhe muito melhor do que eu... disse Gabriel, possuindo-se agora de tristesa.

— Minha filha?! Mas o que fez ella a este homem?!

— Fez simplesmente todo o mal que lhe pôdia fazer, roubou-lhe a sua unica esperanza, a sua unica

consolação!... Esse homem, que a senhora ahí vê, era um homem feliz, um honesto cocheiro; vivia do seu trabalho, amassava o seu pão com o suor de todos os dias, não desconfiava de ninguém, porque a ninguém prejudicava, tinha a consciencia limpa e o coração alegre. Mas um dia lembrou-se de proteger uma desgraçada que encontrou na rua, perseguida por um doido que a queria matar. A fadiga, o terror e a embriaguez haviam-na prostrado; elle não hesitou, carregou com ella para casa, deu-lhe um talher á sua mesa e um logar na cama de sua filha.

Genoveva sentio vontade de chorar. Alfredo havia já comprehendido a situação, e sahira immediatamente em busca de medico.

— Pois bem! continuou Gabriel, sempre possuido de uma grande mágoa; a protegida do cocheiro, logo que se sentio melhor, pagou todos os desvélos recebidos, seduzindo e arrastando comsigo a filha do seu bemfeitor...

— O que me faltará saber?! exclamou Genoveva em sobresalto.

Gabriel continuou:

— A victima de Ambrosina deixou ao pae essa carta, que a senhora tem nas mãos... O desgraçado cahio fulminado ao lê-la, e creio que nunca mais se levantará... Sua filha o matou!

— Valha-me Deus! Valha-me Deus! repetia a desventurada mãe, achegando-se cheia de commoção para o corpo de Jorge.

E em quanto lhe desaffrontava ella a garganta e o estomago, Gabriel monologava a um canto, com uma voz arrastada e confusa, como se estivesse delirando.

Não havia aquillo de ficar alli! prophetisava elle; outras victimas seriam arrastadas á ignominia e á

morte por aquella malvada! E ella, triumphante e cynica, iria por diante, envenenando com seus labios todas as boccas que beijasse, seccando no seu peito, insaciavel de luxuria, a pubere flôr de todos os vinte annos que encontrasse no caminho! Archanjo maldicto, suas azas só para baixo serviriam no vôo, e um dia afinal, quando lhe cahisse a mascara formosa, o mesmo inferno haveria de repudial-a com asco!

Jorge permanecia immovel. Tinha os olhos muito abertos, fitos e raiados de sangue, a bocca torcida, mostrando parte da dentadura, que se destacava do negrume das barbas e da roxidão da cara com um sorriso abominavel.

Genoveva ajoelhára-se ao lado da cama, e dizia entre dentes a oração dos moribundos.

Ao fundo da alcova, Gabriel derramava sobre os dous um olhar dolorido e vago. Postura e gesto, tudo nelle dizia grande desapego á vida e uma completa ausencia de si proprio. Apoiava-se a um movel com o cotovelo, e com a mão correspondente amparava a cabeça em desalinho. Havia mais indiferença do que mágoa na sua graciosa bocca mal cerrada. A febre punhalhe tons côr de rosa na pallidez das faces, e a sombra transparente dos seus triguenhos cabellos banhava-lhe a physionomia num doce effluvio levedado de oiro.

Quem o visse naquelle instante, tomal-o-hia por um prematuro asceta, cujo espirito apenas roçasse de leve pela terra, em distrahido e ligeiro repouso dos seus vôos mysticos.

No silencio da alcova palpitava monotonamente o balbuciar das orações de Genoveva.

De repente, Gabriel abrio a chorar numa explosão de soluços, e affastou-se para o jardim com o rosto escondido nas mãos.

Quando Alfredo voltou com o medico, Jorge havia já morrido.

E pouco depois o amante de Ambrosina vagava pelas ruas, sem consciencia do tempo nem do logar.

Como todo aquelle que sente uma decepção de amor, comprazia-se elle em deixar-se levar atóa, arrastado pelos seus proprios desgostos. Enquanto errava pelas ruas, lhe patinavam no espirito, com os chapins em braza, todas as saudosas recordações da sua extincta ventura.

Duas horas. A noite enchia o natureza de mysterios. O arrabalde dormia; policias dispersos cabeceavam encostados pelas esquinas ou resonavam á soleira das portas fechadas. Por entre uma nuvem de pó, os varredores da rua desenhavam-se confusamente, como espectros; a noite envelhecia, e as primeiras nevoas da madrugada iam galgando as serras, que cercam o Rio de Janeiro n'um circulo de granito. Uma mulher, vestida de branco e com os cabellos soltos, passeiava de um para o outro lado da calçada.

Gabriel reparou que havia entrado na cidade.

## XXXII

### VISITA DE ZANGÃO

Ambrosina e Laura, chegadas á Bahia, hospederam-se no hotel Figueiredo, D'ahi colheram informações sobre a cidade e seos costumes, e logo depois se achavam installadas na Barra em uma casinha alugada com os moveis.

Levavam uma vida especial as duas bellas fugitivas, á qual os sobresaltos e as appresnhões emprestavam um capitoso encanto de aventura romanesca. Inteiramente desconhecidas, concentravam só em si toda a actividade dos seus instinctos e toda a morbida curiosidade dos seus sentidos. Laura deixava-se dominar em absoluto pela companheira, não tinha vontade propria, nunca fazia uma objecção aos reclamos de Ambrosina, que em compensação não desdenhava meios de proporcionar á amiga tudo que lhe pudesse trazer alegria, propondo-lhe divertimentos na cidade, excursões ao campo, e offerecendo-lhe joias, modas e dinheiro.

Laura, porém, começava a enfraquecer. O seu lindo corpo delgado, e outr'ora tão roliço, principiava a de-

nunçiar sinistros angulos. A pelle ia se tornando mais transparente, descorada e secca, os labios menos vermelhos, as mãos humidas. De toda ella se desprendia um ar melancolico de soffrimento e resignação, tinha agora o andar vagaroso e os movimentos demorados. Ficava horas perdidas a olhar abstractamente para o espaço, bocca anciosa, respiração convulsa, braços esquecidos.

Dir-se-hia que toda a sua actividade nervosa se lhe havia refugiado nos olhos. Esses, sim, eram agora mais vivos e pareciam maiores na roxa moldura das palpebras.

Ambrosina, ás vezes, a surprehendia nesses extasis.

— Que tens tu, minha vida?... perguntava-lhe com meiguice; porque ficas assim, a olhar atôa, como quem deixou longe o coração?... Falla, meu amor! conta á tua amiguinha qual a mágoa que te opprime! Ó que te falta?

Não era nada!... dizia a outra, entre sorrindo e suspirando. Nervoso!...

Ambrosina ralhava. — Não a queria vêr assim triste!... Era preciso ter juizinho!

Á mesa, que campanha! Laura torcia o nariz aos pratos e queixava-se de falta de appetite. A companheira fazia então milagres de ternura, affagava-lhe os cabellos, batia-lhe com o dedo na polpa do queixo, e começava a fallar-lhe com voz de criança:

— Bebê não faz a vontadinha de Ambrosina?... Ambrosina fica triste!...

E Laura, já a rir, tomava nos dentes o bocado que a outra lhe levava á bocca.

Assim passaram quasi um mez na Bahia. O paquete, que as devia levar para Europa, era esperado dahi a quatro dias. As duas viviam a sonhar com Pariz,

·À tarde, depois do jantar, quando não davam uma volta pelo Passeio Publico, ficavam a ler, estendidas no divan.

Estas leituras entravam pela noite. Vinha a criada accender o lustre, e as duas amigas permaneciam juntinhas ao lado uma da outra, como duas rôlas no mesmo ninho.

Era quasi sempre Ambrosina quem lia em voz alta. Laura escutava religiosamente.

Uma tarde, o sol já se havia escondido e a dubia claridade que precede o crepusculo da noite entrava pela janella e derramava-se triste no amoroso silencio da alcova; uma nesga do ceu apparecia, lá ao longe, afogada nos ultimos resplendores do dia, e um ar morno e pêsado agitava preguiçosamente a renda das cortinas; as duas raparigas achavam-se, mais que nunca, empenhadas na leitura. Era um romance de Theophile Gautier, traduzido por Salvador de Mendonça, « Mademoiselle de Maupin. »

Estavam na scena do jardim, e a voz de Ambrosina, muito sonora e levemente commovida, dizia bem e com justeza as phrases apaixonadas do grande bohemio fantasista. Mais parecia ella discursar que proceder a uma simples leitura; a expressão, o sentimento, o calor, que punha nas palavras, as faziam suas, ditas e pensadas alli, na inspiração voluptuosa e confidencial daquella intimidade.

Laura, de olhos fechados, labios trementes, corpo abandonado sobre o divan, parecia enlevada n'um idyllio mystico. E a noite cahia sobre ellas como um veç protector.

Em breve, já não podiam ler. O livro desabára sobre o tapete.

Laura estorceu-se então n'uma agonia mortal, abra-



çando-se á companheira, e abriu a soluçar hystericamente.

Era um chorar louco, apaixonado, febril.

Ambrosina, sem comprehender semelhante crise, procurava inutilmente estancar as lagrimas da pobre moça.

Entretanto, abriu-se a porta do interior da casa, e a criada appareceu, dizendo que um homem procurava por D. Ambrosina Moscoso.

— Um homem?! exclamou esta, erguendo-se espantada.

— Diz que da parte da justiça... explicou a criada, hesitante.

Ambrosina sentio uma pontada no coração.

Laura correu para dentro, e a outra, logo que recuperou o sangue frio, perguntou á mucamba que especie de gente a procurava.

— É um moço magro, cara lisa, um signal de bigode. Bem vestido.

— Louro?!

— Não senhora.

— Ah! Respiro!

E, tomando uma resolução:

— Que entre para a sala.

O sujeito era o Mello Rosa, que se fez reconhecer desde o corredor com a sua alegria espalhafateira e artificial.

— Ora, finalmente! gritou elle com uma gargalhada, quando se achou defronte de Ambrosina. Não contavas com esta surpresa. heim, minha bella espertalhona?...

— Confesso que não, e até mais, que ella depõe largamente contra o seu espirito!...

— Isso agora é que é de máo gosto, e não parece vir de ti. Concordo em que não estimes a minha vi-

sita, mas não em que o declares! É a primeira vez que te vejo denunciar pela physionomia uma contrariedade...

E dizendo isto, o Mello se havia installado commodamente em uma cadeira de braços. Ambrosina, assentada defronte delle, inspeccionava-lhe a côr das meias, o feitio do casaco e a extravagancia da gravata. — Onde teria aquelle typo arranjado dinheiro para embonecar-se daquelle modo?... dizia ella comsigo.

— Mas, emfim?... perguntou. Qual é o motivo da sua visita? o que o traz aqui?

— Pois não percebeste ainda?

— Juro que não.

— Estás a fazer-te esquerda, meu amor!

— É birra!

— Mas, que diabo! não percebeste, filha, que fui logrado por ti e procuro chamar a mim o que me pertence de direito? Olha que sempre me obrigas a umas franquezas!...

— Pois ainda o não entendi... Explique-se!

— Mas, como não entendeste?...

— De certo! sei que o senhor quiz defraudar em certa quantia o homem com que eu estava, e eu não consenti... Ahi tem o que sei!

— Perdão; não é isso o que tu sabes! O que tu sabes é que nós combinamos os dois passar a perna ao Gabriel em vinte contos, e pôr-nos ao fresco, deixando o pato com cara de tôlo! Queres franqueza, toma! Ora, tu sosinha não darias conta da marosca e solicitaste o meu concurso. Eu formei o plano do ataque, e os resultados foram excellentes; apenas, em vez de ser para nós ambos, foram unicamente para ti!...

— E d'ahi...?

— D'ahi é que não estou absolutamente disposto a deixar-me lograr! Quero a minha parte!

— Quem rouba a ladrão...

— Terá os annos de perdão que quizeres; mas, ou divides o bôlo commigo, ou vou d'aqui mesmo denunciar-te á policia, e corto-te todos os vóos... Escolhe!

— Ora, vá pentear monos! disse Ambrosina, erguendo-se e affectando serenidade.

— Ah! não queres? Pois fica então sabendo que estás presa.

— Ora, moço, outro officio!

— Zombas, heim? Pois já devias saber que sou empregado secreto da policia!...

— Devia tel-o desconfiado, isso é verdade!

— Mas, emfim? Inda uma vez: — Queres?!

— Não!

E Ambrosina acompanhou com surpresa os movimentos de Mello Rosa. Elle ergueu-se, foi até á janella e fez signal para a rua.

— O que significa isto?!

— Saberás depois... A autoridade competente t'o dirà!

— Olha que peste!

— Filha, é o mundo! Vais comparecer em presença do chefe de policia!

Ambrosina, que correra á janella, vio espantada tres praças lhe invadirem a casa.

— Mas, você é muito ordinario! exclamou ella com os dentes cerrados.

— Podes bramar á vontade!

— Um canalha! um valdevinos! um gatuno!

— Dize o que quizeres! Só me não podes chamar uma coisa, que é o que tu és!

E disse o nome.

Ambrosina estremeceu até á raiz dos cabellos. Olhou de frente para o Mello, e teve impetos de matal-o; mas um rumor na escada a pôz em sobresalto. Os soldados iam penetrar na sala.

— Esperem ahí um pouco! gritou-lhes o cavalheiro de industria. Vamos a vêr se as coisas se accommodam por bem...

Com a subida das praças, Laura acudio de dentro e atirou-se afflicta nos braços da amiga.

Ambas romperam em soluços.

— Ah! Ah! já quebraram de força? Pois é aviar, que tenho mais que fazer!

— Mas, o que quer você que lhe faça, homem dos diabos?!

— Ora, filha! quero que me entregues a metade do que nos pertence!

— É melhor! aconselhou Laura. Dá-lhe a metade!

— Mas é que já não tenho senão metade!... se a dêr, fico em completa miseria! Paguei dividas no Rio!...

Mello sorriu incredulamente.

— É um pouco dura a pilula! resmungou elle; mas, enfim, sujeito-me a um descontosinho...

— Dou-lhe cinco contos!

— Ora, vé bem se tenho algum T na testa!

— Pois é se quizer! Dou cinco! Se não quizer, proceda como entender!

E chegou-se para a porta da sala :

— O camaradas! chamou ella.

— Os soldados mexeram-se no corredor, como uma ninhada de bichos.

— Entrem para cá!

— Você o que vae fazer? perguntou o Mello.

— Entregar-me... Já lhe disse que não posso dar

mais de cinco contos... Estou resolvida a deixar-me prender!

— Pois vá lá! condescendeu o tratante, com ar de protecção. Como és tu, vá lá! Dá cá os cinco!

E gritou para o corredor :

— Esperem ahi, camaradas!

Ambrosina estregou-lhe cinco contos de reis.

— Bem, dá-me as tuas ordens!...

— Adeus, disse ella.

— Pergunta-lhe por meu pae, recommendou Laura.

— Mello parou na porta e disse, hesitando :

— Seu pae... morreo, minha menina. Bôa noite!

## XXXIII

### PELA ESTRADA DA TIJUCA

Entretanto, Gabriel na Córte levava por esse tempo a vida mais estúpida e ociosa que se pôde imaginar. O infeliz atirou-se á desordem dos prazeres brutaes como um soldado perdido se lança ao fogo do inimigo.

Nessa ingloria batalha o sangue que derramava era o dinheiro, derramava-o a jorros, indifferente-mente, alheio ás avidas e obscuras boccas que o sugavam. E semelhante conducta encheu-o logo, está claro, de falsos amigos, que rebentaram em torno da sua dissipação com a gulosa expontaneidade de fungões inuteis e venenosos.

Difficil seria precisar o perfil de todas essas sombras libertinas; eram individuos sem character proprio, e sem o mais ligeiro traço original por onde pudessem ser distinguidos. Todo o cabedal das suas habilitações consistia em saberem fumar, beber, jogar e femear como ninguem. Para se não dizerem vagabundos e filantes, intitulavam-se bohemios, profanando esse poetico nome, tão consagrado no meio artistico pela revolta do talento incomprehendido ou

ainda não victorioso. Bohemios ! como se fosse possível conceber a idéa de bohemia, sem a idéa de sacrificio e de pungente esforço na conquista do idéal e do bello !

Gabriel, coitado, bastante repugnancia sentia da nova lama em que se chafurdava agora, mas não tinha animo de romper com ella, porque só nella conseguia atordoar-se um pouco contra os ultimos desastres do seu maldicto amor. Em menos de dous mezes era já conhecido e tuteado em todos os restaurantes ruidosos, em todas as casas de jogo forte, clubs carnavalescos e caixas de theatro. Em torno do seu desperdicio ardia em perenne incensação esse risinho assucarado e servil, que o prestigio do dinheiro accende no rosto dos exploradores de todos os matizes, desde o grave e condecorado mercador commercial, até á delambida rameira de preço fixo e rotula franca.

As suas pandegas repetiam-se cada vez mais violentas e com mais estrondo. Depois de uma ceia no « Frères Provençaux », em que elle se vio em estado de não poder ir para casa, tomou aposentos nesse hotel, guardando a seu lado, por companheira de derregramento, a mulher que o acaso lhe deu áquella noite, a Rita Beijoca, uma loira de vinte annos mais velhos que a mesma devassidão ; e d'ahi, para o misero Gabriel, essa deploravel existencia côr de goivo e cheirando a morte, bem conhecida de alguns moços ricos do Rio de Janeiro — acordar á uma da tarde, fazer duas horas de toilette e outras tantas de Rua do Ouvidor, vermouthear até ao momento de se abrir na tábola predileta a primeira banca de roleta, jantar ás horas da ceia, e ceiar depois da meia noite.

A ausencia de Gaspar favorecia toda essa desgraça.

Pelo Carnaval, ao domingo gordo, reuniram-se, entre outros, nos aposentos de Gabriel, dous legitimos especimens daquelles cogumellos de que ha pouco fallamos — o Costa Mendonça e o Juca Paiva, dous bellos rapagões, que ninguem sabia donde tiravam os cabritos que vendiam.

O Costa era bonito e perfumado, tresandando a mulheres; joias caras, roupa bem feita. Tornára-se fallado no seu meio por certas famosas surras que de vez em quando lhe arrumava, em crises de ciume, a sujeita a quem elle de corpo e alma pertencia desde os seus primeiros passos na vida da pandega fluminense, uma tal Anninha Rabicho, celebre entre os libertinos dos dous sexos por ser proprietaria de um predio e cinco escravos, adqueridos com o producto das suas gloriosas economias.

O outro cogumello, o Paiva, tinha o ar mais serio e a roupa menos apurada. Nascera de pais abastados, que lhe deixaram uma mediocre fortuna e uma rara ignorancia. A fortuna comeu-a elle logo que se emancipou, a outra porém é que se não deixou tragar assim tão facilmente, e a cada nova aurora refloreceia mais grimpadora e viçosa. Diziam delle entretanto que, para embarrigar um bom kágado num lansquenezinho bancado, não havia no Rio de Janeiro mão mais limpa, nem mais lucida cultura.

Depois do ardente desfilar das sociedades carnavalescas, seguiram os tres e mais a Rita Beijoca para o hotel dos Principes, onde a bella crapula fervia de portas a dentro num inferno de guinchos e risadas em falsete.

O Barros, que era o gerente do hotel, mal os vio entrar, levantou-se a recebê-los com o tal risinho



assucarado, e mandou pela surelfa chamar lá em cima, com urgencia, a Rosa Cantagallense.

A Rosa Cantagallense, apezar de simples hospede no hotel, podia a justo titulo dizer-se o braço direito do Barros, e tinha por isso, sobre as despezas extraordinarias a que obrigasse os freguezes de bôa lã, certa porcentagem que lhe era abatida nas proprias contas. Entre as muitas e variadissimas tosquiadoras do principesco estabellecimento, era ella a unica de véras perfeita naquelle agronomico e astucioso trabalhinho, a unica que sabia a primor tosar uma desgarrada ovelha, sem que dêsse por tal a paciente, emquanto não estivesse de todo tosquiada.

A Cantagallense não desceu ao chamado do gerente; mandou dizer que : « Ainda estava occupada a despachar o mineiro... »

O Barros subio logo de carreira a ter com ella.

Veio a loireira fallar-lhe á porta do quarto, em meias e roupão de alcôva :

— É preciso esperar mais um pouco, segredou, a piscar o olho, no ardiloso tom que as regateironas põem nas suas palavras quando tratam de negocio. Agora é que elle está pegando no somno...

— Fizeste-o gastar mais alguma coisa no quarto? .. perguntou o Barros com interesse.

— Fiz, respondeu a outra; creio que elle não deixará menos de uns duzentos mil reis...

— Bem; mas, avia-te d'ahi, que és necessaria lá em baixo. O Gabriel chegou já, e vem de troça! Estão todos meio promptos.

— Elles que se vão servindo; eu já desço!

O mineiro, que se achava recolhido ao quarto do hotel dos Principes, havia chegado esse mesmo dia

de Minas, com intenção de assistir pacificamente ás festas do carnaval do Rio.

Ás tres e meia da tarde sentio vontade de jantar, e a desgraça o levou ao hotel dos Principes.

O mineiro comeu com appetite e achou até muito bom o que lhe serviram. Mas, em quanto comia, reparou que, de certa mesa, uma mulher bonita, olhava para elle com meiga insistencia.

Era a Cantagallense, que nessa occasião acabava de almoçar.

O mineiro não se preocupou com isso, e continuou a atacar as vitualhas com uma consideravel energia e um silencio mais que solemne.

Á sobre-mesa, porém, a tentadora já se havia levantado, e viéra assentar-se á mesa immediata á do nosso mineiro.

O bom homem fez-se da côr de uns marmelos em calda que nessa occasião triturava, e só conseguiu levantar os olhos ao fim de alguns segundos.

— A senhora é servida?... perguntou elle no gracioso sotaque da sua provincia.

A loureira agradeceu e, com tal mimo lhe pediu que accitasse uma taça do seu vinho, que o amimado não resistio ao convite.

Para não ficar atraz, fez vir champagne. A moça então por sua conta e risco pediu umá salada de ananaz cosido em madeira, um pudim negro e borgonha para destemperar o cliquot. Depois vieram charutos, cigarrilhos, café e licôres.

D'ahi a nada, o mineiro recebia uma ardente declaração de amor e correspondia contando francamente a sua vida e os seus negocios.

É inutil dizer que em seguida a isso as coisas foram muito longe, e que a doirada mosca, uma vez pri-

sioneira nas teias da ardilosa aranha, tinha de ser chuchadinha até á ultima gotta de sangue.

¶ O jantar de Gabriel, a que a sugadora do mineiro não faltou do meio para o fim, correu como todas as suas costumadas pandegas : pouco appetite, muita chalaça tóla, muito riso forçado e grande variedade de vinhos. As duas da madrugada, a Cantagallense deixou-se ficar no hotel, e os outros foram carnavealar um pouco aos « Tenentes do Diabo ». Ás quatro metteram-se de novo no carro, e mandaram tocar para a Tijuca, no meio de uma terrivel gritaria.

O Costa Mendonça, que occupava o banco da frente com o Paiva, parecia ter polvora no sangue e não ficava quieto um só instante.

¶ A Rita Beijoca achava-lhe tanta graça, que chegava a chorar a força de gargalhadas.

¶ Gabriel, meio deitado sobre ella, divertia-se em affagar-lhe o queixo.

— Olha que me suffocas ! observou a folgazã, tomando respiração com mais força. Não és assim tão levesinho que se possa levar ao collo ! Põe-te direito !

¶ Mas Gabriel, prostrado de fadiga, fazia ouvidos de mercador. A Beijoca resignou-se a procurar por si posição menos incommoda.

Mendonça calára-se afinal, e a viagem começava a tomar um character triste ; agora só se ouvia de quando em quando a voz grossa do cocheiro, que arriscava a sua pilheria para o carro.

Ia se tornando aquillo aborrecido.

— Champagne ! gritou Juca, fazendo saltar a rolha de uma garrafa. Vem ahi o dia ! é preciso brindal-o !

¶ Encheram-se as taças. A Rita, com o Gabriel ao collo, derramava-lhe o vinho na bocca, como se dêsse de beber a um passaro. Elle, todo derreado, sorvia o

liquido, indifferentemente. Costa Mendonça, que se queixára de suores frios, vomitava nessa occasião, amparado pelo cocheiro. A sujeita e o Juca fingiam beber. Parecia haver entre os dous qualquer tacito concerto.

— Ah! agora sou outro homem! exclamou Mendonça, erguendo-se, com o rosto summamente livido, Posso recommear!... disse elle em um tom sinistro.

E emborcou uma taça de vinho.

— Eu tambem sou filho de Deus! lembrou o cocheiro, vendo que lhe não offereciam de beber.

Passaram-lhe uma garrafa.

Mendonça havia creado novo animo, mas foi por pouco tempo; dentro de meia hora cahio prostrado sobre as almofadas. A rapariga então, ajudada pelo Juca, pousou Gabriel sobre elle, deixando-os que dormissem á vontade, e em seguida, voltou-se para o outro e pegaram-sê a beijos.

Entraram no campo. De todos os lados surgiam as arvores banhadas pelos primeiros raios do sol; os passaros principiavam a cantar, e a natureza parecia ir pouco a pouco despertando de um somno grato e consolador.

Juca e a rapariga não trocavam palavra. Devorados pela insomnia, entorpecidos pelo alcool, pareciam cumprir alli um destino de condemnados.

Rasgou-se a aurora, inundando de luz os caminhos orvalhados pela noite.

— Gabriel! Mendonça! exclamou Juca, sacudindo os companheiros. Acordem! Ahi està o dia!

Os dous apenas resmungaram.

— Agora o que sabia era um gole de café quente! observou a Rita, vendo que o cocheiro abria uma nova garrafa.

— Pois **descanse!** Alli mais adiante teremos **café**, disse elle, apontando para uma casinha ao longe.

A rolha da garrafa saltou com estrondo.

Mendonça abriu os olhos.

— **Acorda, homem!** vamos brindar o sol!

Gabriel foi arrancado do somno á pura força. Distribuíram-se novamente as taças.

— **Hurrah!** gritou Juca, levantando o braço. E os outros tres responderam clamorosamente, a prolongar os hurrahs com bocejos.

O repocado aspecto da natureza contrastava com a feição dissoluta daquella libertinagem ao ar livre.

O carro havia parado, e o cocheiro apeára-se para ir buscar o **café**. Estavam perto da raiz da serra, numa encosta em que velhas arvores tranquillias pareciam reunidas em concilio para uma deliberação religiosa. Juca descera do carro e passeiava pela relva; Mendonça, de taça em punho, cantava uma copla de opereta buffa; a sujeita acompanhava-o com uma pobre voz de fasete, e Gabriel, sombrio, assentado ao fundo do carro, com a vista embaciada, entretinha-se a olhar fixamente para um grupo, que á pouca distancia havia parado no caminho.

A cabeça andava-lhe á roda.

Depois de pequena pausa, o grupo continuou a andar, subindo a estrada em tardio e pesado passo.

Gabriel pôde então distinguir melhor de que o grupo se compunha. Era sem duvida algum enfermo, acompanhado pela familia, que demandava a serra da Tijuca em busca de ar mais puro. Vinha na frente uma cadeirinha carregada á moda antiga por dous negros, guardava-lhe a portinhola um homem edoso acabrunhado pela dôr, e logo atraz uma velha carruagem de aluguel com a cupula fechada.

O grupo parou de novo quasi defronte do carro dos folgasões.

Mendonça e a loureira calaram-se instinctivamente; Gabriel ergueu-se sobresaltado; atravez das sombras da sua embriaguez, lhe pareceu haver reconhecido aquelle homem que guardava a porta do palanquim, e por elle podia calcular com segurança quem era a infeliz creatura que ia alli enferma ou talvez moribunda. O coração saltou-lhe por dentro, na medrosa previsão de remorsos e intimas vergonhas.

Os negros depuzeram no chão a cadeirinha; desviaram dos varaes os hombros fatigados, e affastaram-se para descançar um instante.

Moveu-se então a cortina da portinhola; debil mão-sinha arredou-a de dentro com difficuldade, e uma feminil cabeça loura surgio á luz doirada da manhã. No seu rosto, mais pallido que o de uma santa de cera, fulguravam-lhe os olhos com estranho brilho.

E esses olhos deram com os olhos que a fitavam do outro grupo, e scintillaram mais forte, num relampago seguido de um grito, que a cortina do palanquim abafou logo.

Era de Eugenia.

Gabriel cahio sobre as almofadas do carro, a soluçar, enquanto os companheiros davam vivas ao cocheiro que chegava com o café.

Eugenia, depois que Gabriel se ausentou totalmente da casa della, ia contando os dias pelos progressos da mágoa que a devorava. A melindrosa susceptibilidade do seu fragil organismo exigia, para o milagre da vida, o milagre do amor.

Como toda a moça casta, sem o brilhante prestigio do ouro ou da belleza, fôra sempre concentrada e retrahida. Não dividia com outros os seus timidos

desgostos de donzella e as suas humildes decepções de menina pobre. Um como intimo recato de orgulhosa fraqueza, associado ao pudor da sua immaculada inferioridade e ao decoro da sua virtude inutil, a faziam reprimir os soluços deante da familia e das amigas, recalcando em segredo as lagrimas vencidas, que lhe subiam do coração e para o coração voltavam, sem que ninguem as visse ou enxugasse.

Nunca lhe ouviram a sombra de uma queixa. Todavia, na sua angelical credulidade, chegára a crer houvesse, no circulo gymnastico da vida, alguma cousa entre os homens que não fosse egoismo só e vaidade; chegou, pobre innocente! a suppor que o facto de ser meiga, docil, virtuosa e pura, lhe valeria o amor do moço pelo seu coração eleito; e, uma vez desilludida, a sua feminilidade, em logar de expandir em flôr o aroma dos vinte annos, fechou-se em botão para nunca mais rescender, vencida, como foram vencidas as suas lagrimas.

E tambem nunca mais lhe voltaram ás faces as rosas, que a natureza ahi lhe tinha posto, para attrahir as azas dos beijos amorosos; nem aos olhos tão pouco lhe voltaram as alegrias, com que dantes esperavam sorrindo o « Amo-te » sagrado.

Enfermou de todo. Afinal, a sua existencia era já um caminhar seguro para a morte. O pae estalava de desespero, sentindo fugir-lhe irremissivelmente aquella vida estremecida, pouco a pouco, como um perfume que se evapora. Ella sorria, resignada. Estava cada vez mais abatida, mais fraca; parecia alimentar-se só com a muda preocupação da sua mágoa sem consolo. O pae levou-a a principio para Santa Thereza, depois para o caminho da Tijuca, o medico porém, á proporção que a molestia subia, ordenou que fossem tambem

subindo sempre, em busca de ares mais puros.

E lá iam elles, como um bando de foragidos, a fugir diante da morte. Só a doente parecia conformada com a situação, os mais se maldiziam e choravam. Ella sorria sempre, sempre triste, com o rosto levemente inclinado sobre o hombro.

J'á quasi se não distinguiam as suas fallas, e só pelos olhos verdadeiramente se exprimia, que esses, como as estrellas, cada vez mais se accendiam á proporção que as trevas se aproximavam.

Às vezes, nem que pretendesse deshabituar-se de viver, fugia para um profundo scismar, de que só a custo desmergulhava estremunhada. Pedia nesses momentos que lhe abrissem a janella do quarto, e o seu olhar voava logo para o azul, como mensageiro da sua alma, que tambem não tardaria, com o mesmo destino, a desferir o vôo.

— Ao amor! Ao prazer! Hurrah! blasphemou o écho á fralda da serra da Tijuca.

E o carro dos libertinos sumio-se na primeira dobra da estrada.

O campo recahio na sua concentração murmurosa.

A cadeirinha continuava no ponto em que a depuzeram. O sol, ainda brando, derramava-se como uma benção de amor, e nuvens de tenue fumo brancacento desfiavam-se no espaço, subindo dos valles como de um incensorio religioso. O ceu tinha uma consoladora transparencia em que se lhe via a alma, passaros cantavam em torno da tranquilla moribunda, ouvia-se o marulhar choroso das cascatas, a supplica dos ventos, a prece matinal dos ninhos. Toda a natureza parecia em oração.

A moça pedio que lhe abrissem a porta do palanquim e, reclinada sobre o collo do pae, fitou o espaço



com o seu olhar de turqueza humida. O azul do ceu compreheudeu o azul daquelles olhos celestiaes. Houve entre elles um idyllio mudo e supremo.

Ninguem em torno dava uma palavra, sò se ouviam os murmurios da matta, acordando ao sol, e os asgarçados échos da musica dos Meninos Desvalidos, que para além da serra tocava alvorada. A moça continou a olhar para o azul, como se se deixasse arrebatado lentamente pelos olhos. Encarou longo e longo tempo o espaço, sem pestanejar. Depois, duas lagrimas lhe apontaram nas palpebras immoveis e foram descendo silenciosas pela pallidez das faces. Um sorriso que já não era da terra pairou um instante á superficie dos seus labios puros.

**Estava morta.**

## XXXIV

### o SABOR DA EXISTENCIA

Terça feira de Carnaval, Gabriel acabava de acordar no seu quarto do « Provencaux » e permanecia na cama a pensar em Eugenia, quando lhe entregaram uma carta tarjada de negro que o convidava para o enterro della.

Ergueu-se soluçando, sem querer acreditar no que vinha escripto.

Pois seria possível que aquella doce e misera creatura se partisse desta vida, sem lhe deixar ao menos reduzir o novo desgosto, que elle involuntariamente lhe cravára no coração já tão magoado?... Pois então agora, quando justamente meditava elle os meios de rehabilitar-se aos olhos della, disposto a reagir por uma vez contra todas as degradações a que o arrastára a outra, é que Eugenia lhe fugia para sempre?... E lhe fugia levando comsigo, no seu vôo extremo, a lancinante impressão do ultimo olhar que os dois entre si trocaram, ella de azas prestes a ganhar o azul, elle de rastros, a espolinhar-se no mais negro lodo da terra!

— Pobre Eugenia ! murmurou arquejando o desgraçado. Nem de te chorar são dignas estas impuras lagrimas nascidas em antro tão immundo. Perdôa-me insultar-te ainda a branca memoria com esta minha dôr hypocrita e covarde. Nellas não creias, nem com ellas se enterneça a tua alma compassiva e meiga ! Fui eu quem te matou ! Fui eu o teu algoz, anjo envenenado pelo amor que te inspirei ! Desceste ao pantano, immaculada pomba ; deleterios miasmas foi o que encontraste em logar do amor que procuravas no meu coração de lodo. E agora choras tu, miseravel ! Cala-te, que o teu pranto põe feias nódoas na virginal mortalha da tua victima ! Traga em silencio o remorso do teu crime, e volta á tua lama, libertino ! Mergulha de novo na vasa em que agora bracejas afflicto, e não levantes sequer o pensamento áquella que no mundo só teve uma falta commettida — a de te haver um dia supposto digno de ser amado por ella !

E Gabriel, suffocado por uma nova explosão de soluços, rugio, apertando a cabeça entre as mãos :

— Maldicto seja eu, contra quem tudo conspira ! Foi-se-me a ultima esperança de salvação ! Já nada me resta na vida ! Acabou-se tudo !

— Ainda não ! bradou uma voz á porta do quarto. Ainda te resta um amigo !

— Gaspar ! gritou o moço, cahindo nos braços de padrasto. — Perdôa-me, meu bom Gaspar !

— Cheguei neste instante e ainda não sei onde tenho a cabeça ! disse o Medico Mysteroso. Imagina que estava em Cantagallo á cabeceira de um moribundo, quando recebi de Pernambuco uma carta de meu cunhado Paulo Mostella, na qual me participava a critica situação dos seus negocios e o estado peri-

goso da mulher. Podes calcular como fiquei com semelhante noticia; eu adorava minha irmã, era ella o ultimo laço da infancia que me restava no mundo... Tres dias depois, meu doente de Cantagallo expirou. Não esperei por mais nada, corri a Pernambuco, sem mesmo me despedir de ti. Chego a essa cidade justamente no dia da fallencia de Paulo, e encontro Virgínia completamente perdida... Meus esforços foram baldados! Morreu-me nos braços! Paulo tinha de entregar-se no dia seguinte á prisão; a sua quebra foi considerada fraudulenta... mas, quando no momento terrivel lhe invadiram o escriptorio, deram com o seu cadaver aos pés da secretária. Envenenára-se com opio. Ao lado d'elle estava esta carta a mim dirigida.

E Gaspar tirou uma carta do bolso, e leu:

« Meu cunhado e amigo.

« Escrevo-lhe na occasião de morrer, e se lanço mão deste ultimo recurso, é porque confio que o senhor olhará por meu pobre orfão, e nessa hypothese morro descansado.

« Estou deshonorado e estou viuvo; isto é, perdi as duas unicas coisas que me faziam viver — minha honra e minha familia.

« Gustavo ja não é uma criança, tem desenove annos e pode principiar a vida sem o meu auxilio; peço-lhe porém que o ajude com os seus conselhos e com a sua estima.

« Adeus, beijo-lhe as mãos e agradeço-lhe tudo o que fez, e tudo o que fará por nós.

PAULO MOSTELLA. »

— Marido e mulher foram enterrados na mesma

ocasião e no mesmo logar, continuou o Medico Mysterioso. No dia seguinte, tratei do orfão, e uma semana depois partimos para cá. Mas, trazia commigo uma idéa que muito me preocupava; é que a pessoa encarregada de dar-me noticias tuas me havia escripto, lizando que Ambrosina fugira com a filha do meu cocheiro; que este morrera de desgotos, e tu procuravas morrer de extravagancias... Fallaram-me de orgias, de desvarios, do diabo! Vinha, enfim, impaciente por tornar a ver-te, quando te acho neste estado de desespero... Já sei! Eugenia morreu, e tu sentes remorsos... Mas eu cá estou para amparar-te! É preciso que te resignes ao soffrimento e á decepção; a vida, meu filho, não é outra cousa! Entretanto, no dia em que te visse perdido para sempre, creio que não resistiria a esse ultimo golpe, pois és agora a unica affeição que me resta... Desvelei-me por ti, fui teu pae, teu amigo e teu guia; supponho que me assiste o direito de pedir-te um favor... Esse favor é que vivas, que trabalhes! é que não te deixes morrer, quando por mais nada, ao menos em consideração a mim!

— E que me importam a vida o o trabalho? Conto eu por ventura com a existencia? Ah! para o que tenha de viver ainda, não serão de certo os meios pecuniarios que me faltarão!

— Tudo isso é um perfeito engano. Todo o homem precisa de trabalhar!... Quanto ao que possues, por mais que seja, não te chegará para gastares como gastas ultimamente. Lembra-te de que já fizeste vinte e tres annos, e se não accentuares agora o teu character, se não constituïres a tua responsabilidade de homem, muito menos o conseguirás fazer mais tarde. Quero que mudes de vida, repito; quando

já não seja por mim, seja ao menos pela memoria de quem se vae enterrar hoje!...

— Cala-te! gemeu Gabriel, abaixando o rosto.

E nesse mesmo dia, ardendo em febre, abandonou elle o hotel Provençaux, ao lado do padraсто que o reconduzio para casa.

Esteve de cama uma semana inteira, chegando a perigar de morte. Vertiginosamente girava o seu delirio entre dous polos bem oppostos — Ambrosina e Eugenia. Cada um destes dous nomes não lhe sahia dos labios senão para dar logar ao outro.

Levantou-se da enfermidade, não com a suave melancolia dos convalescentes, mas abatido e triste, como se no fundo do organismo lhe ficasse o virus de um mal sem cura. Não tinha elle então desses momentos de ineffavel goso de reviver, que são como o doce esvahir de um crepusculo entre a molestia e a saude; ao contrario, dir-se-ia que o seu espirito, á medida que o corpo recuperava as forças, ia mais e mais se afundando em lobregas cavernas de desalento. Negra hypocondria toldava-lhe o semblante, varrendo-lhe dos olhos e dos labios os derradeiros sorrisos.

Mezes depois, estendido numa *chaise-longue*, pés crusados sobre a mesa, charuto ao canto da bocca, olhos espetados no tecto, quedava-se havia meia hora, silencioso e esquecido da presença do padraсто.

— Mas enfim... perguntou este, batendo-lhe no hombro; que decides?...

— Hein? balbuciou Gabriel.

— Vais ou não?

— Para onde?...

— Ora essa! Viajar! Pois não acabamos de tratar disso?...

— Ah! sim, respondeu o moço, fechando leve-

mento os olhos e mudando de posição na cadeira.

— Mas então?

— É! havemos de vêr...

— Ora! estás insupportavel!

Gabriel não ouviu já esta ultima phrase, e espetou de novo o seu olhar no tecto. O padraсто fez um gesto de impaciencia e pôz-se a andar de um para o outro lado da salla.

Ouvia-se o relógio palpar a um canto, e o crepitar das azas de uma abelha, que lutava contra a vidraça da janella. A casa tinha um profundo ar de tristeza; sentia-se que nem sempre por ella circulava o ar, e que aquellas paredes e aquelle tecto não estavam habituados ao echo alegre do riso de crianças e vozes de mulher.

Gaspar, depois de muitas voltas pela sala, foi postar-se novamente defronte de Gabriel.

— Então? disse, vendo que o enteado não déra por sua presença.

— Heim? repetio o rapraz, fitando-o abstractamente.

O medico então se approximou mais d'elle, e lhe tomou uma das mãos. Gabriel deixou cahir a cabeça sobre o peito.

Pobre creatura... pensou o padraсто, depois de alguns segundos; muito caro pagas tu a falta de mãe durante a infancia! Não serias assim, inutil e perdido, se nos teus primeiros annos de mocidade te inoculasse ella com o seu amor, a idéa do bem e da justiça! E, quem sabe, se não terei eu tambem grande parte na tua miseria, meu desgraçado filho?... Fui o teu exemplo, o teu guia, o teu mestre; eu! o menos competente para isso, pois que me faltava energia, faltava-me fé na propria vida; faltava-me

tudo, menos o tédio e a tristeza; eu sabia que era homem, apenas porque soffria! E é este despojo, é este espectro de homem, que ha vinte annos representa para ti todo o teu passado e toda tua familia! Ah! não serias sem duvida o que és, se outro se houvesse encarregado da tua educação moral. Amei-te, só porque vinhas tu de tua mãe. Quanto egoismo, meu Deus! E entretanto o meu amor nunca te serviu de beneficio, fez-te ao contrario caminhar sempre na inutil sombra da minha arida tristeza... Eu me revejo em ti, querida victima!

E Gaspar affastou-se para chorar á vontade. Gabriel deixou-se ficar na mesma postura, agora com o olhar ferrado no chão.

Pairava-lhe o espirito entre duas vastidões inattin-giveis e ambas igualmente desejadas; uma porém toda claridade de luz siderea e matinal, outra feita de ardentes chammag agitadas e vermelhas. E os dous infinitos se abraçavam como o ceu se abraça com o oceano. Tranças loiras, crespos cabellos negros, anjo e demonio se confundiam numa unica saudade! E o casto e timido sorriso do anjo era avidamento bebido pela bocca sensual e vermelha do demonio; azas brancas, cobertas de nupcial e immaculado veu, estalavam nas garras do lubrico e formoso monstro vestido de granada e ouro; alva açucena emmurchecia e calava o seu virginal aroma embriagada pelos quentes sandalos do inferno.

Gabriel estava em ambos, e sentia perfeitamente no intimo do seu desejo, que, apezar de tudo, se pudesse escolher, elle sacrificaria inda uma vez o anjo ao demonio.

E esta convicção o torturava como um vicio incon-fessavel. Repugnava-lhe o seu proprio coração, e sen-



tia a sua alma debaixo dos pés, envergonhada e suja.

A idéa da responsabilidade moral principiava a querer entrar-lhe o espirito, e o desgraçado fugia della por comprehender que lhe faltava coragem para ser homem. D'ahi a sua actual e constante preocupação — o suicidio. A morte lhe parecia a unica solução possivel para o infernal dilemma daquella sua triste vida. Mas o suicidio tambem era um grande enfado. Exigia esforço moral e physico. Era afinal um penoso trabalho tão aborrecido talvez como o do próprio viver.

— Diabo! exclamou elle, sacudindo a cabeça, para sahir de todo do seu pesadelo. Maldicta a hora em que nasci!

Gaspar, que o observava, corrou a conter-lhe o nervoso impeto.

— Que é?! Que tens?! perguntou em sobresalto.

— Nada! nada! Um ligeiro abalo... Passou!

Nessa occasião, foram interrompidos pela criada:

— Lá fora estava uma velhinha pobre, que desejava fallar ao Dr. Gaspar.

— Deve ser algum dos meus doentes; disse o medico, e mandou que a fizessem entrar para o consultorio.

Era a velha Benedicta, a mãe do cocheiro Jorge, que andava a tirar esmola pelas casas conhecidas. Gaspar não a reconheceu logo, mas, quando lhe ouviu o nome, a fez conduzir para a sala em que estava Gabriel.

A velha pedio licença de assentar-se, pousou no chão uma trouxa que trazia, e, gemendo a sua fraqueza, deixou-se escorregar sobre uma cadeira.

— Ai! ai! suspirou ella, sorrindo apesar do gemido

E a pobresinha de Christo declarou que já não era senhora das suas pernas.

Estava muito acabada; a morte do filho e a fugida da neta apressaram-lhe a decrepitude.

Gaspar olhava para ella com um ar compassivo e desconsolado. Á misera já quasi nada restava de apparencia humana; era uma fructa secca, lavada em risos de pedinte, a cara toda engelhadinha como uma castanha pilada, as ventas fungosas, e as orelhas bambas e em dependura que nem abalados tortulhos. A bocca, inteiramente murcha e sem memoria dos dentes que a habitaram, não largava um só intante de remoer em secco, e a mandibula inferior com tal ancia se atirava á outra, que se diria querer devoral-a com as suas gengivas desbotadas e carcomidas. Por debaixo do queixo escorriam-lhe pellangas chochas e macilentas, e, atravez das farripas de côco que lhe ouriçavam a cabeça, transparecia-lhe o craneo, casposo e aspero como casco de kágado. Doía vel-a assim, indecorosamente desfeitiada de geito humano, a agarrar-se com o seu ultimo alento a esta terra onzeneira, a quem todavia bem pouco tinha ainda a pobrezita que restituir de si.

Gabriel não lhe tirava os olhos de cima. A mendiga, depois de muito tossir, vergada sobre a carcassa do peito, começou a fallar com um vestigio de voz que lhe restava. Eram sons roufenhos, cheios de falhas e babujados de saliva.

— Que o senhor doutor não se enfadasse! Ella vinha pedir-lhe uma caridadesinha, e saber se por ventura havia alguma noticia da sua neta...

Mas a idéa de Laura perturbou-a logo, e a coitada apertou aindô mais os olhinhos, espremendo em lagrimas a sua saudade por entre as remelosas palpebras.

— Ah! só Deus sabe... só Deus sabe... dizia ella

difficultosamente, quasi sem se poder exprimir; o muito que tenho padecido! Quando Laura nos abandonou e meu Jorge, meu rico filho! me morreu, fiquei sem saber de mim!

— Mas, se me não engano, observou Gaspar com interesse; a senhora aboletou-se em casa de D. Genoveva e...

— É verdade! eu fui para a casa de D. Genoveva; mas é que depois as coisas mudaram de figura... Desde que o Alfredo perdeu o emprego...

— Que? Pois o Alfredo não continua empregado em casa do Windsor?

A velha sustentava que não; não sabia porém explicar os pormenores desse facto. Só o que podia afiançar é que o Alfredo estava muito mal.

E com effeito assim era.

Durante a molestia de Eugenia, já o amante de Genoveva se queixava do peito e da garganta, mas não tinha animo de abandonar o patrão na dellicada conjunctura em que este se achava. Aggravaram-se porém os seus incommodos, e viu-se Alfredo obrigado a não sahir da cama. Por essa época, Eugenia falleceu, e o pae, inconsolavel, resolveu retirar-se do commercio brasileiro, e partir com o resto da familia para a Inglaterra, donde lhe proponham arranjo de vida.

Ora, entre Alfredo e o socio restante na casa, havia uma velha rixa, que de muito teria lançado aquelle no olho da rua, se não fôra a protecção do Windsor.

Uma vez retirado este da sociedade, Alfredo, ainda de cama, recebeu a despedida do emprego com o pequeno saldo de seus ordenados.

Principiou então para elle e para Genoveva uma existencia toda de difficuldades. A botica pedia di-

nheiro, a molestia queria dieta, e os recursos não chegavam. A mulher atirou-se ao trabalho, tomou encomendas de roupa para lavar, lavou com talento, com coragem e com alma; o que aliás nada é de estranhar, se nos lembrarmos de que a avó da viuva do commendador Moscoso, conforme dizia esta ao proprio marido, tinha sido no seu tempo a melhor lavadeira do Rocio Pequeno.

Quem puxa aos seus não degenera.

E, ou fosse por atavismo, ou porque a necessidade é o melhor mestre de officio, o certo é, que Genoveva, a esfregar roupa, aguentava a casa, mantinha no collegio uma pupilla, com quem em breve travará o leitor muito boas relações, e acudia com remedios á molestia do seu homem.

A velha Benedicta, essa é que tivesse santa paciencia, mas o tempo não estava para caridades!... Que fosse bater á outra freguezia!...

E ella obedeceu, coitadinha! e lá foi bater á porta de Gaspar.

— Descanse, disse este, quando a velha terminou o seu longo aranzel. Não é necessario que peça esmola; recolha-se cá em casa, que nada lhe faltará. Olhe! entre, e a criada lhe dará um commodo. Va, vá entrando.

Benedicta já se havia levantado.

— E o meu Chimboraso, pode vir commigo? perguntou ella.

— Que vem a ser esse Chimboraso?...

— É o meu cão, Sr doutor; um diacho de um bicho, que faz uma creatura gostar delle!...

E o rosto engelhado de Benedicta illuminou-se de alegria com a lembrança daquella sua ultima affeição.

— Animalito de Deus ! Ah ! ella havia de mostral-o ao Sr. doutor !

— Pois que venha tambem o Chimboraso ; disse o medico, procurando terminar a conversa.

E como a velha tentasse com muita difficuldade pôr-se de joelhos :

— Então ? deixemo-nos disso ; vá ver o seu comodo, vá entrando, vá !

Benedicta, sem dizer uma palavra, procurava beijar-lhe a mão.

— Ora, não, não ! oppunha Gaspar, a empurralla brandamente para o interior da casa. Vá ! vá descansar !

— Ella obedeceu, agradecendo muito a esmola que recebia, e promettendo não se esquecer de Gaspar nas suas orações.

Já na porta, parou, e voltou-se para dizer :

— É que eu tenho tamanho medo de não resistir ao desamparo !... Quando penso na morte, fico toda fria ! Oh ! não quero a cova !

Gabriel olhou para ella com surpresa.

— A morte !... que terrivel coisa deve ser a morte ! E a velha fez-se mais livida. Quanto deve custar a uma creatura sahir desta existencia para ir metter-se debaixo da terra, n'um buraco ! Ficar a gente fria, dura como um pedaço de páo, á espera que as carnes criem bicho, que os bichos nos chupem até ficar o osso limpo ! Oh ! deve ser terrivel ! Que medo me faz a morte !

E depois de uma pausa, accrescentou com o olhar fito :

— Bem sei que pouco vale a vida. Isto tudo é miseria, isto tudo é engano, isto tudo é soffrer, mas em todo o caso não é a morte, não é o buraco na terra !

Que bella coisa é a vida! Já não tenho olfacto, nem paladar ; já quasi não posso vêr ; já não góso amores, e, comtudo, faço muito gosto neste restinho de vida. Nada! assim mesmo velha, assim mesmo que não presto, quero a minha rica vidinha, quero ver isto por cá! Para morrer, todo tempo é tempo ! Viva a galinha com a sua pevide !

E, com um riso de outro mundo, a velha sahio afinal, cantarolando e tremendo.

Gabriel ficou por muito tempo a olhar para a porta por onde ella sahio.

— Feliz destroço!... disse elle. Que inveja me faz a tua miseria!...

## XXXV

### O BOHEMIO

Gustavo, o sobrinho de Gaspar a este confiado por Paulo Mostella, vinha a ser o resultado daquella adiantada gravidez em que se achava Virginia, quando a vimos em Pernambuco, nos ultimos tempestuosos dias da árdega existencia de Violante; o que quer dizer que vinte annos são decorridos depois disso, e que o Medico Mysteroso está agora por conseguinte orçando pelos cincoenta, e Gabriel com a metade dessa idade.

Gustavo era um bello moço no seu typo nortista. Altura regular, boa saude, olhos intelligentes, palavra facil e riso prompto. Tinha o genio arrebatado, mas o coração generoso e meigo, caracter desregradamente activo e chapeado de fortes aspirações moraes.

Chegára ao Rio de Janeiro com todas as doidas e perfumadas illusões dos seus vinte annos, cavalgando, descalço e sem esporas, uma nuvem de sonhos e de esperanças.

Fôra morar com o tio, mas logo ao fim de poucas semanas declarou abertamente que não podia conti-

nuar a viver do pão alheio e preferia aventurar-se lá fóra, por sua conta, na lucta pela existencia. Embalde empregou o Medico Misterioso todos os meios para o dissuadir de semelhante loucura, e embalde Gabriel juntou suas razões ás do padraço : « Gustavo nessa época apenas ganhava quarenta mil reis mensaes, como noticiaria de um periodico de vida não menos incerta que o referido ordenado, e, com tão magros recursos, iria sem duvida soffrer por ahí torturantes e ridiculas necessidades ! » Foi porém tudo inutil, e o sonhador mudou-se, com a sua nuvem côr de rosa, para a companhia de dous estudantes de medecina, igualmente pobres e não menos geneteadores de idéal.

Principiou então para elle a verdadeira vida de bohemia. Quanta privação e quanto vexame ! mas tambem quanta doirada fantasia ! quanto aroma de mocidade em flôr, e quanta delicadeza de sentimentos !

Como tres forasteiras andorinhas se encontram á beira de um telhado antes de formar o seu verão, encontraram-se os tres bohemios um bello dia por acaso á mesa de um café da rua do Ouvidor, e conversaram, e riram, leram e fumaram de camaradagem os seus versos sem cõnta e os seus cigarros bem contados, fingiram juntos depois um jantar de quatrocentos reis por cabeça, e ficaram bons amigos. Já nessa mesma noite dormiram os tres no mesmo quarto, e desde então formaram a sua republica, onde muitas vezes durante o dia inteiro faltava o que comer, o que fumar e o que beber, mas onde nunca faltou do que rir, com o que sonhar e a quem amar.

Uma tarde entretanto, Gustavo ficára em casa. Era o dia de seus annos, e nesse dia justamente o sonhador não havia jantado, nem almoçado, e a fome lhe fazia o tempo mais frio e as horas mais longas.



O sol escondera-se. Gustavo fechou o livro que lia e foi pôr-se á janella, a olhar vagamente para o espaço. Havia no ar uma dura melancolia, que se levantava para o ceu com as pardacentas nevoas exaladas da terra; a natureza, repoisada e farta, bocejava a sua indiferença; a cidade, quieta e morna, parecia entorpecida na egoistica placidez de uma digestão feliz.

A republica era num segundo andar, nos fundos da rua de Santa Thereza, e aos ouvidos do bohemio chegava o écho da musica dos allemães tocando no Passeio Publico.

Appareceu a primeira estrella.

Então o desterrado sentio abrir-se-lhe por dentro no coração um fundo e sombrio valle de saudades. Lembrou-se da sua extincta familia, das suas affeições interrompidas, de toda a sua infancia protegida e affagada. Quanta recordação! Naquelle dia de seus annos reuniam-se em casa os amigos do pae, fazia-se festa, levavam-lhe presentes. Foi naquelle mesmo dia que elle uma vez recebeu de mimo o relógio de ouro, agora empenhado sem esperanças de resgate, como recebeu o anel e o alfinete de gravata já tambem engolidos pelo mesmo sorvedoiro.

Depois de muito divagar pelo seu passado ainda quente, Gustavo foi buscar o retrato de sua mãe e, á derradeira luz do crepusculo, quedou-se a contemplal-o silenciosamente, emquanto as lagrimas lhe corriam pelas faces.

Dias depois, já o tal jornal em que elle trabalhava havia estoirado, ficando a dever-lhe tres mezes de salario, e o sonhador atravessava as ruas da Côrte, a torcer com insistencia o buço, nesse ar desconfiado e revesso dos moços de aspirações intellectuaes, a quem, fóra da familia, viéram a faltar de todo os meios de

subsisteneia; cabeça baixa, olhar carregado, roupa no fio e sapatos rôtos. Alguns conhecidos seus fingiam não o ver, menos o Reguinho que estava sempre a offerecer-lhe fantasticos empregos. Gustavo nessas ocasiões sentia um grande e impotente odio suffocar-lhe o coração, e mentalmente fazia terriveis projectos de vingança contra tudo e contra todos.

As difficuldades reproduziam-se para elle sem trégoa, nem resfolgo; cada dia a viver era um problema a resolver. Mas nem por isso se apejava dos seus sonhos, nem se deixava invadir pelo desanimo. Havia de achar furo na vida! havia de descobrir meios de vencer e chegar! havia de escrever os livros que sentia em gestação dentro do seu espirito, e havia de ter o quinhão que era da sua bocca, o bocado para o qual a natureza o armára com aquelles bellos trinta dentes, que ultimamente lhe serviam mais para rir do que para comer.

— Que diabo! monologava elle em revolta. Ha por ahi tanto sujeito, nullo de intelligencia e de aptidão para qualquer trabalho, que todavia anda limpo, satisfeito e confortado, porque não hei de eu conseguir ao menos ter o estomago seguro e um abrigo certo, para poder dedicar ás lettras algumas horas por dia?...

De todos esses mysteriosos recursos, de que no Rio de Janeiro vivem em grande quantidade certos meliantes que muito consomem e nada produzem, o jogo o calote, o dinheiro arranjado de emprestimo, as commisões gravadas á sede de pandega e á sensualidade dos ricos inexperientes, de tudo isso não tinha o pobre Gustavo sequer desconfiança na sua sonhadora ingenuidade; e o mesmo factó de se confessar elle necessitado de trabalho, como a sua leal modestia, a sua franqueza, a sua honestidade emfim, eram outros

tantos obstaculos que lhe trancavam os caminhos da vida.

De uma vez sahio a correr os collegios do Rio de Janeiro á procura de trabalho. Era impossivel que, entre tantos e tantos estabelecimentos de educação, não houvesse algum que precisasse dos seus serviços.

Entrou no primeiro que encontrou. Veio recebello um velho, cuja physionomia branda e sympathica, e cujos cabellos brancos e respeitaveis, lhe inspiraram logo grande confiança. O velho era o director do collegio; fel-o entrar para a sala e lhe perguntou o que desejava.

— Ganhar a vida... disse Gustavo; venho offerecer-lhe os meus serviços...

— Como professor?...

— Sim, senhor, ou como simples empregado; estou n'uma situação de aceitar tudo...

— Que materias sabe o senhor?

— Para ensinar sei portuguez, francez, hespanhol, arithmetica e desenho.

— Nós precisamos justamente de um professor de hespanhol; em breve vamos precisar de um de desenho e de um substituto de portuguez primario; o que ahi está vae tratar-se em Barra Mansa...

O rosto de Gustavo tomou logo uma expressão mais animada; o velho porém o observava de alto a baixo, com um gesto de desconfiança e desagrado.

— São justamente as materias que poderei ensinar melhor. Meu pae era oriental e deu-me licções de hespanhol desde muito cedo; no portuguez tambem estou bem preparado, porque ultimamente tenho estudado com a esperança de um concurso; quanto ao desenho, sei o sufficiente para ensinar em collegio.

O velho, sentado commodamente em uma cadeira

de braços, havia já apertado os olhos tres ou quatro vezes, esticando os labios, como quem medita; e depois, a esfregar as mãos nas coxas, perguntou :

— Trouxe comsigo os seus attestados?...

— Que attestados?...

— É boa! de professor.

— Ah! Eu não tenho attestados... nunca fui professor... desejo justamente principiar agora...

— E olhe que não principia muito tarde!

E o velho, levantando-se resolutamente, convidou-o a sahir com estas palavras :

— Pois, meu caro senhor, sinto muito não lhe ser agradável; mas... neste collegio só se admittem professores garantidos pela Instrucção Publica.

— Mas, eu me submetto a exame, disse Gustavo, já tambem de pé; e se não estiver habilitado...

— Hei de pensar nisso! respondeu o director, sem mais procurar disfarçar a sua impaciencia.

E fez um gesto com a mão aberta, o qual tanto podia significar « Passe bem! » como « Ponha-se ao fresco! »

Gustavo sahio, sem dizer uma palavra; no corredor fez uma mesura.

— Viva! bocejou o velho, fechando a porta com estrondo.

O bohemio desceu as escadas furioso, mas, sem desanimar, continuou a farejar trabalho pelos collegios. Uns não precisavam de professor; outros não o podiam admittir, porque elle era muito moço; outros não diziam a razão porque não queriam; outros voltavam á questão dos attestados, e todos o olhavam com a mesma desconfiança e o despediam com a mesma semceremonia. •

Ao meio dia, Gustavo achava-se em Botafogo, de-

fronte de um collegio de muito bôa apparencia.

Havia um homem na chácara; o rapaz disse, mesmo da rua, que desejava fallar ao Sr. director.

— Não ha director! respondeu seccamente o homem.

— Este ao menos é original! pensou Gustavo, quasi risonho.

— Então, com quem posso entender-me?...

— Com a directora.

— Ah! É collegio de meninas!... Tenha a bondade de dizer á Sra directora que eu desejo fallar-lhe.

O homem subio uma escada de pedra, e pouco depois veio abrir o portão.

Que podia subir!

Uma mulher conduzio-o á primeira sala. Era um logar decente, sério, rigorosamente mobiliado; nas alvas paredes havia finas gravuras representando assumptos religiosos.

Esperou cinco minutos. Depois abriu-se uma porta, e a mulher que o conduzio fel-o entrar para outra sala. Achou-se então Gustavo defonte de tres irmãs de caridade, d'entre as quaes a mais velha se adiantou para elle, com os olhos cravados no chão, as mãos engolidas pelas largas mangas do seu burel, e a cabeça toucada pelo caracteristico e formidavel lenço de linho engommado.

Gustavo vergou-se cortezmente e, por habito social, estendeu a mão ás religiosas, que logo se contrahiram num escrupulo freiratico, rechupando mais os olhos e escondendo mais as mãos.

— VV. Excs. desculpem-me... balbuciou o moço, meio confuso; incommodei-as, na persuasão de encontrar aqui o que fazer como professor...

— Ah! é professor?...

— Sim, minha senhora, respondeu elle, a reparar

que uma das duas irmãs retropostas era bem bonita rapariga.

— É aqui mesmo da Côrte ou é da provincia?... perguntou ainda a primeira, com um sutaque francez muito pronunciado.

— De Pernambuco, minha senhora.

E Gustavo, desta vez, reparou que a bonita o observava por debaixo dos cilios.

— Nunca tinha vindo ao Rio?...

— Nunca, minha senhora. E pensou comsigo : « Mas que olhos tem aquelle diabinho!... »

— E tem gostado da Côrte?...

— Nem por isso, minha senhora. Ainda estou desempregado.

E desta vez descobriu nos labios da irmã dos lindos olhos a pontinha de um sorriso.

« Faço-me jardineiro neste collegio ! » pensou elle, sob a influencia dos olhos da rapariga.

— Mas... disse, procurando voltar ao principal assumpto da sua visita ; VV. Excs. precisam de...?

— E sua provincia é bonita?... interrompeu a irmã curiosa, sempre a olhar para o chão.

— Sou suspeito para responder, minha senhora. Mas, como dizia... Acaso VV. Excs. precisam...?

— E ha muitos collegios em Pernambuco?

— Máo ! disse Gustavo comsigo, depois de responder alto que sim.

— O ensino é muito religioso ?

— Sim, minha senhora.

— Pagam bem ás professoras ?

— Regularmente, minha senhora.

— E o clima, que tal é ?

— Quente !

— E a alimentação ?

— Commum !

— E o povo ?

— Bom !

— Dizem que desordeiro !...

— Historias !

— E a cidade, é divertida ?

— Nem sempre !

— Ha passeios publicos ?

— E theatros tambem, bailes, cafés, bilhares, ha de tudo ! Dansarinas de cancan e pandegas carnavalescas !

— Ah ! exclamou a religiosa com um gesto de pudor.

E só abrio de novo a bocca, para inquirir : — O senhor sabe quem tenha para alugar uma rapariga que entenda de cozinha ?...

— Não, minha senhora.

— Se souber, é favor mandal-a cá...

— Pois não, minha senhora.

— Quanto ao senhor, não o podemos acceitar, porque só admittimos professores ecclesiasticos de reconhecida virtude...

— Então, tenha a bondade de dar-me as suas ordens...

— Deus o ajude !

E as religiosas viraram de bordo, depois de uma cortezia. Gustavo ganhou a porta, mas, na occasião de sahir, voltou o rosto, e seu olhar encontrou no caminho o da rapariga bonita, que lá do extremo opposto da sala lhe atirou um sorriso franco e já de olhos levantados.

No corredor estava a criada, á espera d'elle, para o conduzir á chácara.

Gustavo chegou afinal á rua

— Apre! exclamou; que franceza cacete, mas que linda menina!...

E á medida que elle, a retroceder lentamente pela praia de Botafogo, se affastava do collegio das irmãs de caridade, a sua imaginação, moça e fogosa, voltava para lá, a galope.

E a endiabrada ia saltando grades, atravessando quartos, até chegar á perfumada cella da linda religiosa de olhos meigos. Encontrou-a sosinha, a rezar no seu oratorio. O grosseiro burel do habito não permitia que se lhe suspeitasse o desenho voluptuoso das fórmãs, sumia-lhe o corpo, deixando permanecer em evidencia apenas o rosto angelical, a que as abas da touca de linho branco serviam de azas de cherubim.

— Como eu te amo! dizia Gustavo no seu sonho, a beijar imaginariamente aquelles dous bellos olhos castanhos, que se lhe quedavam gravados na alma com o sorriso com que se despediram delle.

E depois, n'um amor idéal, religioso, ethéreo, seu espirito, abraçado ao della, voava pela espaço a fóra, entre nuvens de incenso e córos celestiaes, que lhe faziam a ambos tremer de gôso as azas entrecruzadas.

De repente, porém, uma circumstancia o chamou á dura realidade da existencia : era a necessidade absoluta de comer; tinha o estomago completamente vasio. Deu balanço ás algibeiras, e d'ahi a pouco, já installado n'uma mesinha de marmore do café de Londres, fazia defronte do seu almoçc de tresentos réis as seguintes reflexões :

— Como deve ser delicioso casar-se a gente com uma creatura daquellas ! vel-a sempre a seu lado, amal-a a todos os instantes, e viver só para ella, e só della! Deve ser muito bom!... Tão bom, quanto é aborrecido almoçar café com leite e pão torrado, quando



a alma nos está a reclamar, do fundo das entranhas, alegres bifos com batatas e um bom copo de vinho!...

Ao chegar á republica, um dos seus companheiros recebeu com esta phrase :

— Ó Gustavo! queres ganhar uns cobres?...

— Prompto!

— Sabes desenhar, não é verdade?

— Mais que o Pedro Americo! porque?

— Pois se quizeres, vamos immediatamente á casa da minha lavadeira. Pedio-me ella que lhe arranjasse um desenhista para retratar o cadaver do marido. Serve-te a encomenda?

— E quanto estará disposta, essa providencial e ensaboadora viuva, a pagar para que eu lhe immortalise o malogrado esposo?...

— Não sei... mas o que vier é dinheiro, e nós estamos a tinir.

— Pois mãos á obra! exclamou Gustavo alegremente.

E, depois de munir-se da sua pasta e dos seus petrechos de desenho, sahio com o companheiro para a residencia da tal lavadeira, cuja figura, como vamos ver, é aliás muito velha conhecida do leitor.

Era a primeira vez que Gustavo ia desenhar por dinheiro. Até ahi seus trabalhos artisticos não passavam de exhibições em familia, no seio de parentes e intimos amigos, que a uma voz proclamavam com igual enthusiasmo o grande talento do menino; de sorte que o modo frio e quasi desattencioso pelo qual o receberam em casa da lavadeira, doeu-lhe no coração como clamorosa injustiça ao seu indiscutivel merito.

Entretanto, ia aparando os lapis, preparando o papel e os esfuminhos; e afinal, tomando a sua pasta, assentou-se com esta sobre as coxas, defronte de um longo

canapé de palhinha, onde estava o defunto, magro, estirado e duro, como se fôra feito de sola.

Principiou a obra, no meio de um grande silencio compungido, em que se arrastavam suspiros espaçados.

Ouvia-se ranger o carvão sobre o papel de Hollanda. Ao lado d'elle, o amigo que o levára acompanhava com a vista o trabalho, e procurava ajudar o desenhista, lembrando particularidades da physionomia do defunto.

— Olha que elle tem as ventas mais abertas e o queixo mais magro!... dizia, com uma voz mysteriosa e bemfazeja. Puxa o cabello mais para a esquerda!

Gustavo não protestava por delicadeza, mas as pessoas que lhe ficavam em frente bem percebiam a sua contrariedade.

Uma velha já se havia chegado para junto do retratista, com o rosto seguro pela mão esquerda e o cotovelo apoiado na direita.

Depois, viéram outros, até que afinal se vio Gustavo cercado por todos os lados. Entre essas pessoas estava, como por milagre, a dona daquelles bonitos olhos, que pela manhã, no collegio das irmãs de caridade em Botafogo, se lhe haviam gravado no coração; mas Gustavo, sem desprender a vista do trabalho, delles sentia apenas o doce effluvio banhar-lhe a alma.

O defunto, estendido no seu canapé, parecia estar só á espera que o rapaz lhe acabasse o retrato, para resolver numa gargalhada escarninha, o inquietante sorriso que abominavelmente lhe entretorcia os labios de mumia.

Gustavo pedio que retirassem das ventas do retratado duas bolinhas de algodão que ahi lhe haviam posto.

As seis horas da tarde, estava prompto o desenho. Gustavo assignou-o, e entregou-o á dona da casa,

— São quarenta mil reis, disse, com pretencioso ar de artista.

— Bem, respondeu aquella; mas o senhor fará o obsequio de mandar receber amanhã, porque a pessoa que tem de dar o dinheiro só mais tarde chegará.

No dia seguinte, ainda no corredor, a lavadeira disse-lhe que a obra não valia quarenta mil reis; que o pagador da encommenda não achava o retrato parecido, nem sequer bem desenhado; que o autor de semelhante caricatura devia contentar-se com vinte mil reis!...

E, como Gustavo recalcitrasse, veio o proprio dono da encommenda despachal-o.

— O que?! Pois tu é que és o tal artista?! disse o Medico Mysterioso, muito surprehendido defronte de Gustavo.

— É verdade, meu tio, sou eu,  
Gaspar não pôde deixar de rir.

Como o leitor já comprehendeu naturalmente, o morto, que Gustavo retratára com mais convicção do que pericia, era Alfredo, o nosso velho Marmelada; e a lavadeira era Genoveva, que se não podia consolar da perda do seu querido companheiro.

— Uma coisa é ver e outra é dizer, minha rica amiga, explicava ella á velhinha Benedicta, que apparecera para fazer companhia ao cadaver. Era um santo homem! Nunca lhe vi o nariz torcido; sempre amavel, risonho e procurando meios e modos de agradecer-me! Coitado!

As amigas ouviam estas palavras a sacudir simultaneamente a cabeça, como se uma só invisivel mola imprimisse a todas o mesmo movimento.

— Ai! ai! disse uma.

E o côro respondeu :

— Ai! ai!

— É o caminho de nós todos! sentenciou outra.

— Digo-lhe com franqueza, continuou Genoveva, empenhada na conversa com Benedicta; o defunto commendador, apesar de ser quem era e do muito que gastava commigo, nunca me deixou tantas saudades como esta creatura! Não sei que diabo tinha este homem para se ficar gostando tanto d'elle!...

— É a amisade que a gente toma! procurou explicar sentenciosamente a velhinha Benedicta; mas, para consolar a amiga, disse-lhe ao ouvido: — Também você não se deve agora matar por amor disso!... O que não tem remedio, remediado está!...

— Mas custa tanto!...

— Custa, é verdade; mas se tenbo de ir eu, vá meu pae que é mais velho!... resumio a velhinha com o seu riso egoista.

— Ai! ai! suspirou Genoveva.

E passou a descrever a molestia e a morte de Alfredo :

O homem, ha muito tempo já, não andava bom; queixava-se de uma pieira no peito e de um cansaço aborrecido nas pernas. Às vezes ficava muito amarello e com um fastio, que Deus nos acuda! — « Desta mesmo não me levanto! » eram as suas palavras de todo o instante; e ultimamente então deu para ficar nervoso por tal forma, que não pregava olho durante toda a noite... Foi nessa época que aquelle malvado o despedio do emprego! Imaginem vocês como o pobre do homem não ficou! Nunca mais levantou a cabeça! Até que hontem, quando eu estendia a roupa para corar, veio a negrinha dizer que seu Alfredo estava

roncando na cama, muito afflicto... Larguei tudo de mão, e corri para junto delle. Remedio d'aqui! remedio d'alli! mas qual! o pobre homem roncava, roncava, muito agoniado, sem encontrar posição na cama; até que afinal tive um palpíte, e mandei chamar o Dr. Gaspar, que é homem que nunca se negou aos pobres! Veio o doutor, vio, examinou — estava morto! Então pedi ao medico a esmola de pagar a um desenhista o retrato do meu defunto!

Gaspar apressou-se a pagar o retrato, logo que soube quem era o auctor.

— Não! respondeu Gustavo. O senhor declarou já que a obra não presta. Não acceto pagamento!

— Mas, vem cá, meu filho! eu não sabia que o trabalho era teu!...

— Tanto melhor! porque assim fallou com franqueza. Se alguém aqui deve estar agradecido, sou eu, que ganhei uma licção!

— Sim, mas, vem cá, disse o medico, obrigando o sobrinho a entrar para a sala de Genoveva. É preciso que nos entendamos por uma vez; preciso ter a consciencia tranquilla!... No fim de contas, és meu sobrinho, e eu tenho obrigação de saber de tua vida!

E depois de uma pausa :

— Porque não vais morar novamente lá em casa? Que caprichos são esses commigo, que represento aqui tua unica familia e fui tão boim irmão de tua mãe?... Pensas que não sei a vida miseravel que tens levado ultimamente? Por varias vezes, chamei-te para casa, sem que ao menos me respondesses... Entretanto isto não pode continuar assim! Teu pae encarregou-me de cuidar de ti; sei que não sou rico, mas felizmente os meus recursos chegam para mais um...

— Obrigado! interrompeo Gustavo. Eu conto

empregar-me agora... Vou entrar em concurso.

— E enquanto não apparecer o emprego?...

Gustavo não respondeu.

— Então? perguntou o outro em ar de amisade. Posso contar contigo amanhã?...

— Não dou certeza...

— É porque não tencionas ir. Todavia, seria muito mais razoavel que acceitasses de minhas mãos o auxilio que preferes receber das mãos de estranhos...

— Quem lhe disse que eu acceito obsequios d'alguem?!

— Calculo eu, ora esta! Tu não tens rendimentos, não tens emprego, has de acceitar de alguem os meios de subsistencia...

— Em todo o caso, é justamente para lhe não dar o direito de lançar-me em rosto a minha miseria, que recuso o agasalho que me offerece! Se o senhor me falla agora deste modo, como não me fallaria se eu vivesse á sua custa! Não vou!

— Estás muito enganado! Fallo-te como pae, e quero que me obedeças como filho. O teu logar é lá em casa! Exijo que vivas em minha companhia!

— Não posso!

— Mas porque?

— Porque não quero!

— Reflecte bem!

— Não! não! e não!

## XXXVI

### VESPER

Palpitava de commoção a endemoninhada zona do Rio de Janeiro, que vae desde o Largo do Paço até á nascente da rua do Lavradio. A parte leviana e galhofeira da população carioca agitava-se na rua do Ouvidor, electrizada de interesse por uma grande novidade.

O que teria acontecido de tão extraordinario, para trazer assim em alvoroço os reporters das folhas e os afiambros jaquetas dos pontos dos bonds? Que diabo poria em reboliço as redacções dos jornaes, os salões de carambola e de sociedades carnavalescas, as lojas e armarinhos de joias e de modas, as confeitarias, cafés e restaurantes do alegre coração da cidade?! Seria a morte do Imperador? seria a queda do partido Liberal? seria algum levantamento da escravatura? seria a quebra de algum banco? seria uma nova guerra com alguma outra Republica vizinha, ou seria simplesmente o sorteio da grande loteria de Hespanha?

Nada disso. A parte folgazã da população do Rio de Janeiro delirava de enthusiasmo, apenas porque, no

vasto e constellado horisonte da bella pandega fluminense, raiára uma nova estrella, bonita e petulante, ameaçando offuscar, só com a sua brilhante appareção, todas as outras que scintillavam no satanico empyrio.

Era a ordem do dia a « Condessa Vesper. » Por todo o ruidoso centro do prazer carioca se fallava com febre da deslumbrante creatura, que atravessára a rua do Ouvidor vestida de velludo carmezim bordado a ouro, faiscante de rica pedraria e joias orientaes.

Vinha directamente de Pariz, depois de percorrer todas as capitães do mundo, em que mantem o vicio amor o seu mercado alto. Trazia de comitiva um secretario louro, membrudo, barbado e enluvado, que lhe dava o tratamento de « Alteza », e um grande mono das Antilhas, que na rua lhe carregava a bolsinha de mão e lhe abria com irresistivel graça a portinhola do carro.

Um delicioso escandalo!

Todos corriam a vel-a, todos a queriam conhecer. Inventaram-se logo em torno della mil lendas e tradições. Uns a diziam artista, sem duvida judia e grega, que só entre essas poderia haver mulher tão formosa; outros protestavam com orgulho ser a Condessa Vesper brasileira legitima, que em Paris casára com um fidalgo russo e depois fugira com um tenor italiano; outros enfim pretendiam que alli andava alta maganice de principes, e citavam confusamente, de ouvido em ouvido, o nome do Duque de Saxe e do Conde d'Eu.

Essa estranha condessa era nada mais nada menos que Ambrosina. É que tres annos haviam decorrido sobre os acontecimentos relatados no ultimo capitulo; tres annos que, dia a dia, nada apresentam digno de nota, mas que vistos em conjuncto representam nes-



tas Memorias um importante periodo de transformações.

Durante esse tempo, tudo e todos se foram modificando lentamente, menos a velhinha Benedicta. Desde o Medico Misterioso até ao nosso recente Gustavo, grandes transformações se operaram. Genoveva, a legitima descendente da flôr das lavadeiras do Rocio Pequeno, já não mora na sua casinha do Engenho Novo; novas difficuldades depois da morte do seu homem e a sua indole rasteira, carregaram com ella para um cortiço, ficando a casinha alugada por oitenta mil reis mensaes. Tal mudança, digamos francamente, não foi penosa á mãe de Ambrosina, e cremos até que, de muito antes estaria realisada, a não ser certa consideração ao então restaurado Alfredo.

Genoveva tirava bom partido dos seus cincoenta annos. A gordura parecia querer cortar-lhe a actividade, ella porém, azafamaça e forte, reagia, levantando-se ás quatro da madrugada, e mourejando que nem um negro durante o dia inteiro. Nunca se sentira tão bem como alli, com o seu ruidoso par de tamancos, toalha á cabeça, o vestido enrodilhado nos quadris, e toda escorreita e sacudida a bater a sua roupa, entre a deferencia e a estima das collegas.

Os moradores do cortiço tinham por ella um respeito particular, davam-lhe o tratamento de dona e fallavam mysteriosamente de uma filha, que lhe entrára para o convento; de um commendador, que desaparecera arrebatado por desgostos, e finalmente de uma riqueza, de cegar! escondida no quintal da casinha do Engenho Novo.

E a viuva do commendador açulava inconscientemente taes fantasias, porquê, gostando aliás de tagarelar o seu bocado nas horas de descanso, fugia sempre

da conversa quando lhe tocavam nos parentes, ou lhe remexiam no passado.

Ninguem seria capaz de dizer que alli, naquella velha robusta e trabalhadora, estivesse a rapariga lymphatica e bamba de trinta annos atraz. A planta, nascida entre a roupa molhada e a grosseira alegria do cortiço, definhára nas salas tristes do commendador, mas uma vez transportada para o meio em que brotára, levantou e vicejou radiosa.

Assim como Genoveva, outros personagens se transformaram; Gustavo, por exemplo, já não era o mesmo sonhador bohemio, a bracejar na desordem e na miseria; trazia agora a vida methodisada e segura, graças exclusivamente á inflexivel perseverança do seu esforço. Havia publicado com algum exito nada menos que tres romances, conseguira fazer representar um drama, era collaborador effectivo do « Correio Mercantil » e tinha duzentos mil reis mensaes numa secretaria publica.

Mas, como já estava elle longe de sentir as commoções que experimentou quando vio, pela primeira vez, versos seus publicados?...

Foi n'um domingo; alguns rapazes haviam fundado pouco antes um jornalsinho, e pedido a Gustavo que mandasse para elle alguma coisa. Gustavo mandou uma longa pœsia, em versos soltos, que comeu quasi toda uma pagina. E durante a composição não se pôde arrancar de ao pé dos typographos, preso por um delicioso interesse, uma impaciencia irresistivel e torturante.

Esqueceu-se de jantar, e, ao receber as primeiras provas, tremiam-lhe as mãos e saltava-lhe o coração. Afinal, já á noite, sahio da redacção com uma folha impressa, e lá foi pela rua, a ler, gesticulando, sen-

tindo em todo elle o écho de cada phrase, de cada palavra, de cada syllaba! O mundo em torno era nada ao lado daquelle pedaço de papel impresso! Como lhe pareciam pequeninos e vis os burguezes satisfeitos que desciam para os theatros! Como tudo era mesquinho, reles, corriqueiro, ao lado daquelle producção do seu talento, alli estampada em lettra de fôrma, tal como a obra dos poetas consagrados, cujos nomes lhe enchiam a alma de fecunda inveja!

Mas tudo isso passou, como passou a sensação do primeiro elogio pela imprensa, o sentimento de gloria da primeira transcripção expontanea, e o intimo orgulho do primeiro plágio que lhe fizeram, acompanhado, como todo plágio, de um ataque insultuoso ao plagiado.

Larguemos porém de mão o nosso poeta, e vamos surprehender Gaspar no seu antigo gabinete de trabalho, ao lado de Gabriel.

Olhe o leitor, e verá duas sombrias figuras — um velho calvo, encanecido, todo coberto de luto, e um rapaz louro, prematuramente cansado da existencia, e transpirando pelos gestos, pelo olhar, pelas attitudes, o fastio dos fartos e o tedio dos ricos ociosos.

Estão ahi assim ha duas horas, a conversar frouxamente. O moço fuma charutos seguidos, toscanejando no fundo da sua poltrona, e o velho, assentado ao lado de uma secretária, com a cadeira cercada de papeis rotos, vae, em quanto conversa, passando os olhos pelas cartas, que tira de um grande maço de sobre a mesa e, depois de rasgal-as, arremessa ao chão.

São tres horas da tarde, em fins de Abril. O dia triste e humido entra pelas vidraças embaciadas da unica janella do gabinete, e põe nos objectos um ar sinistro e melancolico.

O moço queixa-se de aborrecimento, e espreguiça-se de instante a instante, a abrir a bocca. O outro, depois de inutilisar os seus papeis velhos, levanta-se e vae assentar-se ao lado d'elle.

— Mas, vamos a saber, disse; estás pelo que te propuz?

— O que é mesmo?...

— Pelo emprestimo dos cincoenta contos.

— Ah! Quando quizéres...

— Bom! então amanhã, sem falta, m'os darás.

— Mas o que tencionas fazer desse dinheiro?

— Ainda não t'ó posso dizer; mas descansa, no destino que lhe vou dar, não arriskas um vintem... Os proprios juros ser-te-hão restituídos religiosamente. É uma questão toda de confiança...

— Bem! já não digo mais nada.

— Amanhã mesmo te darei os documentos da vida.

— Como quizéres...

E passaram a conversar sobre outros assumptos.

— Quando partimos?... perguntou Gabriel.

— Para o mez que vem, naturalmente. Tenho ainda que providenciar sobre muitas coisas; é preciso accomodar a velha Benedicta, encarregar algum collega de certos doentes, tratar de uma infinidade de massadas. Felismente o Gustavo não me dá o minimo cuidado.

— Esse nem sequer tira o chapéo quando me vê... Um doido!

— Não é por mal, contradisse Gaspar. Tú é que te não devias incomodar com isso! Elle é um bom moço... tem character e tem talento.

— O que, homem? Sabes lá o que elle diz de nós?

— Não ha de ser tanto assim...

— Chamou-nos basbaques, em presença de quem quiz ouvir; disse que tanto eu, como tú, eramos duas crianças, dous typos românticos, que vivíamos na lua!

— E olha que disse meia verdade, respondeu Gaspar, depois de uma pausa; porque, no fim de contas, as circumstancias especiaes da existencia, de qualquer de nós dous, nos puzeram fóra do alcance das forças praticas da vida commum e das leis reguladoras da sociedade. Hoje mesmo, que estou velho e vejo o mundo por um prisma bem diverso; hoje, que tenho o raciocinio já apurado pela experiencia, ainda me sinto dominado todavia pela corrente romanesca em que nasci, e na qual palpitou a minha inutil juventude. Tu viéste depois, é certo, mas nunca viveste no teu tempo, nunca dependeste dos homens, para os conheceres; nunca foste opprimido, para poderes ter perfeita comprehensão da justiça; nunca soffreste misérias, decepções, em luta pela existencia, para poderes formar idéa justa da verdade. E, nessas condições, sem um logar entre os homens, sem parentes, sem responsabilidade e sem amor, vivendo ás cegas, illudido, explorado e desestimado, não pudeste comprehender o mundo que te cercava, e tiveste de voltar as vistas e a actividade dos teus sentimentos para o passado. Esse passado era tua mãe e sou eu; isto é, era o romantismo no seu maior desvario. E ahí tens como nunca chegaste a comprehender, meu pobre Gabriel, a época em que tens vivido!

« Gustavo, entretanto, proseguio o medico; é um producto de elementos inteiramente contrarios aos que determinaram o teu character e o teu temperamento; ha entre vocês proporção de idade e relação mesologica, mas absoluta incompatibilidade no modo de ver as

coisas. Formam os dois uma medalha, cujos lados, apesar de juntos, nunca se poderão unir. E, se quisermos determinar qual dos dois lados da medalha é o direito e qual o avesso, não o conseguiremos, porque ambos são legitimos e logicos, e ambos têm a sua razão de ser. Foi por isso que jamais conseguimos a amizade e a confiança de Gustavo. O presente desconfia sempre do passado, e nunca o toma a sério. Gustavo revoltou-se contra nós, porque o seu espirito moderno, frio e observador, tendia fatalmente a reagir contra a nossa abstracção idealista, que nos levava á contemplação e ao extasi. O moço pobre, trabalhador e independente, não podia supportar a nossa tristeza e a nossa concentração. Para elle somos simplesmente ridiculos, mas a verdade é que somos, nós dous, por processos diversos, igualmente atrazados; eu, porque me deixei estacionar, e tu, por um simples phenomeno de educação e de hereditariedade.

Gabriel, atirado indolentemente na sua poltrona, ouvia as palavras do padraço, quasi sem as comprehender. Era a primeira vez que lhe arrastavam o espirito a semelhantes considerações; nunca até ahi cogitára dos elementos que determinaram a sua farta existencia, e nunca se lembrára de prestar contas dos seus raciocinios. Havia accettato a vida, sem indagar d'onde ella vinha, nem para onde se encaminhava. Um dia deu por si no mundo, reparou que era rico e bem parecido; tinha dinheiro e saude... Era gozar! Que lhe importava o resto? A fortuna chegára-lhe ás mãos como uma carta anonyma, e elle nem sequer a agradecia, porque não tinha a quem dirigir os seus agradecimentos. As circumstancias do meio, da educação e da hereditariedade fizeram-no pueril e romantico, e elle de braços cruzados accettou essa imposição,

como quem aceita uma fatalidade organica. Não reaggio contra ella, como não reagiria contra o seo sexo, se nascesse mulher.

Eis porém que agora Gaspar, para o obrigar a ver claro, lhe torcia o olhar para a frente.

— Mudaram-se os tempos ! disse o velho, depois de mais algumas considerações. Já não se trata de querer ou não querer acompanhar o movimento da sua época; trata-se de seguir a onda evolutiva ou ficar esmagado pelos que vêm atraz ! Eu, por mim, estou velho e com os pés inclinados para a cova, pouco se me dá que a onda me passe por cima ; tu porém és moço e tens um grande campo aberto defronte dos olhos. É preciso que avances corajosamente, e eu não quero morrer sem te ver a camirho !

— Mas, nesse caso, o que me compete fazer ?

— Trabalhar ! Estou farto de dizer-te ! É necessario que escolhas qualquer profissão, que te dediques a qualquer idéa ! D'ahi é que te virá o ingresso na vida e entre os homens ; d'ahi se formarão as proporções da tua individualidade publica. Serás grande, se o teu trabalho fôr grande ; serás menor, se o teu trabalho fôr pequeno. E se tiveres talento, abnegação e coragem, se viveres um pouco da alma dos outros, serás mais do que tudo isso, serás amado, não por um amigo ou por uma mulher, mas por um povo ou por uma geração !

Gabriel concentrou-se para meditar o que acabava de ouvir.

— Tens um exemplo no proprio Gustavo. Viste o modo sobranceiro pelo qual procedeu elle comnosco ; entretanto, é nosso parente e nada mais possuia além da bóa vontade de trabalhar.

— Um pobre diabo !

— Foi! será talvez ainda hoje, mas cada dia que passa é um degráo que elle sobe! Sem instrucção, sem dinheiro, sem protectores, conseguio todavia não se deixar morrer. Já é muito! E não se deixar corromper; o que é tudo! Ah!-tu não podes fazer idéa de que é a existencia, aos vinte annos, quando a temos de extrahir de nós mesmos; nunca viveste nesse inferno, mas em compensação, nunca desfructarás o paraíso que se alcança depois de atravessal-o. E sabes por que razão Gustavo resistio e venceu com tanta coragem ás suas difficuldades? É porque tem um idéal. Eu proprio, ao ler os seus primeiros trabalhos litterarios, não pude deixar de rir, e cheguei a ter compaixão do pobre pretencioso; o segundo trabalho foi melhor porém que o primeiro, e, ao sexto ou decimo, já ninguem sorria, e muitos principiavam a confiar no futuro do novo litterato. Vê como elle caminha agora! Pela sua perseverança, pelo seu esforço, começa a galgar posição. Já é alguém! Os jornaes occupam-se d'elle em todo o Brazil, e pouco lhe falta para ter um nome feito. Agora é que Gustavo já não precisa absolutamente de nenhum de nós dous, e principia a sentir, por mim e por ti, uma compaixão muito mais legitima do que aquella que me inspirou n'outro tempo. E, á proporção que fôr elle caminhando, essa compaixão, se não trabalhares, irá crescendo, na razão directa do seu desenvolvimento e na inversa da tua decadencia... Sim! porque tu, se não trabalhares de qualquer forma, has de fatalmente decahir. É justamente essa a differença que ha entre tu e elle. Tu gastas e elle ganha; ambos caminham para os extremos — elle da fortuna, e tu da miseria!

— Supponho que estás em erro...

— E eu tenho certeza de que não estou. Todos nós



nos achamos dentro do mesmo circulo destas leis de existencia. Entretanto, o unico facto que estabelece a superioridade de Gustavo sobre ti, é simplesmente a circumstancia de haver elle nascido pobre, e tu rico. Para dizer tudo, acho até que tens mais talento do que elle e poderias, se não fosse a riqueza, ir muito mais longe e muito mais depressa.

— Mas, a que trabalho me hei de eu agora dedicar? estou velho, Gaspar!

— Qual velho, o que! Para remediar um mal nunca é tarde! Principia por acabar de vez com a vida que levas, e vê se te casas. A familia é uma responsabilidade effectiva, que te porá em acção para outras conquistas.

— Casar-me? Ah, isso é que não é possivel!

— Não sei porque, mas adiante!

— Tambem acho pouco facil romper de golpe com os habitos e as relações que me cercam...

— Isso é o menos; depois da viagem que vamos fazer, nada disso existirá. Podes na volta começar vida nova.

Gabriel concentrou-se por algum tempo, e afinal, levantando-se da poltrona, bateu com a mão fechada sobre a mesa:

— Pois está dito! exclamou elle. Vou trabalhar! Hei de ser um homem!

— Muito bem! disse Gaspar, abraçando-o. Só assim não levarei remorsos para a sepultura...

— Afianço-te que não os levarás!

— Conto contigo!

— Mas, nós precisamos partir o mais breve possivel!...

— Quanto antes!

E os dous iam entrar nos projectos da sua nova

existencia, quando a criada os interrompeo. Era uma carta para Gabriel.

— Sem vergonha ! resmungou este, depois de a ler.

— O que é ? perguntou Gaspar.

— Nada... é aquella peste da Ambrosina que acaba de chegar da Europa, e tem o descaro de escrever-me...

— Más... máo !... exclamou o medico, deixando-se cahir numa cadeira.

## XXXVII

### PASSAGEM DE VENUS

A Condessa Vesper continuava a ser a ordem do dia na rua do Ouvidor. Seu nome corria de bocca em bocca, pronunciado com quebramentos d'olhos e labiaes sibilos de volupia.

Por toda a parte se fallava nella.

— Não imaginam ! É uma esculptura ! uma verdadeira esculptura ! dizia um sujeito bem vestido num grupo em casa do Castellões. Viajei por quasi toda a Europa, parte da Asia, conheço a Africa, bati a America de um lado a outro, gastei com as mulheres de mais afamada belleza, tive mulatas e negras, loiras irlandezas, hespanholas morenas, frias inglezas, e francezas de toda a casta, mas confesso que nunca vi um corpo comparavel ao desta ! É simplesmente asombroso !

E o homem, enthuziasmado pelo effeito que as suas palavras produziam na roda, deixava-se arrastar por ellas e exagerava ferozmente os dotes physicos de Ambrosina, gosando da supposta superioridade de ser elle alli o unico que a conhecia de perto, e fazendo

disso um glorioso direito de a deffender como cousa sua, sem admittir que ninguem no mundo conhecesse mulher mais bella e seductora.

— Não! deixe lá! oppunha um velhote, com um sorriso cheio de autoridade e boas recordações; deixe lá! Ha de ser muito difficil encontrar um corpo como o da Aimée! Aquillo é que era uma mulher!

E o velho mordia os beiços com o que lhe restava de dentes.

— Ora, Conselheiro! bradou o outro revoltado; vem-me cá V. Exc. fallar na Aimée!... Veja esta! veja, e dir-me-ha depois se se lembra mais de Aimées! Ora, ora! logo quem — a Aimée! Um manipanso!

— Manipanso?! repetio o Conselheiro com um frouxo de indignação e de tosse. A Aimée um manipanso?! Ah, que se não fosse por temor ao escandalo, dava eu aqui mesmo a unica resposta que merece semelhante sacrilegio! Chovam do Estrangeiro as condessas que choverem; a Aimée ha de ser sempre a Aimée! Ora cebo!

— Não, Conselheiro, tenha paciencia! Pode V. Ex. esbugalhar os olhos como quizer e fazer-se ainda mais roxo do que está, não admitto mulher mais bella que a Condessa Vesper! A Condessa Vesper! Ver a Condessa Vesper, e morrer!

— Pois sim! Não apparecem duas Aimées no mesmo seculo, meu caro senhor!

— Além disso, que mulher fina! Que francez o seu! Que chic! Que verve! Que...

Mas foram interrompidos por um formidavel zum-zum. Ambrosina nesse instante passava pela rua de Gonçalves Dias.

Ia toda cõr de perola, luvas até ás axillas; governava ella mesma, com muita graça, o seu phaeton; e

da trazeira o macaco guinchava, a fazer momices extravagantes.

Correram todos para lá, com um frenesi escandaloso. Os negociantes, em mangas de camisa, abandonavam o balcão; senadores, deputados, proprietarios, janotas, commendadores, reporters e estudantes; tudo que ha de bom e tudo que ha de máo em transito pela rua do Ouvidor, se abalrou numa só onda. Era um delirio de curiosidade!

Venus passava!

E um pequeno italiano, com um maço de folhas debaixo do braço, gritava no seu máo portuguez « Jornal da tarde! traz o retrato da bella condessa russa! Quarenta reis! »

Os grupos compravam avidamente a folha.

Entretanto, por essas mesmas horas da tarde, em casa de Gaspar, dizia este ao enteado:

— Mas, com todos os diabos! és ou não és um homem?!

— Descansa que irei...

— Resolve-te então por uma vez! Está tudo prompto; a velha Benedicta aboletada na Ordem da Conceição, os meus doentes recommendados a um collega de confiança, os nossos papeis despachados... só nos falta partir!

— E havemos de partir, cré!

— Mas é que o paquete sahe amanhã para a Europa, e tu nem te mexes!...

— Todavia, podes contar commigo...

— Isso dizes tu ha duas semanas, o que não impedio de perdermos uma viagem magnifica, ha quatro dias...

— Já te não merecem credito as minha palavras...

— Que dúvida!

— Pois olha que não fico zangado contigo por semelhante coisa.

E tomando um ar mais reflectido : Sei qual é o motivo de tuas desconfianças, mas tranquillisa-te, meu bom Gaspar, que são inteiramente infundadas...

— Estás agora a fazer-te de forte !...

— Juro-te que entre eu e Ambrosina nada mais existe ! Amei-a, amei-a muito, não nego ! Fiz loucuras, fiz delirios ; adorei-a, emfim ! Desde porém que ella se despojou da auréola que a minha imaginação lhe emprestára, deixou de ser idolo, para ser lodo, para ser uma cocote vulgar e ridicula ! O que eu nella suppunha elevado e digno, nada mais era que o brilhante reflexo do altar em que a colloquei ; uma vez fóra de lá, o que queres tu que eu nella ame ?

E Gabriel, voando pelo passado, accrescentou com febre :

— Sim ! eu adorava aquella mulher ! Seria, por ella, capaz de todos os sacrificios ; mas, quando a vi de volta á Côrte, ostentar cynicamente a degradação e o vicio, quando a vi feliz e radiante no meio da esterqueira !... Ah ! Gaspar ! foi tal a repugnancia, tal o nojo que senti, que ainda agora pergunto a mim mesmo como pude desprezar-me ao ponto de idolatral-a ?!

— Fallas com muito calor, para que eu possa acreditar no que dizes...

— Dou-te a minha palavra de honra que assim é. Ambrosina para mim morreo ! A creatura que agora passa todas as tardes pelo Cattete, a governar um phaeton, já não é ella, é uma infeliz que se confunde com todas as outras dissolutas.

— Mas, em todo o caso, partiremos amanhã...

— Sem dúvida !... Não que me arreceie de ficar no

Rio, mas só porque assim é necessário para o meu futuro.

— Ah! se tudo isso fosse sincero!...

— Acredita que é! Digo-te até com franqueza que a mim mesmo não perdôo haver-me illudido tanto! Não sei onde diabo tinha eu a cabeça para me deixar influenciar tão estupidamente por uma mulher mediocre, porque, afinal de contas, como ella se encontram mil a cada passo!...

— Ora! não sentes o que estás dizendo!...

— Verás!

— Afianças então que já não sentes coisa alguma por Ambrosina?...

— O homem! como queres que te diga que não?!

— Pois então, sabe de uma coisa — tenho aqui uma carta della para ti...

— Hein?! perguntou Gabriel, com um espontaneo movimento de interesse; mas, cahindo logo em si, accrescentou com indifferença: — Ah! podes lançal-a á rua, porque não a lerei...

— Dás-me então licença que a abra?...

— Toda!

— Porém, com a condição de te não dizer o conteúdo...

Gabriel respondeu com um gesto de desdem.

Gaspar rompeu o sobscripto, desdobrou a carta e leu-a. Mas, á proporção que seus olhos a devoravam, uma ligeira pallidez ganhava-lhe a physionomia.

— Cortezias!... disse elle depois, fingindo tranquillidade; uma carta de cumprimentos...

E, antes que o rapaz cedesse á tentação de lel-a tambem, já o medico a havia substituido por outra, que rasgára em pedacinhos e lançára pela janella. —

Bom ! disse elle afinal, tomando o chapéu e a bengala. Posso então contar contigo amanhã ?

— Pela milésima vez : sim ! respondeu Gabriel.

— Bem. Até logo.

— Adeos.

E quando o padraсто já transpunha a porta :

— É verdade ! onde jantas hoje ?

— No Mangini.

— Pois até lá.

Gabriel estendeu-se na sua poltrona, deixou cahir para traz a cabeça, e espetou o tecto com o mesmo olhar dos ultimos capitulos.

Entrementes, Gaspar ganhava a rua, e tomava o primeiro tilbury que lhe passára perto.

— Largo do Rocio n. tal, disse elle ao cocheiro, depois de consultar a carta de Ambrosina.

O carro disparou. Pouco deprecis, o Medico Myste-rioso era conduzido, por um criado inglez, para uma saleta de espera da casa da Condessa Vesper, cujo luxo caprichoso e de primeira mão o perturbou levemente.



## XXXVIII

### EM CASA DA CONDESSA

Ouvia-se conversar, por entre risadas, na sala proxima.

Do som das vozes de homem destacava-se o metal estridente de uma garganta feminina.

— Quer fallar á Sr.<sup>a</sup> condessa? perguntou o criado em inglez.

— Sim, respondeu Gaspar, dando-lhe o cartão.

E notou que, d'ahi a pouco, a conversa da sala proxima era interrompida, e logo ouviu um rumoroso farfalhar de sedas.

— Entre para cá, doutor! gritou Ambrosina apparecendo.

E Gaspar, depois de atravessar um pequeno gabinete, penetrou, no salão, onde conversavam animadamente.

— O Dr. Gaspar Leite, disse Ambrosina, apresentando-o aos que lá estavam. Meu medico... accrescentou ella com um gesto muito gracioso.

Gaspar sorrio.

O salão era vasto e bem guarnecido, mas pouco

confortavel; faltava-lhe essa alma mysteriosa e sympathica, que os moradores vão insensivelmente communicando aos moveis que o cercam, terminando por emprestar a cada um delles alguma cousa do seu proprio character.

A gente sentia-se alli mal á vontade, como se estivesse em uma casa de vender trastes. É que era tudo novo em folha; os moveis rescendiam ainda ao verniz do marceneiro, as cortinas das portas e os pannos das cadeiras tinham a gomme com que sahiram da fabrica, as cachemiras da mesa e do piano guardavam as dobras da caixa em que foram transportadas da Europa para o Brasil.

Todos aquelles trastes não nos diziam nada, não nos communicavam coisa alguma; estavam alli, coitados! como uns pobres estrangeiros, que não sabiam fallar a nossa lingua. Não tinha a gente vontade de assentar-se naquellas cadeiras, encostar-se naquelles dunkerques, nem pisar naquelle tapete, com medo de que viesse o mercador recommendar-nos que lhe não tirassemos o lustre da mobilia.

Era esta a sensação que Gaspar experimentava ao entrar na sala de Ambrosina, e mentalmente ia comparando a insociabilidade de tudo aquillo com a franca camaradagem dos seus velhos trastes de familia.

Entretanto, a bella creatura o tomára pela mão e lhe apresentava elegantemente as suas visitas.

— Este é o Sr. Rocha Coelho, deputado geral pela provincia da Bahia. É a primeira vez que vem ao Rio; escusa dizer que é pessoa de alto merecimento.

O deputado levantou-se e apertou a mão de Gaspar, om um ar, tão energico e grave, que lhe abanava os enormes bigodes negros e lhe fazia tremer a rebarbativa pãpada.

Ambos folgavam muito em travar relações.

— Este agora é o Sr. Dr. Lopes Filho, advogado distincto!

Gaspar repetio o jogo da primeira apresentação. Folgaram muito igualmente em se conhecerem.

O terceiro não precisava ser apresentado, — era o Reguinho.

Sempre magrinho, futil, a empulhar os amigos. Os cabellos principiavam-lhe agora a empobrecer e grisalhar, mas elle conservava o mesmo ar passivo de menor que vive á custa da familia.

— Bem; com licença! já se conhecem, vão conversando, disse a dona da casa, sahindo a correr, porque ouviu na sala de jantar a voz de uma mulher, que acabava de entrar familiarmente.

Os quatro homens ficaram a olhar por um instante uns para os outros, em uma perturbação ceremoniosa. Mas entrou um criado, a offerer chá com leite frio, e o Reguinho foi assentar-se ao lado de Gaspar e perguntou por Gabriel.

— Ah! partem amanhã? Ora, eis ahi o que eu não sabia... disse o Rego, depois de ouvir a resposta do medico.

E offereceu logo magnificas cartas de recommendao para varios pontos da Europa. Tinha muitos conhecidos, amigos, parentes até, gente toda de grande importancia! Gaspar aproveitaria muito com aquellas cartas!

O medico desembaraava-se do obsequio; dizia que a viagem era rapida, de passeio, não valia a pena o Rego incommodar-se...

Mas este, com a recusa, redobrou de offercimentos, e contou depois que estava associado com o pai n'uma grande empreza que os faria millionarios. — Menino!

Queremos dinheiro! Queremos dinheiro, cebo! rematou elle, sempre a chupar os dentes.

Pouco depois, tornou Ambrosina; estivera a fallar com a modista; as visitas que a desculpassem.

E voltando-se para Gaspar com muita camaradagem:

— Então? que milagre foi este? lembrar-se dos amigos velhos?...

E accrescentou em tom grave, dirigindo-se aos outros: — Salvou-me a vida! Estive á morte com uma furia do maluco de meu marido! (É verdade, como vai elle?) perguntou ella a Gaspar e, informada de que Leonardo estava agora no Hospicio de Pedro II, continou, suspirando saudosas recordações: — Serei sempre reconhecida por esse serviço... Além do que, o Doutor Gaspar foi n'outro tempo muito meu amigo, dava-me bons conselhos, ralhava-me ás vezes...

E Ambrosina fazia-se muito amiga, muito camarada de Gaspar.

— Não sei como este ingrato se lembrou de vir cá!...

— É que lhe tenho de fallar... em particular...

E como ella fizesse um movimento malicioso:

— Descanse, estou velho, não farei ciumes a ninguém...

— Por mim, não os importunarei, declarou o Coelho Rocha, levantando-se com os saus bigodões. Esperam-me para jantar.

— Eu tambem vou, disse o Lopes Filho, imitando-o.

E foram beijar a mão de Ambrosina.

— Visto isso... accrescentou o Reguinho, depois de chupar os dentes.

— Mas eu, nesse caso, vim incommodal-os... Minha visita é rapida... observou o medico.

Seguiram-se grandes protestos de cortezia. Houve risos, apertos de mão, offercimentos de casa, e afinal os tres deixaram o campo livre.

— Venha para cá, doutor. Ficamos aqui mais á vontade; disse Ambrosina, passando o braço na cintura de Gaspar e conduzindo-o para um gabinete reservado. Agora, bem! Podemos livremente conversar.

E fechou a porta.

O Medico Mysteroso não tinha ainda voltado a si do pasmo, que lhe causava tão inesperado acolhimento por parte de Ambrosina. Elle, que se lembrava ainda muito bem das suas ultimas scenas com ella, pensou enconral-a pouco disposta a attendel-o, e eis que a caprichosa rapariga lhe dispensava agora todas aquellas amabilidades e se mostrava como nunca attentiosa.

— Ainda está muito zangado commigo?... perguntou ella, assim que os dous se viram a sós no gabinete.

— De forma alguma! respondeu Gaspar, e confesso que não contava ser tão bem recebido.

— O passado, passado! Não pensemos mais em tal. Além disso, naquella época, o senhor tinha toda a razão; eu é que era uma estonteada.

— Valha-nos isso! Estimo enconral-a em tão boa disposição. Sabe? espero sahir d'aqui devendo-lhe um grande obsequio...

— A mim?... Qual é?...

— Vae saber...

E o medico tirou da algibeira a carta, que tão engenhosamente havia substituido pela outra que rompera.

— Eu surprehendi esta carta sua, dirigida a meu enteadado, guardei-a, e depois a li, com o consentimento do dono...

— Ah! E elle?...

— Elle não a leu...

— Não leu, porque?

— Porque não deixei, ou porque elle não quiz.

— Não quiz, como?...

— Para agradar-me, naturalmente; mas, como tenho pouca confiança em tudo isso, venho pessoalmente pedir-lhe que...

— Que...

— Que desista das ameaças que aqui estão escriptas, nem só porque me intimida o escandalo eminente, como porque sei tambem que Gabriel não resisteria a tal provocação e acabaria por atirar-se novamente a seus pés...

Ambrosina não respondeu. Estava assentada n'um divan muito baixinho e fitava preoccupadamente um ponto do chão.

— A senhora não calcula, proseguiu o outro; quanto me custou a convencer áquelle pobre rapaz de que era necessario mudar de vida e trabalhar. Elle, coitado, se não tomar já e já uma resolução energica, perde-se totalmente, porque se irá pouco a pouco arruinando até chegar á completa miseria; é isso o que eu quero evitar. Sinto que estou velho, e preciso morrer descansado. Talvez haja um bocadinho de egoismo nestas intenções, mas creia que eu trocaria de bom grado o resto da minha existencia pela felicidade de Gabriel.

E o Medico Misterioso, depois de assentar-se mais perto de Ambrosina, continuou: — Pois bem! Imagine agora o meu sobresalto quando, depois de conseguir de Gabriel sahirmos amanhã mesmo do Brazil, e principiarmos, ao voltar, uma nova existencia, dou com as palavras que lhe escreveu a senhora!...

E Gaspar leu na carta o seguinte: « Sei que vais partir amanhã e peço-te que desistas de semelhante

projecto. Estou hoje convencida de que não posso passar sem o teu amor, e como a desgraça me fez egoísta, sinto-me resolvida a desmanchar com um escandalo a tua viagem, e a mim prender-te com mil beijos. Escolhe! Se quizeres resolver as cousas por bem, apparece-me hoje mesmo em minha casa. Se me não appareceres até á noite, irei eu buscar-te onde estiveres! »

— Eis ahí o que vinha eu pedir-lhe que não fizesse.. disse humildemente Gaspar. Sei que isso não lhe custará muito, e estou disposto a recompensar-lhe esse obsequio com aquillo que a senhora exigir...

Ambrosina conservou por algum tempo o olhar cahido, e afinal cobrio o rosto com as mãos e desatou a soluçar.

— Sou uma desgraçada, murmurava ella, sacudida pelo pranto. — Sou muito desgraçada!

Gaspar passou-se para o divan, e amparou-a nos braços.

— Não se mortifique, disse; não se afflija desse modo...

Ambrosina encostou-se ao hombro d'elle e, depois de soluçar dramaticamente, exclamou com uma voz apressada e cheia de choro :

— Não é que o ame! não! Eu nunca ameí Gabriel! Mas eu o queria ao pé de mim, pelo simples facto de ser elle o unico que me tem verdadeiro amor! Não é pelo desejo de amar que o procuro, mas é pela necessidade de ser amada!

— Ora! Ha por ahí muito homem que a ame loucamente!...

— Por capricho, por fantasia, ou por vaidade... Eu sou hoje a mulher da moda e custo caro. Amor! Amor por amor, só conto com o de Gabriel!

— Em todo o caso, poupe-lhe que o poupe... Supplico-lhe! Faça-me a vontade! É um velho, é um pobre pae, que lhe pede a felicidade de seu filho. Repare! tenho lagrimas nos olhos. Concordo com tudo que a senhora quizer, cumprirei as ordens que me der, comtanto que me poupe o Gabriel!

— E se eu, em troca, exigir-lhe uma coisa?... o senhor consentirá?...

E Ambrosina sorriu, com os olhos ainda vermelhos do pranto.

— O que e?

— Uma coisa muito simples... respondeu a rapariga, tomando-lhe as mãos; quero...

— O que?

— Tenho vexame... Não digo...

— Falle, por quem é!...

— E promette não ficar enfadado?... promette não ralar commigo?...

— Prometto, filha; mas vamos, dize o que queres...

Ambrosina passou os braços em volta do pescoço de Gaspar, e disse-lhe baixinho ao ouvido, com a voz medrosa e doce :

— Quero que me ame; que seja ao menos muito meu amigo, como n'outro tempo...

E, depois de espreitar atravez dos cilios a attitude do medico, recolheu os braços, fez um ar muito triste, e accrescentou com os olhos humidos :

— Se soubesse quanto sou infeliz!... quanto sou desgraçada!... teria compaixão de mim!

E depois de uma nova pansa : — Não disponho de alguém que me estime nesta vida!... todos os que se chegam para mim, trazem já a intenção artificiosa de illudir-me ou de desprezar-me! É por isso que eu disputava Gabriel com tamanho empenho, é porque,



desse ao menos, tinha a certeza de que tudo aquillo que viésse seria sincero e generoso... Pobre rapaz! Talvez hoje no mundo seja o unico que me vote algum amor... os mais odeiam-me!... Se é um homem, me odeia porque não lhe posso pertencer exclusivamente, como um cavallo de raça; se é uma mulher, porque não póde admittir que eu seja mais formosa do que ella. Entretanto, preferia ser feia, e atravessar a existencia, obscura e feliz, ao lado de um marido... Mas, não sei que maldição terrivel me acompanha, que veneno insanavel me poreja da pelle, para destruir e matar tudo em que toca meu desejo! Cada vez que firmo o pé, é uma chaga que abro no caminho! Quem me déra ser bôa para todos... mas meus carinhos embriagam, como a perfida mansenilha, e meus labios queimam, como um reptil venenoso! Desde a loucura de meu marido até á morte de Laura, é minha vida uma triste cadeia de decepções; tudo a que aspirei, tudo que amei, tudo que constituiu para mim sonho, esperança, illusão querida, foi pouco a pouco enregelando e fenecendo, como uma aldeia varrida pela peste. Já não me animo a ter uma vontade! Agora mesmo, de volta ao Rio, vinha pensando em minha mãe, ardia por abraçal-a, queria refugiar-me, de todas as miserias de minha vida, naquelle coração singello e bom; mal chego, porém, descubro que ella morava em um cortiço, escrevo-lhe varias vezes, pedindo, rogando, que me apparecesse; e ella nem sequer me respondeu! Diga, não será isto a ultima das desgraças? não será isto a ultima expressão do infortunio?... E vem o senhor pedir-me ainda que lhe ceda o Gabriel! Peça-me tudo que quizer; leve-me os diamantes, os cavallos, os moveis, mas deixe-me esse coração que me resta; deixe-me, por piedade, esse derradeiro amor!

— Não! isso, não! respondeu Gaspar, sacudindo a cabeça.

— Então, dê-me outro que o substitua; como já disse, não é que eu ame Gabriel, mas preciso ser amada por alguém... O senhor quer arrebatá-me a última afeição que me resta; pois bem! pôde levá-la, mas ha de deixar-me outra no lugar della!...

Houve uma grande pausa. Gaspar permanecia, imóvel e mudo, ao fundo do sofá. Um ligeiro sorriso de scepticismo encrespava-lhe os lábios frios. Ambrosina, afinal, tomou-lhe de novo as mãos :

— Então, meu amigo, balbuciou ella; diga-me alguma coisa! Pois eu serei tão ruim, que lhe não mereça um bocadinho de afeição?!...

— Se se trata de uma simples afeição, uma afeição apenas, como ainda ha pouco disse, de bons amigos de outro tempo, não porei duvida alguma nisso...

— Obrigada! obrigada! interrompeu Ambrosina com uma alegria de criança.

— Ouve, minha filha! E o velho tomou paternalmente a linda moça pela cintura e fel-a assentar-se sobre seus joelhos. — Eu amo tanto aquelle pobre Gabriel, que, se tu fosses capaz de ajudar-me a regeneral-o; eu, por gratidão, por admiração da tua generosidade, nem só seria teu amigo, como teu pae agradecido, teu protector e teu amparo moral.

— Como és bom! disse ella, conchegando-se carinhosamente ao corpo de Gaspar. Como eu gosto de estar assim, encostadinha a ti!... Consola tanto ter a gente um peito como este para descansar a cabeça!...

E, toda arrepios de rôla acariciada, accrescentou com a voz humida, supplicante, infantil, a bater de leve no peito de Gaspar : — Aqui não ha vaidades, não ha caprichos! tudo isto é verdadeiro e puro! Não

é certo que tu me amas, como se eu fosse tua filha?... Dize, meu papá! Dize, meu amor!

Gaspar, a despeito de tudo, sentio-se commovido.

— Mas has de esquecer-te por uma vez do Gabriel, não é assim?...

— Bem me importa agora o Gabriel! Tu é que serás o meu amigo; e eu a tua nenem, meiga e submissa, como uma gatinha! Hein? que bom! que bom! exclamava ella, a encolher-se toda nos braços de Gaspar; amar um homem, sem outra intenção além do proprio sentimento; desejar tel-o, sem outro fim mais que uma affeição tranquilla e casta. Oh! isto sim, isto deve ser consolador!

— Bem! disse Gaspar, procurando delicadamente desviar-se dos braços de Ambrosina. Ficamos então entendidos, não é assim?... Eu serei o teu bom amigo, e tu nunca mais darás um passo para perseguires Gabriel!

E ergueu-se.

— Sim, respondeu a formosa rapariga, que tambem se havia levantado. E, novamente abraçada a Gaspar, fazia-lhe agora festinhas na barba com o seu dedo de unha côr de rosa. — Sim, sim! mas quero que me dês uma prova do teu affecto, antes de partires amanhã...

— Uma prova?... Como? de que forma?...

— Vindo hoje mesmo, á meia noite, ceiar em despedida aqui commigo. Pois eu consenteria lá que te fosses, sem me dizer adeus?...

— Mas, á meia noite?!... Pareceria isso mais uma entrevista de amantes do que...

— Não sei porque!... interrompeu ella. Não são as horas, nem é o logar, que fazem as situações. Não tens confiança em ti?... tenho eu em mim! Convem-me es-

tar ainda, antes de partires, uma vez a sós contigo, e só á meia noite é que me pertenço... Daqui a nada está ahí gente para jantar em minha companhia!

— Mas...

— Se não quizeres vir, desisto já de tudo que combinámos, e eu procederei como entender!

— Bom! Bom! Virei á meia-noite; mas tu estarás só!...

— Juro-te! Nem mesmo pelos criados serás visto...

— Pois até logo.

— Vens, então?...

— Acabo de dizer que sim.

— E se não viéres?...

— Farás o que entenderes...

— Olha lá!...

— Estamos combinados, filha!

— Pois conto contigo. Se encontrares a porta fechada, toca o tympano tres vezes seguidas.

— Sim, adeus.

— Adeus, meu bom amigo.

E Gaspar, impaciente, alterado, ganhou o largo do Rocio, e tomou a direcção do Mangini.

Pelo caminho reparou que todo elle ia penetrado do subtil e capitoso perfume, que Ambrosina exhalava das carnes e dos cabellos.

## XXXIX

### A VEZ DA CIGARRA

No terraço do Alcazar corria a pandega desenfreada. Representava-se *La jolie parfumeuse*, e as notas candenciosas da alegre partitura misturavam-se no pesado ambiente do theatro com o fremito das gargalhadas, o fumo dos charutos e o vapor inebriante dos vinhos.

Em torno das mesinhas de marmore, homens e mulheres, aos magotes, vozeavam, numa estrepitosa concussão de lingoas, em que a franceza era a mais atropelada. Fervia o champagne por toda a parte, e por todos os grupos faiscavam diamantes e joias de alto preço. Havia nas toilettes das loreiras um luxo de espectaculo d'Opera, e as carruagens, estacionadas na rua á espera dellas, formavam serpentes que abrangiam quarteirões.

Sob a pobre e melancolica folhagem de bambús de que constava o jardimzinho do famoso café-concerto e que, atormentada pela luz mordente do gaz, parecia minguar de nostalgia, saudosa da frescura dos seus campos, rolava todas as noites, na mesma onda, a inconsciente e barulhosa prodigalidade dos herdeiros

ricos e a torturante pantominice dos fingidos argentarios. Viam-se os elegantões de chapéu de feltro claro e luvas de côr, empunhando inquietadores bengalorios encabeçados de ouro; viam-se rutilantes e agaloadas fardas da Marinha e do Exercito, em contraste com as joviaes casacas negras dos cançonetistas parisienses, que vinham cá fóra, nos intervallos dos actos, escorruptichar, a barba longa e de camaradagem com o publico, o seu gelado grog *à la américaine*. Destacavam-se os sanguineos e atochados typos dos ricos fazendeiros do interior da provincia ou do fundo de Minas e São Paulo, sequiosos por atirar ás guelas da pandega fluminense um bom punhado de cortos de reis da sua ultima safra de café; alguns desses, mal chegados essa mesma noite, ainda conservavam as suas botas da viagem e o seu poncho á moda do Sul.

Dentre o cheiro das perfumarias e dos pós de toucador, tresandava uma subtil e femeal rescendencia pituitaria, que punha nas ventas masculinas irracionais palpitações de faro.

Era alli, naquelle theatrinho da estreita rua da Valla, entallado entre casas de commercio a retalho, que todas as noites a gente folgazã da Côrte, e os mais que della dependiam, iam buscar de ponto em branco o seu quinhão de goso para os sentidos estalfados; mas era lá tambem que muito desgraçado ia pedir ao ruido do alheio prazer o esquecimento das proprias agonias, de surdas e inconfessaveis dores, ou ia cavar, com um sorriso mais triste que o esgar de um enforcado, os dous mil reis para as primeiras compras da casa no dia seguinte. Á sombra daquelles amarellecidos bambús, se encontravam os infelizes de toda a especie, os infelizes que choram para fóra, e os infelizes que choram para dentro; ao lado do vagabundo

lamuriento e pedinchão, lá estava, em bôa apparencia, o misero chefe de familia deshonrado pelo luxo da mulher e das filhas, o fallido e risonho financeiro, vivendo, a cliquot e havana, á custa das regalias do seu débito á Praça; lá estava o politico vendido e garboso da sua venalidade, e artistas sem ânimo, e jornalistas dyspepticos, e comicos notivagos, e jogadores profissionaes, e lindos mancebos de labios alugados ao amor das dissolatas.

E desse elemento vário se compunha a enorme roda, que nessa noite cercava ruidosamente no Alcazar a formosa Condessa Vesper.

Ambrosina havia já creado, em torno dos seus cruéis sorrisos de amor, uma grande e rubra auréola de escandalos. Contavam della factos extraordinarios de petulancia e originalidade orgiaca, attribuiam-lhe no genero todas as anedotas sem dono que vagavam pelo Rio de Janeiro, diziam com assombro os milhões que a Condessa desbaratára, as ruinas que a seus pés abrira, e as victimas de amor que até ahí fizéra.

Alli, dentre todas aquellas almas escravas dos sentidos e despojadas de idéal, era ella talvez a unica verdadeiramente feliz. Sentia-se radiante no meio da sua córte de libertinos, cercada de olhares supplicantes e adultores sorrisos, alvo de desejos, de elogios e de invejas.

Em torno da sua mesa agitava-se a multidão curiosa e fascinada; as suas palavras eram acolhidas pelos companheiros de roda, como geniaes preceitos, que ennobrecem os primeiros ouvidos que os escutam. Ao seu lado, o Lopes Filho, o Rocha Coelho, o Reguinho e aquelle celebre cogumello Costa Mendonça, attentos e cerimoniaes, desfaziam-se em galanterias.

A Condessa não obstante protestava que ia fugir

para casa, porque estava domesticando um urso branco, que entraria na jaula á meia noite.

— Não se vá ainda... pedia labioso o deputado pela Bahia. Deixe isso para outra vez... Vamos ceiar ao Paris... O urso não fugirá!...

Ella porém não attendeu, ergueu-se, fez um geral e gracioso cumprimento á roda, e sahio acompanhada de longe por um immenso grupo de tacitos admiradores, e de perto por aquelles quatro embeaçados, que a conduziam até á carruagem, disputando entre si a suprema honra de lhe dar o braço.

Ao entrar no carro, notou que da porta do theatro um rapaz, ainda muito moço, lhe acompanhava os movimentos com um ar satirico e desdenhoso.

Ambrosina fingio não dar por isso, mas a impressão daquelle olhar, tão contrária a de todos os outros que ella essa noite recebera, lhe ficou doendo por dentro como imperceptivel espinho cravado no seu melindroso orgulho de mulher formosa. Um simples olhar, talvez involuntario, e vindo distrahidamente de olhos desconhecidos, bastou para toldar com uma pontinha de fel o triumphante humor, em que a leviana palpitava de vaidade no ephemero predominio das suas graças.

Foi já nervosa que ella, ao chegar á casa, disse á criada, arremessando leque, luvas e chapéu :

— Sirva-me um banho tepido com bastante vinagre de Lubin, e tire um peignoir daquelles que estão na caixa de seda côr de rosa; a ceia que lhe encommendei traga-a para a saleta da alcôva, não precisa deixal-a á mostra, ponha-a sobre a mesa de charão por detraz do biombo doirado; depois feche as portas da sala de jantar, e pode recolher-se; se o Johm ainda estiver acordado, diga-lhe que tambem o dispenso; deixe a porta



da rua aberta... Mas avie-se, que espero por alguém, e são horas!

E dahi a pouco, Ambrosina, mergulhando o marmore do seu corpo no cheiroso e opalino banho, murmurava sosinha :

— Maldicto sujeito que me olhou daquelle modo! Desejo-lhe a morte! E Deus que me ouça!

Esse sujeito, contra cuja vida lançava tão feia praga a formosa creatura, era o nosso altaneiro Gustavo, que naturalmente nem sequer suspeitaria occupar naquelle momento o endiabrado espirito da mulher mais espantosa do alto coquetismo fluminense.

Entretanto, a torre de São Francisco começava a derramar lugubrememente no silencio das ruas as doze badaladas da meia noite, e por esse tempo o sombrio vulto do Medico Misterioso, cabeça baixa e passos tardios, tomava a direcção da casa da Condessa Vesper, sem desconfiar que era por alguém observado e seguido á distancia.

Encontrou a porta da rua aberta e o corredor ás escuras, entrou e subio as escadas, sem olhar para traz.

Lá em cima foi recebido pela propria Ambrosina, que, como acabamos de ver, se havia preparado intencionalmente para aquella entrevista.

Vestia ella um amplo penteador de rendas transparentes, que deixavam adivinhar meia verdade do mysterio das suas fórmãs, calçava meia de seda listrada e chinella turca. Tinha os cabellos submettidos a uma trança unica, que lhe cahia nas costas como uma serpente viva, e os braços libertavam-se das fartas mangas do roupão e appareciam dominadores na sua peccaminosa nudez, apenas algemados por um par de pulseiras circassianas.

Quando Gaspar penetrou na voluptuosa camara, dubiamente illuminada por uma lampada côr de lirio, sentio-se abalado por uma doce e estranha saudade, que o transportava suavemente ás scenas da sua juven-tude. A memoria de Violante assistio-lhe ao coração de um modo doloroso e lucido, e elle parou, commo-vido, a contemplar Ambrosina estendida no divan.

A tentadora sorria, a fumar um cigarrinho de tabaco oriental, e, com um gesto delicioso, disse-lhe que corresse o reposteiro da porta e fosse assentar-se ao lado della.

O medico obedeceu, quasi sem consciencia do que fazia.

— Estamos em completa liberdade, acrescentou Ambrosina, beijando-lhe as mãos. Podemos conversar de coração aberto...

— Aqui me tem, balbuciou Gaspar. Vamos a saber o que me ordena...

— Que não me falles desse modo... eis o que te ordeno antes de tudo... Quero-te mais camarada, mais íntimo, mais chegado a mim...

E arrastou-se toda ella para elle, puxando para o seu collo a cabeça do medico.

— Vamos... disse este, desviando-se; fallemos do que importa... Deste modo não chegaremos a nenhuma conclusão!...

— Ha tempo!... contrapôr Ambrosina, quasi re-sentida. Façamos primeiro uma ceiasita *á la bohème*. Estou com appetite, e temos aqui mesmo o que trin-car, sem precisarmos de ninguem.

E, tapando com as mãos os ouvidos para não escu-tar os protestos da visita, correu a buscar a mesinha de laca, e ella mesmo servio ostras frescas, pão, es-pargos, morangos e champagne,

Em seguida, fez Gaspar assentar-se á mesa e, pondo-se de novo ao lado d'elle, pediu-lhe que abrisse a garrafa, e ia já atacando as ostras, muito lambareira e sensual, a lamber com lingua de gata a rosea ponta dos dedos e a dar estalinhos com a lingua contra o ceu da bocca.

O medico mal tocava no prato por prazer; dizia-se indisposto e começava, contrariado, a franzir as sobrecelhas; Ambrosina porém não desanimava e, em quanto comia e bebia, fazia-lhe infantis caricias e conversava alegremente.

Palraram sobre a viagem no dia seguinte, veio a pello a famosa carta por ella dirigida a Gabriel, e Ambrosina a reclamou logo; queria queimal-a, para que não permanecesse vestigio do seu primitivo amor.

Gaspar concordou e apressou-se a sacar a carta do bolso. Veio com ella de envolta uma photographia.

— É de alguma mulher?!... Deixa-m'a ver! pediu Ambrosina, com grande empenho.

— Qual mulher! É de um sobrinho meu... Ahi a tem, veja!

Ambrosina ficou séria. O retrato era do rapaz que tão insolitamente a fôta á sahida do Alcazar.

— Quem é este sujeito?...

— Um sobrinho meu, acabo de dizer.

— Chama-se?...

— Gustavo Mostella.

— Ah!

— É um excellente rapaz. Tem talento e tem caracter...

— Não me parece boa coisa...

— Engana-se...

— Muito antipathico!...

— Não acho...

E Ambrosina ficou a olhar longamente para a photographia; depois, atirou com esta para junto do prato de Gaspar e disse, espreguiçando-se :

— Ai! ai! Tenho um pouco de preguiça...

— Quer que me retire?

— Não. Que lembrança!... Quero, ao contrario, que me deixes encostar ao teu collo...

E, sem esperar pela resposta, estendeu-se no collo do medico.

Este via-lhe os olhos cerrados a meio, via-lhe a bocca entre-aberta, a mostrar a perola dos dentes, via-lhe a carnação deliciosa da garganta, a transparencia da pelle, o côr de rosa das narinas, e sentia-lhe o aroma dos cabellos; mas a sua physionomia não denunciou o menor abalo interior. A mascara do rosto conservou-se inalteravel.

— Estou meio tanta... segredou Ambrosina. Leva-me para a alcôva, sim? Conversaremos lá...

Mas, com uma idéa subita, exclamou despertando :

— Ah! E verdade! Fechaste a porta da rua?

— Não de certo...

— Espera então um instante... Dispensei os criados... Vou eu mesmo fechal-a, para ficarmos mais á vontade.

— Não é preciso tomar esse incommodo... eu me encarrego disso agora ao sahir. Adeos.

E Gaspar ergueu-se, decidido irrevogavelmente a retirar-se, mas a rapariga não lhe deu tempo para fugir: com um gesto profissionnal e certo, passou-lhe os habeis braços em volta do pescoço, grudando-se toda a elle e prendendo-lhe os labios com os dentes.

O Medico Mysterioso ia arrojal-a de si, quando de subito se arredou o reposteiro da entrada, deixando

ver o vulto transformado de Gabriel, que, trémulo e arquejante, olhos em fogo, os observava mais pallido que um cadaver.

Um só grito se ouviu, feito da exclamação dos outros dous.

Ambrosina, temendo-se em risco de uma aggressão do ex-amante, fugio para o interior da casa, e Gaspar precipitou-se no encalço de Gabriel, que, observada a scena, deixára de novo cahir sobre ella o reposteiro, e aos esbarrões se affastava pelo corredor.

O medico quiz amparal-o nos braços, o rapaz porém o repellio com impeto, balbuciando entre dentes cerrados pela colera :

— Desculpe-me ter vindo interrompel-o nos seus intimos prazeres... Não pude evitar a mim mesmo esta nova baixaza ! Dou-lhe todavia a minha palavra de honra que não a commetti por aquella desgraçada, mas só pelo senhor, a quem eu suppunha meu amigo e incapaz de tamanha infamia !

— Não te illudas com o que viste ! Eu tudo te explicarei, meu filho !

— Prohibo-lhe que me dê esse tratamento ! O senhor nunca foi meu pae, felizmente ! E de hoje em diante nada mais ha de commum entre nós ! Affaste-se de mim !

— Gabriel !

— Não me toque, ou eu o esbofetearei !

E Gabriel, ganhando a porta do corredor, desgalgou a escada.

— Ouve, meu filho ! Ouve-me por amor de Deus ! exclamava o medico já na rua.

Mas o outro havia de carreira alcançado o carro que o esperava na praça, e mandava ao acaso tocar para a frente a toda força.

## XL

### A POBRE LAVADEIRA

No dia seguinte, Gaspar, verificando que o enteado havia fugido do Rio de Janeiro, sem deixar rastros, nem a ninguém communicar o destino que levava, metteu-se, ardendo em febre, a bordo do transatlantico em que contava seguir com elle para a Europa, e por sua vez desapparecia da Côrte, levando o coração tão despedaçado, quanto é natural que a essas horas acontecesse igualmente com o do pobre Gabriel.

Semanas depois desse triste rompimento, que arrojava os dous amigos para longe um do outro, quasi toda a lymphatica população fluminense de novo se agitava num delirio de enthusiasmo.

E que na vespera Ambrosina estréara no Alcazar.

Não se fallava em outra coisa; os jornaes vinham pejados de elogios á deslumbrante Condessa Vesper, metteram-se em circulação os mais pomposos adjectivos, para dar idéa dos encantos da debutante, e, nas rodas dos *habitués* do theatrinho francez e dos flandreses da rua do Ouvidor, descreviam-lhe com assombro a perfeição maravilhosa do corpo.

Foi um estrondoso triumpho! Uma das folhas mais lidas, dizia nas suas publicações geraes, que a nova artista era uma gloria nacional, e que os brasileiros se enchiam de orgulho ao lembrar-se de que aquelle primor de estatuaria viva era carioca da gemma.

Entretanto, a propria Ambrosina estava bem longe de esperar semelhante fortuna.

Um dia o empresario do Alcazar, o Arnaud, que lhe havia já franqueado o theatro, appareceu-lhe de novo a fallar mais insistentemente sobre isso, e, tão bonitos pintou os resultados da estréa, que conseguiu afinal abalar o espirito da loureira.

— Mas olhe que eu não sei cantar, homem de Deus!... objectou ella.

— E alguma das que lá tenho o saberá por ventura?...

— Mas terão boa voz, ao menos!...

— *Nom de Dieu!* praguejou o empresario francez. Não se pôde ter melhor voz do que a sua para o Alcazar! Alli não queremos voz, queremos geito! percebe? A questão é de *savoir faire!*

— Porém é que eu nunca representei em minha vida!...

— E quem lhe pede que represente? Quero é que se mostre! Com esse corpo e essa cara não ha que receiar do publico!

Ambrosina sorriu.

— Além disso... insistio o Arnaud; o palco lhe realçará o prestigio. — Não ha para uma mulher bonita melhor moldura que os bastidores e as gambiarras!...

— E a empreza, como vae?...

— Vae mal! Pois se não tenho ninguem!... Aquella meia duzia de gatas magras que lá estão, desacreditam-

me o theatro ! Faltam-me boas pernas... Se a senhora me voltar o rosto, o Alcazar — morreu !

E o Arnaud accompanhou a sua ultima phrase com um gesto tragico de propheta, que prevê um fim de mundo.

Ambrosina mostrou-se compungida.

— Morre ! é o que lhe digo ! A senhora não sei se o salvará, mas pelo menos ha de suste-lhe a quèda por algum tempo, até que appareça alguem capaz de arriscar alli um par de contos de reis !... Oh ! exclamou o empregario com um ar convicto — aquelle theatrinho é uma mina, que se póde explorar com muito pouco dinheiro ! A questão é de reformar o jardim e mandar buscar um tenor ! Não, não temos absolutamente vislumbre de um tenor ! Quando lhe fallei á primeira vez, ha coisa de sete mezes, se a senhora tivesse querido, eu podia nessa occasião dar-lhe um bom ordenado, mas, o diabo dos negocios foram tão mal de lá para cá, que agora só o que posso fazer é offerecer-lhe sociedade na empresa...

— E você acha que com algum dinheiro se levanta aquillo?...

— Oh ! oh ! soprou o francez, por unica resposta.

— Pois eu me associo com oito contos de réis, e trabalho ; serve-lhe ?

— Se serve ! E affianço-lhe que vae ganhar rios de dinheiro !

No dia seguinte, Ambrosina deu as suas providencias para arranjar o capital ; os oito contos de réis pingaram da algibeira dos seus admiradores, como o summo de uma fructa espremida. Ficou a coisa afinal arranjada da seguinte forma : O então ministro da fazenda, um conto de réis ; o commendador X. X., presidente de certa companhia garan<sup>ta</sup>da pelo Estado,



dous contos; o deputado Rocha Coelho, quinhentos mil réis; mais tres commendadores do commercio, a quatrocentos mil réis por cabeça, um conto e duzentos; um director de secretaria, trescentos mil réis; um banqueiro de roleta, quinhentos mil réis; um fazendeiro, que a convidára para ficar só com elle, oitocentos mil réis. E o que faltava ainda foi obtido em quantias pequenas de algibeiras de todos os tamanhos e jerarchias; de sorte que Ambrosina nem teve de tocar no seu fundo de reserva, como esperava, e talvez ainda guardasse algumas sobras na occasião de reunir o producto das quotas.

Pouco depois, passaram-se os documentos necessarios, e era ella empreezaria do Alcazar.

Estréou com duas pifias cançonetas e um quadro vivo, mas por tal sorte apimentou os versos e os gestos, e tão á mostra apresentou as suas fórmas esculpturaes, que o publico sentio vibrar-lhe no sangue uma faisca diabolica e levantou-se enthusiasnado, a lançar no palco chapéus, lenços, bengalas e ventarolas, possuido de verdadeiro delirio.

No dia seguinte, a sala da Condessa Vesper encheu-se de homens de toda a idade e posição social, e os cartões, os ramilhetes, os offerecimentos, os pequeninos presentes de consideração, choveram de todos os lados.

No spectaculo immediato, subiram os bilhetes a um preço escandaloso, os cambistas encheram-se a grande, e ás sete horas da noite já se não podia passar pela rua da Valla. O theatrinho parecia vir abaixo! O nome da formosa estrella enchia o ar, pronunciado em todos os sotaques e diapasões. O publico sentia-se impaciente, a orchestra apressada.

Afinal, subio o panno, e Ambrosina, quasi nua,

vio-se calçada de flores até acima dos joelhos.

Não obstante, no meio daquella porção de rosas foi envolvido um novo espinho, e este agora bem agudo — era um cartão de Gustavo.

Em casa, no seu primeiro momento de independência, Ambrosina releu o tal cartão, dez, vinte vezes seguidas, e acabou por atirar-se á cama, soluçando, dominada por uma violenta commoção, que não ficou bem averiguado se era produzida pela raiva, pela excitação da noite, ou por qualquer outra causa.

O cartão dizia o seguinte :

« Gustavo Mostella pede á festejada Condessa Vesper o obsequio de marcar-lhe amanhã uma hora, na qual lhe possa elle fallar, em confidencia, a respeito de certa lavadeira por nome Genoveva. Rua do Rezende n. \*\*\* ».

Era simplesmente isto o que dizia o cartão.

E a cousa explica-se do seguinte modo : Gustavo morava n'um commodo de sala e alcova, que lhe alugava a familia Silva, proprietaria e moradora de um sobrado da rua do Rezende. Pagava noventa mil réis por mez, com direito, além da comida, ao arranjo dos quartos, ao banho e ao café pela manhã.

A familia Silva, que se compunha de uma velha chamada Joanna e duas filhas trintonas, era gente pobre, porém bôa e honestamente laboriosa ; e o hospede, em troca dos graciosos desvélos que recebia della, jamais negava os seus serviços, quando tinha occasião de ser-lhe util.

Uma vez disse-lhe a velha que desejava merecer-lhe um favor, e, passando os olhos do nariz para o alto da cabeça, accrescentou com voz mysteriosa :

— Nesse cortiço ahi aos fundos de casa, ha uma pobre mulher, bem aparentada ao que dizem, e que

ha tempos lava para mim ; ultimamente tem estado de cama, e mandou-me agora pedir lhe fosse lá escrever uma carta, não sei para qual dos seus parentes. Como o senhor na occasião não estivesse cá, desci eu propria a ter com ella, achei-a muito mal, coitada ! e prometti á infeliz que, mal o senhor chegasse, lá iria a meu pedido prestar-lhe aquella caridade.

— Pois não, respondeu o rapaz ; posso ir immediatamente, com tanto que venha commigo alguém, para mostrar-me a qual dessas centenas de portas tenho eu de bater.

E, enquanto D. Joanna chamava pela negrinha que na casa representava o papel de copeiro, Gustavo, sem se desfazer do chapéu e da bengala, dizia de si para si, a recordar-se das muitas vezes em que da janella do seu quarto ficava a contemplar a labutação do cortiço : — Deve ser aquella mulheraça gorda e azafamada, que estava sempre a ralhar com as crianças, e de quem copiei o typo da « Brigona » no meu romance « A Estalagem ».

Dahi a pouco esperava á porta da lavadeira que o mandassem entrar. A negrinha tinha já enfiado pelo quarto, a dar noticia da chegada « do moço que ia para escrever a carta ».

O cortiço estava todo em movimento. Havia nelle o alegre e vivo rumor do trabalho. Um grupo de mulheres, de vestido arregaçado e braços nus, lavava, conversando e rindo, em volta de um tanque cheio. Um portuguez, com a jaqueta atirada sobre os hombros, tagarelava com uma negra, que entrára para vender hortaliças ; duas crianças nuas, assentadas na gramma raspada de um quasi extincto canteiro, entretinham-se a enraivecer um cão. Um mascate, com uns restos de cachimbo ao canto da bocca, fumava ao lado de um

taboleiro de quinquilharias de vidro, e conversava em meia lingua com uma velha occupada a depennar um frango.

Gustavo observava tudo isto, e era igualmente observado. Seu typo destacava-se alli, no meio daquella pobre gente, que o olhava com desconfiança.

Mas, afinal, a negrinha reapareceu, chamou por elle, e o rapaz entrou no quarto da lavadeira.

Era um cubiculo estreito e opprimido pelo tecto. Gustavo deu alguns passos e parou, affrontado pela escuridão e pela insalubridade do ar que se respirava alli. A sua retina, que acabava de receber a luz de fóra, ainda se não havia dilatado; só depois de alguns segundos, foi que principiou elle a distinguir vagamente alguns vultos confusos.

— Venha para cá... disse uma voz fraca e arrastada.

O rapaz tomou a direcção da voz, quasi ás apalpa-delas.

A negrinha nessa occasião voltava com uma cadeira, que fóra pedir á vizinha, e Gustavo assentou-se ao lado da cama em que estava a enferma.

Poude então com difficuldade reconhecer que a pobre mulher era justamente quem elle suppunha.

Mas, que mudança!... pensava. Que transformação!...

E declarou que D. Joanna lhe pedira fosse alli escrever uma carta. — A senhora está doente?... perguntou elle depois.

Ao ouvir a ultima phrase, a enferma pôz-se a gemer, como se só então se lembrasse dessa formalidade da molestia.

E começou a queixar-se do que tinha, como se allasse ao medico.

— Estou muito mal, disse; o senhor não faz uma idéa! São pontadas no estomago, dôres nas juntas, tonturas, colicas, e a bocca amarga, que é uma desgraça!

E, como Gustavo fizesse um movimento de interesse :

— Mas o que mais me consome é esta perna! accrescentou ella, esfregando a mão pela perna esquerda. — Olhe!

E, gemendo, cingio o lençol á coxa para dar idéa da inchação.

— Porém aqui ha da ser um pouco difficil escrever... arriscou Gustavo, a olhar em torno de si.

— Abre-se aquelle postigo...

E gritou :

— O' Bento!

— Eu abro! lembrou Gustavo.

E, depois de trepar-se na cadeira, abriu uma janellita de dous palmos, que ficava sobre a cabeceira da cama.

Entrou logo por ahi um grande jacto de luz, cor-tando o espesso ambiente com uma lamina côr de aço.

Foi então que Gustavo vio distinctamente a miseria repulsiva que o cercava.

A lavadeira, deitada sobre uma velha cama de ferro, tinha um aspecto hediondo. A doença comera-lhe a gordura, e cahiam-lhe agora tristementé do pescoço, dos hombros e dos braços, as pelles vasiaas e engelhadadas. Seus olhos desappareciam engolidos pelas palpebras empapadas, sua bocca era uma fistula, a febre levara-lhe os cabellos, e o craneo, mordido pelo mó-lho de luz que vinha do postigo, desenhava-se, como o da velhinha Benedicta, atravez da transparente rede das farripas seccos e grisalhas.

— Já tenho alli a tinta e o papel, disse ella, sem attentar para a preocupação de Gustavo.

Este olhava em torno de si, opprimido pelo aspecto cru e nojento de tudo aquillo. Nas paredes, entre manchas de humidade, havia varias lithographias de santos, nellas pregadas sem moldura; no chão, sapatos velhos, cestos de roupa suja e uma gaiola quebrada; a um canto, uma bacia de folha transbordava agua sabosa. E uma gallinha, cercada de pintos, cacarejava pelo quarto, a mariscar n'uns pratos engordurados, que teriam servido naturalmente á ultima refeição.

— Quando quizer, estou ás suas ordens... observou Gustavo, impaciente por livrar-se daquelle espectáculo.

— Feche-me primeiro a porta, pedio a velha; não quero que oiçam a nossa conversa. Esta gente de cá é muito amiga da vida alheia... Bem! agora puxe aquella mesinha para junto de mim! assim... Pode assentar-se. E antes de escrever, escute... escute com toda a attenção...

Gustavo percebeu que o halito da lavadeira transpirava aguardente.

## XLI

### ESTELLA

Um tanto vergado na cadeira, o antebraço direito firmado sobre a perna, o olhar fito, tinha Gustavo a expressão concentrada de quem ouve com muito interesse.

A lavadeira disse-lhe francamente toda a sua vida; relatou como fôra recolhida á casa do seu protector, a morte d'este e o immediato casamento d'ella com Moscoso; depois fallou a respeito das questões de seu marido com o pae do Medico Mysteroso, do apparecimento de Gabriel, do casamento de sua filha Ambrosina com Leonardo, da loucura do noivo, da morte do commendador, da intervenção de Gabriel, que se amasiou com Ambrosina, e, finalmente, das complicações que surgiram como consequencia de taes desordens, dando em resultado a fugida de Ambrosina com Laura para a Europa, cujo verdadeiro alcance a pobre mulher estava bem longe de calcular.

— Mas, depois da união de sua filha com o Gabriel, como viveu a senhora?

— Ah! é justamente para chegar a esse ponto que lhe contei tudo mais...

E, depois de descansar um pouco, continuou, com a voz sempre arrastada : — Calcule o senhor que um dia encontrei sobre a cama de Ambrosina um bilhete, no qual me communicava ella haver-se mudado para a companhia de Gabriel. Fui lá; minha filha convidou-me para ficar, eu não quiz, e isolei-me na minha casinha do Engenho Novo. Foi então que me appareceu o Alfredo Bessa. O Alfredo mostrou interesse por mim, ia fazer-me companhia, conversar, encarregar-se de meus negocios. Era um bom amigo; um dia propoz-me ficar com elle, e eu acceitei...

E, como Gustavo acabava de preparar um cigarro, ella tirou uma caixa de phosphoros debaixo do travesseiro, passou-lh'a em silencio, e continuou :

— Depois da morte do Alfredo, e como fosse escasseando o trabalho, mudei-me para cá, onde, com o aluguel da casa do Engenho Novo e o resultado de meu trabalho, tratava da vida e da educação de uma orphã, que eu havia tomado á minha conta.

— Diga-me uma coisa, interrompeu Gustavo; esse Alfredo, de que falla a senhora, não foi retratado depois de morto?...

— Foi, porém muito mal; por um moço, que um freguez nosso nos levou á casa. Ficou uma borra-cheira...

— Bem; mas o que é feito daquella menina de olhos vivos, que por essa occasião estava em sua companhia?... Aquella, a quem o moço do retrato prometteu retratar igualmente?...

— Estélla! Pois essa é que é a minha pupilla; mas como sabe o senhor disso?...

— É cá por uma coisa... Vamos adiante.



— Essa menina ia ver-me de vez em quando, mas era interna no collegio das irmãs de caridade em Botafogo. Eu dava-lhe uma pensão com o aluguel da casinha do Engenho Novo, porém ha quatro mezes que as coisas mudaram inteiramente de figura, ha quatro mezes que não pago a pensão; a directora escreveu-me varias cartas, prevenindo que me ia remetter a pequena; eu não tenho onde a receber, nem posso tão pouco ir lá entender-me com ella. É um inferno!

— E porque não a recebe na sua casa do Engenho Novo?...

— Ahi é que bate o ponto! Depois que Ambrosina partio para a Europa, nunca mais me deram novas dessa ingrata, e, como tinha eu a minha filha adoptiva, fazia por esquecer-me da outra; mas, eis o demo, mando uma vez receber o aluguel da casinha do Engenho Novo, e o que recebo, em vez do dinheiro, é a noticia de que a casa fôra vendida e que era agora o novo dono quem n'ella morava. Indago, procuro descobrir o que queria tudo isso dizer, e chego afinal á conclusão de que a casa fôra vendida por Ambrosina, que havia chegado do estrangeiro com o nome de condessa não sei de que!

— Mas, a casa não era sua?

— Sim; havia porém sido comprada em nome de minha filha... para escapar aos credores de meu marido...

— Sua filha! condessa! Ah! exclamou Gustavo; comprehendo! É a condessa Vesper?

— Justamente! é isso!

— Ah! essa sujeita é sua filha?... repisou Gustavo, muito preocupado. E o que quer a senhora que lhe faça agora?

— Que o senhor me escreva uma carta a ella di-

rigida, e dê as providencias para que a carta seja entregue em mão propria...

— Isso hoje será difficil, porque a Vesper tem uma festa no Alcazar; mas vou ver se consigo.

— Está bem, concordou a lavadeira; com tanto que o senhor prepare a carta agora mesmo, e não se descuide de entregal-a quando fôr possivel.

— Pode ficar descansada.

E Gustavo, depois de inteirado do que a velha queria dizer á filha, escreveu a carta, e sahio, prometendo voltar com qualquer resposta.

Eis ahi o que deu motivo ao bilhete, que tanto sobresaltou Ambrosina na noite dos seus triumphos.

Entretanto, o rapaz, ao deixar o cubiculo de Geneveva, levava no coração um motivo de grande contentamento; era o que acabava de saber com respeito a Estélla, a mocinha de olhos bonitos, que tanto o havia impressionado quando a vio pela primeira vez no collegio de irmãs de caridade em Botafogo e logo depois por occasião do malsinado retrato de Alfredo; e a qual, a partir dahi, nunca mais deixára de associar-se aos sonhos do poeta, como a noiva eleita para a sua futura felicidade de homem publico. Ia vel-a afinal, fallar-lhe directamente, e talvez até receber de seus labios de donzella uma esperanza de amor.

Á noite desse mesmo dia foi ao Alcazar, armado com o bilhete que conseguiu fazer ir ter ás mãos de Ambrosina, e na manhã seguinte, perfeitamente seguro do que tencionava pôr em practica a respeito de Estélla, correu ao seu edictor, munio-se com o que ahi tinha em dinheiro, tomou um tilbury e seguiu para o collegio das irmãs de caridade.

Não lhe foi possivel ver a pupilla da lavadeira, prometteram-lhe porém que ás cinco da tarde poderia fallar

lhe em presença da directora, ou da irmã que estivesse de semana. Saldou a conta de Genoveva e, propondo-se pagar um mez de pensão adiantado, soube com surpresa que a sua protegida permanecia ultimamente no collegio, não já na qualidade de alumna, mas de simples empregada no serviço doméstico do estabelecimento.

Retirou-se triste, e durante o resto desse dia nada mais fez do que esperar o momento da promettida entrevista.

À hora aprasada lá estava elle de novo no collegio, e bem pode o leitor calcular com que anciedade não lhe saltaria por dentro o coração, quando lhe annunciaram que a desejada menina ia afinal ser conduzida á sua presença.

Estélla appareceu cabisbaixa e silenciosa na sua estaménha azul ferrete, e com os cabellos escondidos numa desgraciosa coifa de torçal; acompanhava-a de perto a semanaria, velha, macilenta, de oculos quasi negros, mãos occultas nas largas mangas do burel, e o rosto resguardado pelas engommadas abas do seu enorme toucado de linho branco. A rapariga parecia tolhida de sobresalto e timidez, mas seus formosos olhos logo se accenderam e animaram ao dar com os de Gustavo, que a contemplavam enamorados; e, com o feminil e agudo instincto, que jamais atraiçôa a mulher defronte do homem que a ama lealmente, toda ella no mesmo instante se encheu de confiança, deixando em sorrisos transbordar do intimo d'alma a consoladora previsão do novo caminho em flôr, que naquelle supremo momento ia abrir-se para a sua casta e obscura mocidade.

A semanaria, sem levantar a cabeça, nem desencovar as mãos, affastou-se discretamente para um canto da

sala, entrincheirada nos seus terríveis olhos, cujos vidros, redondos e abaúlados, lhe davam á physionomia, assim a certa distancia, um perturbador aspecto de ave agoureira.

Gustavo, ao contrario do que succedia com a moça, e apezar da intima segurança das suas intenções, achava-se cada vez mais perplexo e embaraçado. Foi com uma voz apenas perceptivel que elle lhe fallou da necessidade de cuidar seriamente do futuro della, á vista do precario estado em que se achava Genoveva.

Estélla, com o rosto affogado de commoção, ouvia-o sem animo de arriscar palavra. E o moço não se fartava de vel-a, achando-a agora sem duvida menos bonita, porém muito mais fascinadora e amavel. Naquelles travessos olhos, que os delle enfeitiçaram desde que se viram pela primeira vez, lagrimas já de mulher haviam deixado tenue sombra dessas occultas mágoas, donde tira a natureza as melhores notas dos seus hymnos de amor.

— A senhora não poderá continuar na falsa posição em que se acha... balbuciou elle. É preciso occupar na sociedade o logar que lhe compete...

A semanaria tossio lá do seu canto, e Estélla, abaixando as palpebras, murmurou :

— Será muito difficil... Não passo de uma pobre orphã, quasi totalmente desamparada...

— E porque não se casa?... arriscou o rapaz, abaixando ainda mais a voz.

A rapariga estremeceu, sem responder, mas em compensação a tosse da velha augmentou, e o agoureiro espectro começou a aproximar-se dos dous namorados, sinistro e lento.

Gustavo accrescentou, chegando a bocca ao ouvido da moça : — E se lhe apparecesse um rapaz, pobre,

mas trabalhador e honesto, que a amasse muito... muito...?

Estélla sorriu, de olhos baixos, e começou a torcer e destorcer nos dedos o lenço de algodão que tirára da algibeira; ao passo que a lobrega semanaria, num frouxo de tosse recalcitrante, vinha cada vez mais aproximando delles as duas negras vigias dos seus oculos.

— Então... nada me responde?... insistio Gustavo.

— Não creio... segredou Estélla.

— Pois sei eu de um moço nessas condições, cujo maior desejo na vida é obtel-a por esposa...

A tosse da velha tomou proporções intimidadoras, e dahi por diante não teve trégoas. Estélla torcia e destorcia o lenço com um frenezi mais que significativo.

— Vamos... proseguio o rapaz, ganhando animo e levantando a voz para dominar a tosse da semanaria; vamos... diga se posso levar ao desgraçado uma esperança feliz, ou se tenho de desenganal-o para sempre... Responda, Estélla!...

— Não sei...

— E se uma familia de gente virtuosa e meiga a viésse buscar aqui, com o fim de a levar para a companhia della, não como criada, nem aggregada, mas como amiga, que póde quando quizer montar a sua propria casa e constituir honestamente o seu lar... Diga, Estélla, a senhora não consenteria em acompanhal-a?...

Ella respondeu que sim com a cabeça, e Gustavo, porque a velha tossia agora desesperadamente, exclamou, soltando verdadeiros berros :

— Então em breve estarei de volta, e commigo virá a mãe dessa familia, que se entenderá com a directora

do collegio! Adeus, adeus, minha noiva querida!

Estélla, radiante de alegria, estendeu a Gustavo uma das suas mãosinhas, que elle avidamente tomou para levar aos labios.

A semanaria porém, sem largar de tossir, se havia já mettido de permeio entre elles, emquanto por todas as portas do salão surgiam, fariscantes, muitas outras toucas de linho branco, que a tosse da semanaria e os gritos do rapaz tinham posto em rebuliço.

Gustavo bateu em retirada, mas lá da porta de sahida ainda se voltou para a rapariga, a dizer com os olhos e com o estalar dos labios o que as suas palavras não conseguiram.

E desceu a escada do jardim aos pulos, comò se todo o corpo lhe acompanhasse os saltos do coração, e lá fóra metteu-se de novo no seu tilbury, ardendo por chegar á casa e entender-se com D. Joanna sobre o que acabava de combinar com a pupilla da lavadeira.

Ao chegar á rua do Resende, entregaram-lhe uma carta, que elle arremeçou para o lado, sem abrir, e dahi a pouco ficava assentado, de pedra e cal, que Estélla seria reclamada no dia seguinte ás irmãs de caridade pela familia Silva.

Só na occasião de recolher-se á cama é que o rapaz abriu afinal a carta, e leu o seguinte :

« A condessa Vesper communica ao Sr. Gustavo Mos tella que está ás ordens d'elle amanhã ás tres horas da tarde, Largo do Rocio n.º .... »

## XLII

### RAPINA

Em caminho da casa de Ambrosina, Gustavo ia formulando intimamente as melhores considerações sobre os seus proprios actos. Sentia esse lisongiro goso que experimentamos ao fazer bem a qualquer pessoa, e ao qual, sem intenções paradoxaes, se poderia chamar egoismo da bondade ou desvanecimento do altruismo.

Calculava de si para si que iria entestar com uma pantomineira impertinente e orgulhosa, elle porém ia bem prevenido, e não desanimaria por isso, nem se daria por achado—havia de entregar-lhe a carta da pobre lavadeira, declarando francamente o deploravel estado em que vio a infeliz, e obrigando, com rispidas razões, á famigerada condessa, a mostrar-se menos deshumana com a desgraçada que a trouxe nas entranhas.

E até, como succedera noutro tempo com Gabriel em circumstancias aliás bem diversas, punha já em ordem os seus bellos raciocinios de poeta, formava em linha de batalha os esquadrões dos implacaveis e

persuasivos argumentos, com que havia de vencer aquelle duro coração de libertina, e arrastal-o á comprehensão dos deveres filiaes, por entre uma brilhante escolta de adjectivos em braza.

E caminhou firme para o alcacer inimigo, cuja porta atravessou impavido. sendo introduzido lá em cima á voluptuosa saleta de espera por uma franceza velha e arrebicada, que lhe deu familiarmente o tratamento de « Cher mignon ».

Gustavo, depois de a medir desdenhosamente de alto a baixo, disse-lhe em tom de ordem que fosse prevenir á dona da casa da sua presença alli. E, fechando a cara e dilatando os labios, soprou com força, como se aticasse o morrão que levava acceso para lançar fogo á sua artilheria.

Mas, ao primeiro olhar da inexpugavel Ambrosina, que não levou muito a vir, todo esse arsenal de guerra se dispersou pelos ares, que nem um frouxel de paina ao sopro de inesperado tufão.

Ella entretanto, parecia indifferente, e se alguma cousa transpirava dos seus gestos e da sua physionomia, era uma formal amabilidade, cujo frio sorriso não passava dos dentes.

O noivo de Estélla, embatucado e fulo de acanhamento, gaguejou algumas palavras de cortezia e entregou-lhe a carta de Genoveva.

A condessa o fez passar para a mesma ante-camara em que recebera o Medico Mysteroso, offereceu-lhe uma cadeira e foi sentar-se a um canto, no divan, romper vagarosamente o sobrescripto da carta.

Gustavo observava-a n'uma attitude ceremoniosa. Por mais esforços que fizesse, não conseguia pôr-se á vontade defronte daquella mulher deslumbrante, que o dominava com o seu ar de imperatriz romana.



Sentia-se opprimido por uma irresistivel e humilhante fascinação.

Vesper estava com effeito bella. Os braços e a garganta surgiam-lhe de uma confusão de rendas claras, como de um floco de mythologicas espumas do oceano. A cabeça, rica de contorno, destacava-se no enrodilhado artistico dos cabellos. Os olhos, mesmo quando fechados, transluziam os subtis fulgores da volupia, e a bocca todo o cruel segredo das paixões calculadas, das febres previstas e dos grandes delirios officiaes do amor.

Ao terminar a leitura, ergueu-se altiva, e perguntou ao portador da carta se sabia quem a tinha escripto.

— Um seu criado... disse timidamente o rapaz.

— O senhor? Mas, nesse caso, entre o senhor e minha mãe ha velhas relações?...

— Absolutamente, minha senhora. Eu mal a conheço...

— E ella confiou-lhe tudo o que aqui vem escripto?!...

— Sua mãe havia pedido a uma vizinha que lhe fizesse a carta; a vizinha não pode servil-a e encarregou-me por sua vez de...

— Ó senhores, com effeito! Mas então, minha mãe não teve o menor escrupulo de envolver um estranho nos mysterios de minha vida?

Gustavo sorriu.

— Descanse, disse elle, erguendo-se; nunca terei occasião de fallar sobre semelhante coisa!...

— Heim?! perguntou ella, virando rapidamente a cabeça.

— Digo que não terei occasião de fallar no que me confiou a senhora sua mãe...

— E o que quer dizer o senhor com isso?

— Oh, minha senhora! quero dizer que não me metto com a vida alheia...

E o rapaz accrescentou, depois de uma pausa, durante a qual Ambrosina parecia meditar: — O acaso conduzio-me ao lado de sua misera mãe; ao vela fiquei commovido, offereci-me, não só para escrever essa carta, como para a entregar pessoalmente e exigir a resposta. Se a senhora, porém, não estiver por isso, eu direi á pobre lavadeira que se consóle, e veremos por outro lado... Sempre ha de apparecer algum hospital que a receba por... compaixão.

— Mas, para que diabo me está o senhor a mortificar?... Minha mãe falla-me aqui a respeito da venda que fiz da casa do Engenho Novo; eu, porém, não commetti nenhuma illegalidade com isso — a casa era minha! — nem podia eu adivinhar que um factó, aliás tão insignificante, trouxesse taes consequencias!... Minha mãe, se não está commigo, é porque não quer... ella sabe perfeitamente que eu não lhe fecharia a porta. E para acabar com a questão, vou dar-lhe uma mesada.

E tornou a assentar-se.

— Mas, é a diabo! disse ella depois. Não me convinha envolver estranho algum n'este negocio!...

— Bem! rematou Gustavo, tomando o chapéu; isso já não é commigo... Direi pois á senhora sua mãe alguma coisa a respeito da mesada, e mais tarde, então, a senhora responderá á carta por escripto...

E fez um cumprimento, despedindo-se de Ambrosina.

— Ainda não se vá!... pedio esta, com a voz supplicante e lançando sobre Gustavo um bello olhar de leoa subjugada.

— Em que lhe posso ainda ser util?... perguntou o rapaz, voltando-se.

— Em muita coisa, disse ella, tomando-lhe o chapéu e segurando-lhe uma das mãos. Venha cá... Conversemos...

E depois de novamente assentados: — O senhor vae ser o meu procurador em todos os negocios que disserem respeito á minha mãe.

— Está bem...

— Imagine que será a unica pessoa senhora desse segredo, e que deve guardar sobre o assumpto a maior discreção...

— Póde ficar descansada.

— Já que o acaso o pôz a meu lado neste triste negocio, eu só ao senhor confiarei os meus sentimentos e as minhas intenções... Não me diga que não!

E, abafando mais a voz e chegando-se intimamente de Gustavo, accrescentou, quasi com a bocca em seu ouvido: — Não calcula quanto soffro!... Não calcula quanto me custou fingir a indifferença, que ainda ha pouco affectei ao receber esta carta!... O modo pelo qual está ella escripta revela coração e character. Sei que nunca me hei de arrepender de fazel-o solidario de minhas penas intimas!... O senhor será o unico homem que participará dos meus segredos, mas antes disso ha de prometter-me uma coisa...

— Que coisa?...

— Ser meu amigo e proval-o prestando-me desde já um serviço...

— Qual é?...

— Prevenir minha mãe de que eu irei hoje visital-

a, e vir buscar-me á meia noite para me levar ao cubiculo em que ella mora. Está dito?...

— Pois não...

— Oh! Eu lhe serei muito grata!... Conto então com o senhor á meia noite?

— Sem falta.

— Pois bem, á meia noite o espero aqui mesmo. Já me encontrará prompta para o acompanhar.

— Nesse caso, até logo, disse elle.

— Adeus, meu amigo.

E Ambrosina estendeu a fronte, que Gustavo não beijou.

À hora predicta, já ella com effeito, entocada num carro de praça, esperava pelo rapaz defronte da porta de casa. E dentro em pouco chegavam os dous á miseravel residencia da viuva do commendador Moscoso.

Graças a Gustavo, a lavadeira tinha sido antecipadamente prevenida daquella mysteriosa visita.

Todo o cortiço resonava, prostrado pela grossa labutação desse dia.

Ambrosina, vestida de negro e embiocada em mantilha, entrou na estalagem pelo braço do poeta.

La presurosa e confusa, mas não era a mãe, coitada desta! quem a preocupava nesse instante, era o enigmatico rapazola que lhe dava o braço. Apesar de toda a sua diabolica perspicacia, não tinha ainda a presumida conseguido formar seguro juizo sobre que especie de animal vinha a ser aquelle estranho escripturador de novellas, que a tratava por cima do hombro e com um sorriso tão irritante quão pouco amaveis eram as suas palavras.

Ah! que Gustavo lhe preocupava o espirito e a trazia intrigada desde aquelle seu primeiro olhar á

porta do Arnaud, disse já não havia duvida. Ambrosina a principio procurou, não obstante, explicar o facto por um simples phenomeno de antipathia, mas depois teve de abrir mão dessa hypothese, á vista do insolito abalo nella produzido pelo espinhoso bilhete do estouvado na noite dos seus maiores triúmphos, e agora pela quasi agradável impressão que lhe causára a generosa attitude do bohemio com respeito á pobre velha, de quem ella era filha e mal se lembrava.

Sim senhor! dizia consigo a loireira; podia elle gabar-se de ter maravilhosamente commovido o bello e frio marmore de que era talhada a Condessa Vesper!

Qual marmore!

Os trinta annos de uma mulher, voluptuosa e materialista como aquella, jamais chegam desacompanhados de fundas modificações no seu temperamento. Ambrosina galgára á curvilinea idade em que a mulher perdida faz grande questão dos seus momentos de amor ex-officio e, como para se desferrar dos interminaveis tedios do amor profissional, escolhe delidamente, gulosamente, contemplando, estudando em concentrado silencio de conhecedor, o tenro e appetitoso eleito dos seus dyspepticos sentidos, para afinal o saborear em remancho, reservada e grave, na plenitude de uma delicia cevada e egoistica. E Gustavo tinha então de vinte e quatro a vinte e cinco annos, fortes, sadios e bem apparelhados.

Essa é que era a verdade. Não se vá porém suppor que, por ter já trinta annos, estivesse Ambrosina me-mos bella; ao contrario, o que perdera em graça juvenil ganhára em feminea plastica, attingindo a esse glorioso apogeu da carne, que cerce precede na sua orbita fatal ao primeiro pungir do declinio, mas que

naquelle brillante e rapido fastigio attinge ao mais alto gráo da perfeição da fórma.

Será preciso dizer que tão inesperada resistencia por parte do mocetão, excitou, naquelles zodiacaes e formosos trinta annos, a flamma accesa pelo sensual capricho do momento? e que, ao terminar a visita, já se sentia a caprichosa perfeitamente resolvida a capturar o revesso bohemio, custasse o que custasse?

A visita foi breve, mas em compensação muito penosa para a rapariga. Não contava esta encontrar a mãe em tão negro e repulsivo estado de miseria; as acres fezes da existencia tinham de todo corróido o que por ventura ainda restasse de coragem na pobre vencida, cuja derradeira apparencia de energia só na aguardente encontrava, agora por ultimo, uns vislumbres de muleta. A desgraçada, quando logo pela manhã não bebia o seu trago de canna, desabava paro o resto do dia numa tristeza que a punha scismadora e demente.

Ao ver entrar a filha no quarto, ella começou a chorar. Ambrosina correu a beijar-lhe a mão, e com um gesto pedio a Gustavo que se affastasse.

O rapar sahio, cerrando sobre si a porta, e, durante a abafada conversa das duas mulheres, ouvia-se o som dos passos delle, que lá fora passeiava, á espera, por entre a récuá de casinhas do cortiço.

Ficou resolvido que Genoveva, com um nome supposto, iria para a companhia da Condessa Vesper. Não foi sem repugnancia que a infeliz, apesar do seu geral desfibramento, acceitou semelhante derivativo da miseria, mas esses pobres restos de dignidade não conseguiram vir á tona do lodo em que a triste mãe se anniquilava. Iria viver das migalhas dos brodios pagos pelos amantes da filha, e bem comprehendia

ella, coitada! o alcance de tão extremo recurso, porém que remedio, se lhe faltava agora o animo para tudo, até para deixar de existir?

Já em caminho de casa, Ambrosina, fazendo-se muito intima de Gustavo e sem largar da bocca o nome da mãe, encarregou o rapaz com respeito a esta de varias delicadas incumbencias

. — Não a desampare, por amor de Deus!... dizia ella, segurando-lhe as mãos; faça com que mãesinha vá para junto de mim o mais depressa possivel!... Se soubesse como me dóe na consciencia a ter deixado chegar áquelle estado!... O senhor é a unica pessoa envolvida nisto... Não me abandone, que eu moreria de desgostos! Mãe, so témos uma na vida! e lembrese, meu amigo, que é uma filha que intercede afflicta pela salvação de sua propria mãe!

— Não me descuidarei, descanse! balbuciou elle, um pouco perturbado.

E ella proseguio:

— A ninguem, a não ser o senhor, seria eu capaz de fallar deste modo... Veja como me correm as lagrimas dos olhos!

E levou ás suas faces as mãos de Gustavo, demonstrando-as depois contra os labios, como para lhe dar, com um osculo de gratidão, humilde copia de quanto a penhoravam aquelles serviços.

— Mas que profunda confiança me inspira a sua pessoa!... segredou ella, acarinhando-lhe as mãos com os labios. Nunca fui assim, creia, com mais ninguem, nem mesmo com meu marido! Oh! se o senhor me abandonasse neste transe, nem sei o que seria de mim!

— Não tenha receio...

— Se fôr preciso gastar, não meça despezas... olhe!

o melhor será levar já algum dinheiro... Eu vim prevenida!

— Não, não! Dir-lhe-ei ao depois o que gastar...

— Obrigada! obrigada! Sei que o senhor vae ter incommodos e infinitos aborrecimentos, mas neste mundo devemos socorrer-nos uns aos outros, não é verdade? Oh! como seria eu feliz se algum dia lhe pudesse ser util em qualquer cousa! Socorra minha mãe, e pode dispor de tudo o que possui! Disponha de mim! toda eu estou sua, da ponta do pés a ponta dos cabellos!

— Muito agradecido, mas que exagero! Não vejo motivo para tanto!

E Gustavo, sentindo agitar-se-lhe o sangue, affastou-se discretamente do corpo de Ambrosina, que ao d'elle se havia ligado inteiramente.

— Ah! chegamos! exclamou o perseguido com um suspiro de desabafo.

O carro havia com effeito parado á porta da Condesa.

— Não se vá... disse esta ao moço, despedindo o cocheiro. Sinto-me tão abalada pela commoção, que receio ficar sosínha... Faça-me um pouco de companhia á ceia... É um favor que lhe peço. Juro que não o deterei por muito tempo!...

Gustavo esquivava-se com desculpas e agradecimentos, sentindo-se quasi ridiculo.

Ella o prendeu pelos braços, puxando-o para dentro do corredor. E, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, disse-lhe com o rosto encostado ao d'elle:

— Não sejas tôlo, meu amor!

E com um violento beijo, em que os dentes dos dous se chocaram, Ambrosina injectou-lhe no sangue o allucinante morbus da sua venefica luxuria.



## XLIII

### ENTRE GARRAS

E a partir de tal momento, Gustavo nunca mais se possuiu.

O leitor, que já sabe de quanto era capaz Ambrosina, poderá facilmente imaginar o que não teria feito esse formoso demonio para captar o amor do impressionavel moço, e o modo pelo qual não ficaria este, de corpo e alma, seu escravo.

Arrastado a principio só pelos sentidos, depois atraído pelo sentimento e pelo habito, pouco a pouco se foi o misero convertendo em *amant du cœur* da Condessa Vesper.

E tal situação lhe creava serias difficuldades, porque, embora se recusasse Ambrosina acceitar das mãos d'elle qualquer dadiua de valor, impunha-lhe todavia a dignidade, ainda não vencida de todo, contrariar frequentemente a generosidade da amante, o que para o infeliz representava verdadeiros sacrificios.

D. Joanna, a cujo cargo se achava Estélla havia já cinco mezes, em balde tentára chamar de novo o hospede ao bom caminho. Gustavo, além de não realizar

o casamento com a rapariga no prazo combinado, parecia disposto a sacrificar a pobre senhora, não pagando as atrasadas contas do que lhe devia. Ella, por sua vez endividada com os fornecedores, revoltou-se afinal e declarou que, em attenção ás circumstancias, guardaria a orphã comsigo, mas quanto ao outro, que não estava absolutamente disposta a continuar a dar-lhe casa e comida, antes da solvencia dos seus proprios compromissos.

Gustavo retirou-se da casa, abrindo mão de tudo que possuia, menos roupa, livros e manuscriptos, e lá se atirou elle para o centro da cidade, á procura de um commodo mobiliado em um desses coloniaes edificios do tempo da Independencia, cujas formidaveis e vetustas salas, de paredes de metro e meio, se viam agora tristemente transformadas em verdadeiras colmeias de pinho forrado de banalissimo papel de côr, e aos quaes davam os seus sub-locatarios o pomposo titulo de « Palacete d'hospedes. » Não era muito valioso o espolio do que, a saldo do seu debito, deixára com D. Joanna o litterato, mas quanta perseverança, e quanta privação de pequenos gosos vulgares, não representavam esses modestos e adorados moveis, lentamente adquiridos á proporção que iam apparecendo os recursos e se offerecendo as propicias occasiões! Além dos objectos de utilidade prática, havia tambem alguns quadros comprados ao belchior e algumas pobres esculpturas, que de preciosas só tinham a boa vontade de quem as conservava com tanto carinho.

Mas foi-se tudo, e com essas frageis cousas tambem se lhe foi o equilibrio da vida e do trabalho, tão penosamente conquistado, para de novo abrir-se sob seus pés os negros alçapões da bohemia, com todas as suas desordens, martyrios e vergonhas, mas sem lhe

renascer, ao lado disso, aquella primitiva febre de concepção intellectual, com que dantes o visionario durante longas horas do dia ou da noite desunhava seus romances, apenas alimentado, além de suas esperanças, por um pão comprado na vespera no kiosque da esquina e uma caneca de café nem sempre quente.

Ambrosina, entretanto, ia para com elle se fazendo menos amorosa e muito mais exigente em sacrificios de ordem moral. Queria agora que Gustavo a acompanhasse todos os dias aos ensaios no Alcazar, e que á noite se conservasse na caixa do theatro enquanto durasse o espectaculo, e que a levasse ás compras á rua do Ouvidor, e sahisse com ella de carro a passeio pelo Catette e Praia de Botafogo.

O rapaz protestava, mostrando a falsa posição e o ridiculo que lhe provinham de tudo isso, sem fallar no perigo de perder o seu escasso emprego, unica fonte de recursos certos que lhe restava.

A taes protestos seguiam-se arrufos e rompimentos, que apenas duravam horas e terminavam numa doida explosão de caricias mutuas.

Ainda lhe acudiam, todavia, subitos lampejos de dignidade, e elle nesses lucidos instantes tentava reagir com animo forte, mas Ambrosina, inexoravelmente, se desfazia em lagrimas e soluços, enleando-o todo com ineditos juramentos de amor e mil beijos enlouquecedores, aos quaes cedia o desgraçado, cada vez mais prisioneiro e vencido.

De outras vezes eram os ciumes que o arrebatavam. Nessas occasiões Gustavo perdia de todo a cabeça e esbravejava furioso. Ella porém sorria de si para si e bem pouco se movia com taes crises, segura, na sua provecta experiencia do amor libertino, de que por

simples zelos nenhum homem abandona á mulher amada; e tratava então de seguir a bôa tactica aconselhada em taes occasiões — fechar os braços e negar os labios, deixando que agora chorasse elle por sua vez, emquanto ella descansava os olhos e a garganta, tranquillamente á espera dos indefectíveis affagos da reconciliação.

E Gustavo entrava cada vez mais fundo no aviltamento, em cujo lodo a sua intelligencia, arrastando as azas encharcadas, nem se quer ousava já erguer os chorosos olhos para nenhum dos seus primitivos idéaes. Faltava-lhe agora coragem para tudo, para todo e qualquer esforço; era com difficuldade até que ainda comparecia elle de quando em quando ao seu emprego publico, apesar das repetidas admoestações do chefe da repartição. Estava deleixado, preguiçoso, subserviente e tristonho. Á tarde e á noite, nuns incoersiveis apuros de dinheiro, percorria as casas de jogo, jogando quando podia, e arranjando modos de jogar com as sobras dos alheios lucros, quando de todo lhe falleciam os proprios meios.

Um dia recebeu a demissão.

O que seria d'elle agora?... pensava desanimado. Ambrosina, porém, não se mostrou affligida ao receber tal noticia; declarou ao contrario que chegava a estimar o facto, pois assim o seu Bebê ficaria della exclusivamente.

E a quéda do desgraçado ganhou dahi em diante vertiginosas proporções. Gustavo chegou a aceitar obsequios reaes da amante, e muitas vezes encontrou nas algibeiras dinheiro, que elle não sabia donde procedia.

Revoltou-se a principio, mas Ambrosina, tapando-lhe a bocca com a della, lhe afogou a ultima reacção

do brio com a lama dos seus implacaveis beijos.

E assim quasi dous annos decorreram. Por essa época justamente morria Genoveva no hospital. A pobre mulher consentira em ir morar com a filha, mas não pudéra supportar por muito tempo o triste papel, que ao lado daquella lhe impunham as fataes circumstan- cias do meio. Tinha ás vezes, bem a contra gosto, coitada! de intervir nas degradações de Ambrosina, e isso lhe doía ainda por dentro, como se lhe fosse direito a algum ponto de sua alma, por ventura conser- vado intacto. Doía-lhe a cumplicidade nos embustes e tramoias da filha contra a bolsa dos libertinos ricos, nas mentirosas desculpas aos amantes explorados e illudidos, na comedia, sempre repetida, da conta apresentada por terrivel credor no melhor momento de um matinal idyllio, cujo preço devia, em bôa consciencia, estar já comprehendido nas largas despezas da noite anterior. E ainda mais lhe doía o ver-se em muitos casos obrigada a commissões degradantes, passando por hypocrita e avida de propinas quando tentava revoltar-se, fazendo rir quando de todo não podia conter o pranto, e ouvindo monstruosidades quando tentava escapar aos estroinas, que lhe davam palmadas nas illhargas e derramavam champagne pela cabeça.

Em publico, a Condessa Vesper achava muita graça em tudo isso, e applaudia a estroinice dos seus liber- tinos com gargalhadas profissionaes, mas em parti- cular, quando se achava a só com a mãe, tinha para esta palavras de filha e pedia-lhe desculpa daquellas brutalidades. Genoveva, porém, não se consolava e, apesar das suas abstracções de demente, preferio que a mettessem num hospital, e no fim de contas lá mor- reu, inteiramente desamparada.

Ambrosina chorou nesse dia, mas, para não dar na vista, foi á noite ao Alcazar, e não deitou luto.

Pouco depois, Gustavo lhe appareceu uma bella manhã mais expansivo, e tomando-a pela cintura, disse-lhe que tinha arranjado um emprego rendoso, e queria propôr-lhe uma coisa...

— O que vem a ser?... perguntou ella.

— Oh! uma coisa muito séria, cuja realisação depende exclusivamente da resposta que me déres ao que te vou perguntar!

— O que é?

— Dize-me francamente, Ambrosina, tu me amas?...

— Ambrosina olhou em silencio para elle, e riu-se.

— Não zombes... Responde! Preciso saber se me amas devéras!...

— Mas para que?...

— Preciso... Responde!

— Dize primeiro para que é...

— Pois bem; ouve: preciso saber se devéras me amas, porque se assim fôr, quero que despeças todos os teus amantes e fiques somente commigo!

— Ora essa! Para que?... E porque?...

— É bôa! Porque te adoro! porque preciso de ti para viver! porque não posso continuar a supportar as tuas relações com outros homens! Agora, que já tenho um ordenado, desejo dividil-o honestamente contigo, na paz de uma existencia confessavel, e trabalhar muito! Mas, para a realisação de todos esses sonhos, é indispensavel primeiro saber se me amas por tal forma que sejas capaz daquelle sacrificio...

Ambrosina não respondeu; ficou a scismar.

— Então?... insistio Gustavo, responde, minha amiga! uma palavra tua dar-me-ha mais coragem que

todos os clamores do meu caracter! Lembra-te de que por ti esqueci tudo, desviei-me do meu futuro, cortei minha carreira, acovardei-me, perdi-me! Vamos! Não me queiras obrigar agora a amaldiçoar o destino que nos aproximou! Falla! Dize! Dize-me alguma coisa!

— Mas o que queres tu que eu te diga?...

— Quero que me digas se me amas e se és capaz de um sacrificio por esse amor; se tens, finalmente, alguma coisa no coração que te dê animo para esquecer todo o passado, abdicar do luxo, privar-te dos prazeres ruidosos, e viver só commigo e exclusivamente do nosso amor! Falla! Dize! Lavra a minha sentença!

Ambrosina fez um ar concentrado, foi até ao sofá, assentou-se, cruzando as pernas e deixando-se cahir sobre as almofadas; depois offereceu a Gustavo um lugar ao pé de si, e disse-lhe:

— Queres que te falle com toda a franqueza?...

— De certo.

— Olha lá!

— Não quero outra cousa.

— Talvez venhas a arrepender-te, e nesse caso o melhar é ficarmos calados...

— Não! Falla!

— Bem; vais ouvir então o que nunca imaginaste, nem eu a ninguem revelaria expontaneamente... vais saber de cousas minhas, cuja transcendencia nem comprehenderás talvez. Vou levantar a lousa do meu coração e consentir que, pela primeira vez, alguém penetre nelle. Coragem, e escuta!

Gustavo estremeceu da cabeça aos pés, e concentrou se ancioso, com a alma suspensa dos rubros labios da leoa.

## XLIV

### VIVA NAPOLEÃO!

— Toda e qualquer mulher, principiou a condessa Vesper; uma vez viciada pela ociosidade farta e pelo habito quotidiano da satisfação de todos os seus instinctos e de todos os seus caprichos, nunca jamais se poderá contentar com a banal existencia de chá com torradas, que lhe offereça um rapaz pobre e honesto, de roupa bem escovadinha, lenço cheirando a agoa de colonia, e algibeiras cheias de maximas philosophicas em prosa e verso...

E, a um gesto interlocutorio do amante, disse ella entre parenthesis: — Não tens de que te espantar com esta franqueza! Que diabo, filho! eu bem té preveni!

E proseguio, sem esperar pela réplica: — Acredita numa triste cousa, meu pobre Gustavo; essa denominação que vulgarmente nos conferem de « mulheres perdidas » é muito justa e muito verdadeira, pois com effeito não ha salvação possivel, para a desgraçada uma vez presa na voragem da ostentação mantida pelo proprio corpo. Podemos, por alguns dias, alguns



mezes, alguns annos até, reprimir e disfarçar os vícios da nossa vaidade; mas, lá chega um bello moment, em que, só o simples espectáculo de uma outra mulher que nos passe defronte dos olhos, triumphante no seu phaeton tirado por animaes de raça, exhibindo um rico vestido á ultima moda, e a idéa de que com uma simples pirueta na vida a supplantariamos immediatamente, é quanto basta ás vezes para *tranverser* toda a nossa pseudo regeneração e de novo atirar com nosco á primitiva e seductora lama! Não te revoltes, meu amigo! Fallo-te com o coração nas mãos e segura do terreno em que piso. Para nenhum outro homem teria eu esta franqueza, porque isso me poderia acarretar gravissimas desvantagens profissionaes, mas contigo, que nada mais tens para mim do que o teu amor de poeta...

— Cynica! atalhou Gustavo.

— Oh! nada de palavrões! Não tens direito de enfiar-te, nem eu estou agora disposta a uma scena violenta.

— Pois então não me provoques com palavras que me humilham!

— Não sei porque te has de julgar humilhado. Supporás acaso que enxergo alguma superioridade nos homens mais ricos do que tu? Se elles tem mais dinheiro, é porque o herdaram, ou o roubaram, ou o ajuntaram a força de paciencia e economia; isso, porém, não vale a millesima parte do teu talento e ainda menos do nobre desprezo que tens pelas vaidades burguezas e pelas ambições vulgares. Todavia, filho, o teu talento, por maior, nem todos os teus brilhantes meritos, seriam capazes só por si de dar-me a deliciosa febre, o delirio do goso de opprimir pela inveja ás mulheres honestas, os loucos transportes

dos vícios ultra-humanos e sensacionaes, o insubstituível prazer de vingar esta carne que se vende, a ella escravizando e com ella envenehando os que a compram e conspurcam de beijos luxuriosos !

— Oh ! Se me amasses, nem uma só dessas coisas te acudiria ao pensamento, quanto mais aos labios !

— Mas, valha-te Deus ! tudo neste mundo é relativo. Se eu te não amasse, filho, não estarias tu aqui assim, ao meu lado, a pagar-me em palavras duras o direito que meigamente te confiro de dispôr de mim, como se fôras meu dono... Creio pelo menos não haver eu recebido nenhum decreto do Imperador, mandando-me que te ature ; se o faço é porque te amo, toleirão !

— Entretanto, disse elle, erguendo-se ; bem diferente é o amor que me inspiraste!... Eu tambem vivia preso a uma outra vida, melhor que a tua ; não feita de falsas e ostensivas vaidades, mas de justas e sinceras aspirações, e com a qual tive de romper por amor do teu amor... Sonhos, esperanças, idéaes, tudo calquei aos pés, para ás cegas seguir o destino que teus olhos avistassem ! Tu não tens coragem para deixar um vestido á moda e um carro, e eu tive para abandonar o caminho que conduz a todas as considerações publicas e a todas as felicidades intimas ! Ah, não ! tu não me amas, desgraçada ! tu nunca a ninguém amaste !

— Como te enganas !... murmurou Ambrosina, com um suspiro profundo. Oh, se amei !

— Ah !

— Oh, se amei ! Tudo o que agora sintas, e muito mais, tudo isso já passou por esta alma perdida e gasta !... Pede a Deus nunca te faça a ti soffrer o que eu soffri !...

— Ah! então tu não me amas, porque já amaste de mais? Não me amas, porque foste já inteiramente de outro?! Oh! por piedade não me mates deste modo! por piedade não me falles em outro homem!

E Gustavo, arfando, deixou-se cair em uma cadeira, a segurar a cabeça com as duas mãos.

— Não foi um homem... segredou Ambrosina, inda affagar-lhe os cabellos. Põe a larga o coração e reprime os teus zelos... Vou confiar-te um manuscripto, que outros olhos não viram além dos meus... Se o leres, ficarás inteiramente tranquillo... e talvez curado.

— Um manuscripto?

— Sim, querido; uma simples nota de minha pobre vida, mas pela qual poderás penetrar até ao fundo do meu coração, e de lá voltares sarado para sempre da poetica illusão de amor que te inspirei. Espera um instante.

E dahi a pouco voltava ella com um pequeno livro de capa negra, que passou a Gustavo.

Este abriu o livro, e leu na primeira pagina:

« LAURA »

— Que significa este nome? exclamou o rapaz.

— Lê! disse Ambrosina. É quasi nada... obra de alguns minutos de leitura...

Gustavo affastou o reposteiro da janella e, á luz que vinha de fóra coada pelas cortinas, começou a ler o seguinte:

« Era no inverno, um ceu de lama enlameava a terra. Eu vagava pelas ruas, sem destino, embrigada e foragida.

« Nessa noite havia rompido com o meu amante, o meu primeiro homem, porque a subita loucura do outro, que tive por marido, não lhe deu tempo para me fazer mulher.

« Na questão com meu amante era deste a razão e minha toda a culpa : fôra eu nessa mesma tarde surprehendida por elle a trahil-o, ao fundo da chácara, sob um caramanchão de jasmims, com um miseravel que lhe parasitava a bolsa e lhe corrompia o character.

« Fugi de casa com medo que ahi me matassem numa crize de ciumes, e quando me achava lá fora, prestes a succumbir ao cansaço e ao desamparo, fui soccorrida por um pobre homem, generoso e rude, que carregou commigo e me recolheu ao leito virginal de sua idolatrada filha.

« Foi então que conheci Laura.

« Um sonho! Deseseis annos, olhos negros e ardentes, bocca desdenhosa e sensual, dentes irresistiveis e um adoravel corpo de donzella.

« Acordei essa noite nos seus braços.

« Foi o meu unico amor em toda a vida. Jamais em delirio de sentidos, paixão, esquecimento de tudo, alma e carne se fundiram numa só lava de desejo insaciavel e ardente, como com as nossas succedeu para sempre nessa noite immensa, mysteriosa, revolta e sombria como um oceano maldicto.

« Fugimos as duas para a Europa.

« O pae de Laura morreu de desgosto.

« E para nós outras se abriu uma estranha vida de delicias transcendentaes e cruéis. Primavera em Nice e fomos de verão a Pariz. O velho mundo, systematicamente orgiaco, nos era indifferente e banal. Vivianos uma para a outra.

« Laura, porém, ao declinar do estio, começou a

soffrer. As violetas dos seus olhos, mais doces que as estrellas do Adriatico, iam se fanando e amortecendo; vinham-lhe ás faces sinistras manchas còr de rosa, e, aos primeiros crepusculos do outono, todo o seu mi-moso corpo de flôr impubere cahio a definhar, pendido para a terra.

« Eu passava os dias e as noites ao lado della, numa vigilia de beijos angustiosos, em que o meu amor libava dos seus labios murchos a derradeira essencia.

« Prazer horrivel! Quantas vezes não imaginei que naquelles nossos sombrios extasis, ia beber-lhe o ultimo alento? mas em vão tentava a morte intimidar-nos, rondando-nos as caricias e disputando da minha bocca a doce e cobiçada presa; mais forte do que ella, era a sanguinea onda do desejo que nos arrebatava, num só bulcão de fogo, aos páramos do supremo delirio da carne.

« Laura voltava sempre estarecida e chorosa desses fataes arrancos dos sentidos. Eu bebia-lhe as lagrimas.

« Uma noite, ergueu-se a meio na cama, e fitou-me estranhamente. Tinha os olhos em sobreralto, a bocca desvairada.

« — Laura! exclamei, sacudindo-a nos meus braços.

« Ella conservou-se immovel.

« — Laura! minha Laura! não me attendes? E a tua Ambrosina que te falla! Ouve! escuta, meu amor! minha vida!

« E cobria-lhe o tremulo corpo de afflictivos beijos.

« Laura, porém, continuava estatica e de olhos fitos nos meus. Afinal levantou-se sobre os joelhos, volveu a cabeça vagarosamente de um para outro lado,

e depois, soerguendo o seu debil braço de virgem, a apontar a tóa, na inspiração do delirio que a arrebatava para os seus remotos devaneios da puericia, disse-me com a voz commovida e quasi extincta :

« — Não ouves?...

« — O que?!

« — O som longinquo dos tambores...

« — Minha Laura!

« — É Bonaparte que reúne os seus soldados para a guerra... Não vês além esfervilhar acceso o oceano de bayonetas?... Olha! vão bater-se! Agitam-se por toda a parte as aguias victoriosas! A multidão saúda o grande corso! Elle agora passa em revista as tropas, montado no seu cavallo branco... Fervem gritos de entusiasmo, clarins resóam, atrôa os ares o ruflo dos tambores! Officiaes, refulgentes d'ouro, galopam sobre os rastros do meu Imperador. Como vae bello! Da pallidez da sua fronte e da sombra de seus olhos transparecem fulgurações divinas. O seu sorriso é um clarão de gloria... Eil-os que partem! Já mal se avista o fuzilar das armas e mal se ouvem trovejar tambores. É a tempestade que se affasta para reben-tar além. Rompeu o fogo! Estão em plena batalha! A polvora os embebeda numa nuvem de fumo. Ninguem mais se entende! Chocam-se os esquadrões, retinem os ferros, ronca a metralha! Avante! Avante!

« E Laura, de pescoço estendido, a bocca aberta, o olhar disparado em flecha, deixou-se cahir sobre as mãos, numa attitude de esphinge, e murmurou, apenas perceptivelmente :

« — Viva Napôleão!

« E, num estranho chorar de morta, começaram-lhe as lagrimas a escorrer dos olhos pelas faces em-murchecidas, sem um soluço, nem um gemido.

« — Laura! clamei, tomando-a nos meus braços.

« Ella deixou pender mollemente a cabeça sobre meu hombro, estirou os membros, e um extremo suspiro lhe fugio do peito

« Já não vivia.

« Apoderei-me della então, louca, sem consciencia de mim (Ainda era tão formosa!) e collei meus labios aos seus amortecidos, e enlacei-a toda fria contra o meu collo ardente, bebendo o derradeiro calor daquelle idolatrado corpo já sem vida.

« E foi a ultima vez que amei... para sempre! »

— Vês tu? interrogou Ambrosina, entre sorrindo e triste, quando Gustavo fechou o livro; « Para sempre!... »

Elle demorou-se um instante a contemplar, muito abstracto, a capa do manuscripto; depois, como se despertasse, o restituiu á dona, e foi buscar o chapéu e a bengala.

— Adeus... disse.

— Para onde te atiras? indagou-ella.

— Não sei...

— E quando voltas?

— Nunca mais...

— Hein? Nunca mais?!

— Sim. Adeus.

Houve um silencio, durante o qual o desgraçado em vão esperou que a amante lhe cortasse a retirada com uma carga de caricias; Ambrosina não se moveu do divan em que estava, e murmurou afinal, de olhos meio cerrados:

— Pois adeus...

Gustavo despejou-se para a rua, levando a morte no coração. Dizia-lhe no intimo um sinistro presentimento que desta vez não iria a caprichosa, como das outras, desencoval-o donde se escondesse elle, para o reconduzir, escoltado de beijos, ao seu delicioso presidio.

— Está tudo acabado ! Tudo acabado ! monologava o infeliz, atravessando a praça de D. Pedro I.

E era ella quem, de olhos seccos e bocca vazia, lhe fechava a porta da alcôva ; e era elle que agora estalava de anciedade por lhe cahir de novo aos pés, rogando-lhe que lhe deixasse continuar a ser martyrisado e aviltado !

Ah ! não se pôde avaliar dessas primeiras horas de abandono, sem se ter sido um dia despresado de subito pela mulher amada ; são seculos de uma agonia constante e mortifera, que nos converte a existencia na mais pesada das grilhetas, e nos reduz o coração a uma carnaça babujada e dilacerada pela matilha dos ciumes e das saudades. Todo o nosso organismo se transforma então num laboratorio de fel bilioso, onde o espirito vae buscar a tinta negra e amarga com que veste os seus gemidos e os seus lutosos pensamentos ; agro periodo de desfibrinação do nosso pobre ser, durante o qual perdemos todas as forças de resistencia para as luctas da vida moral e physica.

Só dous dias depois dessa inquisitorial tortura, em que de todo elle apenas se conservou inabalavel o proprio mal que o devorava, foi que Gustavo descobriu por fim a verdadeira razão daquelle insolito desabrimiento de Ambrosina, e da proterva franqueza com que esta lhe patenteára as secretas podridões da sua libertinagem ; é que a vil tinha já de olho, em virtual preparação, quem o devia succeder no amor ex-officio, um guarda-marinha de desoito annos, moreno e



meigo, tímido como as primeiras violetas de Junho, e lindo como o primeiro amor dos adolescentes.

Gustavo os vira juntos uma vez, por acaso, ao fundo de um camarote no Polytheama, tão felizes e tão invejados, que teve de fugir d'alli para não commetter algum crime. Depois começou a encontral-os por toda a parte, sempre inseparaveis e confidenciaes; encontrou-os nas corridas do Jockey-Club, no jardim do hotel Dory, nos gabinetes particulares do Pariz, nos bailes do Rocamble e na caixa do Alcazar.

E sua alma pôz-se mais negra e infecta do que a lama dos esgotos.

Deu então para beber, e, uma vez ébrio, ia provocar Ambrosina á casa desta, lançando-lhe da rua todos os vituperios de que era capaz o seu desespero; mas depois, ás horas mortas da noite, quando, por um phenomeno do vicio, mais forte lhe roncava por dentro o desejo della, voltava o miseravel, como um cão enxotado e fiel, a uivar á porta da prostituta as angustias daquelle amor que lhe punha o coração em lepra viva. E chorava, esupplicava, com humildes lagrimas de mendigo faminto, a esmola dos sobejos do outro.

Ambrosina, sem lhe esconder ao menos os risos da festa ao sangue novo com que se banqueteara a sua gulosa carne, mandava correl-o pelos criados; e, de uma feita, ás tres da madrugada, o fez levar preso por um soldado de policia.

Gustavo foi de novo posto em liberdade no dia seguinte ás nove horas da noite, e ao sahir da enxovia levava no coração uma idéa sinistra e decisiva.

Consultou as algibeiras. Tinha de seu apenas quatrocentos reis.

— É quanto chega! disse elle.

E caminhou resolutamente para o centro da cidade.

## XLV

### DE CONDESSA A PRINCEZA

Desceu a rua do Lavradio, atravessou a praça de D. Pedro I sem olhar para os lados, e seguiu pela rua da Carioca até ao Largo do Paço. Penetrou no pequeno jardim defronte da Capella Imperial e assentou-se um instante num dos bancos lateraes, a olhar abstractamente para o mal illuminado palacio do Imperador, que nessa tarde havia descido de Petropolis. Depois ergueu-se com um grande suspiro, e, de chapéu na mão e passos lentos, encaminhou-se para uma tasca do Mercado, pediu aguardente de canna, bebeu de um trago mais de meio copo, e tomou afinal a direcção do ponto das Barcas Ferry.

Ao chegar ahi, olhou para o mar; a noite estava limpida e toda afogada de estrellas. Muita gente descia de Nictheroy; senhoras e mulheres do povo recolhiam-se á Côte, trazendo ao collo, ou arrastando pela mão, crianças tontas de somno que rabujavam.

Bateram onze horas.

Gustavo comprou o seu bilhete de passagem com os

ultimos duzentos reis que possuia, cruzou a estação, entrou na barca, subiu á coberta, e foi assentar-se á prôa, com o cotovelo nas grades da amurada e o rosto apoiado a uma das mãos.

Ninguem lhe via as lagrimas.

Em breve a machina principiou a roufenhar, movendo no ar os gigantescos braços da balança, e a embarcação começou a mexer-se e a desgarrar-se do pontão flotante, tranquillã, pesada e lenta, como um terciario pachyderme que abrisse o nado nas suas agoas favoritas.

Havia poucos passageiros no tombadilho. Um grupo de rapazes, amejoados num dos bancos do centro, conversava alegremente, dizendo versos em voz alta e fallando de poetas brasileiros. Gustavo ouviu pronunciar o seu nome e ouviu declamar sonetos seus. O homem do leme vigiava o horisonte, a espiar o rumo da viagem pelo postigo da sua guarita.

E a melancolia do mar erguia-se para o ceu, bebendo a luz das estrellas.

Gustavo accendeu um cigarro, e pôz-se a andar de uma ponta a outra do convez.

A barca adiantava-se, arfando.

Ao meio da bahia, elle atirou fóra o cigarro, procurou um ponto mais deserto e sombrio ao lado da chaminé, transpóz o gradil da amurada e, de pé sobre as bordas desta, olhou por algum tempo o mar; e depois, cerrando os olhos, de um salto se precipitou nelle.

As agoas fecharam-se sobre o seu corpo.

— Homem ao mar! gritou surdamente uma voz á popa.

Mas ninguem deu por isso, nem se moveu, e a barca

continuou inalteravelmente a cortar a bahia em direcção de São Domingos de Nictheroy.

Só dahi a tres dias, quando as ondas regeitaram á praia do Flamengo o cadaver do suicida e a policia o recolheu ao funebre deposito da ladeira da Conceição, pois ainda não estava concluido o necroterio visinho ao Arsenal de Guerra, foi que, pelas circumstanciadas noticias da imprensa, veio a saber Ambrosina do triste fim da sua recente victima.

O tragico desfecho daquelle desgraçado drama de amor e de depravação, que os jornaes diarios trataram logo de explorar, a impressionou profundamente pelo seu lado espectacular, e veio a servir para accrescentar ao novo capricho da loreira pelo tal guardamarinha de dezoito annos, uma nota sentimental e fatidica, que o tornava muito mais exquisito e sabroso.

E a farçante condessa teria sem duvida tirado muito maior partido desse theatral episodio da sua espaventosa existencia, se nessa occasião não lhe apparecesse uma alta e seductora empreza, a que ella de prompto se lançou, sem distracção da menor particula de sua actividade.

É que acabava de cahir sobre o Rio de Janeiro, depois de uma divertida viagem de correcção á volta do mundo civilisado, o famoso e estouvadissimo principe D. Felipe, sobrinho do Imperador e alumno da Escola Militar.

D. Felipe era o tormento do velho Monarcha, que na sua patriarchal rispidez de actos publicos e privados, nem lhe daria de novo accesso em palacio ao lado dos netos infantes, se não foram as intercessões da virtuosa e compassiva Imperatriz Dona Thereza. **D. Pedro II não perdoava ao sobrinho as estroinices**

e extravagancias, que ás vezes, força é confessar, degeneravam em ribaldaria e maldade.

Dera motivo á correcional viagem de que agora tornava sua Alteza, uma terrivel diabrura celebrizada nos annaes contemporaneos da vida fluminense; e foi que um dia, depois de uma formidavel desordem no jardim do Alcazar, a policia, no meio de grande pancadaria, cadeiras partidas, mesas e cabeças rachadas, colhera varios estudantes da Praia Vermelha, entre os quaes se achava o incorregivel principe.

D. Felipe foi, com os seus collegas de curso academico e companheiros de pandega, conduzido pela força policial á Escola Militar, porque só ahi podiam, elle como aquelles, ser submettidos á prisão.

Imagine-se em que estado não iriam !

Eram tres horas da madrugada quando lá chegaram, e o facto, aliás commum, teria passado sem notoriedade, se o demonio do rapaz não se lembrasse de, ao enfrentar com o corpo de guarda da imperial academia, sacar da algibeira o Tosão de Ouro que levava consigo, e, com elle pendurado ao pescoço, entrar solememente no bellico recinto.

Como de rigor, o Official de guarda mandou bradar armas ao Tósão de Ouro, o que equivalia a dar signal da presença do Imperador, pois no Brasil só este até ahi ousára servir-se dessa cavalleiresca ordem de Felipe o Bom, apesar de ser ella facultativa aos outros membros varoes da familia imperial brasileira.

Fez-se alarma. Toda a Escola ferveu logo num levante, ao estrugido de tambores e clarins que chamavam a postos o Estado Maior.

E os velhos professores tiveram, em sobresalto, de affrontar o seu rheumatismo, e precipitarem-se estremunhados aos competentes uniformes de grande

gala, para receber a supposta visita de Sua Magestade.

Foi por entre a formatura em peso da veneranda corporação da Escola, que D. Felipe, esbodegado e sorridente, atravessou para a prisão.

Calcule-se dahi o effeito de semelhante escandalo, e por elle quanto se não chocaria o circumspecto Monarcha.

Agora, de volta á Corte, D. Felipe vira uma vez Ambrosina ás pernadas com uma pobre cançoneta, naquella mesmo famoso theatrinho onde se engendrára pretexto á referida anecdota historica, e logo correu á caixa para se fazer apresentar á festejada exhibicionista de bellas formas, procurando incontinenti requestal-a de assalto.

Ora, a D. Felipe não dava o Brasil mais do que um conto de reis por mez, casa, trens, criados e cavallos; mas, como sabiam todos os mercadores do Rio de Janeiro que as contas do pandego principe, por maiores e absurdas, eram sempre, mais cedo ou mais tarde, liquidadas pelo erario imperial, nem só não lhe regateavam credito, como ainda procuravam espectralhonamente metter-lhe pela cara tudo aquillo que pudessem.

Ambrosina tinha disso perfeita sciencia, e rejubilava por conseguinte com a sua heraldica conquista.

Sua Alteza, ao cabo de alguns mezes, propôz tomal-a para si exclusivamente, com a condicção, porém, de que a amante não havia de pôr os formosos pés em taboas de ribalta, nem dar trela a guardas-marinhas, emquanto estivesse em companhia d'elle.

Ella acceitou, arroubada de contentamento. E foi essa a phaze mais brilhante do seu ephemero fastigio; foi, como vae ver o leitor, o momento apogistico da

sua venusta gloria, o delicioso instante da embriaguez de Sapho, mas tambem o Leucade fatal, donde havia de rolar a Condessa Vesper ao abysmo commun das mercadoras de amor.

## XLVI

### APOGEU E OCCASO

D. Felipe pôz-lhe casa em Botafogo, mandou, por inspiração propria e segundo desenho seu, apparelhar o brasão d'armas da Condessa Vesper — uma grande estrella de prata em campo azul celeste, cortado em diagonal por duas ordens de lagrimas vermelhas; em cima a corôa condal, e por baixo do escudo um ramo de camélias brancas. E deu-lhe lacaios de libré agaloada, tomando do brazão as duas côres carmim e prata; e deu-lhe joias, e deu-lhe rendas tão preciosas que valiam ainda mais que as joias, e vinhos taes, que valiam mais que as rendas.

Vesper tocára ao seu zenith, á fulgida culminancia que precede ao fatal declinio.

Pouco, muito pouco tempo durou o plenivenio da sua gloria, apenas um anno, mas nesse fugaz instante gosou ella todas as delicias da voluntariedade; foi por um momento de sua vida o centro planetario, em torno do qual todos os prazeres livres e todos os vicios caros do Rio de Janeiro bailaram ebrios de goso. Os principescos salões de sua casa converteram-



se, não só no quartel general de todas as prodigalidades elegantes, de todas as gentis libertinagens de um e outro sexo, mas ainda no alegre ponto de reunião de muito dignitario de gravata lavada e de homens de real merecimento litterario, astistico e scientifico. Nas suas esplendidas noitadas, de ceia permanente, em que o champagne corria a jorros e a orchestra só emmudecia ao clarear da aurora ; em que as bancas de lansquenet, de baccará e de *trênte et quarante*, se succediam, deslocando centenas de contos de reis, viram-se, ao lado das vulneraveis divas de collo nu, altas patentes de mar e terra, poderosos conselheiros da Corôa, velhos senadores cobertos de condecorações, formidaveis banqueiros, cujos sorrisos de labios seccos valiam ouro, capitalistas donos da Praça, e titulares que dariam para uma collecção completa, desde o bisonho commendador de gráo minimo na Maçonaria, até ao rebarbativo Conde, gráo 33, com chácara em arrabalde e o nome imposto pela Camara Municipal á rua em que elle habitava.

E ella, ao lado do seu principe, cercada de admiradores ricos e de protegidos pobres, sentia-se plenamente feliz, gosava essa felicidade, tão ambicionada e tão rara, que só experimentam os privilegiados da fortuna, os eleitos da sorte ; a felicidade de chegar ao fim proposto, de cumprir o seu destino na terra, de tocar com as mãos e com os labios o idéal sonhado durante a vida.

Nesse anno de plenitude, Ambrosina chegou a ser uma irresistivel potencia, cujo valimento se estendia escandalosamente até aos degrãos do Throno. Quantas vezes não foi ella, ás horas escusadas do pôr do dia, visitada e adulada por estranhos de boa cotação na sociedade, que lhe iam solicitar a graça de uma re-

commendação para os magnates do poder? Quantas vezes não recebeu, com frios gestos de rainha, a clandestina visita de alguma pobre senhora, que entre risonhas e envergonhadas lagrimas, lhe supplicava uma palavra de interesse pela promoção do marido ou pela nomeação do filho? Quantos casamentos de dinheiro, e quantos casamentos de amor, e quantos adulterios, e quantas reconciliações conjugaes, não dependeram della? Quantos destinos não lhe foram parar ás felinas mãos, para destas receber a nova direcção que lhes quizesse imprimir a soberana phantasia da loureira?

De tão senhora da fortuna, e de tão satisfeita consigo mesma, chegou Ambrosina a revelar bellas alterações no temperamento e no genio. Era difficil surprehender-lhe então um gesto de má humor ou de má vontade; déra ao contrario para mostrar-se indulgente e branda com os inferiores, compassiva e humanitaria para com os humildes e fracos, cheia de um espectacular interesse pelas victimas de qualquer notavel desastre. Acudiam-lhe agora, áquelles mesmos labios a cujo sopro vidas de vinte annos se apagaram, doces sorrisos de meiga affabilidade para os pallidos necessitados, que de longe se arrastavam até á fimbria de seus vestidos em supplica de piedosos desvêlos.

Quem sabe lá o que não sahiria ainda de semelhante demonio, se aquelle plenario anno se prolongasse indeterminadamente!... Mas, um dia, dia fatidico para ella! o seu aulico amante lhe divisou por entre os ondulantes e fartos cabellos da nuca, os primeiros fios brancos, e lhe presentio atravez dos beijos as primeiras rugas da velhice.

Dous mezès depois, D. Felipe desaparecia do Rio de Janeiro, sem se despedir da sua companheira de

vícios, e ainda por cima lhe alçando mão de algumas das melhores joias que elle proprio lhe havia dado.

E a roda da fortuna começou a desandar vertiginosamente para a Condessa Vesper.

Tão lenta e folgada fôra a ascensão, quão rapida e pungente era agora a descida. O atrevido fausto em que a deixára installada o fugitivo príncipe, os dispendiosos habitos que lhe ensinára, e o exigente meio que lhe déra, mais ihe aggravavam a situação e lhe precipitavam o fatal sossobro. Pouco depois da deserção de D. Felipe, já o largo credito que se havia aberto em torno della, se fechava como um golpe cicatrizado.

Ambrosina vio afflictta desmoronar-se debaixo de seus pés, como por alçapões de theatro, todo o rebrilhante e scenographico pedestal em que num momento se julgou soberana; e comprehendeu, ai della! que isso acontecia, não porque só um príncipe D. Felipe a pudésse manter naquellas alturas, mas porque a sua época passára, porque outras mulheres, mais moças e mais novas, lhe empolgavam, entre victoriosas gargalhadas, o chocalheiro e leve sceptro da libertinagem fluminense.

Vesper descambava e amortecia á luz de novas estrellas.

O proprio Alcazar, onde campeára ellá no Rio de Janeiro os seus decisivos triumphos de mulher formosa e publica, cahia tambem de moda, e só era já frequentado por uma velhada quieta e conservadora, methodicamente pagodista. E pouco sobreviveu elle ao desmaio da sua ultima estrella de primeira grandeza; depois de agonisar por alguns mezes, repetindo velhas e estafadas canções dos seus tempos felizes, entregou a alma ao diabo, quasi juntamente com o esparto

Arnaud, cuja vida parecia identificada com a do endemoninhado theatrinho.

De repente, vio-se Ambrosina cercada de uma negra nuvem de meirinhos e credores de dentes refileados, que lhe fariscavam rendas e alfaias, joias e baixellas, moveis, carros e cavallo, sem que tudo isso lhes dêsse não obstante para pagar em juizo a metade do que devia a executada.

Dentre os meirinhos, um, que se mostrava directamente interessado por ella, procurou fallar-lhe em particular.

Ambrosina agarrou-se a elle, como o naufrago á primeira mão que se lhe estende; mas, ao encaral-o de perto, e ao reconhecel-o afinal, teve um instinctivo retrahimento de surpresa e de repugnancia.

## XLVII

### RELAPSIA

Ceus! o meirinho era o Mello Rosa, o seu primitivo cúmplice!

Mas que estranha cara tinha agora o trampolineiro! parecia raspada a caco de telha! o diabo do homem estava escamoso, descabellado e côr de braza; não dava absolutamente idéa do que fôra quinze annos antes! Que sinistro mal o poria naquelle repulsivo estado?

— Não se deixe ficar aqui... é peor! segredou elle a Ambrosina, arrastando-a para um canto escuso. Trate quando antes de apanhar o que de melhor puder carregar dentro das malas, e negue-se a futuras intimações... O escrivão ainda não chegou... Se não fizer o que lhe digo, estes cães lhe arrancarão a camisa do corpo! Mas mexa-se sem perda de um segundo! Daqui a pouco a casa estará interdita!

— Mas para onde hei de ir?...

— Tome este cartão. É de um chalet da rua dos Arcos... Lá encontrará quartos com pensão, ou sem pensão. Bôa gente! Diga que vae em meu nome — eu agora me chamo Mello Junior.

A Condessa Vesper accitou o alvitre do seu exsúcio transformado em beleguim, e lá foi, com um nome supposto, dar comsigo ao latibulo por aquelle inculcado.

Era uma casa de ar muito tranquillo, mas suspeito, de um luxo encardido e mofado em que as capas dos sofás e das cadeiras alcolchoadas serviam, não para as resguardar do pó, mas para esconder aos olhos dos hospedes os ultrajes do tempo e do uzo. Por toda a parte cortinaç, tapetes, biombos, quadros e mesinhas, tudo porém repuído e amolambado.

Pelo esvasamento das portas mal cerradas, lobrigavam-se vultos brancos de mulheres em penteador, arrastando chinelas de velludo e fumando cigarros. E pelos corredores sentia-se um cheiro impertinente de cozinha de hotel.

Ambrosina, ao tomar pé nos seus novos aposentos, desatou a chorar, e foi com o coração desfeito em amargura que a reformada loreira essa noite se recolheu á cama, depois de haver jantado no Dory, para se não encontrar com o Mello Rosa, que ficára de ir ter com ella ao pôr do sol.

Mas, no dia seguinte, logo pela manhã, ao correr os olhos pelo primeiro jornal que lhe cahio nas mãos, teve uma grande alegria : Na lista dos passageiros do Rio da Prata estava o nome de Gabriel.

— Que felicidade ! exclamou ella, seccando o vestigio das lagrimas com um sorriso.

E correu á escrivaninha, onde de um folego minutou uma extensa carta, que terminava deste modo :

« Venha, Gabriel ; não é por capricho de amor que lhe faço este pedido, mas porque me dóe e me peza na consciencia todo o mal que lhe causei. Quero que me perdôe de viva voz, ou de viva voz me castigue,

lançando-me ao rosto todos os insultos da sua maldição. Não me revoltarei! anathema ou perdão, hei de receber o que vier de seus labios, como divino orvalho para esta minha pobre alma requeimada pela agonia. Se soubesse como estou mudada, como é outro agora o meu coração, e outro o meu espirito!... Se me vir de perto, e se me ouvir por um instante, juro que terá dó de mim! Não lhe peço amor, não! sei perfeitamente qual é o alcance de todo o mal que lhe fiz; quero porém desafogar-me dos remorsos que me devoram, quero beijar-lhe os pés depois de ser por elles batida, como um vil animal que lhe pertença; quero chorar das suas pancadas e das suas injurias, para não chorar de vergonha e de arrependimento. Venha! é só isto que lhe supplico. Lembre-se de que ninguem, além do Senhor, resta no mundo, dos que devéras me amaram; venha ver-me neste penitencial retiro em que definho sob o obscuro nome de Elvira Branco. Será uma esmola, um serviço piedoso levado á cabeceira de uma desgraçada, que não tem animo de largar o mundo sem ouvir, pela ultima vez, a palavra do unico homem que amou. Venha! seja digno do seu coração!

« AMBROSINA.

« Rua dos Arcos, n° 90, primeiro andar, quarto n° 5. »

Gabriel leu esta carta sem tirar o charuto da bocca, e foi, menos levado pelo reflexo do seu maldicto amor, do que pela traidora curiosidade do coração, que o relapso peccador decidio acceder á invocação da sua primeira amante.

Iria ver Ambrosina... porque não? Negar-se, ou deixar aquella humilde supplica sem resposta, seria mostrar-se receioso de um encontro, e dar por demais

importancia ao que em verdade já lhe não merecia nenhuma. E, caso ainda houvesse nelle vestigios de saudade da estúpida paixão que lhe estragára a vida, semelhante visita os destruiria sem duvida uma vez, por todas, pois a desgraçada, se afinal se havia resignado a um obscuro arrependimento, era seguro por ver-se completamente batida e já sem cotação no mercado do prazer.

Iria ver de perto esse destroço de inimigo, e contemplar, em plena paz, os restos da desmantelada fortaleza, em que elle se chorou prisioneiro durante a melhor parte da sua mocidade.

— Sim, deve estar acabada ! deduzia elle, a calcular o tempo decorrido desde que os dous se conheceram. E não é sem razão ! Andará pelos quarenta annos ou perto disso... Ora, eu, que sou mais moço, já tenho cabellos brancos e rugas até na alma, ella o que não terá ?...

E foi calmo, positivo, cheio de um ar pratico da vida, que Gabriel entrou na precaria sala de Ambrosina.

Ella appareceu-lhe toda de luto, arrastando uma grande e magoada contricção.

Não tinha comsigo uma joia ; trage e penteado eram de uma simplicidade calculada e artistica. Nenhuma tinta no rosto, nenhum artificial perfume nos cabellos. Os braços cobertos por um filó negro ; na garganta, pallida e nua, um pequenino crucifixo de marfim pendente de um cordel de seda.

Como ainda está bonita !... Foi o primeiro pensamento de Gabriel, assim que a vio.

E, meio condoído pelo ar triste e resignado da ex-amante, disse-lhe em tom quasi cerimonioso :

— Vê que não fiz ouvidos de mercador ao seu convite... Aqui me tem...



— Obrigada ! muito obrigada ! respondeu ella comovida e suspirosa, indo beijar-lhe a mão.

— Dou-lhe os meus parabens por dous motivos, volveu o rapaz ; porque está muito bem conservada e porque me parece inteiramente convertida...

— Aceito o cumprimento pela segunda das razões, mas não pela primeira... balbuciou Ambrosina, fazendo a visita tomar assento a seu lado num divan rasteiro ; convertida, isso estou eu... Ah, se estou ! quanto a bem conservada... não sei, nem me interessa saber. Ainda hontem, num dos meus momentos de intima revolta contra mim mesma, estive quasi, por desespero, a despojar-me dos cabellos... Imagine !

— Que loucura !...

Loucuras foi o que eu fiz noutro tempo... e daria agora, acredite ! todo o meu sangue, para me resgatar de qualquer dellas !

— Como mudou, hein ?

— Oh, sim, felizmente ! Muito, porém, tenho soffrido e muito tenho chorado ! Reconheço entretanto que, no fundo, não sou tão má ; posso até dizer que nasci para a abnegação e para o sacrificio. Mas, não sei que revessa estrella me persegue, que maldicção me acompanha desde o berço, para que eu, em toda a minha desgraçada vida, deixasse sempre atraz de mim um rastro de victimas e uma esteira de gemidos angustiosos. Desejei vel-o de novo, Gabriel, porque ao Senhor devo a parte melhor, mais doce e menos impura, do meu triste destino, o unico instante de minha existencia em que não me julguei de toda indigna de amar a Deus ; chamei-o para lhe pedir que me perdôe e, se lhe merecer compaixão a dôr suprema da mais perdida das perdidas, que a esta ampere com a sua generosidade de homem de bem, para que não tenha

ella de recorrer de novo á prostituição, como unico meio de vida que lhe resta.

E Ambrosina, cujos suspiros lhe transbordavam por entre as palavras, começou a chorar desafogadamente.

Gabriel, por simples instincto de piedade, deixou que a desgraçada lhe poisasse a cabeça sobre o collo; mas, ao encaral-a rosto a rosto, ao sentir nas suas barbas as quentes lagrimas que ella vertia, e ao respirar-lhe o fêmeo e ferino cheiro daquellas mesmas carnes e daquelles mesmos cabellos, em que outr'ora se lhe prendera captiva para sempre a alma enamorada, todo o seu passado, toda a sua louca paixão, lhe acordou por dentro num arranco de desenfreado desejo, no qual elle a chamou inteira para o corpo, cingindo-a nervosamente nos braços e devorando-lhe os labios com beijos ardentes, doidos, famintos, enquanto da garganta lhe rebentavam velhos soluços ha muito tempo reprimidos e esmagados.

— Eu te amo! Eu te amo! Eu te amo! exclamaram ambos, rolando-se abraçados.

## XLVIII

### A ULTIMA CAMISA

E ferraram-se de novo.

Foram habitar num retiro da Tijuca, para além da Raiz da Serra, numa velha chácara emboscada de mangueiras, entre quédas e sussurros d'agoa.

Ambrosina parecia completamente transformada. Sahia todos os domingos pela manhã, a ouvir missa numa capella proxima á casa; ia sempre de negro, com um véo sobre o rosto. Fazia-se agora muito religiosa, muito amiga de festas de egreja e de dar esmolas aos mendigos devotos.

Sonhava-se já uma santa!

Mas queria mesa farta, e em certos dias o seu jantar era um banquete, a que só faltavam os convivas. Passava em demorada revista as hortas e os galinheiros da chácara, parava a contemplar o chiqueiro dos porcos, o curral das ovelhas, a vacca de leite e os cavallos de serviço. A sua criadagem augmentava todos os dias.

Gabriel, ocioso e apathico, deixava-se ir ficando ao lado della, não em verdade pelo gosto que lhe désse

a companhia da amante, mas pela previsão do mal que lhe traria a sua ausencia, á imitação desses pobres operarios das minas de mercurio, que já não podem cá fóra supportar o ar inalterado, e precisam, para manter o equilibrio da vida, volver a respirar o veneno com que por muitos annos viciaram o organismo.

Vinham-lhe ás vezes tão negras e profundas crises de tédio, que Ambrosina, temendo, com o suicidio do companheiro perder aquella farta aposentadoria, não se desgarrava d'elle, rondando-lhe os gestos e as intenções.

Todavia foi ella, e não Gabriel, quem rompeu com semelhante vida patriarchal. Não supporta por muito tempo a estabilidade domestica o mastim que nasceu para a vagabundagem das ruas.

Uma vez, o rapaz, percebendo-lhe lagrimas, inquiriu, entre bocejos, sobre o que a punha nesse estado.

Ella, por unica resposta, deixou-se-lhe cahir nos braços com uma explosão de soluços.

— Sou uma desgraçada ! Sou a peste ! exclamou.

— A que vem isso, filha ?

— Pois não é assim ? Tudo o que me cerca ha de murchar e fenecer ? todos os que se chegam para mim hão de fatalmente cahir nessa tristeza e nesse desanimo em que te vejo mergulhado, receiosa de que succumbas de tédio?... Oh ! estou farta de ver soffrer em torno do meu azar ! É de mais ! Qual foi o meu grande crime, para que de mim, pobre amaldiçoada dos ceus ! nunca partisse um elemento de alegria sã e de sincero riso ? ! Quero ser bôa e simples, quero ser como tantas outras mulheres que fazem a felicidade dos que as amam, mas já não me animo sequer a

desejar o bem dos meus semelhantes, porque meu coração foi formado pela lama dos infernos. Maldicta seja a hora em que eu nasci! maldicta a estrella que me abriu os olhos! Quanto invejo essas pobres velhas, que chegam pacificamente ao fim de uma longa e uniforme existencia, cercadas de netos e abençoadas por uma geração inteira! Quanto invejo os que partem deste mundo, sem deixar atraz de si um só écho de rugir de odio ou de gargalhar de escarneo!

E voltando-se para Gabriel, disse-lhe numa agonia crescente :

— Vae! Foge de mim. Evita-me! És moço; vae gosar em paz, vae viver! Casa-te, constitue familia, faze-te amado por uma mulher digna de ti! Meus carinhos te seccam o sangue, meus beijos te humedecem a intelligencia! Foge-me, querido! Amo-te muito, para consentir que te associes á minha má estrella!

— Onde diabo queres tu chegar com tudo isso? Não te comprehendo!

— Quero arrancar-te deste degredo!

— Mas, filha, não foste tu propria quem escolheu isto aqui para morarmos?...

— Sim, porque não previa as consequencias; agora porém, receio perder-te... Esta solidão está a matar-te lentamente, e eu soffro por te ver nesse estado... Não! não! É preciso salvar-te!

— Qual! por mim, não! por mim não te incommodes. Em toda a parte me aborreço do mesmo modo... O mal vem de mim e não do logar em que me acho... Se é só por isso, põe o coração a larga, e não te preoccupes com os enfados de uma mudança.

— Mas é que eu propria começo a succumbir de tedio!

— Ah! isso agora é outra cousa. Comprehendo!

Sentes falta do ruído da cidade. O corpo pede-te pangedã. Já me tardava, confesso-te!

— E é exacto. Esta existencia calma, entre cascatas e mangueiras, em vez de acalmar-me os nervos, tem a propriedade de irrital-os... Não nasci para isto! Não fim de contas, o mais digno e honesto é submeter-se cada qual ao seu temperamento e deixar-se de hypocreσίας; mais vale a franca jovialidade do que uma austeridade fingida e falsa. Sinto-me bem disposta como nunca; amo e sou amada — quero viver! quero gosar, em plena expansão de alegria, o resto da minha mocidade ao lado do meu amante. Venham de novo as ceias, os vinhos, os delirios do jogo e das madrugadas de prazer! Sou de novo a Condessa Vesper!

Gabriel sacudiu os hombros, enjoado.

— Faze o que entenderes, disse elle; mas talvez te arrependas...

— É difficil... Pois se isto já é um arrependimento de arrependimento!... Não! Não! Preciso sahir daqui. Vou fatalmente! Se me não acompanhares, irei só.

Dahi a dias, mudavam-se para a cidade, tomando na Praia da Lapa, em frente ao mar, um sobradinho de tres janellas, que era um brinco. E a Condessa Vesper começou a reaparecer nos theatros e nas corridas, ao lado do seu taciturno amante.

Apezar de já inteiramente fóra do calendario das mulheres de alto bordo, fizeram-se logo commentarios de todo o genero a seu respeito. Uns, naturalmente por espirito de contradicção, achavam que ella agora estava ainda mais bella; outros, systematicamente pessimistas, pretendiam que a sazoadada ex-estrella do Alcazar, já não valia dous carocões. E attribuiam-lhe uma grande regeneração por amor, fallava-se, por aqui e por ali, ora de uma formidavel paixão, que esteve a

dar com ella num convento de freiras, ora de uma molestia, não menos terrivel, que por pouco não lhe deixára os ossos a descoberto. E citavam com pasmo as toilettes sérias de Ambrosina, as suas novas joias, e as suas novas maneiras de peccadora impenitente e consagrada.

O seu porte era agora de uma rainha viuva e silenciosamente devassa.

Mas, por esse tempo, a liquidação forçada do Banco Mauá, onde Gabriel tinha todos os seus bens, rebentou como uma bomba, espalhando escandalosamente a ruina e a miseria no meio de centenares de accionistas, que de seus depositos apenas perceberiam o cheiro do esturro.

Ambrosina sentio fugir-lhe a alma. Abraçou-se ao amante num transporte de heroica solidariedade na desgraça, e durante muitos dias viveram os dous, quasi que exclusivamente, para ler, por entre um dueto de suspiros e soluços seccos, os boletins, as noticias, e os ardentes commentarios da imprensa sobre a tremenda bancarrota. Maria Antonieta com certeza não se mostrára em publico mais altivamente resignada, quando perdeu o seu throno, nem tivéra, ao lado de Luiz XVI, mais lindas palavras de dôr, e lagrimas mais eloquentes, do que as de Ambrosina aos pés do seu amante arruinado.

Mas, nos primeiros intervallos dessa idéal agonia, foi logo cuidando a loureira de arranjar quem junto della pudesse substituir Gabriel, porque a este, coitado! faltava absolutamente aptidão para de qualquer modo ganhar a propria vida, quanto mais ainda a de uma companheira de má bocca e habitos epicuristas.

A cousa porém não seria assim tão facil!... Onde diabo iria ella descobrir de prompto um outro Gabriel;

isto é, um homem que a visse ainda hoje pelo mesmo prisma de vinte annos passados?... Devia ser difficil! A infeliz já não tinha de belleza mais do que um saldo em ligeiras fracções; a gordura começava a dissolver-lhe de todo a helenica pureza do contorno; e os seus famosos cabellos, que, ao descer da Tijuca, déra ella em tingir de louro, ganhavam agora uns tons fulos em que tresandava fraudulento cheiro de preparação chimica.

Foi nessas circumstancias que resolveu ir bater á porta de um dos seus mais antigos e ferrenhos admiradores, por quem não obstante sentira sempre instinctiva e profunda repugnancia, um tal Moreira, por alcunha « O Arrocha », dono de uma casa de jogo das mais fortes do Rio, e com cavallos de corrida. Homem effectivamente desagradavel, ordinario e popular, de um cynismo arrogante e ruidoso, corpo duro, cabello a escovinha, cara raspada e vermelha com pintalgações furunculosas.

Andava sempre com as algibeiras inchadas de contos de reis, para bancar a roleta ou o dado, na primeira occasião que se offerecesse nas tavolagens dos collegas.

Ambrosina tinha-lhe profundo asco, apesar da justa fama que o cercava de muito pichoso na escolha da roupa intima, e de bom gastador com mulheres; seria assim! ella porém não o podia ver nas suas invariaveis calças brancas, casaco sem collete, a camisa carregada de brilhantes, o pharol ao dedo e o charutão ao canto da bocca; todo elle a arrotar descarada audacia, asseio caro, estomago farto e próspera luxuria.

O fraco do Arrocha pela Condessa Vesper não era simples questão de appetite sensual, entrava ahi em alta dóse um grande fundo de especulação malandra.



Como bom conhecedor, o patoteiro farejára em Ambrosina um bello auxiliar para as pantominices da banca, e queria fazer della o braço direito da sua casa de jogo. E, quanto ao mais... ora adeus! — madurinha estava a fazenda, isso estava! mas, que diabo! aquillo era mulher para instruir a quem a ouvisse, e devia saber do officio, que nem a propria Chica Polca!

E uma noite, quando Gabriel voltava de certa viagem a São Paulo, aonde fôra ver se conseguia receber algum dinheiro do que tinha por lá deixado de emprestimo sem garantia, encontrou todo fechado, deserto e quasi inteiramente vazio, o sobradinho da Praia da Lapa.

Ambrosina havia arribado para os braços do Arrocha, depois de fazer leilão dos moveis e obras de luxo e de arte da sua ultima installação, deixando apenas ao esbulhado amante o que rigorosamente constitua objecto de uzo exclusivo delle.

Gabriel ficou quasi que reduzido á roupa do corpo e ao dinheiro do bolso.

## XLIX

### IN EXTREMIS

Tão exausto d'animo e tão vencido pela decepção, vinha o misero despojado ao chegar á casa, que não teve elle uma lagrima, nem um gesto de revolta, para aquella nova perfidia da sua velha traidora; chegou até a sorrir, dando de hombros, sem indagar saber o que escapára ao despojo, nem o que ella por ventura lhe deixára escripto, a titulo de desculpa ou de justificação.

Tornou á rua, e lá se fez para os lados da cidade, rebocado pelo seu proprio desanimo, a procura de uma parelha de aluguel, que o ajudasse a arrastar a carga daquella pezada noite.

Foi afinal dar aos labios de uma rapariga, que acabava de fazer a sua appareição no baixo mercado dos beijos fluminenses. Chamava-se Eva Rosa, mas o seu verdadeiro nome já o leitor conhece, como conhece á dona; era a nossa Estélla dos olhos bonitos, a quem um dia sonhára o malogrado Gustavo fazer senhora.

Depois de percorrer a regimental escala, que vae desde a criadinha festejada pelo amo até á mesquinha

amante accumulativa das funcções de criada e cozinheira, surgira afinal a infeliz, oficialmente, á tona do impudor de porta franca, fazendo das janellas do hotel Ravaux trampolim para o grande salto na larga piscina da devassidão carioca.

Gabriel deixou-se ficar muitos dias ao lado della, ouvindo os pormenores da historia dos negros amores de Gustavo com Ambrosina; e, enquanto procurava elle aturdir o coração nos braços dessa quinhoeira de infortunio, victima tambem da Condessa Vesper, reaparecia no Rio de Janeiro, sinistramente velho e prostrado, o Medico Misterioso, que sentira aggravar-se longe da patria o seu máo estado de saude com a terrivel noticia da quebra do Banco Mauá.

O que, logo ao chegar á Córte, lhe constou de positivo a respeito da fraudulenta liquidação desse estabelecimento de credito, em que todos no Brazil depositavam a melhor bôa fé e ao qual Gabriel, como o proprio Gaspar, haviam confiado os seus haveres, ferrou com elle de cama, e por pouco não o matou de vez.

Mandou então chamar com urgencia o enteado, a quem, em vão, já tinha por varias vezes escripto do estrangeiro.

Gabriel resistio a principio, mas afinal cedeu. E os dous amigos, ao trocarem o primeiro olhar depois de tão longa e desabrida ausencia, sentiram-se igualmente commovidos.

O enfermeiro affastou-se do quarto a um gesto do enfermo.

— Não podia morrer sem fallar contigo... disse este a Gabriel; porque não era só pelo meu interesse que o precisava fazer... Apesar de não haveres nunca respondido ás minhas cartas, é minha segura convic-

ção que já chegaste afinal a comprehender quanto foste injusto para commigo, e quão pouco merecia eu ser por ti odiado e abandonado...

— Não fallemos nisso... murmurou Gabriel, de olhos baixos.

— Ah, sim! deves estar a estas horas plenamente senhor da verdade a tal respeito, a não ser que aquella maldicta mulher, uma vez de novo ao teu lado, achasse meios ainda de tirar, a seu favor, novo partido de uma situação, falsa na apparencia, que a nós dous ridiculamente incompatibilisava... Agora, porém, que acabas de ser. tão de surpresa, defraudado pelo Banco Mauá no que restava do teu bello patrimonio, terás, meu filho, occasião de conhecer definitivamente o vil diabo por quem me desprezaste... É esperares mais um pouco, e has de ver confirmado o que te digo! Não te dou muitos dias para que Ambrosina te fuja para os braços de outro, se encontrar quem a receba!

— Já encontrou...

— Abandonou-te já?

— Já.

— Ainda bem, meu pobre Gabriel! Ao quer que seja, aproveita a desgraça! Respiro, apesar de que semelhante felicidade tire a sua razão da tua propria ruína. De hoje em diante, tens que traçar um novo programma para a tua vida... É preciso que nunca te esqueças de que já não és rico...

Gabriel soltou um gemido.

— É verdade... disse entre dentes; pensei eu, pobre de mim! que não pudesse ser mais desgraçado do que me suppunha... Enganei-me! a miseria veio completar a obra. Sou um miseravel!

— Não! e és muito menos desgraçado do que foste; apenas, convém que acordes por uma vez dos teus

pesadelos. Era por isso, principalmente, que eu não queria morrer sem fallar contigo, sem te deixar de pé na vida, e de olhos bem abertos... E, como a morte é traidora e anda por aqui junto, não devemos perder tempo... Escuta, meu filho; antes, porém, de mais nada, olha, toma esta chave, e com ella tira daquelle cofresito de ferro uma volumosa carteira que lá está...

Gabriel obedeceu. Cumpria as ordens do padraсто com a solemne submissão que se deve aos enfermos desenganados.

— Para que é isto?... perguntou elle, agitando na mão a carteira que sacára do cofre.

— É para te ser restituído... explicou o enfermo, virgulando as palavras com uma tosse secca; ahi dentro encontrarás, em bilhetes esterlinos, o principal e os juros dos cincoenta contos de reis, que te tomei, contando já que havias de chegar á completa pobreza...

Gabriel arfava de commoção.

— Do que sobrar, proseguio o outro; e com o producto do que por ventura aqui encontrarem depois de minha morte, farás o meu enterro e uma ultima esmola aos meus doentes pobres. Espero não te esqueças de que tanto maior será a esmola, quanto mais modesto fôr o enterro, e de que não te ficará bem lesar aquelles desgraçados de quem era eu o unico amigo... Quando te pedi o que agora te restituo, sabia que mais cedo ou mais tarde, cahirias na miseria, mas, confesso, não a fazia tão cerca... estava, como todos, bem longe de prever a quebra do Banco Mauá. Era a minha intenção deixar que por algum tempo amargasses bem a necessidade, para poderes depois tomar o real sabor da vida, e dar então a esse ultimo pu-

nhado de dinheiro o seu verdadeiro valor; a morte porém não me deixa tempo para tanto, e tenho de confiar ao teu proprio criterio o que esperava eu da acção benefica dos factos. E é isto só o que agora me preoccupa...

Gabriel não poude por mais tempo reprimir a sua commoção.

— Meu bom amigo! exclamou, lançando-se nos braços do padrasto.

— Sim! só o teu futuro me dá cuidado... É a unica preocupação que levo commigo para fóra da vida.

— Não se mortifique por minha causa!

— Oh! Sinto perfeitamente que me cabe grande parte na responsabilidade da tua desgraça... Amei-te demasiadamente... fiz de ti um idolo, quando devia ter feito simplesmente um filho... Fui um visionario! Errei! Perdôa-me!

E, como Gabriel com um gesto lhe exprobasse fallar tanto, Gaspar abaixou a voz, e accrescentou succumbido: — Ah! bem caro paguei o bem que te não fiz! bem caro paguei o meu tributo á delirante época em que decorreu a minha mocidade! Desgraçados que fomos! desgraçados que fomos!

E as lagrimas do velho romantico correram-lhe pelas barbas brancas.

— Oh! socegue por amor de Deus! supplicava o rapaz; concentre todo o seu pensamento na boa acção que acaba de praticar commigo, salvando-me da miseria; e console-se com a idéa da gratidão que neste instante me invade a alma, para nunca mais a abandonar! Creia-me, meu pae, ligado piedosamente ao seu amor e sinceramente constricto dos meus erros!

— Obrigado, meu filho...

E o moribundo deixou pender a pallida cabeça sobre

os travesseiros, inundada por uma auréola de extrema lucidez, em que se presentia já o alvorecer de uma outra vida.

Foi arquejante, e talvez meio em presa ao supremo delirio, que elle mais tarde voltou a fallar, levando ao peito descarnado a mão de Gabriel que entre as suas apertava.

— Segue a risca o que te vou dizer... balbuciou com os olhos immoveis ; não olhes para traz de nós, não pares a contemplar no teu caminho a sinistra sombra do que fomos... Vê! a luz vem de frente! não te voltes contra a luz, que a noite é doce, mas intrigante e traiçoeira... Em nome de tua mãe, meu filho, não mergulhes de novo na vasa em que acabas de naufragar! Nunca mais leves o teu copo á bocca, sem teres ganho o teu dia; não ponhas teu corpo com o de uma mulher, a quem não possas defender em qualquer terreno; não doires a tua vaidade com o oiro que não ganhaste com as tuas proprias mãos, porque só esse orgulha a quem o gasta. Faze da necessidade, alheia ou propria, a senhora arbitral do teu dinheiro; nunca o songues quando ella o reclamar, nem jamais o gastes sem que d'elle justifique ella a applicação. E trabalha, e poupa; poupa principalmente nas quantias pequenas, que as grandes por si mesmo estão guardadas; trabalha, seja em que fôr... o trabalho é o senhor dos homens livres, é o unico senhor, a cuja dependencia nos tornamos independentes; não supponhas que te humilhas a homens quando te curves diante do trabalho, não tenhas escrupulo nem vexame de exercer qualquer occupação subalterna, faze-te soldado, soldado razo, e, quando o dever te reclamar, leva ao ponto mais arriscado e mais glorioso, essa desgraçada vida, que expões sem gloria a cada ins-

tante nos braços das perdidas e nas távolas dos bebedos. Desconfia de ti proprio, sempre que não fôres necessario a alguém; se não prestares para os outros, menos prestarás para ti mesmo... O coração, meu filho, só tem janellas para fóra; se quizeres ser feliz, deixa que por ellas te entre no intimo a felicidade alheia... E... e ama...

Mas a voz perdia-se-lhe na garganta, e os seus olhos, sempre *immovels*, a pouco e pouco se embaciavam.

Vinham-lhe ainda, todavia, aos labios quasi tão *immovels* como os olhos, entre palavras de amor, o nome de Violante, o nome do pae, e o de Gabriel, e o de Virginia, e o de Anna, e o de Eugenia.

O enteado, de joelhos ao lado do leito, collou o rosto sobre uma das mãos do agonisante, abafando com ella os seus proprios soluços encharcados de pranto.

Gaspar arquejava.

Pouco depois appareceu o collega que o assistia, e disse em particular a Gabriel que o padraсто não deitaria a noite inteira.

Morreu com effeito ás duas horas da madrugada.

O enterro, no dia seguinte, teve um grande acompanhamento, mas só de pobres; gente de sociedade quasi nenhuma compareceu. O Reguinho entretanto se mostrou na comitiva, já grisalho e enrugado, sempre porém com o mesmo ar de filho-familia irresponsavel e tólo, e sempre a mentir a pretexto de tudo.

A velhinha Benedicta, essa não faltou, coitada! Toda curvadinha sobre o seu bordão, a cabecinha a tremer, e o queixo a manducar em secco, lá foi ella se arrastando até ao cemiterio de São João Baptista, para rezar bem rezadinho um rosario sobre a sepultura de seu bemfeitor, a quem Deus Nosso Senhor tivesse em santa guarda, com as alminhas do Paraizo, pelo muito que elle em vida fizera pelos desgraçados.



## L

### OS BRILHANTES DO FARANI

Com a prisão do Arrocha, que a justiça acabava de condemnar a dous annos de cadeia por crime inafiançavel, depois de haver a policia lhe dado busca na casa de jogo e apprehendido o que lá encontrára, vio-se Ambrosina obrigada a voltar de novo á actividade prostibular, mas agora, não já como vagabunda ovelha, e sim como abelha mestra de quatro raparigas, entre as quaes Eva Rosa era a de melhor cotação.

E Gabriel, que a despeito dos conselhos in extremis do padrasto, fôra pouco a pouco, com a ultima aragem da fortuna, recahindo na primitiva prodigalidade, um bello dia, quando deu por si, depois de uma noite de dissipação em que adormeceu inconscientemente nos braços de Estélla, acordou, sem mesmo saber como, nos da sua velha amante, e entre bocejos de apathia se deixou quedar.

Já não tinha porém o relapso, ao lado de Ambrosina, vislumbres dos arroubos da sua paixão de outr'ora ; amava-a de cara fechada, como trága um bebedo

a indispensavel dôse de agoardente, que lhe exige o vicio.

Mas, ainda assim, existiram juntos quasi um anno, ao fundo de um polychromo hotelsinho de gente de theatro, por cima do recém-creado Cassino da rua do Espirito Santo, que se propunha substituir o Alcazar de saudosa memoria popular. E durante esse tempo, valha a verdade, nada de notavel occorreu entre elles; a não ser o proprio facto que de novo os desunio — um doido capricho de Ambrosina por um hercules francez, que se exhibia todas as noites no Circulo do Lavradio; homem bello e brutal, com musculos de bronze, a cujo aspero pezo gemia a autonada loureira, sentindo esmagarem-se-lhe as dormentes gelatinas em que se lhe havia derretido pelo corpo o palpitante e branco marmore do passado.

A desgraçada o idolatrava, sem a si propria explicar a razão porque. Elle comia-lhe o dinheiro que lhe fariscava nas meias, e batia-lhe com os pés; ella, entre soluços de mulher abordoada, dizia-lhe abjecções, cuspiam-lhe nas barbas, mas ia, lacrimante de amor, rebuscal-o ao fundo das bodegas, para lhe pedir perdão e lhe supplicar que não éstivesse a matal-a de ciumes.

O francez levou-a a esfocinhar nas ultimas degradações da crapula rasteira, e quando teve de partir para Buenos Aires com a companhia de funambulos a que pertencia, esgueirou-se á sorrelfa, receiando que o seu *crampon* lhe estorvasse a sahida.

Ambrosina reparou então que o miseravel, ainda peor do que fez D. Felipe, lhe carregára com os poucos objectos de valor immediacto que lhe restavam, e tratou logo de arranjar meios de encostar-se de novo a Gabriel.

Este, porém, já de frouxos recursos poderia dispôr por esse tempo; achava-se quasi que completamente exgottado em todos os sentidos. Dêra ultimamente para beber e jogar por vicio, equilibrando a existencia pelas alternativas da roleta e do alcool. Tornára-se aleleixado em extremo, e até desbriado.

Ambrosina conseguiu empolgal-o de novo, e agora mais que nunca fazia delle o que bem queria, insultava-o constantemente, e lhe não abria a porta, quando o desgraçado fóra d'horas lhe chegava ébrio e sem dinheiro.

— Vá dormir na estação de policia, que isto aqui não é logar de vagabundos! exclamava ella, pondo a cabeça entre as folhas da janella.

E, se elle insistia, despejava-lhe o balde das agoas servidas.

Mas, nem assim, o podre diabo a deixava de vez.

Uma occasião afinal, largos mezes depois do ultimo aferramento dos dous, Ambrosina, passando de manhã cedo pela rua do Ouvidor, para ir ao Mercado regatear as compras do almoço, vio, em uma das vitrines do Farani, um bello e rico broche de brilhantes.

Eram apenas duas pedras, muito fundas, porém, e muito limpas. Ao lado um cartão com letras de ouro dizia que a joia custava quatro contos de reis.

— Ah, meu tempo!... suspirou a filha do commendador Moscoso, a fitar, enamorada e triste, as duas seductoras gemmas.

E, depois de muito as contemplar em platónico desejo, soltou um novo e mais fundo suspiro, e lá se foi seguindo o seu caminho, mal amanhada e bamba, levando cravada n'alma uma agonia que toda por dentro a encharcava de fêl.

Ao mercado, inteiramente fóra dos seus habitos de

lambareira, fez as compras nesse dia sem se demorar na escolha das vitualhas e sem desfranzir o rosto, passando alheia e torva por entre as pilhas dos legumes viçosos e peixes côr de prata, que espalhavam no ar o quente aroma das hortas e o frio olôr das marezias; e não se deteve um só instante, como costumava, a olhar gulosamente para os montões de fructas frescas e caças despojadas, ou para as relumbantes serpentes de chouriços e salpicões banhados de gordura, em que das outras vezes deixava a alma pendurada pelos olhos.

É que os dous bellos brilhantes não lhe saham da imaginação.

Chegou á casa possuida de uma raiva dolorosa e surda, uma como intima revólta contra a certeza do seu aniquilamento, a dura certeza de que ella, nunca mais, seria ninguem.

Chorou, chorou muito, arrepelou-se, e pensou em morrer.

— Mas porque não hei de eu possuir aquelles brilhantes?! exclamou a miseravel a sós com a sua agonia, entre arquejos desabridos. Sim, hão de ser meus! Ainda ha nesta carne fibras da Condessa Vesper!

E quando o amante lhe appareceu á tarde, disse-lhe ella seccamente:

— Ó Gabriel! tens ainda algum dinheiro em deposito?

— Quasi nada, filha; porque?

— Porque preciso que me compres um broche de brilhantes que vi no Farani; um de duas lindas pedras, levemente azuladas, e engastadas num simples alfinete de ouro. Custa quatro contos...

— Estás bebedá!

— Parece-te? Pois fica então sabendo que não

tornarás a por os pés neste quarto, se não trouxéres os brilhantes contigo!

— Vae dormir! Isso passa!

À noite, porém, Ambrosina não lhe abriu a porta, como lh'a não abriu no dia seguinte, nem no outro.

Gabriel, que havia cahido numa estranha tristeza, resignada e fria, foi então á casa bancaria onde depositava o seu dinheiro, e perguntou de quanto ainda dispunha.

— Quatro contos e tanto, responderam-lhe.

— Passe o recibo.

— De tudo?

— Sim.

Embolsou o dinheiro, e tocou para a casa do Farani.

Parou defronte do mostrador. Os dous bellos brilhantes, as duas tentações de Ambrosina lá estavam em toda a sua refulgente gloria; e o desgraçado estremeceu ao trocar com elles um rapido olhar, como se dêsse com effeito de surpresa com os olhos de alguém, de algum demonio, do cruel demonio que implacavelmente o perseguia desde o seu primeiro sonho de amor.

No meio de um ardente effluvio de scintillações, feito de accesas côres em que parecia transluzir a alma fulgurante dos mineraes preciosos, destacavam-se, a fitar Gabriel, as duas irrequietas pupillas de carbone vivo. Havia a granada e o rubi, com as suas luzes quentes e sanguineas, que lembram os sorrisos do peccado; a esmeralda, matinal e alegre como lagrima do mar gottejada dos cabellos de Aphrodite, ao lado da saphira, triste e sombria como as gottas da noite; e opalas, mysteriosas e sinistras, em contraste com turquezas cõr de ceu em dias felizes, e pérolas

que guardam no rijo e immaculado seio secretas luzes do fundo do oceano, e mysticas amethystas, sensuaes cornalinas, topasios cheios de sol, e camafeus mais polidos e trabalhados que um verso de Virgilio. Mas a todo esse refulgir da ardente e rica pedraria, sobrelevava-se o fulgor das duas lúcidas pupillas de luz diamantina, que provocadoramente desafiavam Gabriel para um supremo desvario.

O amante de Ambrosina entrou na loja.

— Deseja alguma cousa?... perguntou-lhe o moço do balcão, a medil-o com certo ar desconfiado.

— Aquelle broche que está exposto...

— A que broche se refere o senhor?

— Ao de quatro contos, com dous brilhantes...

— É só para ver?...

— Não; é para comprar.

— Prompto!

— Separe-lhe as pedras.

— Separar-lhe as pedras?!...

— Sim; desengaste os dous brilhantes.

— O senhor dessa forma estraga a peça...

— Não faça caso; separe-as.

— Mas...

— Comprehando... Aqui tem o dinheiro.

— Pois não! É um instante!

E o caixeiro, depois de conferir e recolher o pagamento, isolou as duas bellas gemmas, que entregou ao comprador juntamente com os engastes e o cofre.

— Está servido, disse; quando precisar de mais joia...

— Obrigado, resmungou Gabriel, guardando aquellos objectos no bolso do sobretudo.

E dirigio-se então a uma casa d'armas. Ahi comprou um iogo de pistolas de carregar com bala pela

bocca. Depois pediu ao armeiro que as carregasse com pólvora secca, munio-se de espoletas, e sahio.

Estava a cahir de fome. Foi ao Mangini, mettu-se num gabinete reservado, e, enquanto esperava que lhe servissem o jantar, carregou as duas pistolas com um brilhante cada uma.

Acabada a refeição, accendou tranquillamente um charuto, e seguiu, sem alterar os passos, para a casa de Ambrosina.

Eram cinco horas da tarde, mas anoitecia já quando elle lá chegou, porque Junho orçava pelo seu meado e viéra muito nebuloso esse anno.

— Ainda?! berrou a loureira, ao ver entrar Gabriel. Não lhe disse que não voltasse sem os brilhantes?! É birra!

— E quem te diz que não t'os trago?...

— Heim?! interrogou ella, correndo para o amante, de braços abertos. Não estás gracejando?...

Elle mostrou o estojo.

— Meu amor! Oh! deixa ver! Da-m'o! da-m'o cá!

E Ambrosina beijava o infeliz, a bater palmas, a rir e a saltar numa alegria igual ás dos seus melhores tempos do passado.

— Prepara então o teu collo... exigio Gabriel. Quero-o nú, todo nú!

Ella, num gesto rapido e frenetico, rasgou o corpete do vestido, patenteando os infecundos e carnudos peitos.

— Agora, bem! da-me o teu lenço... accrescentou elle.

— Meu lenço?... Ahi o tens... Para que?...

— Espera... É uma phantasia... Deixa vendar-te os olhos...

Ambrosina submetteu-se, com arrepios de goso, a

perguntar se o broche então armava também em collar.

— Sim, respondeu o amante, empunhando as pistolas, que já tinha engatilhadas. E quero que só o vejas defronte do espelho... com os teus brilhantes no collo.

— Prompto! disse ella afinal, de olhos vendados.

Gabriel, fazendo-lhe pontaria sobre os peitos, exclamou :

— Ahi os tens, demonio!

E disparou ao mesmo tempo as duas armas.

Ambrosina, soltando um gemido, cahio de costas, banhada em sangue.

Semanas depois, recebia Gabriel na casa de Detenção a visita da mãe do finado cocheiro Jorge. De todos os seus conhecidos, foi essa, foi a velhinha Benedicta, a unica pessoa que se lembrou de ir vel-o.

E a pobre de Christo estava cada vez mais engeladinha, mais secca e mais curvada, e também mais agarrada á vida, sempre com um terrivel medo de morrer, e sempre a terminar os seus interminaveis aranzeis com o grato proverbio : « Viva a gallinha com a sua pevide! »

Foi ella a encarregada pelo assassino de Ambrosina de trazer-nos o manuscripto e a carta de que fallámos no começo deste livro, e foi ella igualmente quem nos informou mais tarde de que o infeliz preso, no dia em que tinha de embarcar para Fernando de Noronha, a cumprir sentença de galés perpetuas, apparecera



morto na prisão, conservando ainda cravada no peito a arma com que se arrancara do mundo, um bello punhalzinho de cabo de marfim com incrustações de ouro, entre as quaes se lia o nome de Violante.

FIM



# INDICE

---

CAPITULO		
	O. — As memorias do condemnade . .	
—	I. — O namorado da noiva . . . . .	5
—	II. — O Medico Mysteroso . . . . .	14
—	III. — Ascendentes . . . . .	21
—	IV. — Violante . . . . .	34
—	V. — Refluxo do passado. . . . .	42
—	VI. — Paulo Mostella. . . . .	50
—	VII. — O punhal de familia. . . . .	60
—	VIII. — Virginia . . . . .	68
—	IX. — Momento da vingança. . . . .	75
—	X. — Sangue . . . . .	82
—	XI. — A mofina. . . . .	2
—	XII. — Como e onde cresceu Ambrosina . .	9
—	XIII. — As victimas do Commendador . .	107
—	XIV. — Descobre-se o autor das mofinas .	112
—	XV. — Em casa do Commendador. . . .	126
—	XVI. — A formosa Ambrosina . . . . .	134
—	XVII. — Leonardo. . . . .	147
—	XVIII. — A sympathica Eugenia. . . . .	154
—	XIX. — Amo-te! Vem!. . . . .	163
—	XX. — A casa dos amantes . . . . .	173
—	XXI. — Do espolio do Commendador. . .	180
—	XXII. — Tocam-se os extremos. . . . .	191
—	XXIII. — A festa de Ambrosina . . . . .	203
—	XXIV. — A alma do Commendador . . . .	217

Capitulo	XXV. — A Flôr do Russell . . . . .	224
—	XXVI. — O implacavel alfinete. . . . .	237
—	XXVII. — O dente de coelho . . . . .	246
—	XXVIII. — Diabolica estrategia . . . . .	254
—	XXIX. — Dia da viagem. . . . .	266
—	XXX. — Fulminação . . . . .	277
—	XXXI. — Destroços da tempestade. . . . .	287
—	XXXII. — Visita de zangão. . . . .	294
—	XXXIII. — Pela estrada da Tijuca. . . . .	302
—	XXXIV. — O sabor da existencia . . . . .	314
—	XXXV. — O bohemio. . . . .	327
—	XXXVI. — Vesper. . . . .	343
—	XXXVII. — Passagem de Venus . . . . .	355
—	XXXVIII. — Em casa da Condessa. . . . .	361
—	XXXIX. — A vez da cigara . . . . .	373
—	XL. — A pobre lavadeira . . . . .	382
—	XLI. — Estélla. . . . .	391
—	XLII. — Rapina. . . . .	399
—	XLIII. — Entre garras . . . . .	409
—	XLIV. — Viva Napoleão! . . . . .	419
—	XLV. — De Condessa a Princeza . . . . .	428
—	XLVI. — Apogeu e occaso. . . . .	432
—	XLVII. — Relapsia . . . . .	437
—	XLVIII. — A ultima camisa. . . . .	443
—	XLIX. — In extremis . . . . .	450
—	L. — Os brilhantes do Farani . . . . .	457











## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).